

A Profecia de Thiaoouba

Michel Desmarquet

Acreditar não é suficiente...
Você precisa SABER

Um relato real pelo Autor que foi
LEVADO FÍSICAMENTE
a outro planeta

“Thiaoouba Prophecy” e-book ISBN 0 9577882 3 1

Título Original: “Abduction to the 9th planet”

Autor: Michel J. P. Desmarquet

ISBN 0-646-15996-8

? Michel Desmarquet, Dr Tom Chalko, 2000 Reservados todos os direitos

Tradução e 1ª Revisão por: Paulo Teixeira

Paginação, edição e acabamento da versão Portuguesa *online*: Paulo Teixeira

1.ª edição, Lisboa, Maio de 2004

Relatório da viagem iniciado em Junho de 1987

Manuscrito terminado em Janeiro de 1989

Nota final escrita em Abril de 1993

Tradução baseada na edição Internet do Livro,
do ano de 2000

Reservados todos os direitos para a língua Portuguesa, incluindo o direito
de reprodução de todo ou partes sob qualquer forma por:

(c) 2004 Paulo Teixeira

Apartado 2021

1101-001 Lisboa, Portugal

Todas as ilustrações são © de OR-RAR-DAN 1998, reservados todos os direitos. As ilustrações foram feitas para as versões Hebraica e Polaca do livro e são todas estritamente a preto e branco. O uso destas ilustrações é permitido na condição de não sofrerem qualquer modificação e de que a sua fonte e autor sejam claramente mencionados, assim como o título do livro (ou tradução). Foi dado ênfase à precisão do tamanho e forma. Qualquer colorização das ilustrações poderia ser enganosa, dado que não possuímos a tecnologia para reproduzir, mesmo que aproximadamente, as cores em Thiaoouba. Todas as ilustrações foram pessoalmente autorizadas por Michel Desmarquet o autor do livro.

As fotografias são aqui apresentadas sob autorização do autor, sua família e Dr. Tom J. Chalko.

Internet: <http://www.thiaoouba.com>

e-Mail: thiaoouba@prtex.com

e também por:

Scientific Engineering Research Pty Ltd.

PO Box 1135, Nth Caulfield 3161,
Melbourne, Australia

Internet: <http://www.thiaoouba.com>

e-Mail: info@thiaoouba.com

SUMÁRIO

Assunto	Pág.
PREFÁCIO	5
THAO.....	7
DESTRUIÇÃO ATÓ MICA	19
O PRIMEIRO HOMEM NA TERRA.....	33
O PLANETA DOURADO	51
APRENDENDO A VIVER NOUTRO PLANETA	60
OS SETE MESTRES E A AURA.....	69
O CONTINENTE DE MU E A ILHA DE PÁSCOA	81
PESQUISANDO A PSICOESFERA.....	97
A NOSSA “SUPOSTA” CIVILIZAÇÃO	108
UM EXTRA-TERRESTRE DIFERENTE E AS MINHAS VIDAS ANTERIORES.....	117
QUEM FOI CRISTO?	134
VIAGEM EXTRAORDINÁRIA CONHECENDO “GENTE” EXTRAORDINÁRIA.....	143
REGRESSANDO A “CASA”	153
NOTA FINAL.....	162
ÍNDICE	170

Prefácio

Escrevi este livro, como resultado de ordens que recebi e às quais obedeci. Mais, este é um relato de eventos que me aconteceram pessoalmente – isto afirmo-o.

Imagino que, até certo ponto, esta extraordinária história irá parecer a alguns leitores como ficção científica - uma história completamente inventada - no entanto, eu não tenho a imaginação que tamanha criação teria requerido. Isto *não* é ficção científica.

O leitor de boa fé será capaz de reconhecer a verdade da mensagem que transmito dos meus novos amigos para as pessoas do planeta Terra.

Esta mensagem, apesar das numerosas referências a raças e religiões, não reflecte qualquer inclinação ou influência racial ou religiosa do autor.

Michel Desmarquet,

Janeiro de 1989

*Eles têm olhos e não vêem -
ouvidos e não ouvem...*

A Bíblia

1

Thao

Acordei de repente, sem saber quanto tempo estive a dormir. Estava completamente desperto – fresco e alerta, mas, meu Deus, que hora poderia ser? Lina encontrava-se a dormir a meu lado, de punhos fechados, mas ela dorme sempre...

Não tive vontade nenhuma de voltar a dormir e, para além disso, já eram possivelmente cinco horas da manhã. Levantei-me, dirigi-me para a cozinha e olhei o relógio. Apenas 00.30 (meia-noite e meia) da manhã! Era pouco vulgar levantar-me a uma hora destas.

Tirei o pijama e vesti umas calças e uma camisa, porquê, não faço ideia. Nem tão pouco posso explicar porque fui à minha secretária, tirei uma folha de papel e uma caneta e vi-me a escrever, como se a minha mão tivesse vontade própria.

“Minha querida, vou estar ausente durante dez dias. Não há absolutamente nenhum motivo para preocupação”.

Deixando a nota ao pé do telefone, passei pela porta em direcção à varanda. Evitei a mesa onde estava o jogo de xadrez da noite anterior, com o rei branco ainda em cheque-mate e, silenciosamente, abri a porta que dava para o jardim.

A noite parecia iluminada por uma estranha claridade difusa, que nada tinha a ver com a das estrelas. Instintivamente tentei recordar-me qual a fase da lua em que estávamos actualmente, pensando que talvez estivesse a aparecer. Aqui, no nordeste da Austrália, onde vivo, as noites são geralmente bastante claras.

Desci as escadas exteriores e caminhei na direcção do pandano¹. Normalmente, por esta altura da noite, deveríamos ter um verdadeiro concerto de rãs e grilos cujos sons estridulantes encheriam a noite. No entanto, agora apenas havia silêncio e eu perguntava-me porquê.

Tinha apenas dado alguns passos, quando de repente a cor do filodendro mudou. A parede da casa também e o pandano – todos estavam iluminados por uma espécie de cor azulada. O relvado pareceu ondular debaixo dos meus pés e o chão por baixo do pandano ondulava também. Os filodendros pareciam distorcidos e a parede de casa assemelhava-se a uma folha flutuando ao vento.

Começando a pensar que eu não estava bom, decidi regressar a casa, quando nesse preciso momento me senti a elevar-me do chão, com extrema suavidade. Ascendi

¹ Pandano - qualquer uma de várias plantas tropicais similares à palmeira, do género *pandanus*, nativas de terras tropicais desde a África até à Polinésia, que se caracterizam por terem grandes raízes aéreas de suporte e que produzem folhas em forma de espada (tipo ananás) dispostas em espiral e que têm uma fibra que é usada na produção de tapetes. Planta da família Pandanaceae. (N.T.)

acima dos filodendros, a principio devagar e depois mais rápido, até que vi a casa tornar-se progressivamente mais pequena abaixo de mim.

“O que está a acontecer?” Exclamei completamente confuso.

“Está tudo bem agora, Michel.”

Por essa altura, acreditava estar a sonhar. À minha frente, estava um ser humano de tamanho impressionante, envergando um fato de peça única e usando um capacete completamente transparente na cabeça, estava a olhar para mim amigavelmente e a sorrir.

“Não, não estás a sonhar”, disse “ela”, respondendo à pergunta na minha mente.

“Sim,” repliquei, “mas isto acontece sempre em sonhos e no fim descobres que caíste abaixo da cama e que fizeste um galo na testa!” Ela sorriu. “Mais”, continuei, “tu estás a falar-me em Francês, que é a minha língua materna, e no entanto estamos na Austrália. Eu falo Inglês, sabes?”

“Eu também”.

“Isto tem de ser um sonho – ainda por cima, um daqueles sonhos estúpidos. Se não, o que estás a fazer na minha propriedade?”

“Nós não estamos na tua propriedade, mas acima dela.”

“Ah! É um pesadelo. Vês como tinha razão? Vou-me beliscar!” Acompanhei as palavras com a acção. Ai!

Ela sorriu novamente. “Estás satisfeito agora, Michel?”

“Mas, se isto não é um sonho, porque é que estou aqui sentado nesta rocha? Quem são aquelas pessoas ali, vestidas com roupas do século passado?”

Eu começava a distinguir, a uma certa distância e numa luz aleitada, pessoas a falar e outras andando por ali.

“E tu, quem és tu? Porque não tens um tamanho normal?”

“Eu tenho um tamanho normal, Michel. No meu planeta, somos todos deste tamanho. Mas tudo a seu tempo, meu querido amigo. Espero que não te importes que te chame assim? Se ainda não somos bons amigos, tenho a certeza de que o seremos em breve.”

Ali estava ela à minha frente, a inteligência reflectida no seu rosto sorridente e emanando bondade de todo o seu ser. Não seria possível encontrar ninguém com quem eu me sentisse mais à vontade.

“Claro, podes-me chamar como quiseres. E tu, como te chamas?”

“O meu nome é Thao, mas primeiro, gostava que soubesses duma vez por todas, que isto não é um sonho. Em verdade, é algo de muito diferente. Por certas razões que te serão explicadas mais tarde, tu foste escolhido para empreender uma viagem que muito poucos terrestres fizeram - particularmente em tempos recentes.

Estamos, neste momento, tu e eu, num universo que é paralelo ao da Terra. De forma a te podermos acolher, assim como a nós mesmos, tivemos de fazer uso duma “câmara de descompressão”.

Neste instante, o tempo parou para ti, e poderias aqui ficar por vinte ou cinquenta dos vossos anos terrestres, e então regressar como se não tivesses partido. O teu corpo físico permaneceria perfeitamente inalterado”.

“Mas, o que estão todas estas pessoas a fazer?”

“Elas existem tanto quanto se pode esperar e, como irás aprender mais tarde, a densidade de população é muito baixa. A morte aqui, ocorre apenas por suicídio ou por acaso. O tempo está suspenso. Existem homens e mulheres, bem como alguns animais, que têm 30 000, 50 000 ou até mesmo mais anos terrestres de idade.

“Mas, porque é que cá estão e como vieram eles cá parar? Onde é que nasceram?”

“Na Terra. . . eles estão aqui por acaso.”

“Por acaso? O que queres dizer?”

“É muito simples. Já ouviste falar do Triângulo das Bermudas?” Acenei afirmativamente. “Bem, muito simplesmente, neste e noutros locais não tão conhecidos, este universo paralelo funde-se com o teu universo de forma a que existe entre eles uma deflexão² natural.

“As pessoas, animais e até objectos que se encontrem na vizinhança imediata da deflexão, são literalmente “sugados” para dentro dela. Assim, pode acontecer que uma frota inteira de navios desapareça em alguns segundos. Por vezes a pessoa, ou pessoas, podem regressar ao teu universo após algumas horas, dias ou até anos. No entanto, e com maior frequência, nunca chegam e regressar.

“Quando um homem regressa e relata a sua experiência, a esmagadora maioria das pessoas não acredita nele - e se ele insiste, é considerado “maluco”. Na maior parte das vezes, essa pessoa não relata absolutamente nada, apercebendo-se de como irá parecer aos olhos dos seus semelhantes. Por vezes também regressa amnésico, e se recupera alguma memória, não é do que aconteceu no universo paralelo, e por isso não esclarece nada do assunto.

“Existiu,” continuou Thao, “um caso típico desta passagem para um universo paralelo na América do Norte, onde um jovem literalmente desapareceu enquanto ia buscar água a um poço, situado a poucas centenas de metros da sua casa. Uma hora mais tarde, família e amigos partiram à sua procura e, como tinham recentemente caído cerca de 20 cm de neve, deveria ter sido bastante simples encontrá-lo, já que só teriam de seguir as pegadas deixadas pelo jovem. Mas, bem no meio do campo - as pegadas acabavam.

“Não haviam árvores à volta, nem pedras para onde pudesse ter saltado - nada de estranho ou fora do normal, as pegadas simplesmente terminavam ali. Algumas pessoas acreditaram que podia ter sido levado por uma nave espacial, mas isso não poderia ter sucedido, como irás ver mais tarde.

Este pobre homem tinha sido simplesmente sugado para o universo paralelo.”

“Eu lembro-me”, disse-lhe eu, “ouvi falar desse caso particular, mas como sabes tudo sobre isso? “

“Irás descobrir mais tarde como sei,” replicou enigmáticamente.

Fomos interrompidos pela súbita aparição de um grupo de pessoas tão bizarro, que eu me voltei a questionar se tudo não estava a ser um sonho. Cerca de uma dúzia de homens, acompanhados por aquilo que parecia ser uma mulher, emergiram por detrás dum grupo de rochas a cem metros do local de onde nos encontrávamos. A visão era ainda mais estranha, pois estes seres humanos pareciam saídos das pági-

² deflexão - no texto Inglês original é usada a palavra “warp”, que de acordo com o contexto também pode significar passagem. (N.T.)

nas de registos pré-históricos. Com os modos de gorilas, brandiam cacetes enormes, os quais um homem moderno não teria sido capaz de levantar do solo. Estas criaturas horríveis vinham direitas a nós, urrando como animais selvagens. Fiz um movimento para recuar, mas a minha companheira disse-me que nada tinha a recear e que devia ficar onde estava. Ela colocou a mão na fivela do seu cinto e voltou-se, ficando de frente para eles.

Ouvi uma série de estalidos e cinco dos homens mais robustos caíram por terra imóveis. O resto do grupo parou de imediato e começou a gemer. Eles prostraram-se perante nós.

Olhei novamente para Thao. Ela permaneceu imóvel como uma estátua, de rosto firme. Os seus olhos estavam fixos naquelas pessoas como se as quisesse hipnotizar. Vim mais tarde a saber que estava a dar ordens telepaticamente para a mulher do grupo. De repente, esta mulher levantou-se e começou a dar ordens aos outros numa voz gutural. Eles, então, ajudaram a remover os corpos, carregando-os às costas, até ao grupo de rochas mencionado antes.

“Que estão eles a fazer?” Perguntei.

“Eles vão cobrir os seus mortos com pedras.”

“Tu mataste-os?”

“Tive de o fazer.”

“O que queres dizer? Estivemos realmente em perigo?”

“Claro que estivemos. Estas pessoas estão aqui há dez ou quinze mil anos - quem sabe? Não temos tempo para o determinar e além disso, não tem importância. Todavia, isto serve bem para ilustrar aquilo que te estava a explicar há alguns momentos atrás. Estas pessoas passaram para este universo, numa dada altura, e têm vivido nesse tempo desde então.

“É assustador!”

“Concordo. No entanto, é parte do natural, e por conseguinte da Lei Universal. Além disso, são perigosos porque se comportam mais como animais selvagens do que como seres humanos. O diálogo não teria sido possível entre nós e eles, tal como não seria possível entre eles e a maior parte dos outros que vivem neste universo paralelo. Por um lado, eles são incapazes de comunicar, e por outro, eles, menos do que alguém, compreendem o que lhes sucedeu. Nós estivemos em perigo real e, se o posso dizer, agora mesmo fiz-lhes o favor de os libertar.”

“Libertar?”

“Não fiques tão chocado, Michel. Tu sabes muito bem o que quis dizer com isso.

“Eles foram libertados dos seus corpos físicos e são agora capazes de continuar o seu ciclo, como todo o ser vivo, de acordo com o processo normal.”

“Então, se compreendi correctamente, este universo paralelo é uma maldição - uma espécie de inferno ou purgatório?”

“Não me tinha apercebido que eras religioso!”

“Apenas fiz uma comparação para te mostrar que estou a tentar perceber,” repliquei, perguntando-me a mim mesmo como podia ela saber se eu era ou não religioso.

“Eu sei, Michel, estava apenas a brincar. Tu estavas certo ao explicá-lo como uma espécie de purgatório mas, claro, que isto é completamente accidental. De facto, é um dos vários acasos da natureza. Um *albino* é um acaso, um trevo de quatro folhas

também pode ser considerado um acaso. O teu apêndice é tão-somente um acaso. Os vossos médicos ainda se interrogam qual o uso que poderá ter no vosso corpo. A resposta é: nenhum uso qualquer. Na natureza, normalmente tudo tem uma razão precisa para existir - é por isso que incluí o apêndice na lista de “acazos” naturais.

“As pessoas que vivem neste universo, não sofrem nem física nem moralmente. Por exemplo, se eu te batesse, não sentirias dor, no entanto se os golpes fossem suficientemente fortes, apesar de não sentires dor, ainda assim poderias morrer deles. Isto pode ser-te difícil de compreender, mas é assim. Estes seres que aqui existem, não compreendem nada do que te acabei de explicar, e isto é bom, porque eles sentir-se-iam tentados a cometer suicídio - o que nem aqui é solução.

“O que comem eles?”

“Eles não comem nem bebem, porque não sentem necessidade de o fazer. Aqui, lembra-te, o tempo parou - os mortos nem sequer se decompõem.”

“Mas isso é terrível! No fundo, a maior ajuda que lhes poderíamos prestar, seria matá-los!”

“Tocaste aí num ponto importante. Efectivamente essa seria uma de duas soluções.”

“E qual é a outra?”

“Enviá-los de volta de onde vieram - mas isso traria grandes problemas. Porque nós somos capazes de fazer uso da “porta”, poderíamos fazer regressar muitos deles, e assim libertá-los, mas tenho a certeza de que estás consciente dos enormes problemas que isto iria criar à maioria destas pessoas. Aqui, tal como já disse, tens pessoas que já cá estão há milhares de anos. Que aconteceria se se encontrassem de volta ao universo que eles deixaram há tanto tempo?”

“Poderiam enlouquecer. Bem vistas as coisas, não há nada a fazer.” Ela sorriu gentilmente perante a minha afirmação.

“Tu és certamente o homem de acção que nós precisamos, Michel, mas antes de saltarmos para conclusões - há muito mais que deves ver.”

“Ela colocou a sua mão por cima do meu ombro, tendo de se inclinar ligeiramente para a frente para o fazer. Embora não o soubesse na altura, Thao media 290 centímetros, excepcionalmente alta para um ser humano.

“Vejo com os meus olhos que fizemos a escolha certa em te termos seleccionado - tens uma mente astuta, mas para já não te posso explicar tudo, por duas razões.”

“Que são?”

“Primeiro, é ainda demasiado cedo para tal explicação. Quero com isto dizer que primeiro terás de ser instruído em alguns pontos antes de prosseguir adiante.”

“Compreendo - e segundo?”

“A segunda razão é que estão à nossa espera. Temos de partir.”

Com um ligeiro toque, ela voltou-me. Segui o seu olhar e fiquei estupefacto perante a surpresa. A cerca de 100 metros de nós estava uma enorme esfera, da qual emanava uma Aura azulada. Vim a saber mais tarde que media 70 metros de diâmetro. A luz não era constante, mas cintilava, parecendo-se com a névoa transparente que se vê quando se olha à distância para a areia aquecida pelo sol.

Esta enorme esfera pairava a cerca de dez metros do solo. Sem janelas, sem aberturas e sem escadas, parecia tão suave como a casca de um ovo.

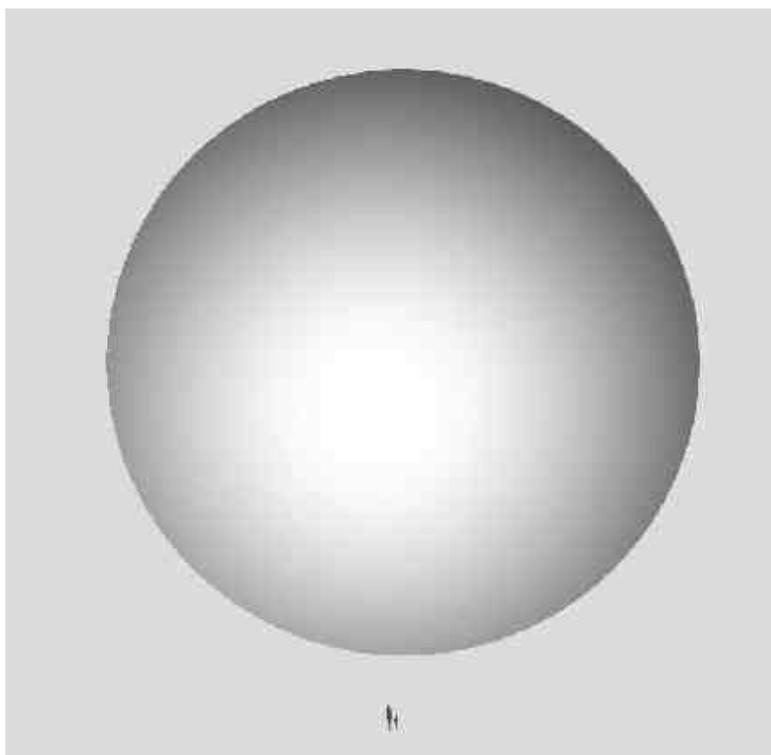


Figura 1 - Thao, Michel e a nave espacial no universo paralelo da Terra

Thao fez-me sinal que a seguisse e fomos em direcção ao aparelho. Lembro-me muito bem deste momento. Durante o curto espaço de tempo que demoramos a chegar à esfera, eu estava tão excitado que perdi o controle dos meus pensamentos. Um grupo de imagens passou-me rapidamente pela mente, parecendo um filme visto em modo acelerado. Vi-me a mim, a relatar esta aventura à minha família, e vi outra vez artigos de jornais que tinha lido sobre OVNIS.

Lembro-me que me assolou um sentimento de tristeza quando pensei na minha família que tanto amava; vi-me a mim preso, como se

apanhado numa armadilha, e ocorreu-me que talvez não os voltasse a ver...

“Não tens absolutamente nada a recear, Michel,” disse Thao. “Confia em mim. Ir-te-ás juntar à tua família muito em breve, e de boa saúde.”

Acredito que a minha boca se abriu de surpresa, o que coincidiu com a gargalhada melodiosa de Thao, de uma forma que é raro ouvir entre nós, terrestres. Esta era a segunda vez que ela me lia os pensamentos, a primeira vez pensei que fosse coincidência, mas desta vez não podia haver engano.

Quando chegamos próximo da esfera, Thao colocou-me de frente para ela, a cerca de 1 metro de distância.

“Não me toques sobre que pretexto for, Michel, independentemente do que suceda. *Sobre que pretexto for, compreendes?*”

Fiquei um bocado abalado pela formalidade desta ordem, mas acenei afirmativamente com a cabeça.

Ela colocou a sua mão numa espécie de medalhão, que eu já antes tinha notado, preso à altura do seu peito esquerdo, e com a outra mão, segurou algo que se assemelhava a uma espécie de caneta grande que ela desencaixou do seu cinto.

Apontou a “caneta” acima das nossas cabeças e na direcção da esfera. Pareceu-me ver um raio de luz verde sair de daquilo, mas não pude ter a certeza. Ela apontou depois a caneta para mim, ainda com a sua outra mão sobre o medalhão e, muito simplesmente, elevamo-nos simultaneamente em direcção à parede da esfera. Justamente quando eu tinha a certeza de que iríamos colidir com ela, uma porção do casco recolheu-se, tal como um enorme pistão de forma oval e com cerca de três metros de altura.

Thao e eu tornamos a estar em pé, após uma espécie de aterragem dentro da nave. Ela largou o seu medalhão e, com uma destreza que sugeria que ela fazia isto com frequência, encaixou novamente a sua “caneta”.

“Vem. Agora podemos tocar mutuamente,” disse ela.

Tomando-me pelo ombro, ela guiou-me em direcção a uma pequena luz azul, tão intensa que quase semi-serrei os olhos até metade. Nunca tinha visto uma cor como aquela na Terra. Quando estávamos quase debaixo da luz, a parede na qual estava colocada, “deixou-nos passar”. Esta é a única forma de o descrever. Pela forma como a minha mentora me guiava, podia jurar que iria ter um galo jeitoso no alto da testa, mas nós passamos através das paredes - como fantasmas! Thao riu gostosamente perante a expressão chocada do meu rosto. Aquilo fez-me bem. Recordo aquele riso - como uma brisa refrescante, tranquilizando-me numa altura em que não me estava a sentir nada à vontade.

Tinha falado frequentemente com amigos sobre “discos voadores” e estava persuadido que de facto existiam - mas quando somos confrontados com a realidade, há tantas questões que nos surgem à mente, que pensamos que vai explodir. Claro que no fundo, eu estava encantado. Pela maneira como que Thao me tratava, senti que não tinha nada a recear. No entanto ela não estava sozinha: Eu perguntava-me como seriam os outros. Apesar do meu fascínio por esta aventura, ainda duvidava se voltaria a ver a minha família. Já me pareciam tão distantes, quando ainda há poucos minutos me encontrava meu próprio jardim.

Estávamos agora a “deslizar” a nível do chão, ao longo de um corredor em forma de túnel, que ia dar a um pequeno quarto, cujas paredes eram de um amarelo tão intenso que tive de fechar os olhos. As paredes formavam uma abóbada - exactamente como se estivéssemos dentro duma tigela virada ao contrário.

Thao colocou-me na cabeça um capacete transparente e descobri, abrindo um olho, que isto me permitia tolerar a luz.

“Como te sentes?” perguntou ela.

“Melhor, obrigado, mas essa luz - como podes tu suportá-la?”

“Não é luz. É apenas a cor actual das paredes neste quarto.”

“Porquê actual? Trouxeste-me tu aqui para eu as voltar a pintar?” Brinquei eu.

“Não há tinta. Há apenas vibrações, Michel. Ainda acreditas que estás no teu universo terrestre, quando já não estás. Estás agora a bordo dum dos nossos veículos espaciais de muito longo alcance, capaz de viajar várias vezes acima da velocidade da luz. Iremos partir em breve, queres-te deitar nesta cama?”

Ali, no centro do quarto, haviam duas caixas - bastante parecidas com caixões, mas sem tampas. Deitei-me numa delas e Thao deitou-se na outra. Ouvi-a falar numa linguagem que me era estranha, mas muito harmoniosa. Quis-me levantar ligeiramente mas não pude, estando preso por alguma força desconhecida e invisível. A cor amarela desapareceu progressivamente das paredes e foi substituída por uma cor azul que não era certamente menos intensa. O “trabalho de pintura” tinha voltado a ser feito...

Um terço do quarto escureceu de repente e reparei em pequenas luzes brilhando como estrelas.

A voz de Thao soou clara na escuridão. “Estas são estrelas, Michel. Deixamos o universo paralelo da Terra e vamos afastar-nos cada vez mais do teu planeta, para te levarmos a visitar o nosso. Sabemos que vais estar extremamente interessado na

viagem, e também na nossa partida, que para teu benefício, se vai fazer bastante devagar.

“Podemos ver no ecrã que está à tua frente.”

“Onde está a Terra?”

“Ainda não a podemos ver, estando quase directamente acima dela, a uma altitude aproximada de 10 000 metros.

De repente, podia-se ouvir uma voz falando naquilo que parecia ser a mesma língua que Thao tinha usado momentos antes. Thao respondeu brevemente e então a voz falou para mim em Francês - num excelente Francês (apesar do tom ser mais melódico do que é normal) dando-me as boas vindas a bordo. Era muito similar ao “bem-vindo a bordo” das nossas companhias aéreas, e lembro-me de ter ficado bastante divertido com aquilo - apesar da situação única em que me encontrava.

No mesmo instante, senti um movimento muito suave de ar e ficou mais fresco, como se fosse ar condicionado. Tudo começou a acontecer rapidamente. No ecrã, apareceu o que só podia ser o Sol. A princípio, parecia tocar a ponta da terra, ou mais precisamente, a América do Sul, como mais tarde aprendi. Interroguei-me novamente se estaria a sonhar. A cada segundo que passava a América encolhia. A Austrália não podia ser vista, pois os raios de sol ainda não tinham lá chegado. Agora podiam-se distinguir os contornos do planeta, e parecia-me que nos movíamos à volta do globo, até uma posição por cima do Pólo Norte. Aí, mudamos de direcção, deixando a Terra a uma velocidade incrível.

A nossa pobre Terra tornou-se uma bola de basquetebol, depois uma bola de bilhar até que finalmente desapareceu completamente - ou quase - do ecrã. Em vez disso, a minha visão era agora preenchida com o azul sombrio do espaço. Virei a minha cabeça na direcção de Thao, esperando por mais explicações.

“Gostaste daquilo?”

“Foi maravilhoso, mas tão rápido - é possível viajar a tanta velocidade?”

“Aquilo não foi nada, meu querido amigo. Nós partimos muito suavemente. Apenas agora estamos a viajar à velocidade máxima.”

“A que velocidade vamos?” Interrompi eu.

“Várias vezes a velocidade da luz.”

“Da luz? Mas quantas vezes? Isso é incrível! Então e a barreira da luz?”

“Eu posso compreender perfeitamente que isto te pareça incrível a ti. Nem mesmo os vossos especialistas o acreditariam - no entanto, isto é a verdade.”

“Tu disseste várias vezes a velocidade da luz, mas quantas vezes em si?”

“Michel, durante esta viagem muitas coisas ser-te-ão intencionalmente reveladas - muitas coisas mesmo, mas irão haver detalhes aos quais não terás acesso. A velocidade precisa desta nave espacial é um deles. Desculpa, pois sei que vais ficar desapontado por não satisfazer a tua grande curiosidade, mas irão existir imensas coisas novas e interessantes para tu veres e aprenderes, e por isso não deves dar grande importância quando alguma informação é retida de ti.”

A sua maneira indicava que o assunto estava encerrado e eu não quis insistir mais, sentindo que se o fizesse estaria a ser rude.

“Olha” disse-me ela. Apareceu um ponto colorido no ecrã que começou a crescer rapidamente.

“O que é isso?”

“Saturno“

O leitor vai-me perdoar se as descrições que faço não forem tão detalhadas como desejaria, mas deve ser entendido que ainda não tinha recuperado todos os meus sentidos. Eu tinha visto tanto em tão pouco espaço de tempo, que me sentia algo “desorientado”.

À medida que nos aproximávamos, o famoso Saturno crescia rapidamente no ecrã. As suas cores eram maravilhosas - incomparáveis com alguma coisa que pudesse ter visto na Terra. Havia amarelos, vermelhos, verdes, azuis, laranjas - e dentro de cada cor, uma infinidade de matizes intermédios misturados, separados, ora mais fortes, ora mais suaves, criando os famosos anéis e confinando-os...

Era um espectáculo surpreendente, que enchia cada vez mais o nosso ecrã.

Tendo conhecimento que já não estava preso pelo campo de forças, quis retirar a máscara para melhor ver as cores, mas Thao fez-me sinal de que o não fizesse.

“Onde estão os satélites?” Perguntei.

“Podes ver dois, quase lado a lado para a direita do ecrã.”

“A que distância estamos?”

“Devemos estar aproximadamente a 6 000 000 de quilómetros ou talvez mais. Na cabine de pilotagem, sabem-no com exactidão, claro, mas para te dar uma ideia mais precisa, necessitaria de saber se a nossa “câmera” está na ampliação máxima ou não.”

Subitamente Saturno desapareceu do lado esquerdo do ecrã, que se encheu novamente com a “cor” do espaço.

Acredito que foi naquele momento que me senti exaltado³ como nunca antes tinha estado. Veio-me à ideia que eu estava prestes a viver uma aventura extraordinária - e porquê? Eu nunca pedi nada, nem nunca contemplei a possibilidade de experimentar semelhante aventura (quem teria coragem de o fazer?).

Thao levantou-se. “Podes agora fazer o mesmo, Michel.” Eu obedeci e encontramos novamente lado a lado, no centro da cabine. Foi apenas então que notei que Thao já não usava o seu capacete.

“Podes-me explicar,” perguntei-lhe eu, “porquê que ainda há momentos usavas um capacete, enquanto que eu te podia acompanhar sem um, e no entanto agora, estou a usar um enquanto que tu não?”

“É muito simples. Nós vimos dum planeta bacteriologicamente diferente da Terra, a qual é para nós um verdadeiro meio de cultura. Assim, de forma a te poder contactar, fui obrigada a tomar esta precaução básica. Tu próprio eras um perigo para mim, mas já não o és.”

“Não te compreendo.”

³ exaltado - no original em Inglês “exalted” que também significa com ânimo elevado. (N.T.)

“Quando entraste na cabine, a cor estava demasiado intensa para ti e eu dei-te o capacete que agora estás a usar, que foi especialmente feito para ti. Com efeito, nós conseguimos antecipar a tua reacção.

“Durante o curtíssimo período de tempo que a cabine era amarela e depois azul, oitenta por cento das bactérias foram eliminadas. A seguir, talvez sentiste uma aragem fresca, semelhante a um ar condicionado a trabalhar, esta foi uma outra forma de desinfeção por... vamos-lhe chamar radiação, apesar desta não ser a palavra correcta - ela não pode ser traduzida em nenhuma linguagem terrestre. Desta forma, eu fiquei cem por cento desinfectada, mas tu ainda tens bactérias suficientes para nos prejudicares consideravelmente. Vou-te dar estes dois comprimidos, e dentro de três horas poder-te-ás considerar tão “puro” como qualquer um de nós. Assim que falou, tirou uma pequena caixa da parte lateral da sua cama, tirou os comprimidos e deu-mos a mim, junto com um tubo de ensaio que continha um líquido que supus ser água. Engoli-os a ambos, levantando a base do meu capacete para o fazer. Seguidamente... bem, tudo aconteceu tão depressa e foi tudo *muito* estranho.

Thao tomou-me nos seus braços, colocou-me na cama e retirou-me a máscara. *Eu vi isto acontecer de uma distância de dois ou três metros do meu corpo!* Imagino que certas coisas neste livro irão parecer incompreensíveis ao leitor incauto, mas eu via o meu corpo à distância e era capaz de me mover pelo quarto apenas por pensamento.

Thao falou. “Michel, sei que me ouves e vês, contudo eu não te consigo ver e assim não posso olhar para ti enquanto falo contigo. O teu ser Astral deixou o teu corpo. Não há perigo nisto - não precisas de te preocupar. Eu sei que esta é a primeira vez que isto te acontece, e há pessoas que entram em pânico...”

“Eu dei-te uma droga especial, de forma a limpar o teu corpo de todas as bactérias que são perigosas para nós. Também te dei uma outra droga, que fez com que o teu ser Astral deixasse o teu corpo - isto irá durar três horas, o tempo que demorará a purificar-te. Desta forma, irás ser capaz de visitar a nossa nave espacial, sem o perigo de nos contaminares e sem perda de tempo.”

Por mais estranho que possa parecer, achei isto bastante natural - e segui-a. Era fascinante. Ela chegou em frente a um painel que se abriu para nos deixar passar de uma câmara para outra. Eu seguia-a a alguma distância e, se na altura em que eu ia a passar o painel já se tinha fechado - eu muito simplesmente passava através dele.

Finalmente, chegamos a um quarto circular, com cerca de 20 metros de diâmetro, no qual havia, pelo menos, uma dúzia de “astronautas” - todas mulheres e todas cerca da altura de Thao. Thao aproximou-se dum grupo de quatro, sentadas em enormes cadeiras de aparência confortável, dispostas em forma de círculo. Quando ela se sentou num dos lugares vagos, as quatro cabeças voltaram-se para ela interrogativamente. Ela parecia quase ter prazer em as fazer esperar: mas finalmente falou.

Fiquei outra vez fascinado ao ouvir aquela língua - a assonância era nova para mim, e as entoações eram tão harmoniosas que se poderia pensar que estavam a cantar. Todas pareciam extremamente interessadas no relato de Thao. Supus que estavam a falar de mim, crendo correctamente que era eu o propósito principal da sua missão.

Quando Thao parou, houve uma torrente de questões, e duas outras astronautas juntaram-se ao grupo. A discussão cresceu num tom de crescente excitação.

Sem compreender uma palavra do que estavam a dizer e tendo reparado, ao entrar, em 3 pessoas posicionadas em frente a ecrãs mostrando imagens tridimensionais, com cores mais ou menos vívidas, aproximei-me e descobri que este deveria certamente ser o posto de comando da nave espacial. Estando invisível, tornou tudo ain-

da mais interessante, pois cada pessoa podia fazer o seu trabalho sem ser perturbada, ou mesmo distraída pela minha presença.

Num ecrã maior que os outros, pude discernir pontos - alguns maiores do que outros e outros mais brilhantes, movendo-se contínua e ininterruptamente nas suas dadas direcções, alguns para a esquerda do ecrã e outros para a direita.

A sua velocidade aumentava à medida que crescia o seu tamanho no ecrã, até que finalmente saíam fora dele. As suas cores eram frequentemente brilhantes e extraordinariamente belas, variando entre tons mais subtis até um amarelo vivo, como as cores do nosso sol.

Cedo me apercebi que esses eram planetas e sóis entre os quais navegávamos, e eu estava absolutamente fascinado pela sua progressão silenciosa ao longo do ecrã. Não sei dizer quanto tempo os fiquei a observar, até que de repente um som estranho e agudo encheu a cabine - um som que era suave e ao mesmo tempo insistente, e era acompanhado por muitas luzes intermitentes.

O efeito foi imediato. As astronautas que estavam a falar com Thao, aproximaram-se agora do posto de controlo e cada uma tomou um assento que parecia ter sido atribuído pessoalmente para si. Todos os olhos estavam atentamente fixos nos ecrãs.

Precisamente no centro do ecrã maior, comecei a distinguir uma enorme massa que é difícil de descrever. Deixe-me apenas dizer que era redonda na forma e azul-cinzenta na cor. Aquilo permaneceu imóvel no centro do ecrã.

Na sala, tudo estava silencioso. A atenção geral estava centrada em três astronautas ao comando de peças de equipamento de forma oblonga, que se assemelhavam vagamente com os nossos computadores.

De repente, cobrindo uma área enorme daquilo que eu acreditava ser a parede da cabine, fiquei estupefacto ao ver uma imagem de Nova Iorque - mas não! Será Sidney, disse para mim mesmo, e no entanto a ponte era diferente... mas era aquilo uma ponte?

A minha surpresa foi tal que tive de perguntar a Thao, ao lado de quem eu me encontrava. Tinha-me, no entanto, esquecido de que não me encontrava no meu corpo físico e que ninguém me podia ouvir. Fui capaz de escutar Thao e as outras a comentar o que estavam a ver, mas não fui longe sem compreender a sua linguagem. Entretanto, estava convencido que Thao não me tinha mentido e que tínhamos deixado de verdade a Terra para trás. A minha guia explicara-me que estávamos a viajar a várias vezes a velocidade da luz... e eu tinha visto Saturno passar e mais tarde aquilo que tomei serem planetas e sóis - sendo assim, teríamos nós regressado, e porquê?

Thao falou alto e em Francês, o que causou que todas as cabeças se voltassem na sua direcção.

“Michel, estamos estacionados sobre o planeta Aremo X3 que tem quase o dobro do tamanho do planeta Terra e, como podes ver no ecrã, é muito similar ao vosso mundo.

“Não posso agora explicar com precisão a nossa missão actual, pois irei participar na operação, mas irei fazê-lo mais tarde. Para te por no caminho certo, vou-te dizer que a nossa missão se prende com radiação atómica, tal como vocês conhecem na Terra”.

Todas pareciam preocupadas: cada uma sabia exactamente o que tinha a fazer e quando o fazer. Estávamos estacionários. Um painel grande projectava imagens do centro de uma cidade. O leitor deve compreender que este painel era, de facto, mais

do que um ecrã de televisão imenso, projectando uma imagem em relevo tão real, que poderíamos olhar para dentro das janelas dum edifício alto.

A minha atenção voltou-se para um outro ecrã menor, monitorizado por duas das minhas “anfitriãs”. Neste painel podia ver a nossa nave espacial, tal como já a tinha visto no universo paralelo. À medida que observava, surpreendeu-me ver sair, ligeiramente abaixo do centro da nossa nave, uma pequena esfera, qual ovo saindo da galinha. Uma vez no exterior, esta esfera acelerou rapidamente em direcção ao planeta abaixo. Ao mesmo tempo em que desapareceu da vista, uma outra esfera emergiu da mesma maneira, e depois uma terceira. Notei que cada esfera estava a ser monitorizada em ecrãs separados por grupos diferentes de astronautas.

A descida das esferas, podia agora ser facilmente seguida no grande ecrã. A distância devia tê-las tornado invisíveis num curto espaço de tempo, mas elas permaneciam à vista e deduzi que a câmara tinha de ter um “zoom” extraordinariamente potente. O efeito do zoom era de facto tão forte que a primeira esfera desapareceu do painel direito e a segunda do esquerdo. Apenas podíamos ver agora a esfera central e acompanhamos a sua descida até ao chão com grande clareza. Parou no centro duma imensa praça, situada entre vários conjuntos de apartamentos. Ali, pairou, como se estivesse suspensa, a poucos metros do chão. As outras esferas estavam a ser monitorizadas com o mesmo detalhe. Uma estava sobre um rio, que fluía ao longo da cidade e outra pairava sobre uma colina, perto da cidade.

Inesperadamente, o ecrã projectou uma nova imagem. Eu podia agora ver distintamente as portas de um dos prédios, ou melhor, as entradas onde as portas deveriam existir, eram espaços abertos.

Lembro-me claramente que, até então, não me tinha dado conta do quanto estranha era esta cidade...

Nada se mexia...

2

Destruição atômica

Apenas uma palavra pode dar ideia do que estava reflectido no painel: “Desolação”. A rua que estávamos a observar minuciosamente, encontrava-se atulhada de “plataformas” geralmente dispostas umas atrás das outras. Algumas estavam afastadas, enquanto que outras estavam precisamente no meio das aberturas dos edifícios. Imperceptivelmente, a câmara ampliou a imagem e cedo compreendi que estas “plataformas” tinham de ser veículos - veículos estes que eram similares na forma a barcos de fundo liso.

Á minha volta, as astronautas estavam nas suas mesas. De cada uma das esferas emergiu um longo tubo que descia lentamente em direcção à superfície. Quando a extremidade do tubo tocou no chão, levantou-se uma pequena nuvem de pó e então dei-me conta de que os veículos também estavam cobertos por um espesso manto de pó, tornando-os disformes e irreconhecíveis. Claro que a esfera que pairava sobre o rio tinha o tubo dentro de água. A minha atenção estava agora fixa no painel, pois a cena era deveras fascinante – tinha-se a perfeita sensação de estar na rua.

A minha atenção foi especialmente atraída por um lugar escuro, à entrada de um edifício enorme. Eu poderia jurar que qualquer coisa se tinha mexido...

Também senti que havia uma certa agitação entre as astronautas. Abruptamente, e com uma série de solavancos, a “coisa” emergiu para a luz. Fiquei horrorizado com aquilo que vi. Relativamente às minhas “hospedeiras”, para além de algumas elocução proferidas mais rapidamente, posso dizer que realmente não me pareceram muito surpreendidas. No entanto, aquilo que estávamos a ver tão claramente no painel, era uma horrível barata, com cerca de dois metros de comprimento e 80 centímetros de altura.

O leitor já certamente viu, uma vez ou outra, estes pequenos e desagradáveis insectos que temos na Terra, particularmente em climas quentes, vivendo em prateleiras e locais húmidos.

Concordará certamente que são repugnantes, mas o maior deles não teria mais do que 5 centímetros de comprimento. Imagine então um com as dimensões descritas. Era verdadeiramente abominável.

O tubo da esfera tinha começado a retrair-se e estava, no entanto, ainda a um metro do solo, quando de repente a criatura se precipitou para a frente para atacar aquela coisa que se mexia. Desconfiadamente, parou outra vez, quando, emergindo de debaixo do edifício, veio um verdadeiro enxame de criaturas, saindo umas por cima das outras. Foi então que um raio de intensa luz azul emitido pela esfera, varreu o grupo, reduzindo-o instantaneamente a cinza carbonizada. Uma nuvem de fumo preto escondia da vista a entrada do edifício.

A minha curiosidade aumentou ainda mais, eu observava os outros ecrãs, mas eles não indicavam quaisquer problemas. A esfera do rio regressava até nós, e a esfera na colina retraiu o seu tubo, moveu-se em altitude e voltou a baixar o tubo. Claro que eu tinha adivinhado que as astronautas estavam a recolher amostras de solo,

água e ar. Estando eu em corpo Astral, não podia fazer perguntas a Thao, de qualquer maneira ela parecia demasiado ocupada conferenciando com duas outras "hospedeiras". As esferas começaram a subir em direcção a nós, e em breve foram "reabsorvidas" pela nossa nave espacial.

Quando a operação terminou, Thao e as duas astronautas que mencionei tomaram os seus lugares em frente às respectivas secretárias. Instantaneamente, as imagens que recebíamos no painel e nos ecrãs mudaram completamente.

Apercebi-me que iríamos partir quando cada uma delas retomou o seu lugar. Observei que todas as astronautas tinham uma postura semelhante nos seus lugares, o que me intrigou. Vim mais tarde a saber que estavam seguras por um campo de forças, exactamente da mesma forma que um cinto de segurança prenderia um duplo⁴ na Terra.

Os sóis iluminavam o planeta através dum nevoeiro avermelhado. Já tínhamos então partido, e assumi que seguíamos a orla do planeta à mesma altitude. De facto, podíamos ver passar áreas parecidas com desertos, dissecadas por leitos secos de rios entrecruzando-se, por vezes, em ângulos rectos. Ocorreu-me que poderiam também ser canais, ou pelo menos feitos pelo homem.

O painel revelava imagens duma cidade aparentemente intacta que então desapareceu ficando o ecrã branco. A nave tinha obviamente ganho velocidade ao voar sobre o planeta, pois as imagens dos pequenos ecrãs passavam rapidamente, mostrando um lago ou mar interno. De repente, ouviram-se várias exclamações e abrandamos imediatamente. O painel ligou-se e mostrou o grande plano de um lago. Paramos.

Podíamos ver claramente uma parte da costa e, para lá dumas rochas de grandes dimensões no lago, podíamos distinguir estruturas em forma de cubo, que imaginei serem habitações. Ao mesmo tempo que paramos, as esferas recomeçaram as suas operações, da mesma forma que antes.

Recebemos algumas imagens excelentes, enviadas por uma das esferas que pairava sobre uma praia a uma altitude que eu julguei ser de 40 a 60 metros do solo. O seu tubo estendeu-se em direcção a terra. Transmitia muito claramente a imagem dum grupo de seres humanos... que de facto à primeira vista, eram idênticos às pessoas que existem na Terra.

Víamos a imagem em muito pormenor. No meio do painel apareceu o rosto duma mulher de idade incerta. Tinha pele castanha, com o cabelo negro longo que lhe caía até aos seios. Como podíamos ver noutra ecrã, ela estava nua. Apenas o seu rosto parecia deformado - era Mongolóide.

Quando a vi, não me apercebi logo que era deformada, assumi simplesmente que tínhamos encontrado uma raça de seres humanos ligeiramente diferente da nossa - como os escritores de ficção científica gostam de os descrever - todos desfigurados, com orelhas grandes ou coisas assim. Mesmo assim, vimos outras imagens e, neste grupo, os homens e mulheres pareciam assemelhar-se à raça polinésia. Era, no entanto, óbvio que mais de metade destas pessoas ou eram deformadas ou tinham o que parecia ser lepra.

Estavam a olhar para a esfera e gesticulavam, parecendo estar em grande agitação. Muitos mais tinham emergido das suas construções cúbicas que se confirmaram ser habitações e, as quais vou descrever um pouco.

⁴ duplo - aqui refere-se ao duplos de cinema que substituem os actores principais nas cenas mais arriscadas de um filme. (N.T.)

Estas estruturas eram bastante idênticas aos “blockhaus”⁵ da segunda guerra mundial, às quais tinham sido adicionadas espessas chaminés (instaladas, pensei eu, para ventilação dos edifícios) e que apenas pareciam erguer-se um metro acima do solo. Estes abrigos foram todos construídos com a mesma orientação e as pessoas emergindo a partir deles faziam-no por aberturas laterais que ficavam na sombra...

Sem aviso, senti-me puxado para trás afastando-me do painel. Passei rapidamente por várias divisões, até que me encontrei novamente na cabine onde o meu ser físico estava deitado na cama, tal como o tinha deixado.

Instantaneamente, tudo ficou completamente negro. Como me lembro bem da sensação desagradável que se seguiu! Os meus membros pareciam chumbo, e quando os tentei mover, era como se estivesse paralisado. Não conseguia entender o que me impedia de mover. Tenho a confessar que entrei um pouco em pânico e desejei de todo coração poder sair outra vez do meu corpo físico, mas também não o pude fazer.

Não sei precisar quanto tempo terá passado até que a cabine se encheu gradualmente da mais relaxante luz verde-azulada. Finalmente Thao entrou, envergando um fato diferente.

“Desculpa ter-te feito esperar, Michel, mas quando o teu corpo físico te chamou, foi impossível para mim vir-te ajudar.”

“Não peças desculpa, eu compreendo perfeitamente,” interrompi, “mas parece-me que tenho um problema - eu não me consigo mexer. Parece que algo em mim está desconectado.”

Ela sorriu e pôs a sua mão mesmo ao lado da minha, sem dúvida operando um mecanismo de controlo, e fiquei imediatamente liberto.

“Mais uma vez, mil perdões, Michel. Eu devia ter-te ensinado o local onde a célula de controlo do cinto de segurança se encontra. Todos os assentos, camas ou beliches estão equipados com eles, e são automaticamente activados se ocupados e à mais pequena possibilidade de perigo.

“Quando a nave chega a uma área perigosa, os três computadores de segurança causam o fecho dos campos de força, para usar o seu nome próprio. Quando o perigo passa eles libertam-nos automaticamente.

“Ao mesmo tempo, se queremos estar libertos na zona potencialmente perigosa, apenas temos de passar a mão ou um dedo em frente da célula e o campo de forças é imediatamente neutralizado. Quando voltarmos aos nossos assentos, iremos ficar outra vez automaticamente presos.

“Agora, vou-te pedir para ires trocar de roupa - vou-te mostrar onde. No quarto, vais ver um baú aberto onde podes colocar as tuas roupas - incluindo tudo o que trazes com excepção dos óculos. Aí, irás encontrar um traje, que deves vestir antes de vires aqui ter comigo.”

Thao dobrou-se e tomando-me a mão, ajudou-me a levantar. Eu estava deveras rígido. Fui para o pequeno quarto que ela me indicou, despi-me por completo e vesti o fato, que me serviu perfeitamente. Isto era surpreendente, dado que apesar dos

⁵ blockhaus - fortificação ou estrutura fortificada em cimento, concebida para defesa militar, sem janelas mas com fendas laterais para fogo de espigarda, usado na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. (N.T.)

meus 178 centímetros de altura, eu era um anão comparado com as minhas hospedeiras.

Pouco depois, de volta à cabine, Thao deu-me algo em forma de pulseira, que na realidade eram uns enormes óculos.

Um pouco parecidos com óculos de motociclistas, eram bastante coloridos. A seu pedido, coloquei-os na cabeça, mas ao fazê-lo, fui obrigado a remover os meus próprios óculos, já que teriam sido esmagados por estes maiores. Eles adaptavam-se exactamente ao contorno dos meus olhos.

“Uma última precaução”, disse ela.

Levantando a sua mão em direcção à divisória, accionou um certo mecanismo, pois a luz intensa reapareceu e eu sentia a sua intensidade, apesar dos fortes óculos. Presenciei outra vez a corrente de ar fresco.

As luzes apagaram-se. A corrente de ar já não podia ser sentida, mas Thao não se mexeu, parecia estar à espera de algo. Eventualmente ouviu-se uma voz e ela removeu-me os grandes óculos coloridos. Substituiu-os pelos meus e pediu-me que a seguisse. Tomamos o mesmo caminho de quando a segui em corpo Astral, e encontramos-nos novamente na sala de comando.

Uma das astronautas mais velhas (digo mais velhas mas talvez deva dizer “mais sérias” pois todas elas pareciam ter a mesma idade) fez um breve sinal a Thao que me levou até um assento em frente ao painel e pediu-me que ali ficasse. Ela juntou-se rapidamente à sua colega e compreendi que estavam muito ocupadas.

Quanto a mim, comecei por verificar se me podia verdadeiramente libertar do campo de forças. Assim que me sentei, fiquei efectivamente preso ao assento - uma sensação de que não gostei nada.

Movendo ligeiramente a minha mão, descobri que ficava imediatamente livre, desde que a mantivesse a mão à frente da célula.

O painel mostrou a imagem de cerca de 500 pessoas que se encontravam na praia e muito perto dos “blockhaus”. Graças aos grandes planos possíveis com as nossas câmeras, tínhamos uma excelente vista destas pessoas, que estavam todas nuas, desde os mais velhos até aos mais novos. Pude observar novamente que muitos deles eram ou deformados, ou apresentavam desagradáveis ferimentos. Todos gesticulavam em direcção às esferas que tiravam amostras de areia e de solo, mas ninguém se aproximava. Os homens mais fortes seguravam algo que pareciam ser machetes ou sabres. Pareciam estar com atenção a alguma coisa.

Senti uma ligeira pressão no meu ombro e virei-me com surpresa. Era Thao. Ela sorriu-me e lembro-me claramente de, pela primeira vez, apreciar a nobreza e beleza dos traços do seu rosto.

Já tinha mencionado o seu cabelo, que era longo e sedoso, louro-dourado na cor, que caía pelos seus ombros e emoldurava um rosto que era de um oval perfeito. Ela tinha uma testa grande, ligeiramente proeminente.

Os seus olhos azuis-malva e as suas longas pestanas seriam a inveja de muitas mulheres no nosso planeta. As sobrancelhas curvadas para cima, tal como as asas duma gaivota, davam-lhe um charme único. Por baixo dos seus olhos, que brilhavam e por vezes provocavam, estava o nariz, bem proporcionado e achatado em baixo, que acentuava uma boca sensual. Quando sorria, revelava uns dentes perfeitos - tão perfeitos, que se suporia serem falsos (Isto ter-me-ia surpreendido). O queixo, bem feito mas ligeiramente angular, sugeria uma forte determinação, que era algo masculina, mas isto em nada diminui-a o seu charme. Uma ténue sombra de pêlo

sobre o seu lábio superior poderia ter estragado este rosto perfeito, não fosse ele louro.

“Vejo que já te sabes libertar do campo de forças, Michel.”



Figura 2 - Thao

Eu estava prestes a responder, quando uma exclamação geral nos fez virar a nossa atenção para o painel.

As pessoas na praia, precipitavam-se em massa para dentro das suas habitações, mergulhando para dentro delas em grande correria, enquanto se tinha formado uma linha de homens, armados com sabres ou picaretas, fazendo frente à “coisa” mais formidável que podia ter imaginado.

Um grupo de formigas vermelhas, cada uma delas do tamanho de um boi, surgia na praia por detrás das rochas. Moviam-se com maior rapidez do que cavalos a galope.

Os homens armados, iam olhando para trás, como se estivessem a comparar a velocidade com que as pessoas se conseguiam pôr em segurança, com o avanço das formigas. Estas, já estavam próxi-

mas - demasiado próximas...

Os homens enfrentaram-nas heroicamente, mas, apenas com um segundo de hesitação, a primeira besta atacou. Podíamos distinguir claramente as mandíbulas - cada uma delas do tamanho do braço de um homem. Ao princípio, a criatura fingiu parar, permitindo ao homem atacar com o seu sabre, mas este cortou apenas ar. Imediatamente, as mandíbulas cingiram-no pela cintura, cortando-o claramente em dois. Outro par de formigas ajudou a primeira a despedaçá-lo, enquanto que as restantes se lançavam de assalto aos combatentes que fugiam, ganhando-lhes rapidamente terreno - demasiado rapidamente...

Da esfera, foi lançado um raio azul-eléctrico de intensidade intolerável, justamente quando as formigas estavam sobre os homens. As criaturas caíam mortas, umas sobre as outras, com tremenda eficácia e precisão. Fios de fumo saíam da carne incinerada dos animais espalhados pelo chão, com as suas enormes patas convulsionando num derradeiro espasmo.

O raio continuou a sua devastação entre as formigas, aniquilando instantânea e sistematicamente os insectos gigantes. Elas deviam ter sabido instintivamente que não poderiam fazer frente a esta força quase sobrenatural, e correram em retirada.

Tudo acontecera tão rapidamente. Thao ainda estava a meu lado, o seu rosto reflectia desgosto e tristeza, em vez de raiva.

Outra olhada ao painel, revelou uma nova cena - a esfera perseguindo as formigas na sua retirada apressada, não apenas com as câmeras, mas também com o raio mortal. O resto do enxame, que calculei ser de seis ou sete centenas delas, estava a ser dizimado. Nenhuma era deixada viva.

A esfera regressou então à sua posição original sobre a praia, e desta vez surgiu um instrumento especial, com o qual pesquisava as carcaças dos animais mortos. Podia ver uma das astronautas, sentada em frente à sua mesa, falando com o seu computador. Isto levou-me a perguntar a Thao se ela estava a supervisionar o trabalho que estava a ser feito.

“Neste momento, sim, pois este trabalho não estava originalmente previsto. Estamos a recolher amostras destas criaturas, em particular pedaços de pulmão, de forma a poderlos analisar. Pensamos que certos tipos de radiação possam ser responsáveis por esta forma de mutação nestas criaturas. De facto, as formigas não têm pulmões mas a única explicação lógica para o seu súbito gigantismo é...”

Thao parou um pouco. A câmara transmitia a imagem de homens, agora re-emergindo dos seus abrigos, gesticulando loucamente em direcção à esfera. Traziam os braços abertos de lado a lado e prostravam-se no solo. Eles repetiam este comportamento.

“Eles conseguem ver esta nave?” Perguntei.

“Não. Estamos a uma altitude de 40 000 metros, e, temos ainda cerca de três camadas de nuvens entre nós e o planeta. Por outro lado, eles podem ver o nosso satélite e penso que é a ele que endereçam os seus gestos de gratidão.”

“Talvez tomem a esfera como sendo um Deus que os salvou da destruição?”

“É bem possível.”

“Podes-me dizer o que está a acontecer? Quem é esta gente?”

“Iria levar demasiado tempo para te explicar, Michel, especialmente agora com tanta actividade na nave, mas posso-te satisfazer a curiosidade com uma breve explicação.

“Esta gente é, de certa forma, descendente de certos antepassados de pessoas que ainda existem no teu planeta. De facto, um grupo dos seus antepassados povoou um continente no planeta terra há cerca de 250 000 dos vossos anos terrestres. Aqui, possuíram uma civilização que era muito avançada, mas que ergueu tremendas barreiras políticas entre si, até que finalmente se auto-destruíram, há 150 anos, com uma guerra atómica”.

“Queres dizer - uma guerra nuclear total?”

“Sim, desencadeada por uma reacção em cadeia. Nós vimos aqui, de tempos a tempos, para tirar amostras e estudar o grau de radiação existente em várias regiões. Por vezes também os ajudamos, como presenciaste há momentos.”

“Mas depois do que fizeram agora, eles devem tomar-vos como sendo o próprio Deus.

Thao sorriu e acenou com a cabeça. “Ah sim, isso é certamente verdade, Michel. Eles tomam-nos como sendo Deuses, exactamente da mesma forma que no teu planeta alguns dos teus antepassados o fizeram. E ainda hoje falam de nós...”

Devo ter mostrado a mais completa surpresa, pois Thao deitou-me um olhar divertido.

“Disse-te há pouco, que a minha explicação é algo prematura. Iremos ter tempo de sobra para voltar a falar disto. Além disso, é essa a razão de estares entre nós.”

E com aquilo, ela retirou-se e retomou o seu lugar em frente ao “ecrã-mesa”. As imagens mudavam rapidamente no painel. A esfera estava na sua trajectória ascendente e podíamos ver uma secção inteira do continente, no qual notei alguns locais de cor verde e castanha. A esfera retomou o seu lugar na nave e partimos.

Sobrevoamos o planeta a uma velocidade de estonteante e eu permiti-me ficar preso no campo de forças da minha cadeira.

No ecrã, estavam agora imagens das águas de um imenso oceano. Podíamos distinguir uma ilha, que “cresceu” rapidamente.

Parecia ser uma ilha pequena, apesar de, para mim, o problema de estimar dimensões ser muito real.

Todo o procedimento já anteriormente descrito se repetiu novamente. Paramos sobre a costa e, desta vez, quatro esferas saíram da nave e desceram em direcção à ilha. No painel, podia-se ver a praia que a câmara filmava.

Mesmo na margem da praia estava o que pareciam ser grossas placas, à volta das quais estavam homens nus - do mesmo tipo dos que tínhamos visto anteriormente. Não pareciam ter notado a esfera e assumi que desta vez estava a uma altitude muitíssimo superior, apesar das imagens cada vez mais próximas que estávamos a receber.

No painel podíamos ver homens carregando uma das placas até dentro das ondas. Aquilo flutuava, tal como se fosse feito de cortiça. Os homens ergueram-se para cima da placa, e pegarem em grandes remos que manejavam com destreza e o barco rumou para mar aberto. Quando estavam a uma boa distância da costa, atiraram redes de pesca e, para minha surpresa, quase imediatamente tiraram peixe que parecia ser de tamanho respeitável.

Era deveras fascinante ver como estes homens sobreviviam, e de sermos capazes de os ajudar, como se fossemos Deuses.

Eu tinha-me libertado do campo de forças, com a intenção de estudar outros ecrãs que estavam a receber imagens diferentes. Mesmo quando estava prestes a aventurar-me fora do meu assento, recebi uma ordem, *sem ouvir um som* “fica onde estás, Michel”. Fiquei atónito. Era como se a voz estivesse dentro da minha cabeça. Voltei a cabeça na direcção de Thao e ela estava a sorrir para mim. Decidi tentar algo, e pensei com todas as minhas forças, “A telepatia é óptima, não é Thao?”

“Claro”, replicou ela da mesma forma.

“É maravilhoso! Podes-me dizer qual é a temperatura lá em baixo neste momento?”

Ela verificou os dados na sua mesa. “Vinte e oito dos teus graus Celsius. Durante o dia, a temperatura média é de trinta e oito graus.”

Pensei para mim mesmo, que ainda que estivesse surdo e mudo, poderia comunicar com Thao tão facilmente como através de palavras faladas.

“Exactamente, meu caro.”

Olhei para Thao com surpresa. Eu estava a fazer uma reflexão pessoal e ainda assim ela interceptara os meus pensamentos. Fiquei um pouco incomodado com isto.

Ela devolveu-me um largo sorriso. “Não te preocupes, Michel. Eu estava apenas a brincar e peço-te que me desculpes.

“Normalmente, só leio os teus pensamentos quando me fazes uma pergunta. Eu apenas te queria demonstrar o que é possível neste domínio; mas não o voltarei a fazer.”

Devolvi o sorriso e direcionei a minha atenção para o painel. Ali podia ver a esfera na praia, muito próximo a um grupo de homens que pareciam ainda não ter notado a sua presença. Esta esfera estava a recolher amostras de areia de um local a cerca

de dez metros do grupo. Por telepatia, perguntei a Thao porque estas pessoas não podiam ver a máquina.

“É de noite,” respondeu ela.

“Noite? Mas como é que podemos ver as coisas tão claramente?”

“Câmeras especiais, Michel - algo semelhante aos vossos infra-vermelhos.”

Agora compreendia melhor porquê que as imagens recebidas eram menos luminescentes do que as das paragens anteriores. No entanto os grandes planos eram excelentes. Foi nessa altura que no painel apareceu o grande plano de um rosto do que parecia ser duma mulher. Era realmente horrível. A pobre criatura tinha um corte enorme e profundo no local onde o seu olho esquerdo deveria estar. A sua boca estava deslocada para a direita do seu rosto e aparecia como uma pequena abertura no meio do maxilar, à volta da qual estavam os lábios, que pareciam fundidos um no outro. No cimo da sua cabeça, um tufo único de cabelo, pendia deploravelmente.

Podia-mos agora ver os seus seios, e já deveriam ter sido até bem bonitos, não fosse um deles ter de lado uma ferida purulenta.

“Com seios assim, ela ainda deve ser jovem? Perguntei.

“O Computador estima a idade de 19 anos.

“Radiação?”

“Claro.

Outras pessoas apareceram, algumas das quais eram perfeitamente normais em aparência. De entre elas, haviam alguns homens, de porte atlético, que pareciam estar na ordem dos vinte anos.

“Qual é a idade do mais velho? És capaz de saber?”

“Presentemente, não temos registo de ninguém de idade superior a 38 anos, e um ano neste planeta são 295 dias de 27 horas. Agora, se olhares para o ecrã, podes ver um plano da zona genital daquele bonito e atlético jovem. Como irás notar, os seus órgãos genitais estão totalmente atrofiados. Já tínhamos notado, em expedições anteriores, que existiam muito poucos homens capazes de procriação - e no entanto, existe uma enorme quantidade de crianças. É o instinto de sobrevivência de todas as raças de se reproduzirem tão depressa quanto possível. Assim, a solução óbvia seria a dos machos capazes de reprodução servirem de procriadores. Este homem deve ser um deles, penso eu.”

De facto, a câmara mostrava um homem de, aproximadamente, 30 anos, possuindo certamente atributos físicos capazes de deixar descendência.

Também podíamos ver muitas crianças à volta de pequenas fogueiras, nas quais estava a ser feita a comida.

Os homens e mulheres sentados à volta das fogueiras tiravam pedaços de carne cozinhados e partilhavam-nos com as crianças. As fogueiras pareciam-se com fogueiras de madeira, mas não podia ter a certeza. Pareciam ser alimentadas por algo parecido em forma com pedras.

Atrás das fogueiras, plataformas semelhantes aos barcos que vimos antes, estavam empilhadas e juntas, como que a formarem abrigos que pareciam bastante confortáveis.

No campo de visão da câmara, não se podiam ver arvores - talvez existissem, porque tinha notado, áreas verdes quando antes sobrevoamos o continente.

Por detrás de duas cabanas, surgiram pequenos porcos pretos, perseguidos por três furiosos cães amarelos, desaparecendo de imediato por detrás de outra cabana. Fiquei aturdido e não pude deixar de pensar se estávamos mesmo a olhar para outro planeta. Estes humanos pareciam-se comigo - ou melhor, com os Polinésios - e aqui haviam cães e porcos. Era tudo cada vez mais surpreendente.

A esfera começou a regressar, como sem dúvida as outras o fizeram também, estando a ser seguidas por ecrãs que não podiam ser facilmente vistos da posição em que me encontrava. A operação de "regresso à nave" tinha-se iniciado, e todas as esferas foram "reabsorvidas" sem incidentes, tal como antes tinha sucedido.

Assumi que íamos partir novamente, e assim instalei-me confortavelmente no meu assento, permitindo que o campo de forças me restringisse.

Alguns momentos mais tarde, apareceram os dois sóis do planeta, então tudo rodou rapidamente, tal como tinha acontecido quando deixamos a Terra. Após um certo tempo, que me pareceu muito curto, o campo de forças foi neutralizado e percebi que já podia levantar-me do meu assento. Esta era uma sensação agradável. Reparei que Thao se dirigia na minha direcção, acompanhada de duas das "mais velhas", se assim podia dizer, das suas companheiras. Permaneci de pé ao lado do meu assento diante das três astronautas.

De forma a conseguir olhar para Thao, eu já era obrigado a olhar para cima, mas quando me apresentou, em Francês, à mais velha delas, ainda me senti mais pequeno. Esta última era à vontade uma cabeça mais alta do que Thao.

Fiquei completamente surpreso quando ela, Biastra, me falou correctamente, apesar de vagarosamente, em Francês. Colocou a sua mão direita sobre o meu ombro, dizendo,

"Estou encantada de te ter a bordo, Michel. Espero que tudo esteja bem contigo e que assim continue a ser. Gostaria de te apresentar Latoli, a segunda oficial da nossa nave, sendo eu a pessoa que vocês chamariam de "Comandante-Chefe" da *Alatora*.

Virando-se para Latoli, falou algumas palavras na sua linguagem e Latoli, colocou igualmente a sua mão sobre o meu ombro. Com um largo sorriso, repetiu o meu nome várias vezes devagar, tal como alguém que tivesse dificuldade em pronunciar uma nova linguagem.

A sua mão permaneceu sobre o meu ombro e uma sensação de bem-estar, definitivamente fluida, atravessou o meu corpo.

Eu fiquei tão obviamente surpreso com isto, que todas as três começaram a rir. Lendo os meus pensamentos, Thao tranquilizou-me.

"Michel, Latoli possui um dom especial, apesar de não ser raro entre a nossa gente. Aquilo que foste capaz de experimentar, é um fluido que é magnético e benéfico, o qual emanou dela."

"É maravilhoso! exclamei. "Por favor dá-lhe os meus parabéns". Então, dirigi-me às duas astronautas. "Obrigado pelas vossas boas vindas, mas tenho de confessar, que estou absolutamente impressionado com o que me está a acontecer. É verdadeiramente a mais incrível aventura para um Terrestre como eu. Apesar de sempre ter acreditado na possibilidade de existirem outras planetas habitados por seres parecidos com os humanos, ainda estou a ter alguma dificuldade em me convencer de que isto não é um sonho fantástico.

"Discutia com frequência fenómenos tais como telepatia, seres extra-terrestres e o que chamamos "discos voadores" com amigos na terra, mas aquilo eram apenas palavras, grandes frases proferidas em ignorância. Agora tenho a prova daquilo que

suspeitava há tanto tempo relativamente à existência de universos paralelos, a dualidade dos nossos seres, e outras ocorrências inexplicáveis. Viver tudo aquilo que me aconteceu nas últimas horas, é de tal forma excitante que quase me tira o fôlego.

Latoli, admirando o meu monólogo, proferiu uma exclamação, em palavras que não compreendi, mas que Thao imediatamente me traduziu.

“Latoli compreende perfeitamente o teu estado de espírito, Michel”. “Assim como Eu”, acrescentou Biastra.

“Como pôde ela compreender aquilo que eu disse?”

“Ela “mergulhou” telepaticamente na tua mente enquanto falavas. Como deves compreender, a telepatia não é obstruída por barreiras de linguagem.

O meu espanto divertiu-as e sorrisos perpétuos apareceram nos seus lábios. Biastra dirigiu-se-me.

“Michel, vou-te apresentar ao resto da tripulação, acompanha-me, p.f.”. Ela guiou-me pelo ombro, até à mesa mais afastada, onde três astronautas monitorizavam instrumentos. Ainda não me tinha aproximado destas mesas e, mesmo em corpo astral, não tinha tomado atenção à leitura destes computadores. A olhada que agora lhes dei imobilizou-me completamente. Os algarismos diante dos meus olhos estavam em *Arábico*! Eu sei que o leitor ficará tão surpreendido como eu, mas isto era um facto. Os 1s, 2s, 3s, 4s etc. que apareciam nos monitores, eram os mesmos algarismos usados na Terra.



Figura 3 - Dígitos de Thiaoouba.

O número de ângulos de um dígito corresponde ao seu valor numérico.
Por exemplo: o 1 tem um ângulo e o 9 tem nove ângulos

Biastra notou o meu espanto. “É verdade, não é, Michel, que para ti as surpresas acontecem umas atrás das outras. Não penses que nos estamos a divertir à tua custa, pois compreendemos perfeitamente o teu espanto. Tudo será explicado a seu tempo. De momento, deixa-me apresentar-te Naola.”

A primeira das astronautas levantou-se e virou-se para mim. Colocou a sua mão no meu ombro, tal como Biastra e Latoli tinham feito. Lembrei-me que este deveria ser o gesto correspondente ao nosso aperto de mão. Naola dirigiu-se-me em primeiro lugar, na sua própria linguagem e depois, também ela, repetiu o meu nome três vezes, como se o quisesse memorizar permanentemente. Ela era da mesma estatura de Thao.

A mesma cerimónia repetiu-se de cada vez que eu era apresentado, e assim fui oficialmente apresentado a todos os membros da tripulação. Havia uma impressionante semelhança entre todas elas. Os seus cabelos, por exemplo, variavam apenas em tamanho e tom, que iam entre o castanho acobreado até ao louro-dourado. Algumas, tinham o nariz maior e mais largo do que outras, mas todas tinham os olhos duma cor que tendia mais para o claro do que para o escuro, e todas tinham as orelhas muito bem feitas.

Latoli, Biastra e Thao, convidaram-me a sentar num dos seus confortáveis assentos.

Quando estávamos todos confortavelmente instalados, Biastra moveu a sua mão duma maneira especial, junto do apoio do braço da sua cadeira e eu vi, vindo na nossa direcção e flutuando no ar, quatro tabuleiros redondos. Cada um deles continha um recipiente com um líquido amarelado e uma tigela com algo esbranquiçado e com uma consistência semelhante a algodão-doce mas na forma granulada. “Pinças” achatadas serviam de garfos. Os tabuleiros vieram pousar nos apoios de braços das nossas cadeiras.

Eu estava deveras intrigado. Thao sugeriu que, se quisesse participar nesta ligeira refeição, fizesse como ela. Ela bebeu um gole do seu “copo” e eu fiz o mesmo, achando a bebida muito agradável ao paladar, semelhante a uma mistura de água e mel. As minhas companheiras usaram as “pinças” para comer a mistura que estava nas tigelas. Seguindo o seu exemplo, provei pela primeira vez aquilo que na terra, se chama de “maná”. É semelhante ao pão e, no entanto, extremamente leve e sem qualquer sabor particular. Tinha comido apenas metade da tigela e estava já satisfeito, o que me surpreendeu, tomando em consideração a consistência desta comida. Bebi o resto da minha bebida e, apesar de não poder dizer que tinha comido em grande estilo, experimentei uma sensação de bem-estar, não estando nem com fome, nem com sede.

“Talvez tivesses preferido um prato Francês, Michel?” perguntou Thao, com um sorriso nos lábios.

Eu apenas sorri, mas Biastra deu uma sonora gargalhada.

Foi precisamente nesse momento, que um sinal desviou a nossa atenção para o painel. No centro, e em grande plano, estava o rosto de uma mulher, parecida com as minhas anfitriãs. Ela falou rapidamente. As minhas companheiras viraram-se ligeiramente nos seus assentos para melhor ouvirem o que estava a ser dito. Naola, na sua mesa, entrou em diálogo com a figura no ecrã, tal como os nossos entrevistadores de televisão fazem na Terra. Imperceptivelmente, a imagem mudou de um grande plano para um ângulo mais amplo, revelando cerca de uma dúzia de mulheres frente a uma secretária.

Thao tomou-me pelo ombro e guiou-me até onde estava Naola, instalando-me num assento em frente a um dos ecrãs. Ela tomou outro assento perto do meu e falou com as pessoas no monitor. Falou durante algum tempo, rapidamente, no seu melodioso tom de voz, voltando-se frequentemente para mim. Era evidente que eu era o tópico principal da conversa.

Quando ela acabou, a mulher reapareceu em grande plano, respondendo em algumas breves frases. Para minha grande surpresa, os seus olhos fixaram-se em mim e sorriu. “Olá Michel, desejamos-lhe uma chegada segura a Thiaoouba.”

Ela esperou pela minha resposta. Quando me tinha recomposto da surpresa, exprimi um caloroso obrigado. Isto, na volta, provocou exclamações e numerosos comentários das suas companheiras, que apareceram novamente no ecrã, numa imagem mais ampla.

“Elas perceberam?” Perguntei a Thao.

“Telepaticamente sim, mas estão encantadas ao ouvir alguém de outro planeta falar na sua própria linguagem. Para a maioria delas, esta é uma experiência muito rara.”

Pedindo-me desculpa, Thao dirigiu-se novamente ao ecrã, para o que assumi ser uma conversa de teor técnico, incluindo Biastra. Eventualmente, a seguir a um sorriso na minha direcção e um “até breve”, a imagem foi cortada.

Eu disse cortada porque o ecrã não ficou simplesmente em branco; em vez disso, a imagem foi substituída por uma linda cor suave - uma mistura de verde e um azul

violeta - que produziram uma sensação de satisfação. E após um minuto, desvaneceu-se gradualmente.

Voltando-me para Thao, perguntei-lhe qual o significado de tudo aquilo - tínhamos juntado a outra nave e o que era aquilo de Thiaba ou Thiaoula..?

“Thiaoouba, Michel, é o nome que demos ao nosso planeta, tal como vocês chamam Terra ao vosso. A nossa base inter-galáctica esteve em contacto connosco, dado que vamos chegar a Thiaoouba dentro de 16 das vossas horas terrestres e 35 minutos.” Isto verificou ela de relance no computador mais próximo.

“Estas pessoas são, então, técnicos no vosso planeta?”

“Sim, tal como disse, na nossa base inter-galáctica.”

“Esta base monitoriza continuamente as nossas naves e se estivéssemos com problemas devido a factores técnicos ou humanos, em oitenta e um por cento dos casos, eles poderiam controlar a nossa chegada em segurança ao porto.”

Isto não me surpreendeu particularmente, pois compreendi que estava a lidar com uma raça superior, cujas capacidades tecnológicas estavam para além da minha compreensão. O que me ocorreu, foi que não apenas esta nave, mas também a base inter-galáctica, pareciam habitadas apenas por mulheres. Uma equipa, como esta, totalmente feminina seria bastante excepcional na Terra.

Intrigava-me se Thiaoouba era povoado apenas por mulheres... tal como amazonas espaciais. Sorri perante esta imagem. Sempre tinha preferido a companhia de mulheres à dos homens: era um pensamento deveras agradável..!

A minha questão a Thao foi directa. “São vocês de um planeta apenas povoado por mulheres?”

Ela olhou-me com aparente surpresa, e então o seu rosto iluminou-se divertidamente. Eu estava um pouco preocupado. Teria dito algo de estúpido? Ela tomou-me pelo ombro e pediu-me que a seguisse.

Deixamos a sala de controlo e entramos imediatamente num quarto mais pequeno (chamado de *Haalis*) que tinha um ambiente bastante relaxante. Thao explicou-me que naquele quarto não seríamos interrompidos, uma vez que os seus ocupantes tinham adquirido, pela sua presença, o direito à absoluta privacidade. Ela convidou-me a escolher um dos assentos que mobilavam o quarto.

Alguns eram como camas, outros como cadeiras de braços, outros pareciam redes de dormir, enquanto outros ainda, se pareciam com bancos de encostos reclináveis. Teria sido difícil encontrar um deles que não se ajustasse às minhas necessidades.

Uma vez confortavelmente instalado numa espécie de cadeira de braços, com Thao à minha frente, vi o seu rosto ficar novamente mais sério. Ela começou a falar.

“Michel, não há mulheres a bordo desta nave...”

Se ela me tivesse dito que eu não estava numa nave espacial, mas sim no deserto Australiano, eu teria acreditado nela mais prontamente. Vendo a expressão de descrença na minha cara, ela disse mais, “nem tão pouco há homens.” Com isto, a minha confusão foi total.

“Mas,” balbuciei, “vocês são - o quê? Robôs apenas?”

“Não, penso que não compreendeste. Numa palavra, Michel, somos hermafroditas. Tu, claro que sabes o que é um hermafrodita?”

Acenei afirmativamente, deveras confundido, e então perguntei, “O teu planeta é todo habitado por hermafroditas?”

“Sim.”

“E no entanto os vossos rostos e maneirismos, são mais femininos do que masculinos.”

“De facto, assim pode parecer, mas acredita-me quando te digo que não somos mulheres, mas sim hermafroditas. A nossa raça sempre foi assim.”

“Tenho de confessar que tudo isto é muito confuso. Irei ter muita dificuldade em pensar em ti como um “ele”, em vez duma “ela”, que é o que sempre fiz desde que estou contigo.”

“Não tens nada que imaginar, meu caro. Nós somos simplesmente o que somos: seres humanos de outro planeta vivendo num mundo diferente do teu. Eu consigo compreender que gostarias de nos definir como tendo um sexo ou outro, porque pensas como um Terrestre e um Francês. Talvez, por uma vez, possas fazer uso do género neutro e penses em nós como “aquilo”.

Eu sorri perante a sugestão, mas continuei a sentir-me desorientado. Apenas alguns momentos antes, julgava-me entre amazonas.

“Mas como pode ocorrer a reprodução na vossa raça?” Perguntei. “Um hermafrodita pode-se reproduzir?”

“Claro que podemos, exactamente da mesma forma que vocês o fazem na Terra, a única diferença é que nós genuinamente controlamos os nascimentos - mas isso é outra história. A bom tempo virás a compreender, mas agora, devemos-nos juntar aos outros.”

Regressamos ao posto de controlo e, dei por mim, a olhar estas astronautas com novos olhos. Olhando o queixo duma, pareceu-me que era mais masculino do que me tinha parecido anteriormente. O nariz de outra era decididamente masculino, e os estilos de cabelo de algumas eram agora mais varonis. Ocorreu-me que nós realmente vemos as pessoas como *pensamos* que são e não como elas *são*.

De forma a me sentir menos embaraçado entre elas, criei uma regra para mim: Tinha-os tomado por serem mulheres, uma vez que para mim eram mais femininas do que masculinos, assim, iria continuar a pensar nelas como mulheres e iria ver como isto funcionava.

De onde eu estava, podia seguir o movimento das estrelas, no painel central, à medida que prosseguíamos no nosso percurso. Por vezes apareciam enormes e tão brilhantes pois passávamos muito próximos – a meros milhões de quilómetros delas.

Por vezes, também víamos planetas de cores estranhas. Lembro-me de um que era de uma cor verde-esmeralda tão pura que me impressionou. Parecia uma enorme jóia.

Thao aproximou-se e aproveitei a oportunidade para lhe perguntar sobre a faixa de luz que tinha aparecido na base do ecrã. Esta luz era composta por aquilo que pareciam ser milhões de pequenas explosões.

“Isto é causado pelos nossos canhões de anti-matéria, como chamariam na Terra, e são de facto explosões. À velocidade que viajamos, o mais pequeno meteorito destruiria completamente esta nave, no caso de chocarmos com ele.

Assim, fazemos uso de compartimentos específicos para guardar tipos específicos de poeiras, sobre enorme pressão, e isto é fornecido aos nossos canhões de antimatéria.

A nossa nave poderia ser considerada como um “cosmotron⁶” disparando fluxos de partículas aceleradas que desintegram a maior parte dos corpos espaciais errantes, a distâncias suficientemente afastadas para a frente e lados da nossa nave. É isto que nos permite obter as velocidades que conseguimos alcançar. À volta da nossa nave, criamos o nosso próprio campo magnético...”

“Oh, por favor, não tão depressa. Como sabes, Thao, eu não tenho educação científica e se me falas em “cosmotrons” e partículas aceleradas, não te conseguirei acompanhar. Eu compreendo o princípio, que é certamente muito interessante, mas não sou muito bom em termos técnicos. Em vez disso, podes-me dizer porquê que os planetas no ecrã aparecem com aquelas cores?”

“Por vezes devido às suas atmosferas, e outras vezes por causa dos gases à sua volta. Consegues ver um ponto multicolorido com uma cauda, na parte direita do ecrã?” Esta “coisa” aproximava-se a grande velocidade. A cada segundo que passava, podíamos admirá-la melhor.

Parecia explodir constantemente e mudar de forma, as suas cores eram indescritivelmente ricas. Olhei para Thao.

“É um cometa,” disse ela, “completa uma revolução à volta do seu sol em aproximadamente 55 dos vossos anos Terrestres.”

“Qual a distância a que estamos dele?”

Ela olhou de relance para o computador: a 4 150 000 quilómetros.

“Thao”, disse eu, “como é que vocês usam os numerais Arábicos? Quando falas em quilómetros, estás a fazer alguma conversão para mim, ou vocês usam realmente esta medida?”

“Não. Nós contamos em Kato e Taki. Usamos os numerais que reconheces como Arábicos, pela simples razão de que é o nosso próprio sistema – um dos que levamos para a Terra.”

“O quê? Por favor explica-me mais.”

“Michel, estamos a apenas algumas horas antes da chegada a Thiaoouba. Esta é provavelmente a melhor altura de te “instruir” seriamente em certos assuntos. Se não te importares, iremos regressar à Haalis, onde antes estivemos.”

Eu segui Thao, com uma curiosidade maior do que nunca.

⁶ cosmotron - acelerador de partículas e de moléculas (synchrotron), concebido para acelerar prótons a energias comparáveis à dos raios cósmicos que atingem a camada exterior da atmosfera terrestre. O Cosmotron construído no Brookhaven National Laboratory, fundado em 1947, foi o primeiro acelerador de partículas a fornecer prótons com energias acima dos mil milhões de electron volts. (N.T.)

3

O Primeiro homem na Terra

Uma vez confortavelmente reinstalados no Haalis, o quarto de relaxamento previamente descrito, Thao iniciou o seu estranho recital.

“Michel, precisamente há 1 350 000 anos atrás, no planeta Bakaratini da constelação de Centauro, foi tomada uma decisão pelos líderes do planeta, na sequência de numerosas conferências e expedições de reconhecimento, de enviar naves tripuladas para os planetas Marte e Terra.

“Havia uma razão muito simples para isto o seu planeta estava a arrefecer internamente e iria tornar-se inabitável dentro de 500 anos. Eles pensaram, e com razão, que era preferível evacuar a sua população para um planeta mais novo da mesma categoria...

“Que queres tu dizer por “mesma categoria”?

“Ir-te-ei explicar mais tarde, faze-lo agora seria algo prematuro. Voltando a estas pessoas, tenho de te dizer que estes seres eram humanos – muito inteligentes e altamente evoluídos. Uma raça preta, tinham lábios grossos, narizes achatados e cabelo de carapinha – parecendo-se de certa forma, com os pretos que agora vivem na Terra.

“Estas pessoas viviam no planeta Bakaratini há 8 000 000 de anos, coabitando com uma raça de cor amarela.

“Para ser precisa, esta seria a raça a que na Terra vocês chamam de raça Chinesa e que viviam em Bakaratini 400 anos antes dos Pretos. As duas raças testemunharam numerosas revoluções durante a sua estada no planeta. Nós procuramos prestar auxílio, assistência e orientação mas, apesar da nossa intervenção, periodicamente rebentavam guerras. Estas e também os desastres naturais que ocorreram no planeta serviram para diminuir o número de pessoas em ambas as raças.

“Finalmente, rompeu uma guerra nuclear numa escala tal que mergulhou todo o planeta em escuridão e as temperaturas desceram para -40 dos vossos graus Celsius. Não apenas a radiação atômica destruiu a população, mas o frio e falta de alimento consumaram o resto.

“É um facto registado, que apenas 150 pretos e 85 amarelos sobreviveram à catástrofe, duma população humana de sete mil milhões de pretos e quatro mil milhões de humanos. O registo dos sobreviventes foi feito precisamente antes de se começarem a reproduzir e quando pararam de ser matar uns aos outros.”

“O que queres dizer com “matar uns aos outros”?”

“Deixa-me explicar-te a situação toda e serás capaz de compreender melhor.

“Primeiro do que tudo é importante explicar que aqueles que sobreviveram não eram, como podes imaginar, os líderes, bem protegidos em abrigos especialmente equipados.

“Os sobreviventes, compreendendo três grupos de pretos e cinco grupos de amarelos, alguns provinham de abrigos privados e outros de grandes abrigos públicos. Claro que na altura da guerra, haviam muito mais de 235 pessoas nos abrigos, de facto crê-mos que existiam para cima de 800 000 no total. Seguindo-se meses de confinamento, escuridão e frio intenso, eles iriam eventualmente ser capazes de se arriscar a sair para fora.

“Os pretos foram os primeiros a aventurar-se a sair, quase não encontrando árvores, plantas ou animais no seu continente. Foi um grupo, isolado no seu abrigo nas montanhas, que primeiro conheceu o canibalismo. Por causa da falta de alimento, quando o mais fraco morria, era comido; então, de forma a poder comer, tinham de se matar uns aos outros – e essa foi a pior catástrofe no seu planeta.

“Outro grupo, perto do oceano, conseguiu sobreviver comendo apenas as coisas vivas que restavam no planeta que não estavam muito contaminadas, isto é, os moluscos, alguns peixes e crustáceos. Tinham ainda água potável limpa, graças a instalações muito engenhosas, que lhes permitia obter água de incríveis profundidades.

Claro que muitas destas pessoas ainda morreram, resultado da radiação letal que existia no planeta e por comerem peixe que estava cheio de radioactividade.

“Muitos dos mesmos acontecimentos ocorreram também em território dos amarelos; de tal forma, como disse, que ficaram 150 pretos e 85 amarelos, e então finalmente cessaram as mortes provocadas pela guerra e reiniciou-se a reprodução.

“Tudo isto ocorreu apesar de todos os avisos que receberam. Deve ser dito que antes desta quase total dizimação, ambas as raças preta e amarela tinham atingido um elevadíssimo grau de desenvolvimento tecnológico. As pessoas viviam num grande conforto. Trabalhavam em fábricas, empresas privadas e governamentais e escritórios – tal como agora acontece no teu planeta.

Tinham uma forte devoção ao dinheiro, o qual para alguns significava poder, e para outros, mais sábios, significava bem-estar. Trabalhavam em média 12 horas por semana.

“Em Bakaratini, uma semana era constituída por seis dias de 21 horas cada. Eles tendiam para o lado material da sua existência em vez do espiritual. Ao mesmo tempo, eles permitiam-se serem ludibriados e conduzidos por uma estrutura de políticos e burocratas, exactamente como agora está a acontecer na Terra. Os líderes enganavam as massas com palavras vazias e, motivados pela ganância e orgulho, “conduziam” nações inteiras na direcção da sua queda.

Gradualmente, estas duas raças começaram a invejar-se mutuamente, e como existe apenas um curto passo entre a inveja e o ódio, eles odiaram-se de tal forma e tão completamente que a catástrofe ocorreu. Ambos, em posse de armas muito sofisticadas, alcançaram a sua mútua destruição.

“Os nossos registos históricos mostram, que houveram então apenas 235 sobreviventes ao desastre e que destes cinco eram crianças. Estas estatísticas foram registadas cinco anos mais tarde, e a sua sobrevivência é atribuída ao canibalismo e certas formas de vida marinha.

“Eles reproduziram-se – nem sempre “com sucesso”, pois não era fora do comum os bebés nascerem com cabeças horrivelmente desfiguradas ou impressionantes feridas.

Eles tiveram de sobreviver a todos os efeitos da radiação atómica em seres humanos.

“Cento e cinquenta anos mais tarde, haviam 190 000 pretos – homens, mulheres e crianças, e 85 000 amarelos. Menciono-te este período de 150 anos porque isto foi quando ambas as raças se voltaram a restabelecer e quando os conseguimos ajudar materialmente.

“Que queres dizer?”

“Apenas algumas horas atrás, tu viste a nossa nave espacial parar sobre o planeta Aremo X3 e retirar amostras de solo, água e ar, não foi?” Acenei afirmativamente. “Então”, resumiu Thao, “observaste a facilidade com que aniquilamos a grande quantidade de formigas gigantes ao atacarem os habitantes duma aldeia.

“É verdade.”

“Nesse caso particular, nós ajudamos essas pessoas intervindo directamente. Tu viste que eles viviam num estado semi-selvagem?”

“Sim, mas o que aconteceu naquele planeta?”

“Guerra atômica, meu amigo. Sempre e eternamente a mesma história.

“Michel, não esqueças que o Universo é um átomo gigante e tudo é afectado por isso. O teu corpo é composto por átomos.

O que eu quero dizer é, em todas as galáxias, cada vez que um planeta é habitado, a certa altura da sua evolução, o átomo é descoberto ou redescoberto.

“Claro que os cientistas que o descobrem depressa chegam à conclusão de que a desintegração do átomo pode ser uma arma formidável e, a dado momento, os líderes querem usá-lo; tal como uma criança com uma caixa de fósforos é levada a pegar fogo a um fardo de palha para ver o que acontece.

“Mas, voltando ao planeta Bakaradini, 150 anos após o holocausto nuclear, nós quisemos ajudar essas pessoas.

“A sua necessidade imediata era comida. Mesmo assim eles subsistiam essencialmente de produtos do mar, recorrendo ocasionalmente ao canibalismo para satisfazer a sua nostalgia omnívora. Eles precisavam de vegetais e de uma fonte de carne. Vegetais, árvores de fruto, sementes, animais – tudo aquilo que era comestível tinha desaparecido do planeta.

“Tinham permanecido apenas suficientes plantas não comestíveis e arbustos para reabastecer a atmosfera de oxigénio.

“Ao mesmo tempo, um insecto, semelhante ao vosso louva-a-deus, tinha sobrevivido e, como resultado duma mutação espontânea causada pela radiação atômica, tinha-se desenvolvido até proporções gigantescas. Cresceu para cerca de oito metros de altura e tinha-se tornado extremamente perigoso para as pessoas. Além disso, este insecto, não tendo predador natural, reproduziu-se rapidamente.

“Nós sobrevoamos o planeta à procura do local onde se encontravam estes insectos. Esta foi uma tarefa relativamente simples, graças à tecnologia que temos ao dispor desde tempos imemoriais. Quando detectamos os insectos, destruímo-los de forma a que em pouco tempo os tínhamos exterminado.

“A seguir, tivemos de reintroduzir gado, plantas e árvores no planeta, de acordo com as espécies conhecidas de se terem adaptado climatericamente em regiões específicas, antes da catástrofe. Isto foi igualmente relativamente fácil...”

“Devem ter levado anos a concretizar semelhante tarefa!”

Um enorme sorriso iluminou o rosto de Thao. “Demorou apenas dois dias – dois dias de 21 horas.

Perante a minha incredulidade, Thao desatou à gargalhada. Ele, ou ela, riu com tanta vontade que eu desatei a rir também, ainda que duvidando se a verdade não estaria a ser um pouco esticada.

Como podia eu saber? O que eu estava a ouvir era de tal forma fantástico! Talvez eu estivesse com alucinações; talvez eu tivesse sido drogado, talvez fosse “acordar” em breve na minha própria cama? “Não Michel,” interrompeu Thao, lendo-me o pensamento. “Gostava que parasses de duvidar desta forma. A telepatia em si deveria ser suficiente para te convencer.”

Assim que proferiu esta frase, veio-me à mente que, mesmo na farsa mais elaborada, seria difícil conjugar tantos elementos *sobrenaturais*. Thao era capaz de ler a minha mente como um livro aberto, e provava-o uma e outra vez .

Latoli, apenas pondo a sua mão sobre mim, tinha-me provocado uma extraordinária sensação de bem-estar, tenho de reconhecer a evidência. Eu estava verdadeiramente a viver uma extraordinária aventura.

“Perfeito,” concordou Thao em voz alta. “Posso continuar?”

“Sim, por favor,” encorajei-a eu.

“Desta forma, nós ajudamos essas pessoas materialmente, mas, tal como acontece frequentemente quando intervimos, nós não damos a nossa presença a conhecer e há várias razões para isso.

“A primeira é por segurança. A segunda razão é de natureza psicológica, se tivéssemos feito com que essas pessoas notassem a nossa existência e se elas compreendessem que estávamos ali para as ajudar, então ter-se-iam passivamente deixado ser ajudadas e teriam sentido pena de si mesmas. Isto iria afectar adversamente a sua vontade de sobreviver. Tal como vocês dizem na Terra: “Deus ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos.”

“A terceira e última razão é a principal. A Lei Universal está bem estabelecida e é tão rigorosamente executada quanto aquela que controla a revolução dos planetas à volta dos seus sóis. Se cometeres um erro, pagarás a penalidade – imediatamente, dentro de dez anos, ou dentro de dez séculos, mas os erros têm de ser pagos. Assim, de tempos a tempos é-nos permitido, ou mesmo aconselhado, a oferecer uma mão de ajuda, mas estamos formalmente proibidos de ‘servir a refeição num prato’.

“Desta forma, em dois dias, repovoamos o seu planeta com várias espécies animais e reintroduzimos numerosas plantas, para que as pessoas pudessem eventualmente criar os animais e cultivar as plantas e árvores.

Eles tiveram de começar do princípio e nós guiamo-los no seu progresso, fosse por sonho ou por telepatia.

Por vezes faziamo-lo como uma voz vinda dos céus”, ou seja, uma voz vinda da nave espacial, mas, para eles, vinha dos “céus”.

“Eles devem-vos ter tomado por Deuses!”

“Exactamente, e é desta maneira que as lendas e religiões são estabelecidas, mas, em casos urgentes, tal como aquele, os fins justificam os meios.

“Finalmente, ao fim de alguns séculos, o planeta era quase como tinha sido antes do holocausto nuclear. Da mesma forma, nalguns lugares, desertos tinham-se esta-

belecido definitivamente. Noutros locais menos afectados, a fauna e a flora desenvolveram-se facilmente.

“Cento e cinquenta anos mais tarde, a civilização era extremamente bem sucedida mas, desta vez, não apenas tecnologicamente: as pessoas tinham alegremente aprendido a sua lição e tinham também evoluído para um elevado nível psíquico e espiritual. Isto ocorreu em ambas as raças e os pretos e os amarelos tinham desenvolvido fortes laços de amizade.

Assim, reinou a paz no planeta, pois as lendas permaneceram muito claras, muitas delas registadas por escrito, para que futuras gerações pudessem saber exactamente o que tinha provocado e catástrofe nuclear e quais tinham sido as suas consequências.

Como disse antes, as pessoas sabiam que aquele planeta iria ficar inabitável dentro de 500 anos. Sabendo que na galáxia existiam outros planetas habitados e desabitados, eles empreenderam uma das mais sérias expedições exploratórias.

“Eventualmente, eles penetraram no sistema solar, visitando primeiro Marte que era conhecido por ser habitável e o qual, na altura, era de facto habitado.

“Os seres humanos em Marte não tinham tecnologia mas, por contraste, eram espiritualmente altamente evoluídos. Eles eram seres muito pequenos, medindo entre 120 a 150 centímetros, e do tipo mongolóide. Viviam em tribos, em cabanas de pedra.

“A fauna em Marte era escassa. Havia uma espécie de cabra anã, algumas criaturas parecidas com coelhos de grandes dimensões, algumas espécies de ratos e o animal maior parecia um búfalo mas com a cabeça semelhante a um tapir. Também haviam alguns pássaros e 3 espécies de cobras, uma das quais era bastante venenosa. A flora também era pobre, as árvores não tinham mais de quatro metros altura. Tinham também um tipo de erva comestível, que poderás comparar com trigo mourisco.

“Os Bakaratinianos conduziram a sua pesquisa, cedo percebendo que Marte também se encontrava a arrefecer a um ritmo que indicava que não seria habitável dentro de quatro a cinco mil anos. Em termos da sua fauna e flora, eram dificilmente ricas o suficiente para sustentar os seres que já lá habitavam, quanto mais aguentar a massa emigrante vinda de Bakaratini. Além disso, o planeta não lhes agradava.

“Assim, as duas naves espaciais dirigiram-se para a Terra. A primeira aterragem ocorreu onde hoje se encontra a Austrália. Deve ser explicado que, naquele tempo, a Austrália, Nova Guiné, Indonésia e Malásia faziam todos parte do mesmo continente. Havia um estreito, com cerca de 300 quilómetros de comprimento, exactamente onde hoje se situa a Tailândia.

“Nesses tempos, a Austrália tinha um grande mar interior, servido por vários grandes rios, de forma a que existia ali uma grande diversidade de fauna e flora.

Tudo tomado em consideração, os astronautas escolheram este país como a sua primeira base de imigração.

“Para ser mais preciso, tenho que dizer que os de raça preta, escolheram a Austrália e os de raça amarela estabeleceram-se onde agora é a Birmânia – aqui também, a terra era rica em vida selvagem. As bases foram rapidamente construídas na costa, na Baía de Bengala, enquanto que o povo preto construiu a sua primeira base nas margens do mar interior na Austrália. Mais tarde, mais bases foram edificadas no local onde a Nova Guiné está presentemente localizada.

“As suas naves espaciais eram capazes de velocidades superluminais⁷ e demoravam aproximadamente 50 dos vossos anos terrestres a trazer para a Terra 3 600 000 pessoas de raça preta e o mesmo número de raça amarela. Isto é testemunho do perfeito entendimento e da excelente associação entre as duas raças, determinadas a sobreviver num novo planeta e a co-existir em paz. Por mútuo acordo, os idosos e enfermos permaneceram em Bakaratiní.

“Os Bakaratinianos tinham explorado *todo* o planeta Terra antes de estabelecerem as suas bases e estavam absolutamente persuadidos de que não tinha existido qualquer vida humana antes da sua chegada. Frequentemente pensavam ter localizado uma forma de vida humanóide, mas, com uma inspecção mais pormenorizada, percebiam que tinham feito contacto com espécies de grandes macacos.

“A gravidade na Terra era mais forte do que no seu planeta e isto inicialmente era bastante desconfortável para ambas as raças, mas eventualmente acabaram por se adaptar muito bem.

“Ao construir as suas cidades e fábricas, eles foram felizes em importar de Bakaratiní certos materiais que eram muito leves e ao mesmo tempo muito resistentes.

“Ainda não te tinha explicado até agora que, naquela altura, a Austrália estava no equador. A Terra rodava num eixo diferente – levando cerca de 30 horas e 12 minutos a completar uma rotação, e fazia uma revolução à volta do sol em 280 desses dias. O clima equatorial não era como hoje o vais encontrar. Era muito mais húmido do que agora, pois a atmosfera terrestre mudou.

“Manadas de enormes zebras vagueavam pelo país, na companhia de enormes pássaros comestíveis, conhecidos como “dodos⁸”, jaguares muito grandes e outro pássaro medindo quase quatro metros de altura, que vocês chamariam de Dinornis. Em certos rios haviam crocodilos com comprimentos até 15 metros e cobras de 25 a 30 metros que, por vezes, se alimentavam de recém chegados.

“A maior parte de flora e fauna da Terra eram completamente diferentes daquela que existia em Bakaratiní – ambos do ponto de vista nutritivo e ecológico.

Foram construídas numerosas quintas experimentais, num esforço para aclimatizar plantas tais como o girassol, o milho, o trigo, o sorgo⁹, a tapioca e outras.

“Estas plantas ou não existiam na Terra ou existiam num estado de tal forma primitivo que não podiam ser consumidas. A cabra e o canguru foram ambos importados, pois para os imigrantes gostavam bastante deles, consumindo-os em grandes quantidades no seu planeta. Eles foram particularmente entusiastas em criar cangurus na Terra, tendo, no entanto, experimentando grandes dificuldades em os aclimatizar.

Um dos maiores problemas era a comida. Em Bakaratiní, os cangurus alimentavam-se de uma erva forte e boa chamada *arilu*, a qual era totalmente desconhecida na Terra. Cada vez que os Bakaratinianos tentaram que ela crescesse, ela morria, atacada por milhões de fungos microscópicos. Portanto, aconteceu que os cangurus

⁷ velocidades superluminais – são velocidades que excedem a velocidade da luz (Comentário do Editor Inglês)

⁸ dodo - grande ave, ora extinta, da ilha Maurícia, também conhecida pelo nome de “Cisne de Capelo” (Didus Ineptus) - (N.T.)

⁹ Sorgo - planta semelhante ao milho, usada para preparar melado ou forragem - N.T.

foram alimentados à mão, por assim dizer, durante várias décadas, à medida que se adaptavam gradualmente às ervas da Terra.

“A raça preta preservou na sua investigação e finalmente conseguiu que a planta crescesse, mas tinham demorado tanto tempo que os cangurus já não precisavam de mais do que as suas novas pastagens. Muito mais tarde, algumas plantas *arilu* conseguiram criar raízes e, como não haviam animais que as comessem, elas espalharam-se por toda a Austrália. Ainda hoje existem sob o nome botânico de *Xanthorrhoea* e o nome popular de “erva árvore¹⁰”. (ver Figura 4)

“Na Terra, esta erva cresce bastante mais alta e grossa do que em Bakaratiní, mas isso acontece frequentemente quando são introduzidas espécies vindas de outros planetas. Esta planta é um dos raros vestígios desses tempos distantes.

“Isto indica, por se encontrar apenas na Austrália, bem como os cangurus, que os Bakaratinianos permaneceram naquela zona do planeta em particular, por um período muito longo de tempo, antes de procurarem colonizar outras partes. Estou prestes a explicar isto, mas antes queria citar os exemplos do canguru e da *Xanthorrhoea*, para que tu pudesses compreender melhor os problemas que as pessoas tiveram de ultrapassar, claro que este é apenas um pequeno exemplo entre muitos outros.



Figura 4 - Xanthorrhoea - Um dos maiores mistérios botânicos, encontrando-se apenas na Austrália, esta “erva-árvore” não é apenas peculiar pela sua forma: a sua casca parece cortiça e a sua estrutura assemelha-se a favos de mel.

“A raça amarela tinha-se instalado, como já referi, nas terras do interior da Baía de Bengala. A maior parte estava na Birmânia, onde também tinham edificado cidades

¹⁰ erva árvore - do inglês “grass tree” (N.T.) que no texto original era referido como “rapazes pretos” (“black boys”) mas cujo termo é correntemente evitado na Austrália, devido a uma possível conotação racista (Nota do Editor Inglês)

e quintas experimentais. Estavam principalmente interessados em vegetais, tinham importado de Bakaradini couves, alface, salsa, coentros e alguns outros.

Para fruta, trouxeram a cerejeira, a bananeira e a laranjeira. Estas duas últimas foram difíceis de se estabelecer, pois o clima naquele tempo era de forma geral mais frio do que agora. Assim, deram algumas das árvores aos pretos que, por contraste, tiveram um enorme sucesso com elas.

“Da mesma forma, o povo amarelo teve muito mais sucesso no crescimento de trigo. De facto, o trigo de Bakaradini produzia grãos enormes, aproximadamente do tamanho de grãos de café, com espigas medindo até 40 centímetros de comprimento. Cresceram quatro variedades de trigo e a raça amarela não perdeu tempo em estabelecer um elevadíssimo nível de produção.”

“Eles também trouxeram arroz para o planeta?”

“Não, de maneira nenhuma. O arroz é uma planta absolutamente nativa da Terra, no entanto foi grandemente melhorada pela raça amarela, a caminho de se tornar no que é agora.

“Para começar, foram construídos silos imensos e, em breve, começaram as trocas comerciais entre as duas raças. A raça preta exportava carne de canguru, dodos (que abundavam na altura) e carne de zebra. Ao domesticar os últimos, os pretos produziram de facto criações que eram iguais no sabor à carne de canguru, mas mais nutritiva. O comércio fazia-se usando naves espaciais de Bakaradini, tendo sido construídas bases para estas naves, por todo o território..

“Thao, o que estás a dizer é que os primeiros homens na terra eram pretos e amarelos. Então, como é que eu sou branco?”

“Não tão depressa Michel, não tão depressa. Os primeiros homens na Terra foram, efectivamente, os pretos e os amarelos, mas de momento irei continuar a explicar como eles se estavam organizados e como viviam.

“Materialmente eles eram bem sucedidos, mas eles também foram cuidadosos em não negligenciar a construção de imensos salões de reunião, nos quais praticavam o seu culto.”

“Eles tinham um culto?”

“Oh sim, todos eles eram Tackioni, o que quer dizer que todos eles acreditavam na reencarnação, algo parecido com o que os Lamaístas¹¹ fazem hoje em dia no teu planeta.

“Haviam muitas viagens entre os dois países e até uniam esforços para explorar mais detalhadamente certas regiões da Terra. Um grupo misto de pretos e amarelos aterrou um dia no extremo da África do Sul, agora chamado Cabo da Boa Esperança. A África mudou muito pouco desde esses tempos - com excepção do Sahara, a área nordeste e o mar vermelho, que na altura ainda não existiam. Mas isso é outra história, à qual iremos voltar mais tarde.

“Na altura dessa exploração, eles já estavam estabelecidos na Terra há três séculos.

“Em África, eles descobriram animais novos tal como o elefante, a girafa e o búfalo, e uma nova fruta que nunca antes haviam encontrado - o tomate. Não imagines

¹¹ Lamaístas - aderente do lamaísmo. Também conhecido (incorrectamente) por budismo tibetano é uma corrente distinta do Budismo que evoluiu no Tibete desde o 7º século A.D. - (N.T.)

Michel, que este era o tomate tal como hoje conheces. Quando descoberto era do tamanho de uma baga muito pequena e muito ácido. O povo amarelo, tendo desenvolvido grande especialidade neste tipo de coisas, tomou para si a tarefa de melhorar o tomate durante os séculos que se seguiram, tal como o tinham feito com o arroz, até que ele se tornou no fruto que hoje te é familiar. Eles ficaram igualmente surpreendidos ao encontrar bananeiras que à primeira vista se pareciam com as que tinham importado. No entanto, não tinham razões para se arrepender dos seus esforços, pois a banana Africana não era praticamente comestível e era preenchida com grandes sementes.

Esta expedição Africana compreendeu 50 pretos e 50 amarelos, trazendo para casa elefantes, tomates e muitos mangustos¹², pois descobriram que estes últimos eram inimigos mortais das cobras. Infelizmente, trouxeram igualmente consigo, sem que disso se apercebessem, um terrível vírus que agora é chamado de “febre amarela”.

Num espaço de tempo muito curto, milhões de pessoas tinham morrido, sem que os seus especialistas médicos soubessem sequer como é que a doença se espalhava.

“Uma vez que se espalhava principalmente por um mosquito, e também visto que há muito mais mosquitos em climas equatoriais, onde não há Inverno para reduzir o seu número, foram os pretos na Austrália que mais sofreram. O número de vítimas foi, com efeito, quatro vezes superior à dos amarelos.

“A raça amarela, em Bakaratini, foi sempre superior no campo da medicina e da patologia, todavia, demoraram muitos anos antes que descobrissem a cura para esta maldição, durante os quais centenas de milhares pereceram num sofrimento terrível. Eventualmente a raça amarela produziu uma vacina que foi imediatamente disponibilizada aos pretos - um gesto, que reforçou ainda mais os laços de amizade entre as duas raças.”

“Como é que estes pretos eram, fisicamente?”

“Quando emigraram de Bakaratini, tinham cerca de 230 centímetros de altura – assim como as suas mulheres. “Eram uma linda raça. “O povo amarelo era mais pequeno, o homem médio media 190 centímetros e as suas mulheres 180 centímetros.”

“Mas disseste que os pretos actuais são descendentes dessa gente - porque é que agora são muito mais pequenos?”

“Gravidade, Michel. Sendo mais forte na Terra do que em Bakaratini, ambas as raças foram-se tornando menores em tamanho.

“Também disseste que vocês eram capazes de ajudar pessoas com problemas – porque é não ajudaram quando a febre-amarela eclodiu. Será que vocês também não foram capazes de encontrar a vacina?”

“Nós poderíamos ter ajudado, tu irás aperceber-te do nosso potencial quando visitares o nosso planeta – mas nós não intervimos porque não estava no programa que tínhamos de seguir. Já te disse, e não posso repeti-lo vezes suficientes, que nós podemos ajudar em certas ocasiões, mas apenas até aí. Para lá de um certo ponto, a lei proíbe terminantemente ajuda de qualquer espécie.

¹² mangusto - também conhecido como fuínha, é um dos numerosos pequenos mamíferos carnívoros da família algália (Viverridae) que se podem encontrar em África, Ásia e Sul da Europa e dos quais existem mais de 40 espécies diferentes. Alimenta-se de cobras e outros animais incluindo pássaros, roedores, etc. (N.T.)

“Vou-te dar um exemplo. Imagina uma criança que vai todos os dias à escola para aprender. Regressando a casa ao fim do dia, esta criança pede ajuda para fazer os trabalhos de casa. Se os seus pais forem espertos, irão ajudá-la a compreender os conceitos envolvidos, de forma a que a criança possa completar a tarefa por si mesma. Se, no entanto, os pais fizessem o trabalho por ela, esta não aprenderia muito, não é? Ela teria de repetir cada ano e os seus pais não a tinham ajudado.

“Como irás ver mais tarde, apesar de já o sabes, estás no teu planeta para que possas aprender a viver, sofrer e morrer, mas também para que te possas desenvolver espiritualmente, tanto quanto possível. Iremos voltar a abordar este assunto, quando os Thaori te falarem. Por enquanto, quero-te falar um pouco mais sobre estes povos...

“Eles ultrapassaram a maldição da febre-amarela e espalharam as suas raízes profundamente neste novo planeta. Não apenas era a Austrália densamente populada, mas também o era a área agora conhecida como Antártida – claro que, naqueles dias, a sua posição significava que o seu clima era temperado. A Nova-Guiné era igualmente densamente populada. No fim do flagelo da febre-amarela, os pretos eram 795 milhões.”

“Pensava que a Antártida não era verdadeiramente um continente?”

“Na altura, estava ligada à Austrália e era muito mais quente do que agora, visto que a Terra girava num eixo diferente. O clima da Antártida era muito semelhante ao do sul da Rússia agora.

“Nunca mais regressaram a Bakaratini?”

“Não. Uma vez estabelecidos na Terra, eles fizeram regras estritas de que ninguém pudesse regressar.”

“E o que aconteceu ao seu planeta?”

“Arrefeceu, conforme previsto e tornou-se um deserto – muito à semelhança de Marte.

“Como é que era a sua estrutura política?”

“Muito simples – eleição (por contagem de mãos erguidas) do líder da vila ou região. Estes líderes distritais elegiam um líder de regional e também oito anciões escolhidos de entre aqueles mais respeitados pela sua sabedoria, senso comum, integridade e inteligência.

“Eles nunca eram eleitos com base na fortuna ou família, e tinham todos entre 45 e 65 anos de idade. Os líderes regionais (uma região compreendia oito vilas) tinham o papel de negociar com os oito anciões. O conselho dos oito elegia (por voto secreto, requerendo pelo menos sete votos concordantes) um delegado para os representar em reuniões do Conselho de Estado.

“Na Austrália, por exemplo, haviam oito estados, cada um dos quais compreendia oito cidades ou regiões. Assim, nas reuniões do conselho de estado, haviam oito delegados, cada um representando uma cidade ou região diferentes.

“Numa reunião do conselho de estado, presidida por um grande sábio, discutiam o tipo de problemas do dia-a-dia que confronta qualquer governo: transporte de água, hospitais, estradas, etc. Relativamente às estradas, ambas as raças preta e amarela, usavam veículos muito leves, com um motor de hidrogénio, que se movia acima do solo graças a um sistema baseado na força antimagnética e anti-gravitacional.

“Mas, para voltar ao sistema político, não haviam partidos, nem coisa semelhante, tudo era unicamente baseado na reputação pela integridade e sabedoria. Uma longa

experiência tinha-lhes ensinado que para estabelecer uma ordem que durasse, requeria dois ingredientes de ouro: justiça e disciplina

“Ir-te-ei falar noutra altura sobre a sua organização económica e social, e agora dar-te uma ideia do seu sistema de justiça. Um ladrão, por exemplo, considerado genuinamente culpado, era marcado com um ferro em brasa, nas costas da mão com que ele ou ela habitualmente usava.

Assim, um ladrão dextro era marcado na mão direita, sendo a ofensa subsequente punida com a amputação da mão esquerda. Esta prática que ainda ocorria até muito recentemente entre os Árabes – uma prática preservada através dos tempos. Se ele ou ela continuassem a roubar, a sua mão direita teria sido amputada e a sua testa marcada com um símbolo indelével. Sem mãos, o ladrão estava à mercê e piedade da sua família e transeuntes para comida e para tudo. Porque as pessoas reconheceriam o símbolo como sendo o de um ladrão, a vida tornava-se muito difícil. A morte teria sido preferível.

“Desta forma, o ladrão tornava-se no exemplo vivo do que acontecia a um criminoso habitual. Escusado será dizer que o roubo era um crime muito raro.

“Quanto a assassínios, isto também era muito raro, como irás ver. Quem fosse acusado de assassinio era levado para um quarto especial e deixado só. Por detrás duma cortina, instalava-se um “leitor-de-mentes“. Este era um homem que não apenas possuía um dom telepático especial, mas que também o cultivava de forma constante, numa ou noutra universidade especial. Ele interceptaria os pensamentos do suposto assassino.

“Tu vais retorquir que é possível, com treino, que uma pessoa mantenha a sua mente em branco - mas não por seis horas de seguida. Mais, várias vezes, quando ele ou ela menos esperasse, certos sons predeterminados seriam ouvidos, obrigando o “sujeito” a quebrar a concentração.

“Como medida de precaução eram usados seis “leitores-de-mentes” diferentes. O mesmo procedimento era aplicado às testemunhas de acusação e defesa, num outro edifício a alguma distância. Nem uma palavra era trocada e, nos dias seguintes, o procedimento era repetido, mas desta vez durante oito horas seguidas.

“No quarto dia, todos os “leitores-de-mentes” submetiam as suas notas a um painel de três juizes, que entrevistavam e contra-examinavam o acusado e as testemunhas. Não haviam advogados nem jurados a impressionar. Os juizes tinham perante si todos os detalhes do caso, querendo ter a certeza *absoluta* da culpa do acusado.

“Porquê?”

“A pena era a morte Michel, mas uma morte terrível, sendo o homicida atirado vivo aos crocodilos. No caso de violação, o que era considerado pior do que assassinio, o castigo era ainda mais cruel. O criminoso era barrado com mel e enterrado até aos ombros nas imediações duma colónia de formigas. A morte, por vezes, chegava a demorar dez ou 12 horas.

“Como podes agora perceber, a taxa de crime era extremamente baixa entre ambas as raças e, por esta razão, não havia necessidade de prisões.”

“Não consideras isso excessivamente cruel?”

“Pensa na mãe duma rapariga de 16 anos, por exemplo, que tenha sido violada e assassinada. Não sofre ela, pela perda da sua filha, crueldade da pior espécie? Ela não provocou ou procurou a sua perda, no entanto tem de sofrer. Por outro lado, o criminoso tem conhecimento das consequências das suas acções, assim, é justo que tenha de ser punido muito cruelmente. No entanto, como expliquei, a criminalidade era quase inexistente.

“Regressando à religião, tinha dito antes que ambas as raças acreditavam na reencarnação, mas haviam variantes nas suas crenças que, por vezes, os dividiam. Certos padres desviavam massas de pessoas para as agrupar, sob a sua liderança, nestas variantes religiosas. As divisões que resultaram de entre os pretos tiveram repercussões desastrosas.

“Eventualmente, cerca de 500 000 pretos emigraram, seguindo as pegadas dos seus padres, para África – para a área onde agora se situa o mar vermelho. Na altura, o mar vermelho não existia e a terra era Africana. Começaram a construir vilas e cidades, mas o sistema político que te descrevi, e que era justo e eficaz em todos os aspectos, foi abandonado. Os padres elegiam, eles mesmos, os chefes de governo, e assim estes líderes tornavam-se, mais ou menos, em fantoches manipulados pelos mesmos. A partir dessa altura, o povo teve de enfrentar muitos dos problemas que hoje vos são tão familiares na Terra: corrupção, prostituição, droga e injustiça de toda a espécie.

“No caso do povo amarelo, eles estavam muito bem estruturados e, apesar de ter havido alguma distorção religiosa, os seus padres não tinham voto em matérias de estado.

“Eles viviam em paz e afluência – situação muito diferente da dissidente raça negra em África.

“E no que respeita às armas, que tipo de armas tinham eles?”

“Isso era muito simples e, como a simplicidade é com frequência superior à complexidade, funcionava maravilhosamente bem. Ambas as raças trouxeram consigo aquilo que podemos chamar de “armas laser“. Estas armas estavam sob o controlo de um grupo especial, o qual, por seu lado, se encontrava sob a direcção dos líderes de cada país. De comum acordo, ambas as raças trocavam entre si 100 “observadores“, cuja presença era permanente em cada território estrangeiro. Estes observadores eram embaixadores e diplomatas do seu próprio país, e ao mesmo tempo, asseguravam que não ocorria um excesso de armamento. Este sistema funcionava perfeitamente e assim a paz foi mantida durante 3550 anos.

“No entanto, os pretos que emigraram para África, não tinham tido permissão para levar estas armas com eles, sendo, como eram, um grupo dissidente. Pouco a pouco eles espalharam-se mais, fixando-se na área corresponde agora ao deserto do Saara. Naqueles tempos, era uma terra rica com um clima temperado, fornecendo um habitat bem desenvolvido para muitos animais.

Os padres mandaram construir templos e, para satisfazer o seu desejo de riqueza e poder, impunham pesados impostos ao povo.

“Num povo que nunca antes tinha conhecido a pobreza, era agora formado por duas classes distintas: os muito ricos e os muito pobres.

Claro que os padres pertenciam aos primeiros, assim como aqueles que os ajudavam a explorar os pobres.

“A religião converteu-se em idolatria e as pessoas adoravam Deuses de madeira ou de pedra, oferecendo-lhes sacrificios. Não passou muito tempo até que os padres insistissem em que os sacrificios tinham de ser humanos.

Desde o início da separação que os padres despendiam grandes esforços para garantir que o povo era mantido na maior ignorância possível. Baixando o nível de desenvolvimento intelectual e físico ao longo dos anos, os padres eram mais capazes de manter o domínio sobre eles. A religião que se tinha desenvolvido, não tinha absolutamente nada a ver com o “culto” que tinha originalmente inspirado a separação e, desta forma, o controle de massas era essencial.

“A Lei Universal decreta que a principal obrigação do homem, independentemente do planeta em que habitar, é a de desenvolver a sua espiritualidade. Estes padres, ao degradarem uma “nação” inteira mantendo-os na ignorância e guiando-os com mentiras, infringiram esta lei fundamental.

“Neste ponto, nós decidimos intervir, mas, antes de o fazermos, oferecemos aos padres uma última hipótese. Usando telepatia, e também um sonho, nós contactamos o Grande Padre.

“Os sacrifícios humanos têm de cessar e este povo tem de ser levado de volta para o *Caminho Certo*. O homem existe fisicamente com o único propósito de se desenvolver espiritualmente. O que vocês estão a fazer contraria a Lei Universal.”

“O Grande Padre ficou tremendamente chocado e, no dia seguinte, convocou uma reunião com os seus padres, transmitindo-lhes o seu sonho. Alguns deles acusaram-no de traição, outros sugeriram insanidade, e alguns outros suspeitaram de alucinações. Eventualmente, e após várias horas de discussão, 12 dos 15 padres que formavam este conselho, mantiveram-se determinados a preservar a religião tal como estava, invocando que o ideal era manter o controle e promover a crença e o medo de Deuses vingativos, cujos representantes na Terra eram eles. Eles não acreditaram uma única palavra do que o Grande Padre lhes dissera sobre o seu “sonho”.

“Por vezes a nossa posição é muito delicada, Michel. Nós podíamos ter aparecido com a nossa nave e falado directamente aos padres, mas eles seriam capazes de identificar naves do espaço, tendo-as tido também antes da secessão.

“Eles ter-nos-iam atacado imediatamente – sem fazer perguntas – pois eles eram muito desconfiados com medo de perder a supremacia dentro da sua “Nação”. Eles tinham formado um exército e tinham armas bastante poderosas, destinadas a serem usadas para fazer frente a possíveis revoluções. Nós também poderíamos tê-los destruído e falado directamente ao povo de forma a levá-los de volta ao *Caminho Certo* mas, psicologicamente, isto teria sido um erro.

Estas pessoas estavam habituadas a obedecerem aos seus padres e não teriam compreendido porque tínhamos interferido nos assuntos do seu país – e assim tudo teria sido em vão.

“Assim, aconteceu que uma noite sobrevoamos o país a uma altitude de 10 000 metros, numa das nossas “esferas instrumento”. O templo e a Cidade Sagrada estavam situados a um quilómetro da cidade. Acordamos telepaticamente o Grande Padre e os seus dois acólitos que tinham seguido o seu conselho, fazendo-os seguir, a pé, até um bonito parque, a um quilómetro e meio de distância da Cidade Sagrada. Em seguida, e por alucinação colectiva, fizemos com que os guardas abrissem as celas e libertassem os prisioneiros. Criados, soldados – e, de facto, todos os habitantes da Cidade Sagrada foram evacuados, com excepção dos 12 padres perversos. Inspirados por estranhas visões nos céus, todos correram para o outro extremo da cidade.

“No céu, personagens aladas pairavam à volta duma enorme nuvem incandescente que brilhava na noite...

“Como pôde isto ser feito?”

“Por ilusão colectiva, Michel. Assim e num curto espaço de tempo, tudo aconteceu de forma a que apenas os 12 perversos padres permaneceram na Cidade Sagrada. Quando tudo estava pronto, a “esfera instrumento” destruiu tudo, incluindo o templo, com a mesma arma que já viste em acção. As rochas foram destruídas e as paredes desmoronaram-se até à altura de um metro, para que as suas ruínas testemunhassem as consequências deste “pecado”.

“De facto, se tivessem sido completamente destruídas, os homens depressa teriam esquecido, pois os homens esquecem facilmente...”

“Seguidamente, e para a instrução das pessoas, uma voz surgindo da nuvem incandescente avisou que a ira de Deus poderia ser terrível – muito pior do que tinham visto – e que devem obedecer ao Grande Padre e seguir o novo caminho que ele lhes mostrar.

“Quando tudo acabou, o Grande Padre apareceu diante das pessoas e falou-lhes. Eles explicou aos pobre infelizes que tinha estado enganado, e que agora era muito importante que todos tentassem juntos seguir o novo caminho.

“Ele foi assistido no seu trabalho pelos outros dois padres. Claro que os tempos foram frequentemente duros, mas eles foram ajudados pela memória e pelo medo dos eventos que tinham levado à destruição, em questão de minutos, da Cidade Sagrada e morto os padres perversos. Desnecessário será dizer, mas este “evento” foi considerado por todos como um milagre dos Deuses, pois também envolveu a libertação de mais de 200 prisioneiros que estavam destinados a servirem de sacrifício humano no dia seguinte.

“Todos os detalhes do incidente foram registados pelos escribas, mas também foram distorcidos nas lendas e histórias que passaram através dos séculos. Apesar disso, a consequência imediata foi de que tudo mudou. Os ricos, que tinham previamente participado na exploração do povo, à vista daquilo que aconteceu aos padres perversos e à Cidade Sagrada, tinham medo de que encontrassem um destino semelhante. Eles foram consideravelmente humilhados e assistiram à implementação das mudanças necessárias pelos novos líderes.

“Gradualmente, o povo ficou novamente satisfeito, tal como tinham sido antes da separação.

Mais inclinados para metas pastorais do que industriais ou urbanas, eles espalharam-se pela África durante o curso dos séculos que se seguiram e chegaram eventualmente a ser vários milhões. No entanto, as cidades apenas se estabeleceram na área onde hoje se situa o Mar Vermelho e ao longo de um grande rio que fluía em direcção ao centro de África.

“As pessoas foram capazes de desenvolver muitíssimo as suas capacidades psíquicas. Muitos eram capazes de viajar pequenas distâncias usando levitação, e a telepatia readquiriu a sua importância nas suas vidas, tornando-se um lugar comum. Também haviam casos frequentes de doenças físicas serem curadas pela imposição de mãos.

“Foram restabelecidas relações amigáveis com o povo preto da Austrália e Nova Guiné, que os vinham visitar com regularidade em “carruagens de fogo” como eram por vezes chamadas as naves ainda em uso pelos seus irmãos Australianos.

“A raça amarela, sendo vizinha mais próxima, começou a imigrar em pequenos números para o Norte de África, e estavam fascinados pelos relatos da “descida dos Deuses num Carro de Fogo”. É assim que as lendas se referiram subsequentemente à nossa intervenção.

“O povo amarelo foi o primeiro a misturar-se com a raça preta, quero dizer, fisicamente falando. Poder ser surpreendente, mas nunca, em Bakaratini, as raças se tinham misturado ao ponto em que aconteceu na Terra. Os etnólogos estavam grandemente interessados nos resultados desta união, a qual produziu uma nova grande tribo na Terra. De facto, este “cruzamento de raças”, como lhes irei chamar, resultando do cruzamento de mais sangue amarelo do que preto, acabaram por se sentir mais à vontade entre si do que entre os pretos ou amarelos. Eventualmente, eles agruparam-se e assentaram na área agora chamada de Argélia – Tunisia, no Norte de África. Assim, nasceu uma nova raça – a raça Árabe que conheces. Mas não pen-

ses, que eles se pareceram imediatamente com a raça que hoje são. O clima e o tempo, com a passagem dos séculos, tiveram o seu efeito.

A minha história dá-te simplesmente a ideia de como a raça nasceu através do cruzamento mútuo.

“E assim, tudo ia bem para os habitantes do planeta Terra, excepto numa coisa... os astrónomos e estudiosos andavam muito preocupados, pois um enorme asteróide aproximava-se da Terra, quase imperceptivelmente, mas inequivocamente.

“Foi primeiro captado pelo observatório de Ikirito, localizado no centro da Austrália.

Ao fim de alguns meses, já podia ser visto a olho nu, desde que se soubesse para onde olhar, brilhando com um sinistro vermelho vivo. Nas semanas que se seguiram, tornou-se progressivamente mais visível.

“Foi nesta altura que os governantes da Austrália, Nova Guiné e Antártida tomaram uma decisão importantíssima, que seria em breve seguida pelos líderes amarelos. Face à inevitável colisão com o asteróide, concordaram que todas as naves em condições de voar, deixariam a Terra levando a bordo, tanto quanto possível, especialistas – doutores, técnicos, etc. - do tipo que fosse provavelmente mais útil para ajudar a comunidade a seguir à catástrofe.

“Para onde é que eles iam? Para a lua?”

“Não, Michel, nessa altura a Terra não tinha lua. As suas naves espaciais eram agora capazes de 12 semanas de voo autónomo. Há muito tempo que eles tinham perdido a capacidade de viajar distâncias muito grandes. O seu plano era manter-se em órbita à volta da Terra, aterrando prontamente assim que as condições o permitissem e ajudando onde fosse mais necessário.

“Oitenta naves Australianas foram equipadas e preparadas para levar um grupo de elite, que foi escolhido como resultado de reuniões que duraram dia e noite.

A raça amarela seguiu um procedimento semelhante, totalizando 98 naves espaciais prontas.

Em África, claro que não haviam quaisquer naves espaciais.

Peço para reparares que, com excepção do líder supremo de cada país, a nenhum dos seus “ministros”, como lhes podes chamar, foi dado lugar a bordo de qualquer uma das naves. Isto poder-te-á parecer estranho, pois se a mesma situação ocorresse hoje na Terra, muitos políticos iriam certamente puxar os seus cordelinhos para salvar a pele.

“Tudo estava a pronto. O povo foi então avisado da colisão iminente. No entanto, o papel das naves espaciais foi mantido secreto, com receio de que as pessoas acreditassem que estavam a ser traídas pelos seus líderes e com o pânico que se geraria talvez pudessem até atacar os aeroportos. Além disso, os líderes reduziram a importância que o impacto provavelmente iria ter de forma a minimizar o pânico colectivo.

“A colisão era agora tanto eminente quanto inevitável, considerando a velocidade prevista do asteróide. Estava apenas a 48 horas de distância. Todos os especialistas concordavam com estes cálculos – bem, quase todos.

“As naves espaciais eram para levantar voo em conjunto – 2 horas antes da suposta hora de colisão, esta partida deveras tardia pretendia permitir que ficassem no espaço as 12 semanas completas se fosse necessário a seguir à catástrofe. Tinha sido calculado que o local de impacto do asteróide seria o local onde hoje é a América do Sul.

“Assim, estava tudo pronto e o sinal para a largada seria dado no dia D ao meio-dia, Hora Central Australiana. Fosse por ter havido um erro nos cálculos, embora altamente improvável, ou por ter havido uma súbita e imprevisível aceleração do asteroide, ele apareceu no céu pelas 11 da manhã, brilhando como um sol cor de laranja. A ordem de largada foi imediatamente dada e todas as naves subiram em direção ao céu.

“De forma a deixar rapidamente a atmosfera terrestre e a sua força gravitacional, é necessário usar um “túnel gravitacional¹³”, o qual na altura se situava sobre a actual Europa. Apesar da velocidade que estas naves eram capazes de alcançar, eles não tinham conseguido entrar no “túnel gravitacional” quando o asteroide atingiu a Terra. Ao entrar na atmosfera terrestre, separou-se em três enormes pedaços. O mais pequeno, que media vários quilómetros de diâmetro, embateu onde hoje fica o mar vermelho.

“Outro, muito maior, colidiu com a área onde hoje fica o mar de Timor, e o maior dos três foi parar à região onde actualmente estão as ilhas Galápagos.

“Os impactos simultâneos foram terríveis. O sol tornou-se vermelho escuro e deslizou em direção ao horizonte, tal como um balão em queda. Em breve, parou e subiu lentamente, mas quando estava apenas a metade da distância, “caiu”. O eixo da Terra tinha subitamente mudado de inclinação!

Ocorreram explosões de força incrível, pois os dois bocados maiores do asteroide tinham penetrado na crosta Terrestre. Vulcões irromperam em erupção na Austrália, Nova Guiné, América do Sul – deveras, por todo o planeta. Montanhas formaram-se instantaneamente e ondas gigantes, de mais de 300 metros de altura, varreram cerca de quatro- quintos da Austrália. A Tasmânia separou-se do continente Australiano e uma enorme parte da Antártida afundou-se nas águas, criando dois enormes canais subaquáticos entre e Antártida e a Austrália. Das águas do centro do Oceano Pacífico Sul, emergiu um enorme continente. Uma enorme porção da Birmânia, afundou-se onde hoje se encontra a Baía de Bengala. Outro vale de terra submergiu e formou-se o Mar Vermelho.

“As naves tiveram tempo de escapar?”

“Nem por isso, Michel, pois os especialistas cometeram um erro. Poder-se-ia dizer em sua defesa que eles não poderiam ter antecipado o que iria acontecer. Eles tinham previsto a mudança de inclinação do eixo da Terra, mas o que não foram capazes de prever, foi a sua oscilação. As naves espaciais foram literalmente apanhadas e arrastadas pelo efeito colateral causado pela reentrada do asteroide na atmosfera Terrestre. Além disso, foram bombardeadas por milhões de partículas do asteroide que vinham no seu rasto.

“Apenas sete naves, três com passageiros pretos e quatro com amarelos, lutando com todas as suas forças, conseguiram escapar ao horror que estava a acontecer na Terra.

“Para eles deve ter sido uma visão assustadora, verem a Terra mudar diante dos seus olhos.

“Quanto tempo demorou a emergir o continente que mencionaste no Oceano Pacífico?”

¹³ “túnel gravitacional” - warp na versão original em Inglês (N.T.) aqui significa um “buraco gravitacional” - uma região de fraca gravidade (Nota do Editor Inglês, baseada nas explicações do autor).

“Meramente uma questão de horas. Este continente emergiu por cintas gasosas resultantes de sublevações tão profundas quanto o centro do planeta.

“As sublevações na superfície da Terra continuaram durante meses. Nos três pontos de impacto dos asteróides, criaram-se milhares de vulcões. Gases venenosos espalharam-se pela maior parte do continente Australiano, provocando a morte indolor a milhões de pretos, em questão de minutos. As nossas estatísticas indicam que ocorreu uma aniquilação quase total da humanidade e de animais na Austrália. Uma contagem feita quando a tranquilidade voltou, indica que apenas 180 pessoas tinham sobrevivido.

“Os gases venenosos foram a causa desta terrível tragédia. Na Nova Guiné, onde menos gases se tinham propagado, ocorreram menos mortes.”

“Tenho estado a querer fazer-te esta pergunta, Thao.”

“Por favor fá-la.”

“Disseste que foram os pretos da Austrália que se espalharam até à Nova Guiné e África. Então, como é que, agora, os Aborígenes são tão diferentes dos pretos no resto do mundo?”

“Excelente pergunta, Michel. O meu relato devia ter incluído mais detalhe. Repara, como resultado da catástrofe, houve tamanha sublevação, que depósitos de urânio espalhados pela superfície da Terra emitiram forte radiação. Isto apenas aconteceu na Austrália, e aqueles que escaparam à morte foram gravemente afectados, tal como numa explosão atómica.

“Eles foram geneticamente afectados, e assim hoje, os genes dos Africanos são diferentes dos Aborígenes. Para além disso, o ambiente alterou-se completamente e a sua dieta foi também drasticamente alterada. Com o andar do tempo, estes descendentes dos Bakaritínios foram “transformados” na raça aborígene de hoje.

“Com a continuação das sublevações, formaram-se montanhas, algumas repentinamente, outras dentro de dias. Fendas abriam-se, engolindo cidades inteiras, fechando-se depois, apagando todos os vestígios existentes de civilização.

“No auge do horror, houve um dilúvio tal como o planeta já não conhecia há eras. Em verdade, os vulcões expeliram simultaneamente uma tal quantidade de cinza para o ar, e a tais incríveis altitudes, que o céu escureceu. O vapor dos oceanos, que em alguns locais cozeu verdadeiramente áreas de milhares de quilómetros quadrados, combinou-se com as nuvens de cinza. As espessas nuvens daí resultantes, irromperam em chuva tão torrencial que irias achar difícil de acreditar...”

“E as naves em órbita no espaço?”

“Após 12 semanas, foram forçadas a regressar à Terra. Eles escolheram descer sobre uma área, que agora conhecemos como Europa, sem visibilidade absolutamente nenhuma sobre o resto do planeta. Da sete naves iniciais, apenas uma conseguiu aterrar.

“As outras foram arremessadas ao solo por tempestades que ocorriam por todo o planeta - com ventos ciclónicos de 300-400 quilómetros por hora. A principal causa para estes ventos era a diferença de temperatura – e esta por sua vez, era causada pelas abruptas erupções vulcânicas.

“Assim, a única nave espacial que restou, conseguiu aterrar no local que hoje é conhecido por Gronelândia. Havia 95 passageiros a bordo, muitos dos quais eram médicos e especialistas de vários tipos. Tendo aterrado em condições extremamente adversas, sofreram estragos suficientes que fizeram com que fosse impossível à nave voltar a levantar voo. No entanto, esta manteve-se útil como abrigo.

Tinham mantimentos suficientes para durar muito tempo e assim eles organizaram-se o melhor que puderam.

“Cerca de um mês mais tarde, foram todos engolidos num tremor de terra – incluindo a nave, e foi assim, com esta última catástrofe, que foram destruídos todos os vestígios de civilização na Terra. A cadeia de catástrofes que se seguiram à colisão com o asteróide, dispersaram populações inteiras – na Nova Guiné, Birmânia, China e em África, apesar da região do Sahara ter sofrido menos do que em qualquer outro lugar. No entanto, todas as cidades situadas no mar vermelho foram engolidas pelo mar recém-formado. Resumidamente, nenhuma cidade permaneceu na Terra e milhões de pessoas e animais foram dizimados. Por conseguinte, não passou muito tempo até que a fome tivesse alastrado.

Escusado será dizer, que as maravilhosas culturas da Austrália e da China, não fossem senão recordações que se viriam a tornar lendas. E foi assim que as pessoas (inesperadamente espalhadas e separadas umas das outras por novos abismos e mares criados) experimentaram pela primeira vez no planeta Terra, pelo *canibalismo*“.

4

O Planeta Dourado

À medida que Thao concluía a sua narrativa, a minha atenção foi atraída por luzes de cores diferentes, que tinham aparecido junto ao seu assento. Quando acabou de falar, fez um gesto. Numa das paredes do quarto, apareceram uma série de letras e números, que Thao examinou atentamente. Então a luz apagou-se e a imagem desapareceu.

“Thao,” disse eu, “falaste agora mesmo de alucinação ou ilusão colectiva. Tenho alguma dificuldade em compreender como se conseguem iludir milhares de pessoas – não se tratará de charlatanismo, tal como um ilusionista ilude a multidão com uma dezena, ou mais, de sujeitos “escolhidos¹⁴”?

Thao voltou a sorrir. “Tu tens razão em certo sentido, pois é extremamente raro nos dias que correm no teu planeta e especialmente em palco, de encontrar um verdadeiro ilusionista. Tenho de te lembrar que nós somos especialistas em toda a espécie de fenómenos psíquicos, Michel, e para nós é bastante fácil porque...”

Naquele momento, um choque de extraordinária violência abalou a nave espacial. Thao olhou para mim com os olhos horrorizados – toda a sua face tinha mudado completamente e agora podia-se vê-la em puro terror. Com um terrível som de explosão, a nave dividiu-se em vários bocados e ouvi os gritos das astronautas, à medida que éramos todos projectados para o espaço. Thao agarrou-me pelo braço e fomos atirados ao espaço através do vazio sideral a uma velocidade vertiginosa. Apercebi-me, apenas devido à velocidade a que viajávamos, que estávamos prestes a atravessar o caminho de um cometa - exactamente como aquele que tínhamos passado horas antes.

Senti a mão de Thao o meu ombro mas nem sequer pensei em virar a cabeça na sua direcção - eu estava literalmente magnetizado pelo cometa. Nós ia-mos colidir com a sua cauda - isso era certo - e eu já podia sentir o seu terrível calor. A pele do meu rosto estava prestes a explodir - era o fim... “Estás bem, Michel?” perguntou Thao gentilmente do seu lugar.

Pensei que estava a ficar louco. Eu estava sentado em frente a ela no mesmo local onde antes a tinha ouvido relatar o primeiro homem na Terra.

“Estamos mortos ou loucos?” Perguntei eu.

“Nem uma coisa nem outra, Michel. Há um ditado no teu planeta que diz que uma imagem vale por mil palavras. Tu perguntaste-me como é que nós conseguíamos iludir multidões de pessoas. Eu respondi imediatamente, *criando uma ilusão* para ti. Compreendo que deveria ter escolhido uma experiência menos assustadora, mas o objectivo era muito importante neste caso.”

“Isso é fantástico! Eu nunca teria acreditado que poderia acontecer assim - e tão de repente. Era tudo tão real - todo o cenário. Nem sei o que dizer... A única coisa que

¹⁴ pré-combinados - (N.T.)

te posso pedir, é para não me voltares a assustar daquela maneira. Além disso, eu poderia morrer de susto... ”

“De forma nenhuma. Os nossos corpos físicos estavam nos nossos assentos e nós simplesmente separamos os nossos... vamos-lhes chamar corpos “astropsíquicos”, dos nossos corpos físicos e dos outros corpos... ”.

“Que outros corpos?”

“Todos os outros: o fisiológico, o psicotípico, o astral, etc. O teu corpo astropsíquico foi separado dos outros por um sistema telepático originado no meu cérebro que, neste caso, actua como um transmissor. Estabelece-se uma correlação directa entre o meu corpo astropsíquico e o teu. Tudo o que imaginei foi projectado no teu corpo astropsíquico, exactamente como se estivesse a acontecer. A única questão é, que tive de ter muito cuidado, por não ter tido tempo de te preparar para a experiência.

“O que queres dizer?”

“Bem, quando crias uma ilusão, o sujeito, ou sujeitos, devem estar preparados para ver aquilo que querem ver.

Por exemplo, se quiseses que as pessoas vejam uma nave espacial no céu, é importante que estejam à espera de ver uma. Se estiverem à espera de ver um elefante, nunca irão ver a nave espacial. Assim, com as palavras certas e sugestões inteligentemente controladas, a multidão vai-se unir à tua volta, antecipando ver uma nave espacial, um elefante branco, ou a Virgem de Fátima - um caso típico do fenómeno na Terra.”

“Seria mais fácil com uma única pessoa do que com 10 000.”

“De forma nenhuma, muito pelo contrário, com várias pessoas produz-se uma reacção em cadeia. Tu libertas os corpos astropsíquicos dos indivíduos e quando pões o procedimento em marcha, eles telepaticizam entre si mesmos. É um pouco como as famosas peças de dominó - quando a primeira cai, todas as outras caem, precisamente até à última. Assim, foi um jogo muito fácil contigo. Desde que saíste da Terra, tens-te mantido mais ou menos ansioso. Não sabes o que logicamente irá acontecer a seguir. “Eu tirei partido deste típico medo consciente ou inconsciente que está sempre presente quando alguém viaja numa máquina voadora - o medo de explodir ou se despenhar. Então, como tinhas visto o cometa no ecrã, porque não usá-lo também?”

Em vez de cozinhar a tua face à medida que te aproximavas do cometa, eu podia ter-te feito atravessar a sua cauda fazendo-te acreditar que era gelada.”

“Em suma, podias-me ter enlouquecido!”

“Nunca num espaço de tempo tão curto... ”

“Mas aquilo deve ter durado mais do que cinco minutos... ?”

“Não mais do que dez segundos - tal como num sonho, ou será melhor dizer pesadelo, o que a propósito ocorre aproximadamente da mesma forma. Por exemplo, tu estás a dormir e comesas a sonhar... Estás numa planície com um lindo garanhão branco. Tu aproximas-te para o apanhar, mas a cada tentativa tua, ele foge. Após quatro ou cinco tentativas, o que demora o seu tempo, tu consegues saltar para o dorso do cavalo e comesas a galopar e galopar. Vais cada vez mais rápido e estás vivamente intoxicado pela velocidade... o cavalo galopa tão rápido que já não toca no chão. Já vai no ar e a paisagem passa debaixo de ti - rios, planícies e florestas.

“É verdadeiramente maravilhoso.”

“Aparece então uma montanha no horizonte, avultando-se cada vez maior à medida que te aproximas. Com dificuldade, tens de subir mais alto. O cavalo voa cada vez mais para cima - está quase a passar o pico mais alto quando o seu casco embate numa pedra, desequilibrando-te, e assim caís – mais e mais para baixo - caís num abismo que parece não ter fim... e descobres que caíste abaixo da cama, no chão.”

“Sem dúvida que me vais dizer que este sonho dura apenas alguns minutos.”

“Teria durado quatro segundos. O sonho começou como se, a partir dum certo ponto, rebobinasses um filme em vídeo e então o estivesses a ver. Eu sei que é difícil compreender, mas, neste sonho em particular, tudo teria começado no momento em que perdeste o equilíbrio na cama.”

“Confesso que não compreendo.”

“Não estou mesmo nada surpreendido, Michel. Para se compreender completamente, requer muito mais estudo neste campo e, na Terra actualmente, não tens ninguém capaz de te instruir no assunto. Os sonhos não têm grande importância neste momento, Michel, mas sem que o percebas, durante as várias horas que passaste connosco, fizeste grandes progressos em certas áreas e é isto que interessa. Agora, é tempo de te explicar os motivos de te trazermos a Thiaoouba.

“Estamos a confiar-te uma missão. Esta missão é a de relatares tudo o que irás ver, viver e ouvir durante a tua estadia entre nós. Relata tudo num, ou vários livros que irás escrever quando regressares à Terra. Nós temos vindo a observar o comportamento das pessoas no teu planeta durante milhares e milhares de anos, como agora te consegues aperceber.

“Uma certa percentagem destas pessoas, está a chegar a um ponto muito crítico na história e nós achamos que chegou a altura de os tentar ajudar. Se elas quiserem ouvir, nós podemos assegurar que eles tomarão o caminho certo. Isto é porque tu foste escolhido...”

“Mas eu não sou escritor! Porque não escolheram vocês um bom escritor - alguém bem conhecido, ou um bom jornalista?”

Thao sorriu perante a minha firme reacção. “Os únicos escritores que o poderiam fazer, como deve ser feito, estão mortos - refiro-me a Platão ou Victor Hugo - e mesmo assim eles teriam relatado os factos com demasiados enfeites estilísticos. Nós requeremos a mais precisa descrição possível.”

“Então vocês precisam é de um repórter- jornalista ... ”

“Michel, tu sabes perfeitamente que os jornalistas no teu planeta estão tão virados para o sensacionalismo, que com frequência distorcem a verdade.

“Quão frequentemente, por exemplo, vês reportagens de notícias que diferem de um canal para outro ou de jornal para jornal? Em quem vais tu acreditar quando um dá informação de que o número de mortes dum tremor de terra é 75, outro é de 62 e ainda outro é de 95? Imaginas mesmo que nós iríamos confiar num jornalista?”

“Estás absolutamente certo!” Exclamei.

“Nós temos-te observado e sabemos tudo sobre ti, tal como sabemos de outros na Terra – e tu foste *seleccionado*...”

“Mas, porquê precisamente eu? Eu não sou o único na Terra capaz de objectividade.”

“Porque não tu? A seu tempo, irás aprender qual a razão principal por detrás da nossa escolha.”

Eu não sabia o que dizer. Além disso, as minhas objecções eram ridículas porque eu já começado esta viagem e não podia voltar atrás. No final de contas, eu tinha de admitir que estava a gostar desta viagem espacial cada vez mais. Certamente, que milhões de humanos teriam dado tudo quanto tinham para estar no meu lugar.

“Não vou continuar a discutir Thao. Se esta é a vossa vontade, eu só tenho de me render a ela. Só espero estar à altura da tarefa. Por acaso levaram em conta que noventa por cento das pessoas não irão acreditar num única palavra do que eu disser? Para a maior parte das pessoas será demasiado inacreditável.”

“Michel, há quase 2000 anos atrás, acreditaram eles que Cristo tinha sido enviado por Deus, tal como ele professava? Certamente que não, pois se acreditassem não o tinham crucificado.

Agora, no entanto, há milhões que acreditam no que ele disse... ”

“Quem acredita nele? Será que acreditam realmente nele, Thao? E de qualquer forma quem foi ele? Primeiro que tudo, quem é Deus? Será que Ele existe?

“Eu já estava à espera dessa questão e é importante que a tenhas feito. Numa tabuleta de pedra, que creio ser *Naacal*¹⁵, está escrito: No princípio não havia nada - tudo era escuridão e silêncio.

“O Espírito - a Inteligência Superior decidiu criar os mundos e Ele comandava as quatro forças superiores...

“É extremamente difícil para a mente humana, mesmo sendo altamente desenvolvida, de compreender semelhante coisa. De facto, de certa forma, é impossível. De outro modo, o teu Espírito Astral assimila-o quando está livre do teu corpo físico. Mas, estou a ir depressa demais - vamos voltar atrás para o princípio de tudo.

No princípio não havia nada excepto escuridão e um espírito - O Espírito.

“O espírito era, e é, infinitamente poderoso - poderoso para lá da compreensão de qualquer mente humana. O Espírito era tão poderoso que foi capaz, somente pela acção da sua mente, de desencadear uma explosão atómica com reacções em cadeia de força inimaginável. De facto, o Espírito imaginou os mundos - Ele imaginou como os criar - desde o mais gigantesco até ao mais minúsculo. Ele imaginou os átomos. Quando Ele os imaginava Ele criava, na Sua imaginação, tudo aquilo que se movia e irá mover: tudo o que vivia e irá viver; tudo o que é imóvel, ou parece ser - toda e qualquer coisa.

“Mas isso existia apenas na sua imaginação. Tudo era ainda escuridão. Assim que Ele teve uma visão global do que Ele queria criar, Ele foi capaz, pela sua excepcional força espiritual, de criar, instantaneamente, as quatro forças do Universo.

“Com elas, Ele comandou a primeira e mais gigantesca explosão atómica de todos os tempos - aquilo que certas pessoas chamam de “Big Bang“. O espírito estava no seu centro e induziu-o. A escuridão tinha desaparecido e o Universo estava-se a criar a si mesmo de acordo com a vontade do Espírito.

¹⁵ Naacal - nome dado a 2 conjuntos de tabletas em pedra, muito antigos, descobertos na Índia e no México, cuja investigação e dedicação de uma vida por parte do Coronel James Churchward (que recebeu o conhecimento das primeiras tabletas sagradas de um alto sacerdote dum templo na Índia e que lhe ensinou igualmente a decifrar os símbolos que aí constavam) resultou na publicação do livro “O Continente Perdido de Mu“. Hoje estas tabletas fazem parte duma colecção patente ao público no Brititish Museum - (N.T.)

“O Espírito esteve assim, ainda está, e estará sempre, no centro do Universo pois ele é seu Mestre e Criador...”

“Pois,” interrompi eu, “é a história de Deus que a religião Cristã ensina - ou quase - e eu nunca acreditei no seu contra-senso...”

“Michel, Eu não falo de nenhuma religião tal como existe na Terra e especialmente não da religião Cristã. Não confundas religiões com a Criação e a simplicidade de tudo o que se seguiu. Não confundas lógica com as distorções ilógicas de religiões. Nós iremos ter a oportunidade de falar novamente neste assunto mais tarde, e certamente que vais ter algumas surpresas.

“Para já estava a tentar explicar-te a Criação. Durante biliões de anos (para o Criador claro que é eternamente “presente”, mas está mais ao nível da nossa compreensão contar em biliões de anos), todos os mundos, sóis e átomos foram formados, tal como aprenderam nas escolas, os planetas revolvendo à volta dos seus sóis, e por vezes com os seus próprios satélites, etc. Em certas alturas e em certos sistemas solares, alguns planetas arrefecem - o solo é formado, as rochas solidificam, formam-se os oceanos e as massas de terra tornam-se continentes.

“Finalmente, estes planetas tornam-se habitáveis para certas formas de vida. Tudo isto esteve no princípio, na imaginação do Espírito. Podemos chamar a esta força a “Força atômica”.

“Nesta altura, pela sua segunda força, ele concebeu as criaturas vivas primárias e muitas das plantas primárias, de onde mais tarde derivaram as subespécies. A esta segunda força vamos chamar de “Força Ovocósmica”, pois estas criaturas e plantas foram criadas por simples raios cósmicos, que se tornaram em ovos cósmicos.

“Muito no início, o espírito imaginou experimentar sentimentos através duma criatura especial. Ele tinha imaginado o Homem através da terceira força que iremos chamar de “Força Ovoastrômica”. E assim foi criado o Homem. Já algumas vez consideraste, Michel, que inteligência foi necessária para criar um ser humano ou até mesmo um animal? O sangue circula graças ao coração que bate milhões de vezes independentemente da vontade... os pulmões que purificam o sangue por meio dum complexo sistema... o sistema nervoso... o cérebro que dá ordens, ajudado pelos cinco sentidos... a medula espinal que é ultra-sensível e que te fará (instantaneamente) tirar a tua mão dum fogão quente para que não te queimes - teria demorado cerca de um décimo de segundo para o teu cérebro enviar a ordem para evitar que queimasses a tua mão.

“Já algumas vez desejaste saber porquê que milhões de indivíduos num planeta como o teu, não têm duas impressões digitais iguais, porque é que, o que chamamos de “cristalino” do sangue, é tão igualmente único entre indivíduos, tal como as impressões digitais?

“Os vossos técnicos e especialistas na Terra, e nos outros planetas, tentaram e ainda tentam criar o corpo humano. Já tiveram sucesso? Relativamente aos robôs que fizeram, nem mesmo o mais perfeito alguma vez será mais do que uma máquina vulgar, em comparação com o mecanismo humano.

“Voltando atrás ao cristalino que acabei de mencionar, é melhor descrito como uma certa vibração particular do sangue de cada indivíduo. Não tem nada a ver com o grupo de sangue. Várias seitas religiosas na Terra acreditam absolutamente na “recidência” de recusar transfusões de sangue. As suas razões relacionam-se com os ensinamentos e livros dos seus ensinamentos religiosos e nas suas próprias interpretações dos mesmos, ao passo que eles deviam era olhar para a verdadeira razão, que é o impacto que vibrações diferentes têm em cada um.

“Se for uma transfusão grande, isso pode ter uma influência no receptor até certo ponto e durante um período de tempo, que varia de acordo com o volume da transfusão. Esta influência, claro que nunca é perigosa.

“Ao fim de algum tempo, que nunca excede um mês, as vibrações do sangue do receptor assumem controlo, não deixando qualquer rasto das vibrações do sangue do doador.

“Não deveria ser esquecido que estas vibrações são muito mais uma característica do corpo fisiológico e fluídico do que do corpo físico.

“Mas noto que nos desviamos muito do meu assunto, Michel. De qualquer forma, é agora altura de nos juntarmos aos outros. Não estamos longe de chegar a Thiaoouba.”

Não me atrevi a perguntar a Thao sobre a natureza da quarta força, pois ela já se estava a dirigir para a saída. Deixei o meu assento e segui-a de volta ao posto de comando. Aí, no painel e em grande plano, uma pessoa falava vagarosa e quase continuamente. Números e figuras, com pontos luminosos de cores brilhantes distintas estavam continuamente a atravessar o ecrã, intercalados com símbolos.

Thao sentou-me no local que eu tinha previamente ocupado e pediu-me para não interferir com o meu sistema de segurança. Ela então afastou-se, para conferenciar com Biastra que parecia estar a supervisionar as astronautas, cada uma das quais estava atarefada na sua respectiva mesa. Finalmente, ela voltou e sentou-se no assento ao lado do meu.

“O que está a acontecer?” Perguntei.

“Estamos progressivamente a reduzir a velocidade, à medida que nos aproximamos do nosso planeta. Estamos agora a 848 milhões de quilómetros e iremos chegar dentro de vinte e cinco minutos.”

“Podemos vê-lo agora?”

“Paciência, Michel. Vinte e cinco minutos não são o fim do mundo!” Ela piscou-me o olho, obviamente de bom humor.

A vista em grande plano no painel, foi substituída por uma imagem de grande ângulo, permitindo-nos uma vista genérica da sala de comando da base intergaláctica, tal como tínhamos visto anteriormente. Agora, cada operadora estava profundamente concentrada na sua mesa particular. Muitos dos “computadores de mesa” eram operados oralmente, em vez de manualmente, respondendo às vozes dos operadores. Números, acompanhados por pontos luminosos de várias cores, atravessavam rapidamente o ecrã. Ninguém na nave espacial permanecia de pé.

De repente, ali estava ele, mesmo no meio do painel. O centro intergaláctico tinha sido substituído por... Thiaoouba!

O meu palpite tinha de estar correcto - e eu podia-o sentir. Thao telepatizou imediatamente de forma afirmativa, deixando-me sem dúvidas.

À medida que nos aproximávamos e Thiaoouba crescia no ecrã, eu não conseguia de lá desviar os meus olhos, pois o que via à minha frente era indescritivelmente belo. Inicialmente, a primeira palavra que veio à mente era “luminoso” - isto foi entretanto justaposto por “dourado” - mas o efeito produzido por esta cor estava para lá de qualquer descrição. Se eu tivesse de inventar uma palavra, talvez uma que se pudesse aplicar fosse “lumino-vapor-dourado”. De facto, podia-se ter a impressão de mergulhar num banho dourado e luminoso - quase como se houvesse na atmosfera um pó dourado muito fino.

Nós descíamos suavemente sobre o planeta e o painel já não mostrava os seus contornos, mas, em vez disso, podiam-se distinguir os contornos dum continente, terminando abruptamente no oceano, que era polvilhado de uma profusão de ilhas de cores diferentes.

Quanto mais próximos estávamos, maior era o nível de detalhe discernível - as lentes de zoom não estavam a ser usadas na altura da aterragem, por uma razão que me foi mais tarde explicada. O que mais me cativava, era a *cor* diante de mim - eu estava *fascinado!*

Todas as cores eram, em cada uma das suas variações tonais, mais vívidas do que as nossas. Um verde-claro, por exemplo, quase resplandecia - irradiava cor. Um verde-escuro, tinha o efeito oposto - “mantinha” a sua cor. É extremamente difícil de descrever, pois as cores neste planeta não podem ser comparadas com qualquer que exista na Terra. Um vermelho podia reconhecer-se como vermelho, mas não o vermelho que conhecemos. Há uma palavra, na linguagem de Thao que define os tipos de cores na Terra e noutros planetas semelhantes ao nosso - as nossas cores são *Kalbilaoka*, que eu traduzo como “apagadas” - as suas, por outro lado, são *Theosolakoviniki*¹⁶ que significa que irradiam as suas cores de dentro.

A minha atenção foi cedo atraída por aquilo que, no ecrã, pareciam ser ovos - sim, ovos¹⁷! Eu podia ver o solo salpicado de ovos, alguns meio-cobertos de vegetação, e outros completamente descobertos.

Alguns pareciam maiores do que outros e alguns pareciam deitados.

Outros estavam direitos, com aquilo que parecia a ponta direccionada para o céu.

Eu estava tão estupefacto com esta visão que me virei novamente para Thao para lhe perguntar sobre estes “ovos”, quando subitamente apareceu no ecrã uma forma rodeada por várias esferas de diferentes tamanhos e, ligeiramente mais afastados, ainda mais “ovos”. Estes eram enormes.

Reconheci as esferas como sendo naves espaciais, tal como a nossa.

“Afirmativo”, disse Thao do seu lugar, “e a forma redonda que vês, é a célula na qual a nossa nave espacial irá ser acomodada dentro de alguns momentos, pois estamos no processo de ancoragem.

“E os ovos gigantes, o que são?”

Thao sorriu. “Edifícios, Michel, mas para já, há algo muito mais importante que tenho de te explicar. O nosso planeta contém muitas surpresas para ti, mas há duas que podem ter um efeito nocivo em ti. Tenho, portanto, de me assegurar que tomas certas precauções elementares. Thiaoouba não tem a mesma força gravítica que o teu planeta. O teu peso seria 70 quilos na Terra - aqui irá ser de 47 quilogramas. Quando deixares a nave espacial, se não tiveres cuidado, arrisca-te a perder o sentido de equilíbrio nos teus movimentos e reflexos. Irás ter a tendência de dar passos demasiado grandes e, talvez cair e te magoares...”

¹⁶ Theosolakoviniki - um efeito semelhante pode ser observado com cores puramente monocromáticas, quando a luz vibra numa banda estreita de frequências. O autor confirmou isto quando lhe foram mostradas tais cores. Será coincidência que “Theos” em grego significa “Deus”? Serão as cores “puras” tal como Deus? (explicação do Editor Inglês)

¹⁷ eu deveria dizer meio ovo, como iremos ver à frente, esta descrição seria mais apropriada. (Nota do Autor)

“Mas, não compreendo. Na vossa nave espacial, sinto-me lindamente.”

“Nós equilibrámos a força interna de gravitação para corresponder à da Terra - ou quase.”

“Então isso deve ser extremamente desconfortável para ti, pois deves pesar 60 quilogramas a mais do que o teu peso normal, dado o teu tamanho.”

“É verdade que sob a acção desta força os nossos corpos são mais pesados, mas nós contra-balançamos isto com uma semi-levitação, desta forma não nos sentimos desconfortáveis e ao mesmo tempo temos a satisfação de te vermos a andar entre nós com à-vontade.

Um ligeiro solavanco indicou que tínhamos aportado. Esta extraordinária viagem tinha acabado - Eu ia pisar *outro planeta*.

“O segundo ponto,” resumiu Thao, “é que vais ter de usar uma máscara, pelo menos durante um bocado, pois o brilho e as cores ir-te-ão literalmente intoxicar, tal como se tivesses bebido álcool.

As cores são vibrações que actuam em certos pontos do teu corpo fisiológico. Na Terra, estes pontos são tão suavemente estimulados, tão pouco exercitados, que aqui poderia ter consequências infelizes.”

O campo de força de segurança do meu assento tinha acabado de ser “desligado” libertando-me novamente, para que eu me pudesse mexer à vontade. O painel estava em branco mas as astronautas ainda estavam atarefadas. Thao guiou-me através da porta de volta ao quarto em que entrei pela primeira vez e onde estive deitado por três horas. Aí, ela pegou num capacete, muito leve, com o qual cobriu o meu rosto desde a testa até por debaixo do meu nariz.

“Vamos, Michel, e bem-vindo a Thiaoouba.”

Fora da nave espacial, caminhamos por um passeio muito pequeno. Senti-me imediatamente mais leve. A sensação era muito agradável, apesar de algo desconcertante, uma vez que perdi o equilíbrio várias vezes e Thao teve de me ajudar a manter de pé.

Não vimos ninguém, facto que me surpreendeu. A perspectiva Terrestre levou-me a esperar que seria recebido por uma multidão de repórteres, flashes de câmaras... ou qualquer coisa semelhante - talvez um tapete vermelho! Porque não o chefe de estado em pessoa? Pelo amor de Deus, esta gente não era todos os dias visitada por um habitante extra-planetário! Mas nada...

Apesar da curta distância, chegamos a uma plataforma redonda, ao lado do caminho. Thao sentou-me num assento circular dentro da plataforma (ver ilustração] e fez-me sinal de que me deveria sentar à sua frente.

Ela tirou um objecto do tamanho dum intercomunicador e senti-me imediatamente preso ao assento, tal como tinha acontecido na nave espacial, por um campo de forças invisível. Então, suavemente e com um quase imperceptível zumbido, a plataforma elevou-se vários metros e moveu-se rapidamente em direcção aos “ovos”, a cerca de 800 metros. O ar fresco e suavemente perfumado batia-me por baixo do nariz, o que era muito agradável, a sua temperatura rondava os 26 graus Celsius.

Em apenas alguns segundos chegamos e passamos através das paredes de um dos “ovos”, como se tivéssemos passado através duma nuvem. A plataforma parou e desceu suavemente no chão do “edifício”. Olhei à minha volta em todas as direcções.

Parecia absurdo, mas o “ovo” tinha desaparecido. Nós tínhamos verdadeiramente entrado no “ovo” e, no entanto, à nossa volta e tão longe quanto a vista podia alcan-

çar, estendia-se o campo. Nós podíamos ver o terreno de aterragem e as naves espaciais acostadas, tal como se estivéssemos ao ar livre...

“Eu compreendo a tua reacção, Michel,” disse Thao que sabia o que eu estava a pensar, “Ir-te-ei explicar o mistério mais tarde.”

Não muito longe de nós, estavam reunidas vinte ou trinta pessoas, todas até certo ponto atarefadas, em frente a mesas e ecrãs nos quais brilhavam luzes coloridas - semelhantes ao interior da nave espacial. Ouvia-se um tipo de música muito suave, que me elevava a um estado de euforia.

Thao fez-me sinal para que a seguisse e dirigimo-nos em direcção a um dos “ovos” mais pequenos situado perto das “supostas paredes interiores” deste maior. À medida que íamos andando, éramos cumprimentados com grande alegria por todos que passávamos.

Tenho aqui de mencionar, que Thao e eu fazíamos um estranho casal à medida que atravessávamos o quarto. A grande diferença de tamanho indicava que, ao caminhar lado a lado, ela era obrigada a mover-se mais devagar, de forma a que eu não tivesse de correr para a acompanhar - os meus movimentos eram mais como saltos desajeitados, pois de cada vez que eu me tentava apressar, apenas exacerbava o problema. Eu tinha a tarefa de coordenar músculos que estavam habituados a mover um peso de 70 quilogramas e que agora só tinham de mover 47 quilogramas - você pode imaginar o efeito que criávamos.

Dirigimo-nos para uma luz que brilhava na parede do “ovo” pequeno.

Apesar da minha máscara, eu estava muito consciente do seu brilho. Passamos por debaixo da luz e através da parede para um pequeno quarto que reconheci imediatamente como tendo aparecido no ecrã da nave espacial. Os rostos eram-me igualmente familiares. Dei-me conta de que estava no centro intergaláctico.

Thao retirou-me a máscara. “Por enquanto está bem, Michel, não vais precisar disto aqui.”

Ela apresentou-me a cada uma das doze pessoas que lá estavam.

Todas elas exclamaram algo e punham a mão no meu ombro, como um gesto de boas vindas.

Os seus rostos tinham expressões de genuína bondade e alegria e eu fiquei profundamente tocado pelo calor da sua recepção. Era como se eles me considerassem um dos deles.

Thao explicou-me que a sua principal pergunta era: porque é que ele está tão triste - estará doente?

“Eu não estou triste!” Protestei eu.

“Eu sei, mas eles não estão acostumados às expressões faciais das pessoas da Terra. Os rostos aqui, como podes ver, reflectem uma felicidade perpétua.”

Era verdade. Parecia que estavam a receber excelentes notícias a cada segundo.

Eu tinha notado que havia algo de estranho nestas pessoas e de repente compreendi: *Todos aqueles que tinha visto pareciam ser da mesma idade!*

5

Aprendendo a viver noutro planeta

Parecia-me que Thao também aqui era imensamente popular e ela encontrava-se a responder a numerosas perguntas - sempre com o seu natural largo sorriso. No entanto, não muito tempo depois, alguns dos nossos anfitriões tiveram de regressar às suas tarefas e nós aproveitamos a deixa para sair. A minha máscara foi-me novamente colocada e deixamos estas pessoas, deixamos também aquelas na sala maior, no meio de muitos gestos de amizade e benevolência.

Voltamos ao nosso veículo e aceleramos imediatamente na direcção duma floresta, que podia ser vista ao longe. Voamos a uma altura de aproximadamente cinco ou seis metros e a uma velocidade que eu tinha estimado ser de 70 ou 80 quilómetros por hora. O ar estava quente e perfumado e eu senti-me novamente eufórico, duma forma que eu nunca antes tinha sentido na Terra.

Chegamos à orla da floresta e lembro-me de ter ficado muitíssimo impressionado com o tamanho das árvores maiores. Pareciam elevar-se no céu a cerca de 200 metros.

“A maior tem 240 dos vossos metros, Michel.” Explicou-me Thao sem que eu tivesse perguntado, “e entre 20 e 30 metros de diâmetro na base.

“Algumas delas têm 8000 dos nossos anos. O nosso ano consiste de 333 dias e 26 *karses*. Um *karse* é um período de 55 *lorse*, um *lorse* compreende 70 *kasios* e sendo um *kasio* quase equivalente a um dos vossos segundos. (Ora aí está uma conta para si...) Gostarias de ir para o teu “apartamento” ou primeiro de dar uma olhada na floresta?”

“Vamos primeiro visitar a floresta, Thao.”

O veículo reduziu fortemente a sua velocidade e nós fomos capazes de deslizar entre, ou mesmo parar e observar mais em pormenor, as árvores a alturas que iam quase desde o solo, até 10 metros acima do mesmo.

Thao era capaz de guiar a nossa “plataforma voadora” com admirável destreza e precisão. O nosso veículo, e a forma de Thao o conduzir, fizeram-me lembrar um tapete voador, que me levava numa viagem mágica sobre este magnífico chão de floresta.

Thao inclinou-se para mim e retirou-me a máscara. A vegetação era luminosa e suavemente dourada mas achei-a bastante tolerável.

“É uma boa altura para te começares a acostumar à luz e cor, Michel. Olha!”

Seguindo o seu olhar, descobri, nuns ramos muito altos, três borboletas, vividamente coloridas e de um tamanho enorme.

Estas lepidópteras, que deveriam ter um metro de envergadura de asas, flutuavam alto na folhagem, mas fomos suficientemente afortunados de as ver a voar mais e

mais perto, em asas de azul, verde e laranja. Isto é tão claro para mim como se fosse ontem. Elas roçaram em nós com as suas asas que eram estranhamente adornadas, criando o mais lindo e surpreendente efeito. Uma delas veio pousar numa folha apenas a alguns metros de nós e eu fui capaz de admirar o seu corpo, envolto em prata e ouro e as suas antenas jade-verde. A sua tromba era dourada e a parte superior das suas asas eram verdes com uma linha de azul brilhante alternada com formas de diamante laranja escuro. As partes laterais inferiores eram azul-escuro, mas luminoso, como se fossem iluminadas por um projector.

Durante o período de tempo que este insecto gigante permaneceu na folha, parecia emitir um suave assobio e eu fiquei bastante surpreendido com isto. Eu certamente que nunca tinha ouvido uma lepidóptera na Terra fazer qualquer tipo de som.

Claro que não já não estávamos na Terra mas em Thiaoouba, e isto era apenas o princípio de uma longa série de surpresas para mim.

No chão da floresta crescia uma incrível variedade de plantas, qual delas a mais estranha, que cobriam completamente o solo, mas apercebi-me de que haviam muito poucos arbustos entre elas. Imagino que os gigantes da floresta as impediam de se desenvolver.

Em tamanho, estas plantas variavam desde um tipo de musgo que cobria o chão, até outra do tamanho duma grande roseira-brava.

Um destes tipos, com folhas tão grossas como uma mão e de várias formas - por vezes em forma de coração ou circular, e outras muito longa e delgada - eram duma cor que tendia muito mais para o azul do que para o verde.

Flores de todos os feitios e cores, mesmo do preto mais puro, entrelaçavam-se entre si. Da nossa altitude a vários metros, o efeito era absolutamente glorioso.

Subimos até aos ramos mais altos e pus novamente a minha máscara, de acordo com a indicação de Thao. Emergimos acima do tecto e movemo-nos lentamente, mesmo por cima da folhagem daquelas enormes árvores.

Acima da floresta a luz era, novamente, incrivelmente intensa e eu tive a impressão de viajar através duma paisagem de cristal puro.

Pássaros maravilhosos empoleiravam-se no cimo das árvores mais altas, vendo-nos passar, sem medo. A suas variadas e ricas cores, eram uma verdadeira festa para os meus olhos apesar do efeito atenuador da minha máscara. Aqui haviam variedades de araras, com plumagem azul, amarela, cor-de-rosa e vermelha, e entre elas uma espécie de ave-do-paraíso empertigava-se no meio duma nuvem daquilo que pareciam ser beija-flores.

Estes beija-flores eram de um vermelho brilhante, coberto com manchas de ouro.

Os vermelhos, cor-de-rosa e laranjas das penas da cauda das aves do paraíso, mediriam 250 centímetros de comprimento e a sua envergadura de asas era de quase dois metros.

Quando estas “jóias” levantaram voo, o lado debaixo das suas asas revelaram um enevoado cor-de-rosa muito suave, apenas com um toque de azul brilhante nas pontas - tão inesperado, especialmente porque os extremos das asas eram duma cor laranja-amarelo. As suas cabeças exibiam plumas de um tamanho impressionante, em que cada pena era duma cor diferente. amarelo, verde, laranja, preto, azul, vermelho, branco, creme...

Sinto-me frustrado que as minhas tentativas de descrever as cores que vi em Thiaoouba sejam tão inadequadas - sinto que preciso de todo um léxico novo, pois falha-me a minha linguagem. Eu tinha a constante impressão de que as cores

vinham de *dentro* dos objectos para onde eu olhava, e que a cor era *mais* do que aquilo que eu conhecia que ela era.

Na Terra, nós conhecemos talvez 15 gradações de vermelho, aqui deviam haver para cima de cem...

Não eram apenas as cores que me chamavam à atenção. Os sons que ouvia desde que tínhamos começado a voar sobre a floresta inspiravam-me a procurar uma explicação de Thao. Era quase uma música de fundo, muito leve e suave, semelhante a uma flauta que tocava continuamente a mesma melodia mas à distância.

À medida que prosseguíamos, a música parecia mudar, apenas que regressar à melodia original.

“É música, isto que ouço?”

“São vibrações emitidas pelos milhares de insectos que, quando combinados com as vibrações das cores reflectidas pelos raios solares em certas plantas, tal como o *Xinoxí*, por exemplo, produzem os resultados extremamente musicais que ouves. Nós mesmos, apenas o ouvimos se nos sintonizarmos particularmente para isso, pois isso faz parte integral da nossa vida e do nosso ambiente. É relaxante, não é?”

“Absolutamente.”

“De acordo com os especialistas, se estas vibrações cessassem, nós iríamos sofrer de consideráveis problemas oculares. Isto talvez pareça estranho a princípio, visto que estas vibrações parecem ser perceptíveis ao ouvido em vez dos olhos. Não obstante, especialistas são especialistas, Michel, e de qualquer forma isto é de pouca importância para nós, pois eles também dizem que a probabilidade deles cessarem é tão remota quanto a possibilidade do nosso sol se extinguir amanhã.”

Thao virou-se para o nosso veículo e em poucos momentos, tínhamos deixado os topos da floresta e voávamos sobre uma planície, na qual fluía um rio de cor verdejado.

Descemos até uma altitude de cerca de três metros e seguimos o seu curso.

Agora éramos capazes de seguir os movimentos dum peixe estranho - peixe este, que se assemelhava mais com um ornitorrinco do que com um peixe, tal como eu conhecia. A água era pura como cristal e, a esta altitude, podíamos distinguir tudo até ao mais pequeno seixo.

Olhando para cima, vi que nos aproximávamos do oceano. Palmeiras parecendo coqueiros agitavam a sua majestosa folhagem a alturas impressionantes, à beira duma praia de areia dourada. O oceano azul contrastava agradavelmente com o vermelho brilhante das rochas encrostadas em pequenas colinas, que tinham vista panorâmica para sua parte da praia.

Cem ou mais pessoas tomavam banhos de sol na areia ou nadavam, completamente nus, nas águas transparentes do oceano.

Senti-me um pouco confundido, não apenas por causa das coisas novas e impressionantes que estava constantemente a descobrir, mas também por causa da perpétua sensação de leveza, devido à mudança de gravidade. Esta sensação era a minha lembrança da *Terra* - mas que palavra estranha, e quão difícil era agora visualizar a Terra!

As vibrações auditivas e visuais também me estavam a afectar fortemente o sistema nervoso. Sendo normalmente uma pessoa bastante tensa, eu sentia-me completamente relaxado - como se tivesse mergulhado num banho quente, permitindo-me flutuar na espuma, enquanto tocava uma música suave.

Não, ainda mais relaxado do que isso - tão relaxado que me apetecia chorar.

Prosseguimos, bastante rapidamente, através das águas da imensa baía, voando a cerca de 12 metros acima das águas. No horizonte podia distinguir vários pontos, alguns maiores do que outros, e apercebi-me que estes eram ilhas; sem dúvida aquelas que tinha visto antes da nossa chegada a Thiaoouba.

À medida que nos dirigia-mos para a ilha mais pequena, olhei para baixo e vi que estávamos a ser seguidos por numerosos peixes, divertindo-se a cruzar a sombra que o nosso veículo projectava sobre a água.

“São tubarões?” Perguntei.

“Não, são Dajiks - os irmãos dos vossos golfinhos. Estás a ver? Eles gostam tanto de brincar como os vossos golfinhos.”

“Olha!” Interrompi Thao. “Olha!”

Thao olhou para onde eu apontava e começou a rir - Eu estava surpreso por ver um grupo de pessoas a aproximar-se de nós, aparentemente sem a ajuda de nenhum veículo.

Eles estavam a cerca de dois metros da água, em posição vertical, e não apenas flutuando no ar, mas movendo-se bastante rápido na nossa direcção.

Em breve os nossos caminhos cruzaram-se e gestos de grande amizade foram trocados. No mesmo instante, uma vaga de bem-estar fluiu através de mim durando alguns segundos. Era a mesma sensação que Latoli tinha produzido e reconheci-a como um sinal de saudação desta “gente voadora”.

“Como é que eles conseguem fazer aquilo? É levitação?”

“Não, eles têm uma Tara¹⁸ na cintura e um Litiolac¹⁹ nas mãos. Estes, produzem certas vibrações que neutralizam a força magnética fria²⁰ do planeta, permitindo a neutralização da força gravitacional. Mesmo um peso de milhões de toneladas se equipara ao peso de plumas. Então, por outras vibrações similares às dos ultrasons, eles podem conduzir-se, precisamente para onde quiserem, tal como agora estão a fazer. Neste planeta, qualquer pessoa que queira viajar alguma distância usa este método.”

“Então porquê que usamos este veículo?” Perguntei, pois eu adoraria experimentar tal equipamento, o qual, por sinal, era absolutamente silencioso.

“Michel, tu és impaciente. Eu trouxe-te por este meio porque tu não és capaz de voar com um Litiolac. Sem prática, poder-te-ias magoar. Talvez mais tarde, se houver tempo, ir-te-ei ensinar como se usa. Olha, estamos quase lá.”

¹⁸ A Tara é um aparelho usado como um cinto, quando se quer voar - (N.T.)

¹⁹ O Litiolac opera concertadamente com a Tara para voar, mas mantém-se nas mãos - (N.T.)

²⁰ Força magnética fria - *Cold Magnetic Force* no original em Inglês - dado que o estado actual de compreensão científica da natureza da força de gravidade é manifestamente incorrecta (e matéria de muita polémica na comunidade científica), a interpretação desta frase sugere-nos que a gravidade é um aspecto do magnetismo que ainda não conhecemos - (clarificação do Tradutor, baseada em impressões trocadas com o Editor Inglês)

De facto, estávamos a aproximar-nos rapidamente da ilha e podíamos ver perfeitamente a praia dourada com algumas pessoas a apanhar sol. Quase no mesmo instante, estávamos a voar por baixo dos ramos das palmeiras ao longo de um amplo caminho, ladeado por duas filas de arbustos floridos e muito perfumados. A área estava viva com o som e a cor dos insectos, borboletas e pássaros.

O veículo prosseguia lentamente à altura do chão e, após uma curva final do caminho, chegamos defronte de um “ovo pequeno”, aconchegado entre pequenas árvores e videiras em flor. Parecia que cada edifício neste planeta tinha a forma de um ovo, mais frequentemente deitado “de lado”, mas ocasionalmente erecto, tal como disse antes, com a extremidade para cima. As “cascas” eram de cor branca e não tinham nem portas nem janelas.

Este ovo em particular estava deitado, aparentemente meio enterrado no chão. Tinha cerca de 30 metros de altura e 20 de diâmetro - bastante pequeno quando comparado com aqueles que eu tinha visto até agora.

Thao parou o veículo em frente a uma luz brilhante centrada na parede do ovo. Deixando a plataforma, entramos na habitação. Assim que o fizemos, senti uma ligeira pressão, sem ter mais força do que o peso de um edredão. Lembrei-me de ter experimentado antes a mesma sensação, quando passamos

através das paredes do centro espacial.

Não tendo nem portas nem janelas nestes edifícios, já era extraordinário por si só, mas uma vez lá dentro, ainda era mais estranho. Tal como mencionei antes, a impressão geral era de que ainda se estava fora.

A beleza impressionante da cor estava em toda a parte; a verdura; os ramos das árvores dissecando o céu azul claro acima, as borboletas, as flores... Lembro-me dum pássaro que veio descansar mesmo no meio do “tecto”, e assim podíamos ver a parte de baixo das suas patas. Era como se miraculosamente estivesse parada no meio do ar - o efeito era deveras extraordinário.

O único contraste com o exterior era dado pelo chão que estava coberto com um tipo de tapete na qual estavam dispostos sofás de aspecto confortável e mesas de base larga. Toda esta mobília era, evidentemente, em grande escala - apropriada a esta gente de “grande-escala”.

“Thao,” perguntei, “como é que as vossas paredes são transparentes e no entanto não podemos ver para o interior estando fora? E como é que podemos passar através das paredes, tal como fizemos?”

“Primeiro de tudo, Michel, vamos tirar esta tua máscara. Vou regular a luz interna de forma a que seja suportável para ti.”

Thao aproximou-se dum objecto no chão e tocou-lhe. Quando retirei a máscara, achei que a luz não era menos tolerável do que quando a tinha, apesar de ter retornado a qualidade do brilho.

“Estás a ver, Michel, esta habitação existe por causa dum campo magnético que é deveras especial. Nós copiamos as forças da natureza e as suas criações para os nossos fins. Deixa-me explicar. Qualquer corpo - humano, animal ou mineral - possui um campo à sua volta. O corpo humano, por exemplo, está rodeado por ambos uma Aura e uma força²¹ etérea de forma oval. Tu sabes isso, não sabes?”

Acenei afirmativamente.

²¹ campo de força - (Nota do Editor Inglês)

“A última engloba, em parte, electricidade e, em grande parte, vibrações a que nós chamamos *Ariacostinaki*.”

“Estas vibrações ocorrem continuamente para tua protecção enquanto estás vivo, e elas não se devem confundir com as vibrações da Aura.”

Com as nossas casas, nós copiamos a natureza ao criar um campo de vibrações electro-etéreas minerais à volta de um núcleo.” Thao indicou-me um “ovo” do tamanho dum ovo de avestruz, localizado no meio do quarto entre dois assentos. “Podes empurrar este sofá, p.f., Michel?”

Olhei para Thao, surpreendido pelo seu pedido, tomando em consideração o tamanho do assento e o facto de ela nunca antes me ter pedido nada. Eu tentei fazer-lhe a vontade, mas com alguma dificuldade pois o assento era mesmo pesado, no entanto consegui movê-lo cerca de 50 centímetros.

“Muito bem,” disse ela. “Agora vais-me passar o ovo.”

Sorri. Em comparação, esta iria ser uma tarefa simples. Consegui levantá-lo com uma única mão e sem qualquer esforço, mas para não o deixar cair, peguei com ambas as mãos e... caí de joelhos! Eu não estava à espera que fosse tão pesado e tinha-me desequilibrado. Levantei-me e tentei novamente, desta vez com toda a minha força... nada aconteceu.

Thao tocou-me no ombro. “Repara,” disse ela. Voltando-se para o assento que eu tinha tido tanta dificuldade em mover, ela colocou uma mão por baixo e elevou-o por cima da sua cabeça. Ainda com uma mão, ela pousou-o novamente, aparentemente sem esforço. A seguir, ela tomou o ovo com ambas as mãos e empurrou e puxou com toda a sua força até as veias lhe incharem no pescoço. Ainda assim, o ovo não se mexeu nem um centésimo de milímetro.

“Está soldado ao chão,” sugeri.

“Não, Michel, isto é o Centro e *não pode* mexer. É o núcleo que antes te falei. Nós criamos um campo à sua volta, tão forte que nem a chuva nem o vento podem penetrar neste campo. No que toca aos raios solares, podemos regular até que ponto eles penetram. Também os pássaros que vêm descansar em cima, não são suficientemente pesados para passar através do campo e, se por acaso pousar um pássaro mais pesado, este irá começar a afundar. Isto produz uma sensação tão assustadora para o pássaro que imediatamente voará para longe, sem que nenhum mal lhe aconteça.”

“É tão engenhoso,” disse eu, “mas qual é o significado da luz à entrada? Não poderíamos passar através das paredes em qualquer lugar que escolhêssemos?”

“Claro que podíamos. É só porque de fora não é possível ver o interior e assim não poderias saber se não irias bater em algum do mobiliário do outro lado. O melhor lugar para entrar, é sempre indicado por uma luz externa. Vem, deixa-me mostrar-te o sítio.”

Segui-a e descobri, por detrás duma divisão ricamente decorada, um ambiente verdadeiramente magnífico. Havia uma piscina em miniatura que parecia ser de alabastro verde e, na vizinhança, a equivalente pia sobre a qual um cisne em alabastro se dobrava, com o seu bico aberto... o efeito era lindíssimo.

Thao pôs a sua mão por baixo do bico do ganso e imediatamente a água começou a fluir sobre a sua mão e para dentro da pia. Ela retirou a mão e o fluxo cessou. Indicou-me que eu deveria tentar. A pia estava a cerca de 150 centímetros acima do chão, e assim eu tive de levantar o meu braço bastante alto mas lá me arranjei e a água brotou novamente.

“Que engenhoso!” Exclamei.

“Vocês têm água potável nesta ilha, ou tiveram de abrir furos de captação?”

O rosto de Thao iluminou-se novamente com o seu sorriso de divertimento. Aquilo era bastante familiar para mim, aparecendo cada vez que eu dizia algo que, para ela, parecia “esquisito”.

“Não, Michel, nós não obtemos a nossa água da mesma forma que vocês na Terra. Por baixo deste magnífico pássaro em pedra, está um aparelho que retira o ar de fora e o transforma em água potável consoante o necessário.

“Isso é maravilhoso!”

“Nós estamos meramente a explorar uma lei natural.”

“E se quiseres água quente?”

Força electro-vibratória. Para água quente, tu somente tens de pôr aqui o teu pé, e para a água ferver, põe-no aqui.

“As células posicionadas de lado, controlam o funcionamento do aparelho... mas estes são apenas detalhes materiais e sem grande importância. “Isto aqui,” disse Thao seguindo a direcção do meu olhar, “é a área de relaxamento. Tu podes-te estirar aqui.” Ela apontou para um tapete espesso que estava no chão, um pouco para lá em direcção à base do “ovo”.

Eu deitei-me e senti imediatamente como se estivesse a flutuar ao nível do chão. Apesar dela continuar a falar, eu já não conseguia ouvir a voz de Thao. Ela tinha desaparecido por detrás dum cortinado nebuloso, de modo que tive a impressão de ter sido envolto num espesso nevoeiro de algodão. Ao mesmo tempo, podiam-se ouvir vibrações musicais, e o efeito genérico era maravilhosamente relaxante.

Voltei a erguer-me e após alguns segundos, a voz de Thao tornou-se novamente audível, ficando progressivamente mais alta à medida que o “nevoeiro” levantava e desaparecia por completo.

“O que é que pensas disso, Michel?”

“É realmente o máximo em conforto!” Repliquei entusiasticamente. “Mas há uma coisa que ainda não vi até agora e que é a cozinha - e tu sabes o quão importante é a cozinha para os Franceses!”

“Por aqui,” disse ela, sorrindo novamente e dando vários passos noutra direcção. “Vês esta gaveta transparente?”

Dentro tens vários compartimentos. Da esquerda para a direita: peixe, moluscos, ovos, queijo, produtos lácteos, vegetais e frutos e aqui no último, temos os que nós chamamos de “maná”, que é o nosso pão.”

“Tu estás ou a provocar-me ou a gozar comigo. Tudo o que vejo na tua gaveta é vermelho, verde, azul, castanho e derivados dessas cores...”

“O que tu vês são concentrados de várias comidas - peixe, vegetais, etc., da melhor qualidade preparados por excelentes cozinheiros usando vários métodos especiais. Quando as provares, irás achar esta comida excelente e muito nutritiva.”

Então, Thao proferiu algumas palavras na sua própria língua e, dentro de alguns momentos, eu tinha num tabuleiro diante de mim, um conjunto seleccionado de elementos de comida arranjados numa forma agradável à vista. Quando a provei, o meu palato ficou agradavelmente surpreendido. Era deveras excelente, apesar de muito diferente de qualquer outra coisa que eu tenha comido antes na minha vida.

O Maná já tinha provado na nave espacial. Comi algum novamente e achei-o um bom acompanhamento aos pratos apresentados.

“Tu dizes-me que, na Terra, este pão é conhecido por maná“. Como é que, de todo, isto existe na Terra?

“É um produto que sempre levamos na nossa nave inter-galáctica. É muito prático, sendo facilmente comprimível e altamente nutritivo. De facto, é um alimento completo. Provém do trigo e aveia e poderias viver unicamente disto durante meses.”

Justamente nesse momento, a nossa atenção desviou-se perante a aproximação de várias pessoas, voando ao nível do chão por baixo dos ramos das árvores. Eles pou-saram à entrada do “ovo”, desapertaram as suas Taras e colocaram-nas num bloco de mármore, que sem dúvida ali estava para esse propósito. Entraram um a um e foi com prazer que reconheci Biastra, Latoli e o resto da tripulação da nave espacial.

Tinham trocado os seus uniformes espaciais por longas túnicas, de estilo Árabe e de cores cintilantes. (Mais tarde compreendi porque é que a cor de cada túnica favorecia tanto o indivíduo que a usava.) De momento era difícil acreditar que aquelas eram as mesmas pessoas que tinha conhecido e falado na nave espacial, elas estavam de tal forma completamente transformadas.

Latoli aproximou-se de mim, com um sorriso radiante a iluminar-lhe o rosto. Colocando a sua mão no meu ombro ela disse, telepaticamente, “Tu pareces-me um pouco atordoado, meu caro. Não te agradam as nossas habitações?”

E “leu” a minha resposta admirada e afirmativa e alegrou-se com isso. Voltando-se para as outras, ela transmitiu-lhes a minha resposta, ouvindo-se de seguida um rumor de comentários, todas falando ao mesmo tempo. Todas se tinham sentado, parecendo muito mais em casa nos seus assentos do que eu me sentia no meu. Sentia-me tão estranho como um pato entre galinhas, no sentido em que o meu tamanho não correspondia com nada do que tinha sido construído à sua escala.

Thao foi à “cozinha” e encheu um tabuleiro com coisas para comer. Então, a uma palavra sua, todas as mãos se elevaram na direcção do tabuleiro, que lentamente se ergueu no ar.

Moveu-se à volta da sala, parando em frente a cada convidado, sem que ela tivesse de o tocar. Finalmente parou à minha frente e, com grande precaução, para que não caísse (o que divertiu imensamente toda a gente) tirei um copo de hidromel. O tabuleiro partiu por sua própria vontade, regressando ao seu local de origem, e todas as mãos se baixaram.

“Como é que isso se faz?” Perguntei a Thao. A minha questão foi compreendida telepaticamente por todas e houve uma explosão geral de gargalhadas.

“Por aquilo a que tu chamarias de “levitação“, Michel. Nós podemos, tão prontamente elevarmo-nos no ar, mas sem outro propósito senão o nosso próprio divertimento.” Após ter dito isto, Thao, que estava sentada de pernas cruzadas, começou a elevar-se acima do seu assento e flutuou pela sala, vindo finalmente a deter-se em pleno ar. Eu não tirei os olhos dela, mas cedo me apercebi que era o único fascinado pela sua proeza. Realmente, eu devia parecer idiota, pois todos os olhos estavam fixos em mim. Evidentemente que o comportamento de Thao era perfeitamente normal para as minha amigas, mas elas estavam mais interessadas na expressão da minha face.

Thao desceu lentamente sobre o seu assento.

“Isto demonstra uma das muitas ciências que vocês perderam na Terra, Michel - com excepção de alguns indivíduos que ainda são capazes de o fazer.

“Houveram alturas em que era praticado por muitos, junto com muitas outras habilidades.”

Passamos agradavelmente o tempo naquela tarde, as minhas novas amigas e eu, comunicando telepaticamente duma forma muito jovial, até o sol estar baixo no céu.

Então Thao explicou, “Michel, este “doko”, tal como chamamos às nossas habitações neste planeta, irá ser a tua casa durante a tua breve estadia em Thiaoouba. Nós agora vamos-te deixar durante a noite, para poderes dormir. Se desejares tomar banho, já sabes como o preparar e podes dormir na cama de relaxamento. Mas tenta-te organizar dentro da próxima meia hora, pois nesta habitação não há luz. Nós vemos tão bem de noite como de dia e não temos necessidade dela.”

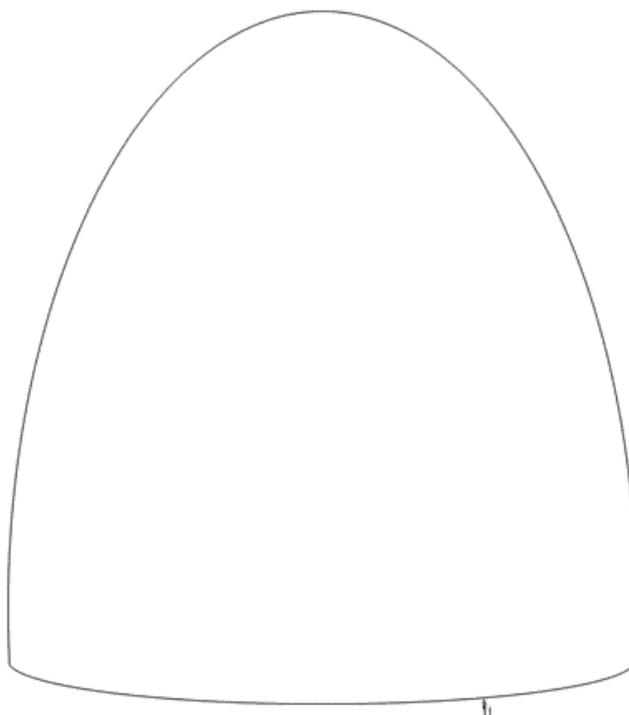


Figura 5 - Thao e Michel em frente a um Doko - o edifício de campo de forças

“Este edifício é seguro? Estarei protegido aqui? Perguntei preocupado.

Thao sorriu novamente. “Neste planeta, poderias dormir no chão no meio da cidade e estarias mais seguro do que em qualquer edifício com guardas armados, cães e alarmes na Terra.

“Aqui, apenas temos seres altamente evoluídos e certamente, nenhum parecido com os criminosos que há na Terra. Aos nossos olhos, eles assemelham-se aos piores dos animais selvagens. E assim, boa noite.”

Thao deu meia volta e passou pela “porta” do doko para se juntar às suas amigas. Elas deviam ter trazido um “Litiolac” a mais para ela porque ela saiu voando com o grupo.

Preparei-me, então, para passar a minha primeira noite em Thiaoouba.

6

Os Sete Mestres e a Aura

Uma chama enorme ardia com chamas azuis, laranjas e amarelas à sua volta. Uma enorme cobra preta deslizou através das chamas, na minha direcção. Gigantes apareceram do nada, correndo, e tentando apanhar a cobra. Foram precisos sete deles, para a parar antes de chegar até mim. Mas virou-se e engoliu as chamas, cuspidoras de imediato, tal como um dragão, aos gigantes. Eles transformaram-se em estátuas imensas tal como estavam - montados nas costas da cobra.

O réptil tornou-se um cometa e levava as estátuas embora - para a Ilha de Páscoa²². A seguir cumprimentavam-me, usando estranhos chapéus. Uma das estátuas, parecida com Thao, apanhou-me pelo ombro e disse, “Michel, Michel... acorda.” Thao abanava-me e sorria gentilmente.

“Meu Deus!” Disse eu, abrindo os olhos, “Estava a sonhar que eras uma estátua da Ilha de Páscoa e que me tinhas agarrado pelos ombros...”

“Eu *sou* uma estátua da Ilha de Páscoa e eu *agarrei-te* pelo ombro.”

“De qualquer forma, agora não estou a sonhar, pois não?”

“Não, mas o teu sonho foi deveras estranho, pois na Ilha de Páscoa há uma estátua que foi esculpida há muito tempo atrás para me immortalizar e à qual foi dado o meu nome.”

“O que é que agora me estás a dizer?”

“Simplesmente a verdade, Michel, mas iremos explicar-te isso tudo na devida altura. Por agora, vais vestir estas roupas que trouxe para ti.”

Thao entregou-me um manto esplendidamente colorido que deveras me encantou e que vesti, após um banho quente e perfumado. Fui tomado por um sentimento de euforia completamente inesperado. Mencionei-o a Thao, que me aguardava com um copo de leite e um pouco de maná para mim.

“As cores do teu manto foram escolhidas, de acordo com as da tua Aura, é por isso que te sentes tão bem. Se as pessoas na Terra pudessem ver Auras, elas também poderiam escolher cores que lhes assentassem e assim aumentassem a sua sensação de bem-estar. Elas fariam uso das cores, em vez da aspirina.”

²² Ilha de Páscoa - uma ilha isolada do oceano Pacífico, sem árvores, a vários milhares de quilómetros da costa do Chile, na qual há inúmeras estátuas gigantes de pedra. Algumas destas estátuas têm 50 metros de altura e, desde tempos imemoriais, têm sido consideradas como “uma das sete maravilhas do mundo”. As sua existência tem intrigado ambos arqueólogos e historiadores durante séculos - (comentário do editor Inglês, com o consentimento do autor)

Que queres tu dizer, exactamente?”

“Vou dar-te um exemplo. Recordas-te de alguma vez teres dito a alguém: “oh, essa roupa não te fica nada bem. Ele, ou ela, não têm gosto?”

“Sim, de facto, com alguma frequência.”

“Bem, nesses casos, as pessoas simplesmente escolheram as suas roupas com menos perícia do que as outras, ou misturaram-nas com menos sucesso. Como vocês dizem em Francês, *ils jurent* ou “destoam”, mas mais aos olhos dos outros do que aos deles mesmos. No entanto, essas pessoas não se vão sentir bem consigo mesmas, sem que se apercebam porquê.

Se sugerisses que era por causa das cores que estão a usar, elas ir-te-iam achar esquisito. Poderias explicar que as vibrações das cores estavam em discórdia com aquelas das suas Auras, mas eles já não estariam mais inclinados a acreditar em ti. No teu planeta, as pessoas apenas acreditam naquilo que vêem e tocam... e no entanto a Aura pode ser vista... ”

“A Aura é realmente colorida?”

“Claro. A Aura vibra constantemente com cores que variam. No cimo da tua cabeça, há um verdadeiro leque de cores, onde quase todas as cores que conheces estão representadas.

“À volta da cabeça também há uma auréola dourada, mas que é realmente mais notória nas pessoas espiritualmente mais avançadas e naquelas pessoas que se sacrificaram para ajudar mais alguém. A auréola parece-se com uma névoa dourada, muito semelhante ao que alguns pintores na Terra pintaram nos “santos” e em Cristo. As auréolas foram incluídas nas pinturas porque, naqueles tempos, alguns dos artistas podiam realmente vê-las.

“Sim, eu já tinha ouvido falar disso, mas adoro ouvi-lo vindo de ti.”

“As cores estão todas aí na Aura: algumas brilham mais intensamente, e outras são mais sombrias. Por exemplo, pessoas com pouca saúde, ou pessoas com más intenções...”

“Eu gostava tanto de ver a Aura.

Eu sei que há pessoas que a podem ver...”

“Na Terra, muitas pessoas podiam vê-las e lê-las há muito tempo atrás, mas agora há poucas. Tem calma, Michel. Tu hás-de vê-las, e não apenas uma mas várias. Incluindo a tua própria. Agora, de qualquer forma, vou-te pedir para me seguires, porque temos tanto para te mostrar e tão pouco tempo disponível.”

Segui Thao, que me voltou a colocar a máscara no meu rosto e seguiu à minha frente para a plataforma voadora que tínhamos usado no dia anterior.

Retomamos os nossos lugares e Thao começou imediatamente a manobrar a máquina de forma a se esquivar por debaixo dos ramos das árvores.

Numa questão de momentos, tínhamos surgido na praia.

O sol tinha acabado de nascer por detrás da ilha e iluminado o oceano e as ilhas circundantes. Ao nível da água - o efeito era mágico. À medida que prosseguíamos ao longo da praia, podia ver outros dokos através da folhagem, aninhados entre arbustos floridos. Na praia, os habitantes destas residências tomavam banho em águas transparentes ou passeavam juntos pela areia. Aparentemente surpresos por verem a nossa plataforma voadora, eles seguiam o nosso progresso à medida que

passávamos. Ocorreu-me que este não devia ser o meio de transporte mais usual na ilha.

Deveria mencionar também que, apesar dos nadadores e os que estavam a apanhar sol estarem sempre completamente nus em Thiaoouba, aqueles que passeavam ou andavam qualquer distância significativa, estavam sempre vestidos ao fazê-lo. Neste planeta, não há nem hipocrisia, exibicionismo ou falsa modéstia (isto será explicado mais tarde).

Não tardou muito a que chegássemos ao fim da ilha e, acelerando, Thao conduziu o veículo ao nível da água.

Estávamos a ir na direcção duma grande ilha que podia ser vista no horizonte. Não pude deixar de admirar a destreza com que Thao pilotava a máquina voadora, especialmente quando chegamos à costa da ilha.

Ao nos aproximarmos da costa, pude reconhecer enormes dokos, com as suas extremidades como de costume a apontarem para o céu, contei um grupo de nove, mas a ilha estava salpicada de outros, menores e menos visíveis entre a vegetação. Thao levou-nos mais alto e em breve estávamos a sobrevoar o que Thao chamou *Kotra quo doj Doko* - "A Cidade dos nove Dokos".

Thao trouxe-nos habilmente para baixo entre os dokos, até um lindo parque situado no meio deles. Apesar da minha máscara, eu estava ciente de que a névoa dourada que envolvia Thiaoouba era muito mais densa à volta destes dokos do que em qualquer outro lado.

Thao confirmou que eu não estava enganado na minha percepção, mas ela não foi então capaz de me explicar a razão deste fenómeno, uma vez que estavam à nossa espera.

Ela guiou-me por baixo duma arcada de folhagem verde ao longo do caminho, que corria paralela a pequenos lagos. Aqui saltitavam maravilhosos pássaros de água e murmuravam umas pequenas cascatas.

Dei por mim quase a ter de correr para poder acompanhar Thao, mas não lhe pedi para abrandar. Ela parecia preocupada duma forma que não lhe era habitual. A certa altura, quase houve uma catástrofe quando tentei saltar, tanto para me divertir a mim como para apanhar Thao. Devido à diferença de gravidade, calculei mal o meu salto e tive de me agarrar a uma árvore, que crescia mesmo à beira da água, para evitar que caísse lá dentro.

Eventualmente, chegamos ao Doko central e paramos por baixo da luz da entrada. Thao pareceu concentrar-se durante vários segundos, e então tomou-me pelo ombro e passamos através da parede.

Ela removeu-me imediatamente a máscara, avisando-me, ao mesmo tempo, de que deveria semi-serrar os olhos, e assim procedi. A luz era filtrada pela minha pálpebra inferior e, ao fim de algum tempo, já fui capaz de abrir os olhos normalmente.

Tenho de dizer, que esta claridade, mais dourada do que no meu próprio doko, era consideravelmente desconfortável a princípio. Eu estava agora deveras curioso, especialmente porque uma vez que Thao, que normalmente era bastante livre e sem protocolo nas suas relações com toda a gente, parecia ter mudado abruptamente de maneiras.

Porquê?

Este doko devia ter 100 metros de diâmetro. Dirigimo-nos directamente para o centro, apesar de mais devagar, onde sete assentos, todos eles ocupados, se encontra-

vam dispostos em semi-círculo. Os seus ocupantes estavam sentados como se estivessem petrificados e, à primeira vista, pensei que se tratassem de estátuas.

De aparência assemelhavam-se com Thao, apesar do seu cabelo ser maior e os seus traços faciais mais sérios, dando-lhes o ar de serem mais velhos. Os seus olhos pareciam ser iluminados de dentro, o que era algo perturbante. O que mais me chamou à atenção, foi a névoa dourada, ainda mais forte no que no exterior, que parecia concentrar-se nas auréolas à volta das suas cabeças.

Desde os quinze anos de idade, que não me lembro de ter ficado intimidado por outra pessoa.

Não importa o quão grandiosa era a personagem: nem tão pouco o quão importante ele ou ela eram, (ou julgava que eram) eu não me tinha sentido intimidado pela posição: nem tinha tido fraqueza ao expressar a minha opinião a ninguém. Para mim, o presidente duma nação era apenas uma pessoa e divertiam-me as pessoas que se julgavam VIPs. Mencionei isto para tornar claro que não me impressionava pelo mero status.

No doko, tudo isso mudou.

Quando um deles levantou a mão para indicar que Thao e eu devíamos tomar um assento em frente a eles, eu estava verdadeiramente apavorado, e isto é dizer pouco. Eu nunca poderia ter imaginado que seres tão radiantes pudessem existir: era como se interiormente estivessem em fogo e emitissem raios a partir daí.

Sentavam-se em assentos tipo-bloco, cobertos de tecido e de costas direitas.

Cada assento tinha uma cor diferente - alguns apenas ligeiramente diferentes e outros ainda amplamente diferentes dos seus vizinhos. As suas vestes também diferiam na cor, assentando perfeitamente a quem usava. Todos eles se sentavam naquela a que na Terra chamamos “posição de lótus”, ou seja a posição sentada de Buda, com as mãos sobre os joelhos.

Tal como previamente mencionado, eles formavam um semi-círculo e, uma vez que eram sete, assumi que a figura central teria de ser a principal, com três acólitos de cada lado. Claro que na altura, eu estava demasiado acabrunhado para reparar em tais detalhes. Isto apenas me ocorreu mais tarde.

Foi a figura central que se me dirigiu, numa voz tão melodiosa e, ao mesmo tempo, tão autoritária. Fiquei aturdido por ela, particularmente porque falava em *Francês perfeito*.

“Tu és bem-vindo entre nós, Michel. Que O Espírito te assista e ilumine.” Os outros ecoaram: “Que O Espírito te ilumine.”

Ele começou a elevar-se suavemente acima do seu assento, ainda em posição de lótus, e flutuou na minha direcção. Isto não me surpreendeu completamente, uma vez que Thao já antes me tinha demonstrado esta técnica de levitação. Eu quis erguer-me em frente a esta personagem indubitavelmente grandiosa e altamente espiritual, como medida do infinito respeito que me inspirava. Ao me tentar mover, descobri que não conseguia - como se estivesse paralisado no meu assento.

Ele parou justamente acima de mim e à minha frente, colocando ambas as mãos sob a minha cabeça, com os polegares juntos na testa, por cima do meu nariz, em frente da glândula pineal e os dedos juntos no cimo da cabeça. Foi Thao que me descreveu estes detalhes mais tarde, pois naquela altura eu estava demasiado impressionado por tal sensação, que os detalhes não ficaram registados.

Durante o tempo em que as suas mãos permaneceram sobre a minha cabeça, parecia que o meu corpo já não existia. Um delicado perfume e um brando calor origina-

ram-se de dentro mim, emanando em ondas e fundindo-se com uma suave e quase imperceptível música.

Subitamente, podia ver cores impressionantes à volta das figuras à minha frente, e à medida que o “líder” regressava lentamente na direcção do seu assento, eu podia ver uma profusão de cores radiantes à sua volta, cores estas que antes não tinha sido capaz de me aperceber.

A cor principal era um concentrado de rosa pálido que envolvia as sete figuras, como numa nuvem, e os seus movimentos faziam com que aquele maravilhoso, rosa resplandecente nos envolvesse igualmente a nós!

Quando já tinha recuperado suficientemente os sentidos para me virar na direcção de Thao, também ela estava envolta em cores maravilhosas, apesar de menos brilhantes do que aquelas à volta das sete figuras.

Irá notar que, ao falar deste grandiosas personagens, instintivamente usei “ele” em vez de “ela”. Para explicar isto, eu apenas posso sugerir que as personalidades destes seres especiais eram tão fortes e o seu porte tão majestoso, que reconheci neles mais o masculino do que o feminino - *Eu não pretendo ofender as mulheres* - a minha reacção foi instintiva. Era um pouco como imaginar Metusalém²³ ser mulher... no entanto, mulheres ou homens, eles tinham-me transformado. Eu sabia que as cores que os circundavam eram as suas *Auras*. Eu era capaz de ver *Auras* - quem sabe por quanto tempo - e eu questionava-me o que é que via.

O “líder” tinha regressado ao seu assento e todos os olhos estavam postos em mim, como se quisessem ver dentro de mim, o que era verdadeiramente o que estavam a fazer. O silêncio durou algum tempo, que me pareceu interminável. Eu observava as várias cores das suas *Auras* a vibrarem e dançarem à sua volta, por vezes mesmo ao longe e reconheci o “leque de cores” que Thao antes me tinha falado.

As auréolas douradas, claramente definidas, eram quase cor de açafrão. Ocorreu-me que eles não apenas podiam ver a minha *Aura*, mas que podiam possivelmente também lê-la. De repente senti-me quase nu em frente a esta douta assembleia. A questão que me assombrava era: Porque é que me trouxeram aqui?

Abruptamente, o “líder” quebrou a silêncio. “Tal como Thao te explicou previamente, Michel, tu foste por nós escolhido, para visitar o nosso planeta, de forma a reportares certas mensagens e trazer esclarecimento sobre certos assuntos importantes quando regressares à Terra. Chegou o momento, em que certos eventos *têm* de ocorrer. Após milhares de anos de escuridão e selvajaria no planeta Terra, apareceu uma suposta “civilização” e, inevitavelmente, desenvolveu-se tecnologia - um desenvolvimento que foi acelerado nos últimos 150 anos.

“Passaram cerca de 14 500 anos desde que existiu na Terra um nível de avanço tecnológico comparável.

Esta tecnologia, que não é nada comparada com o verdadeiro conhecimento, é, não obstante, suficientemente avançada para ser prejudicial à raça humana na Terra num futuro muito próximo.

“Prejudicial, porque é apenas conhecimento material e não conhecimento espiritual. A tecnologia deve *ajudar* o desenvolvimento espiritual, e não confinar as pessoas, cada vez mais, dentro de um mundo materialista, tal como agora está a acontecer no teu planeta.

²³ Metusalém - avô de Noé e que, segundo a bíblia, viveu 969 anos - (N.T.)

“Numa extensão ainda maior, as vossas pessoas estão obcecadas com um único objectivo - afluência.

As suas vidas estão ligadas a tudo o que a busca de riqueza encerra; inveja, ciúme, ódio por aqueles que são mais ricos e desprezo pelos mais pobres. Por outras palavras, a vossa tecnologia, que não é nada comparada com aquela que existiu na Terra há mais de 14 500 anos atrás, está a arrastar a vossa civilização para baixo, empurrando-a cada vez mais perto duma catástrofe espiritual e moral.

Reparei que cada vez que esta grande personagem falava de materialismo, a sua Aura e a dos seus acólitos, brilhava com um vermelho sombrio e “sujo”, como se momentaneamente, estivessem no meio de arbustos a arder.

“Nós, o povo de Thiaoouba, estamos designados a ajudar, guiar e por vezes punir os habitantes dos planetas sob a nossa protecção.”

Felizmente que Thao me tinha resumido a história da Terra durante a nossa viagem a Thiaoouba. De outra forma, Eu certamente teria caído abaixo do meu assento ao ouvir um tal discurso.

“Eu penso”, continuou ele, “que já sabes o que queremos dizer com “prejudicial à raça humana”. Muita gente na Terra acredita que as armas atómicas são o maior perigo, mas isso não é verdade. O maior perigo diz respeito ao “materialismo”. As pessoas do teu planeta procuram dinheiro - para alguns é uma forma de obter poder; para outros é uma forma de adquirir drogas (outra maldição), ainda para outros, é uma forma de possuírem mais do que os seus vizinhos.

“Se um homem de negócios é dono duma grande loja, ele então quer uma segunda, e depois uma terceira. Se ele comanda um pequeno império, ele quer aumentá-lo. Se um homem vulgar tem uma casa, na qual poderia viver feliz com a sua família, ele quer uma casa maior ou possuir uma segunda, e então uma terceira...

Porquê esta tolice? Além disso, o homem vai um dia morrer e ter de abandonar tudo aquilo que acumulou. Talvez as suas crianças vão gastar a sua herança e os seus netos irão viver na pobreza? Toda a sua vida terá sido passada com preocupações puramente materialistas, com tempo insuficiente levado em conta para as questões do espírito. Outros com dinheiro viram-se para as drogas e o seu empenho é procurar um paraíso artificial e estas pessoas pagam ainda mais caro do que as outras.

“Eu vejo,” continuou ele.

“que estou a ir depressa demais e que não me estás a acompanhar, Michel. No entanto, tu deverias ser capaz de seguir, uma vez que Thao iniciou a tua aprendizagem nestes assuntos durante a viagem.”

Senti-me envergonhado, quase como uma criança quando é repreendida por um professor na escola; a única diferença era que aqui, eu não era capaz de enganar ninguém dizendo que tinha percebido quando isso não era verdade. Ele podia realmente ler-me como um livro aberto.

Ele dignou-se sorrir para mim e a sua Aura, que tinha estado a flamejar como um fogo, regressou à sua cor original.

“Agora, de uma vez por todas, nós vamos-te ensinar e dar-te aquilo a que vocês Franceses chamam “a chave do mistério”.

“Como ouviste falar, no princípio existia o Espírito sozinho e Ele criou, pela sua imensa força, tudo o que materialmente existe. Ele criou os planetas, os sóis, as plantas, animais, apenas com um objectivo em mente: *para satisfazer a sua necessidade espiritual*. Isto é bastante lógico visto que ele é puramente espírito. Já estou a ver que te estás a perguntar o porquê da necessidade de criar coisas materiais para

conseguir a satisfação espiritual. Eu demonstro isto, por meio de uma explicação: o criador procurava experiências espirituais através dum mundo material. Vejo que ainda tens dificuldade em me acompanhar - mas estás a fazer progressos.

“De forma a ter estas experiências, ele quis incorporar uma pequena parte do seu espírito numa entidade física. Para o conseguir, Ele invocou a Quarta força - a força de que Thao ainda não te falou e que apenas diz respeito à espiritualidade. Neste domínio, a Lei Universal também se aplica.

“Tu sabes certamente que o padrão do Universo dita que nove planetas revolvem à volta do seu sol²⁴. É igualmente o caso dos sóis que giram à volta de um sol maior, que é o núcleo de nove desses sóis, e dos seus nove planetas. E assim continua, justamente até ao centro do Universo, de onde se originou a explosão referida pelos Ingleses como “Big Bang”.

“Desnecessário será dizer, que sucedem certos acidentes e por vezes um planeta irá desaparecer num sistema solar, ou talvez entrar nele, mais tarde, o sistema solar irá reverter e novamente basear a sua estrutura no número nove.

“A quarta força teve um papel muito importante a desempenhar: ela teve de concretizar tudo aquilo que o Espírito tinha imaginado, e assim “inseriu” uma parte infinitesimal do Espírito no corpo humano. Isto inclui o que tu poderias chamar corpo Astral, que é um nono (1/9) do essencial do ser humano e consiste nona parte de um “Eu Superior” que é por vezes chamado de “Sobre-Eu”. O Eu Superior de um homem é, por outras palavras, uma entidade que envia um nono de si mesma para o interior dum corpo humano, tornando-se no ser Astral dessa pessoa. Outros corpos físicos são similarmente habitados por outros nonos do mesmo Eu Superior e, no entanto, cada parte permanece íntegra relativamente à entidade central²⁵.

“Além disso, o Eu Superior é a nona parte de um Eu Superior mais elevado, que por sua vez é a nona parte de um ainda mais elevado Eu Superior. O processo continua por aí fora até chegar à *fonte*, e permite a enorme filtragem da experiência espiritual necessária pelo Espírito.

“Tu não deves pensar que um Eu Superior da primeira categoria é insignificante em comparação com os outros. Ele funciona a um nível inferior, mas é, não obstante, extremamente poderoso e importante. É capaz de curar doenças²⁶ e até ressuscitar os mortos. Há muitos tipos de pessoas, que são declaradas como estando clinicamente mortas e que são trazidas de novo à vida nas mãos de médicos que já tinham perdido toda a esperança. O que geralmente sucede nestes casos é que o corpo Astral da Pessoa se encontra com o seu Eu Superior. Esta porção do Eu Superior deixou o corpo físico durante o período de “morte”. Ele sente o corpo físico abaixo, e os médicos a tentar ressuscitá-lo; também consegue sentir os seus entes queridos que sofrem por si. No seu estado actual, de corpo Astral, a pessoa sentir-se-á perfeitamente bem, até mesmo feliz. Normalmente ela abandona o seu corpo físico, frequentemente fonte de tanto sofrimento, para se encontrar a ser catapultado por um

²⁴ por vezes 9 planetas também revolvem à volta de dois sóis mais pequenos (estrela dupla ou gémea) - (explicação do Autor, a pedido do Editor Inglês)

²⁵ entidade central - significa que cada um de nós partilha o Eu Superior com 8 outras pessoas na Terra - (explicação do Autor a pedido do Editor Inglês)

²⁶ Aquilo que na Terra é conhecido como Cura Espiritual, pode ser feita com a ajuda do Eu Superior do terapeuta, sem que o paciente esteja presente. No entanto, com a condição do paciente dar permissão, um terapeuta pode assistir o paciente a partir de qualquer lugar do mundo. (comentário do Autor). Isto não é troca de “energia”, mas sim troca de “informação” ao nível dos Eu Superiores (comentários do Editor Inglês)

“canal psíquico”, no fim do qual há uma luz maravilhosa e, para além dela, um estado de felicidade imensa.

“Se antes de passar por este canal até à luz maravilhosa, que é o seu Eu Superior, ele tiver a mais pequena vontade de não morrer - não por si mas por causa daqueles que precisam dele, por exemplo crianças pequenas, ele irá pedir para regressar. Em certos casos isto *ser-lhe-á* permitido.

“Tu estás em constante comunicação com o teu Eu Superior por via do teu canal cerebral. Agindo como um posto emissor e receptor, ele conduz vibrações especiais directamente entre o corpo Astral e o teu Eu Superior. O teu Eu Superior monitoriza-te continuamente, de dia e de noite e pode intervir para te salvar de um desastre. Alguém, por exemplo, que vai apanhar um avião, apanha um táxi que avaria a caminho do aeroporto, um segundo táxi também avaria - assim, sem mais nem menos... mas será *assim, sem mais nem menos?*

Poderias mesmo acreditar em tamanha coincidência?

“O avião em questão despenha-se trinta minutos mais tarde, não deixando sobreviventes. Outra pessoa, uma mulher idosa e com reumatismo que mal consegue andar, começa a atravessar a rua. Ouve-se uma buzina estridente e um chiar de pneus, mas esta pessoa é miraculosamente capaz de saltar até à segurança.

“Como é que isto se explica? Ainda não tinha chegado a sua altura de morrer e por isso o seu Eu Superior interveio. Num centésimo de segundo o Eu Superior desencadeou uma reacção nas suas glândulas de adrenalina que, por alguns segundos, deram força suficiente aos seus músculos, permitindo que ela desse o salto que lhe salvou a vida. A adrenalina libertada no sangue pode tornar possível fugir de perigos iminentes, ou derrotar os “imbatíveis” através da raiva ou do medo. No entanto, numa dose demasiado forte, a adrenalina torna-se num veneno letal.

“Não é apenas o canal cerebral que é capaz de conduzir mensagens entre o Eu Superior e o corpo Astral. Existe um outro canal por vezes em sonhos - ou, talvez deva mesmo dizer, no sono. Durante o sono e em certas ocasiões, o teu Eu Superior é capaz de chamar o teu corpo Astral até si, seja para lhe comunicar ideias ou instruções, ou para de alguma forma o regenerar, reabastecê-lo de força espiritual ou para o esclarecer relativamente a soluções de problemas importantes. Por esta razão, é essencial que o teu sono não seja perturbado por barulhos intrusivos ou por pesadelos resultantes de sensações prejudiciais recebidas durante o dia. Talvez sejas capaz de perceber melhor a importância do vosso velho ditado Francês que diz: “A noite traz conselho”.

“O corpo físico no qual existes neste momento, já é por si só muito complexo, no entanto, não é nada comparado com a complexidade dos processos de desenvolvimento que ocorrem entre corpos Astrais e Eus-Superiores.

De forma a permitir às pessoas comuns no teu planeta perceberem tão facilmente quanto possível, irei fazer a minha explicação da forma mais simples.

“O teu corpo Astral, que habita todo o ser humano normal, transfere para o seu Eu Superior todas as sensações que experiênciam durante o tempo de vida no seu corpo físico. Estas sensações passam através do imenso “filtro” de nove Eus-Superiores antes de chegar ao “oceano” etéreo que cerca o Espírito. Se estas sensações forem essencialmente baseadas em materialismo, os Eus-Superiores têm um enorme trabalho em filtrá-las, tal como os filtros de água entopem mais rapidamente se filtrarem água suja do que se a água estiver limpa.

“Se, através das inúmeras experiências que tens na tua vida, assegurares ao teu corpo Astral benefícios num sentido espiritual, ele irá adquirir mais e mais compreensão espiritual. A seu tempo, que pode variar de 500 até 15 000 dos teus anos terrestres, o teu Eu Superior já não irá ter mais nada a filtrar.

“Esta parte de ti mesmo, incorporada no ser Astral de Michel Desmarquet, será tão avançada espiritualmente que terá chegado ao próximo estado onde terá de interagir directamente com o Eu Superior de nível mais elevado.

“Podemos comparar este processo a um filtro de nove estados, com o objectivo de livrar a água que passa através de si de nove elementos. No fim do primeiro estágio do processo, um elemento terá sido completamente eliminado, restando oito. Claro que para que esta informação seja fácil de digerir, estou a fazer um enorme uso de figuração...

“Este corpo Astral terá então completado o seu ciclo com o Eu Superior de primeira categoria e ir-se-á desligar do Eu Superior número um para se reunir ao Eu Superior de segunda categoria; onde o processo inteiro se irá repetir.

Da mesma forma, o corpo Astral também será espiritualmente suficientemente avançado para passar a um planeta da próxima categoria.

“Estou a ver que não me estás a seguir muito bem e eu estou ansioso que tu compreendas perfeitamente tudo aquilo que te explico.

“Na sua sapiência, O Espírito, por meio da Quarta força, providenciou nove categorias de planetas. Presentemente, encontras-te no planeta Thiaoouba que está na nona categoria; ou seja no topo da escala.

“A Terra é um planeta da primeira categoria e por conseguinte no fundo da escala. O que significa isto? Que o planeta Terra pode ser comparado a um jardim-de-infância com ênfase em ensinar valores sociais básicos. Um planeta de segunda categoria iria então corresponder à escola primária onde mais valores são ensinados - em ambas as escolas, é imperativo haver orientação adulta. A terceira categoria compreenderia escolas secundárias onde a base dos valores permite uma exploração mais além. A seguir, irias para a universidade, onde já és tratado como um adulto, pois não apenas terias adquirido algum conhecimento, mas também irias começar a aceitar responsabilidade cívica.

“Este é o tipo de progresso que ocorre com as nove categorias de planetas. Quanto mais espiritualmente avançado tu fores, mais irás beneficiar num planeta superior, de um ambiente e forma geral de vida que é superior. A própria maneira em como obténs comida é muito mais fácil, o que por sua vez simplifica o processo de organizares o teu estilo de vida; a consequência é um desenvolvimento espiritual mais efectivo.

“Em planetas superiores, a própria natureza entra no estado em que ajuda “o aluno” e, no momento em que chegares à sexta, sétima, oitava e nona categorias, não apenas é o teu corpo Astral altamente evoluído, mas também o teu corpo físico beneficiou do teu desenvolvimento.

“Nós sabemos que ficaste favoravelmente impressionado por aquilo que viste no nosso planeta. À medida que fores vendo mais, irás apreciar que é aquilo a que vocês na Terra chamariam, “um paraíso”; e no entanto, ainda não é nada quando comparado com a verdadeira felicidade de quando te tornares um espírito puro.

“Tenho de ser cuidadoso para não tornar esta explicação demasiado longa, pois deves reportá-la palavra por palavra, sem nada modificares no livro que irás escrever. É absolutamente essencial que não deixes que nenhuma opinião pessoal se intrometa.

“Não, não fiques inquieto - Thao vai-te ajudar com os detalhes, quando vier a altura de começares a escrever...

“A partir destes planeta, é possível ou permanecer num corpo físico ou reunir-se ao Grande Espírito no *éter*.”

Ao acabar de proferir estas palavras, a Aura circundante do líder brilhou mais intensamente do que nunca e fiquei surpreso ao vê-lo quase desaparecer no meio da névoa dourada, reaparecendo de imediato no segundo seguinte.

“Tu compreendeste que o corpo Astral é o corpo que habita o teu corpo físico, recordando e anotando todo o conhecimento adquirido durante o curso das suas várias vidas.

“Ele apenas pode ser enriquecido espiritualmente - não materialmente. O corpo físico é meramente um veículo o qual, na maior parte das vezes, abandonamos quando morremos.

“Eu vou explicar melhor, pois vejo que “na maior parte das vezes” te confundiu. Com isto, quero dizer que alguns de nós, incluindo todos no nosso planeta, somos capazes de regenerar à vontade as células do nosso corpo. Sim, tu já reparaste que a maior parte de nós parece ter a mesma idade.

Nós somos um de três planetas que são os mais altamente evoluídos nesta galáxia. Alguns de nós podem, e fazem-no, juntar-se directamente ao que nós chamamos de *o grande éter*.

“Desta forma, e neste planeta em particular, nós chegamos a um estágio muito perto da perfeição, tanto material como espiritualmente. Mas nós temos os nossos papéis a desempenhar, tal como todas as criaturas existentes no Universo; de facto, tudo, incluindo uma simples pedra, tem o seu papel.

“O nosso papel, como seres dum planeta superior, é o de guiar - ajudar com desenvolvimento espiritual e até, por vezes, de forma material. Nós estamos numa posição de dar assistência material porque somos tecnologicamente o povo mais avançado. Em verdade, como poderia um pai dar educação espiritual ao seu filho, se não fosse mais velho, mais educado e mais hábil em diplomacia do que o seu filho?

“Se o filho vier a precisar de castigo físico, como infelizmente é por vezes o caso, não será importante que o pai seja fisicamente mais forte que o seu filho? Certos adultos, que se recusam a ouvir e que se mantêm absolutamente teimosos, também precisam de ser punidos por meios físicos.

“Tu, Michel, vens do planeta Terra, que é por vezes chamado de “O Planeta dos Sofrimentos”. Realmente, o nome é apropriado, mas isto é assim por uma razão precisa - é destinado a fornecer o ambiente de aprendizagem de um género muito específico. Não é que a vida aí seja tão difícil que tenhas de intervir - tu não podes ir impunemente contra a natureza, destruindo em vez de conservar aquilo que o Criador pôs à tua disposição; ou seja, interferir com sistemas ecológicos que foram intrinsecamente concebidos. Certos países, como a Austrália, de onde tu vens, estão a começar a mostrar grande respeito pela ecologia e isto é um passo na direcção certa; mas mesmo neste país que atenção é dada à poluição - de ambos água e ar? O que é alguma vez feito acerca de uma das piores formas de poluição? *O barulho*.

“Eu digo “pior” porque povos, como os Australianos, não dão virtualmente nenhuma atenção a isto.

“Pergunta a qualquer pessoa se o barulho do trânsito a incomoda e a resposta ir-te-á surpreender - oitenta e cinco por cento das vezes responderá; “Que barulho? De que é que estás a falar? Ah, esse barulho - nós já nos habituamos a ele.” E é precisamente por “estarem habituados a ele “que o perigo existe.”

Nessa altura, Thaora, como esta personalidade era chamada, fez um gesto e eu voltei-me para trás. Ele estava a responder a uma questão que eu tinha formulado mentalmente; “Como pode ele falar de percentagens e saber tanto acerca do nosso planeta com tanta precisão?”

Voltando-me para trás, quase dei um grito de surpresa, pois atrás de mim estavam Biastra e Latoli. Em si mesmas, não havia nada de surpreendente, mas estas amigas que eu conhecia e que mediam respectivamente 310 e 280 centímetros, tinham agora reduzido o seu tamanho para corresponderem à minha altura. Eu devo ter continuado boquiaberto, pois Thaora sorriu.

“Consegues perceber que, por vezes, e muito frequentemente nos dias que correm, alguns de *nós* vivem entre a *vossa* gente na Terra? - e esta é a minha resposta à tua questão.

“Continuando sobre o assunto tão importante do barulho, este é um perigo de tal forma que, se nada for feito, é certa uma catástrofe.

“Tomemos como exemplo uma discoteca. As pessoas que se expõem a si mesmas a música que é tipicamente tocada três vezes mais alto do que é devido, estão a sujeitar o seu cérebro e os seus corpos fisiológico e astral a vibrações que são tão prejudiciais. Se pudessem ver o dano que é causado, sairiam das discotecas mais rápido do que se lá houvesse um incêndio.

“Mas as vibrações não vêm apenas do som; vêm também das cores e é surpreendente que, no teu planeta, não se tenham desenvolvido experiências conduzidas neste campo. Os nossos “agentes” reportaram uma experiência em particular envolvendo um homem que era capaz de levantar um certo peso. Verificou-se, após olhar durante um momento para um ecrã cor-de-rosa, que ele perdia consistentemente trinta por cento da sua força.

“A *vossa* civilização não presta atenção a tais experiências. De facto, as cores podem influenciar grandemente o comportamento dos seres humanos e, no entanto, o controlo da sua influência requer que a Aura de um indivíduo seja tomada em conta. Se por exemplo, quiseses pintar ou por papel de parede no teu quarto com as cores que forem verdadeiramente apropriadas para ti, tu tens de estar ciente das cores de certos pontos principais da tua Aura.

“Ao compatibilizares as cores das tuas paredes com as da tua Aura, tu podes melhorar a tua saúde ou manter uma saúde boa. Também, as vibrações que emanam destas cores são essenciais para manteres um bom equilíbrio mental, exercendo a sua influência mesmo enquanto estás a dormir.”

Eu estava a perguntar-me sobre como poderíamos esperar saber estas cores significantes na nossa Aura quando, na Terra, nós não somos capazes de ver Auras.

Claro que Thaora replicou imediatamente sem eu ter de proferir uma única palavra em voz alta.

“Michel, é agora muito importante que os vossos especialistas inventem o equipamento especial necessário para permitir a percepção da Aura, e isto, por seu turno, irá assegurar que as escolhas certas serão feitas nos caminhos críticos que se avizinham.

“Os Russos já fotografaram a Aura. Isto é o princípio, mas os resultados obtidos apenas lhes permitem ler as primeiras duas letras do alfabeto, comparativamente com aquilo que nós somos capazes de decifrar. A leitura da Aura de forma a curar o corpo físico não é nada comparado com o que essa leitura pode conseguir para o corpo psíquico, ou o corpo fisiológico. Pois é na área da psique que, na Terra, existe o vosso maior problema.

“Neste momento, a maior responsabilidade é tomada pelo corpo físico, mas este é um erro sério. Se a tua psique for pobre, irá influenciar a tua aparência física de forma correspondente, mas, de qualquer forma, o teu corpo físico ir-se-á gastar e morrer um dia, enquanto que a tua psique, sendo parte do teu corpo Astral, nunca morre. Muito pelo contrário, quanto mais cultivares a tua mente, menos te sentirás

sobrecarregado pelo teu corpo físico e mais rapidamente irás prosseguir pelo teu ciclo de vidas.

“Nós podíamos ter-te trazido até ao nosso planeta em corpo Astral, mas em vez disso, trouxemos-te em corpo físico - e isto por uma razão importante. Vejo que tu já compreendes a nossa razão. Isto agrada-nos e nós agradecemos-te pela tua atitude voluntária em nos assistir na nossa tarefa.”

Thaora parou de falar e pareceu entrar em pensamento, fixando-me ao mesmo tempo com os seus olhos luminosos.

Não sei dizer quanto tempo passou. Sei apenas que o meu estado se tornou mais e mais eufórico e estava consciente que as Auras das sete personagens se estavam gradualmente a modificar. As cores tornaram-se mais vívidas em alguns locais, suaves noutros, enquanto que os extremos se tornavam enevoados.

Esta névoa tornou-se mais dourada e cor-de-rosa, ofuscando gradualmente as sete figuras. Senti a mão de Thao no meu ombro.

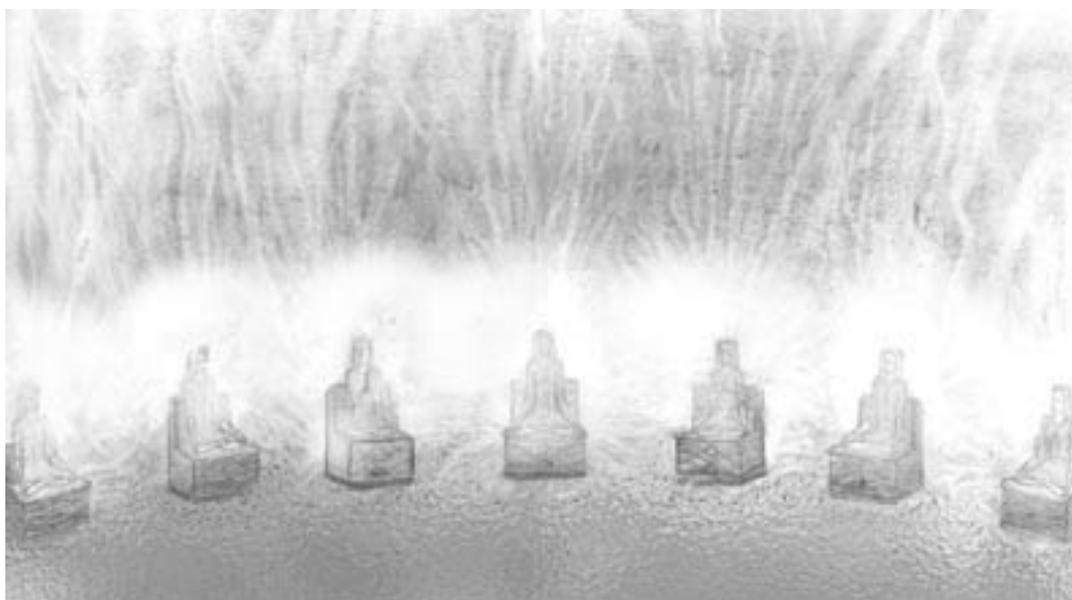


Figura 6 - Thaori - os sete mestres de Thiaoouba

“Não, não estás a dormir, Michel. É tudo muito real.” Ela falou muito alto, e como se para provar o que queria dizer, beliscou-me com tanta força, que deixou uma nódoa negra que pôde ser vista durante várias semanas.

“Porque é que fizeste isso, Thao? Não te julguei capaz de tal violência.”

“Desculpa-me, Michel, mas por vezes são empregues meios estranhos. Os Thaori desaparecem sempre - e por vezes aparecem desta forma - e tu poderias julgar que estavas a sonhar. A mim foi-me confiada a tarefa de me assegurar que tu reconheces o que é real.”

E com estas palavras, Thao fez-me rodar ao contrário e eu segui-a, ao partirmos de regresso pelo mesmo caminho por onde tínhamos vindo.

7

O Continente de MU e a Ilha de Páscoa

Antes de deixar o doko, Thao colocou-me uma máscara sobre a cabeça - uma máscara que era diferente da que eu tinha antes usado, pois era capaz de ver cores muito mais vividas e mais luminosas.

“Como te sentes no teu novo *voki*, Michel? Achas que a luz é tolerável?”

“Sim... está... ótimo, é tão lindo e sinto-me tão...” E com aquilo, desmaiei aos pés de Thao. Ela tomou-me nos braços e carregou-me até à plataforma voadora.

Acordei no meu doko, completamente atónito. O meu ombro doía-me; instintivamente levei a mão à dor e fiz um trejeito.

“Sinto realmente muito, Michel, mas era necessário.” Havia apenas uma ponta de remorso na expressão de Thao.

“O que é que me aconteceu?”

“Digamos que desmaiaste, apesar da palavra não ser exactamente apropriada; mas antes, tu ficaste inundado de beleza. O teu novo *voki* permite que passem cerca de cinquenta por cento das vibrações de cor no nosso planeta, enquanto que o teu antigo *voki* filtrava tudo excepto vinte por cento.”

“Apenas vinte por cento? - Isso é incrível! Todas aquelas maravilhosas cores que eu podia ver - as borboletas, as flores, as árvores, o oceano... Não admira que tenha ficado deslumbrado. Lembro-me, durante uma viagem que fiz de França à Nova Caledónia, em que fizemos uma paragem na ilha de Taiti. Enquanto aí estivemos, visitamos a ilha com a família e amigos e alugamos um carro. Os residentes das ilhas eram maravilhosos e faziam uma imagem de tal forma fascinante, com as suas cabanas de palha construídas nas margens de lagoas, entre buganvílias, hibiscos e exoras²⁷ - vermelhos, amarelos, laranjas e violetas, rodeadas de relvados bem arranjados e sombreadas por coqueiros.

“O cenário de fundo deste panorama era fornecido pelo azul do oceano. Gastamos todo o dia a visitar a ilha e descrevi-o no meu diário como tendo sido um dia inteiro de embriaguez para os meus olhos. Eu estava, de facto, intoxicado pela beleza à minha volta; e no entanto, admito que tudo aquilo não é nada comparado com a beleza aqui no teu planeta.”

Thao tinha ouvido a minha descrição com notado interesse, sorrindo todo o tempo. Ela colocou a sua mão na minha testa e disse, “Agora descansa, Michel. Mais tarde vais-te sentir melhor e serás capaz de vir comigo.”

²⁷ *exora* - variedade de plantas exóticas, que se encontram principalmente em países e ilhas tropicais (Caraíbas, Polinésia Francesa, etc.) (N.T.)

Adormeci imediatamente e dormi tranquilamente, sem sonhar, penso que por 24 horas. Quando acordei, senti-me fresco e repousado.

Thao estava lá, e Latoli e Biastra tinham-se-lhe juntado.

Elas tinham readquirido o seu tamanho normal e comentei este facto de imediato.

“É necessário pouco tempo para essa metamorfose, Michel,” explicou Biastra, “mas isso não é importante. Hoje, vamos-te mostrar um pouco do nosso país e apresentar-te a algumas pessoas muito interessantes.” Latoli aproximou-se de mim e tocou o meu ombro com os seus dedos, exactamente onde Thao me tinha magoado. Instantaneamente a dor desapareceu e senti arrepios de bem-estar a correrem pelo meu corpo todo. Ela devolveu o meu sorriso e deu-me a minha nova máscara.

Ainda senti que tinha de semicerrar os olhos perante a luz lá fora. Thao fez-me um gesto, indicando-me que devia subir para o *Lativok* que é como era chamada a nossa plataforma voadora. As outras escolheram voar independentemente, pairando à volta do nosso veículo, como se estivessem a jogar um jogo - e sem dúvida que o estavam a fazer.



Figura 7 - Thao e Michel (aqui com a máscara colocada) sentados no *Lativok* - a plataforma voadora

Neste planeta, os habitantes pareciam perpetuamente felizes; os únicos que me tinham parecido mais sérios - de facto, até um pouco severos, apesar do seu ar benevolente - tinham sido os sete *Thaori*²⁸.

Voamos a grande velocidade, vários metros acima da água e, apesar da minha curiosidade ser constantemente estimulada, tinha de fechar os olhos com frequência para lhes permitir “recuperar” da luminosidade.

Ainda assim, deu-me a impressão de que me iria habituar a ela... Questionava-me sobre

como iria lidar se ocorresse a Thao dar-me uma máscara que permitisse que setenta por cento da luz penetrasse - ou ainda mais?

Aproximamo-nos rapidamente da costa do continente, onde as ondas rebentavam sobre rochas de verde, preto, laranja e ouro. A iridescência da água, indo de encontro às rochas e debaixo dos raios perpendiculares do sol do meio-dia, criava um efeito memoravelmente encantador. Formava-se uma faixa de luz e cor, cem vezes mais cristalina do que um arco-íris na Terra. Elevamo-nos a uma altitude de cerca de 200 metros e prosseguimos a viagem sobre o continente.

Thao levou-nos a voar sobre uma planície onde podia ver animais de todos os tipos - alguns tinham duas patas e pareciam pequenas avestruzes, outros eram criaturas de quatro patas, semelhantes a mamutes, mas com o dobro do tamanho. Também observei vacas pastando lado a lado com hipopótamos. As vacas eram tão parecidas com aquelas que temos na Terra, que eu não consegui evitar mencionar isto a Thao, apontando, tal como fiz, para uma manada em particular, tal e qual uma criança excitada no jardim zoológico. Ela riu às gargalhadas.

²⁸ *Thaori* é o plural de *Thaora* (N.T.)

“Porque não havíamos de ter aqui vacas, Michel? Olha para ali e irás ver burros e ali, girafas - apesar de serem um pouco mais altas do que na Terra. Vê quão graciosos são aqueles cavalos a galoparem juntos.”

Eu estava emocionado, mas não estaria eu constantemente entusiasmado por esta experiência - às vezes ou pouco mais, outras um pouco menos? O que me deixou completamente boquiaberto, para divertimento das minhas amigas, foi a visão de cavalos com as cabeças de lindíssimas mulheres - algumas loiras, outras ruivas ou morenas e até algumas com cabelo azul. À medida que galopavam, conseguiam frequentemente voar durante dezenas de metros. “Ah sim! De facto, tinham asas, dobradas para trás sobre os seus corpos, das quais faziam uso de tempos a tempos - tal como os peixes voadores que seguem ou precedem os barcos. Eles levantavam as suas cabeças para nos verem e tentavam competir com a velocidade do Lativok.

Thao reduziu a velocidade e a altitude, permitindo-nos aproximar até alguns metros deles. Havia mais surpresas à minha espera, pois alguns destes cavalos-mulher gritaram-nos numa linguagem que era reconhecivelmente humana. As minhas três companheiras responderam-lhes na mesma linguagem, e a troca foi obviamente agradável. Não nos demoramos muito a baixa altitude, no entanto, como alguns dos cavalos-mulher voavam a essas altitudes, quase que tocavam no nosso veículo, arriscando-se assim a se magoarem.

Da planície que sobrevoávamos salientavam-se, em alguns locais, pequenas colinas todas do mesmo tamanho. Fiz um comentário sobre isto e Biastra explicou-me que, há milhões de anos atrás, estas colinas tinham sido vulcões. A vegetação por baixo de nós não tinha nenhuma da exuberância da floresta que eu “experimentara” à minha chegada. Muito pelo contrário, aqui as árvores dispunham-se em pequenos grupos e não alcançavam mais de 25 metros de altura. À medida que passávamos, levantaram voo centenas de enormes pássaros brancos, voltando a aterrar novamente a uma distância “segura”. Um largo curso de água fluía em direcção ao horizonte, dissecando a planície com a sua lenta viagem.

Consegui distinguir alguns dokos pequenos agrupados numa curva do rio. Thao guiou o Lativok sobre o rio, reduzindo a altitude até ao nível da água à medida que nos aproximávamos da povoação. Aterrámos num pequeno quadrado entre dois dokos e fomos imediatamente rodeados pelos seus habitantes. Eles não disputavam ou empurravam para chegar até nós, eles paravam o que estavam a fazer e aproximavam-se de nós calmamente. Formaram um círculo suficientemente grande para que fosse confortável a todos terem igual oportunidade de verem frente-a-frente um estranho.

Mais uma vez, pareceu-me que todas estas pessoas aparentavam ser da mesma idade, exceptuando cerca de uma dúzia que podiam ser mais velhos. A idade, aqui, não detratava mas acrescentava uma qualidade de nobreza surpreendente.

Também me tinha apercebido da ausência de crianças no planeta; e mesmo assim, nesta povoação e entre a multidão que se aproximou, eu vi seis ou sete delas. Elas eram encantadoras e pareciam ser bastante equilibradas para crianças. Segundo Thao, elas teriam oito ou nove anos de idade.

Desde a minha chegada a Thiaoouba, nunca tinha tido oportunidade de me encontrar com um número tão grande destas pessoas. Olhando à volta do círculo, podia apreciar a calma e silêncio neles, assim como a grande beleza dos seus rostos que eu já estava à espera. Havia uma forte semelhança entre eles, como se fossem irmãos e irmãs; e ainda assim, não é essa a impressão que temos quando encontramos um grupo de Pretos ou Asiáticos juntos? De facto, existe a mesma variedade de traços faciais entre esta gente, como existe entre raças na Terra.

Em altura, variavam entre os 280 e os 300 centímetros, os seus corpos sendo tão bem proporcionados, eram um prazer de contemplar - nem demasiado musculosos

nem demasiado fracos, e sem deformação de qualquer tipo. As suas ancas eram algo mais largas do que se esperaria num homem, mas foi-me dito que alguns deles tinham dado à luz crianças.

Todos possuíam magníficos cabelos - a maioria era de cor louro-dourado, outros louro-platinado ou louro-acobreado e ocasionalmente uma cor castanho-clara. Também haviam alguns, como Thao e Biastra, com uma fina pelagem no lábio superior, mas, para lá disto, esta gente não tinha absolutamente mais nenhum pêlo corporal. (Isto não é evidentemente uma observação que tenha feito na altura mas uma que fiz mais tarde, quando tive ocasião de ver, de bastante perto, um grupo de banhistas nus. O seu tipo de pele lembrava-me o das mulheres Árabes que se protegem do sol - não era certamente a pele pálida típica dos louros com tais olhos claros. Tão claros, de verdade, eram os olhos violeta²⁹ e azuis À minha volta, que teria questionado se eram cegos, estivesse eu na Terra.

Quando agora falo das suas longas pernas e coxas arredondadas - elas lembram-me as nossas corredoras de fundo, tal como os seus seios maravilhosamente proporcionais, firmes e bem moldados em cada caso, o leitor irá certamente perceber o meu erro ao acreditar que Thao era uma fêmea gigante quando nos encontramos pela primeira vez. Ocorreu-me que as mulheres na Terra iriam ter uma enorme inveja dos seios desta gente - e os homens deveras encantados com eles...

Eu já comentei a beleza do rosto de Thao, e os outros nesta multidão tinham semelhantes características "clássicas", ainda outros eu descreveria como "encantadoras" ou "atraentes". Cada rosto, apesar de ligeiramente diferente em forma e características, parecia ter sido desenhado por um artista.

A cada um tinha sido dado o seu charme único, mas, acima de tudo, a qualidade mais evidente nos seus rostos, nas suas maneiras e comportamento, era a qualidade da inteligência.

Em suma, não consegui encontrar qualquer falha nestas pessoas que se agruparam à nossa volta, irradiando sorrisos de boas-vindas que revelavam filas de perfeitos dentes brancos. Esta perfeição física não me surpreendeu, uma vez que Thao explicou a sua capacidade de regenerar as células corporais à vontade. Portanto, não havia razão para que estes magníficos corpos envelhecessem.

"Estamos a interrompê-los no seu trabalho?" Perguntei a Biastra, que por acaso estava a meu lado.

"Não, na verdade não," respondeu ela. "A maior parte das pessoas nesta cidade está em férias - e é também um local onde as pessoas vêm meditar."

Três dos "mais velhos" aproximaram-se e Thao pediu que me dirigisse a eles em Francês, e suficientemente alto para que todos ouvissem. Penso ter dito: "Estou muito contente por estar entre vós e de poder admirar o vosso planeta maravilhoso. Vocês são pessoas afortunadas e eu gostaria de viver entre vós."

Este discurso provocou um concerto de exclamações, não apenas por causa da linguagem, que a maioria deles nunca antes tinha ouvido falada, mas também pelo sentido daquilo que eu disse, que lhes foi comunicado telepaticamente.

²⁹ no original "mauve" - cor de malva - um violeta pálido - (N.T.)

Figura 8 - O autor descendo as escadas de sua casa, como fez na noite em que foi levado



Figura 9 - Andando para lá do filodendro, como aconteceu naquela famosa noite



Figura 10 - O local exacto onde Michel foi "elevado". O Filodendro e árvore estavam iluminados por uma cor azulada

Figura 11 - Debaixo de um coqueiro, pensando em Thao





Figura 12 - Aguardando uma mensagem telepática de Thao, após ter completado o seu manuscrito



Figura 13 - Michel descansando junto da fonte que ele mesmo construiu



Figura 14 - Por baixo dos coqueiros

Figura 15 - Michel a trabalhar no seu estúdio



Biastra fez sinal de que deveríamos seguir os três “anciãos”, que nos conduziram para dentro de um dos dokos. Quando estávamos os sete confortavelmente instalados, Thao começou; “Michel, gostaria de te apresentar Lationusi.” Ela indicou com a mão, um dos três e eu saudei-o. “Lationusi foi, há 14 000 dos vossos anos atrás, o último Rei do continente de Mu na Terra.”

“Não estou a perceber.”

“Tu não queres perceber, Michel, e neste momento particular, pareces-te com muitos dos teus pares na Terra.”

Devo ter parecido perturbado, pois Thao, Biastra e Latoli riram alto.

“Não fiques assim, Michel. Só te quis espicaçar um pouco. Agora, na presença de Lationusi, vou explicar um dos mistérios que ilude muitos especialistas no teu planeta - que, devo dizer, fariam melhor figura em devotar o seu tempo a descobrir coisas mais úteis. Vou revelar não apenas um, mas vários dos mistérios que os obceca.”

Os nossos assentos estavam dispostos em círculo, Thao sentava-se ao lado de Lationusi e eu sentava-me de frente para eles.

“Como te expliquei durante a nossa viagem até Thiaoouba, os Bakaratinianos chegaram à Terra há 1 350 000 anos atrás. Trinta mil anos mais tarde veio o terrível cataclismo que separou mares e causou o surgimento de ilhas e até continentes. Também fiz menção a um enorme continente que apareceu no meio do Oceano Pacífico.

“Este continente chamou-se “Lamar”, mas para vós é mais conhecido como o continente de Mu. Ele surgiu virtualmente por inteiro³⁰, para ser despedaçado 2000 anos mais tarde, por um abalo sísmico, que o dividiu em três continentes principais.

“Com o passar dos anos, a vegetação estabeleceu nestes continentes grandes áreas que se localizavam nas regiões equatoriais. Cresceram erva, estabeleceram-se florestas e, gradualmente, animais migraram através de um istmo³¹ muito estreito que unia Mu à América do Norte.

“A raça amarela que tinha conseguido superar melhor as consequências desastrosas do cataclismo, foram os primeiros a construir barcos e explorar os mares. Há cerca de 300 000 anos Terrestres atrás, Desembarcaram na costa Noroeste de Mu, onde eventualmente fundaram uma pequena colónia.

“Esta colónia mal conseguiu crescer ao longo dos séculos, pois haviam dificuldades de expatriação, que demorariam demasiado tempo a explicar e que agora não nos interessam.

“Há cerca de 250 000 anos Terrestres atrás, os habitantes do planeta Aremo X3, no qual paramos para colher amostras durante a nossa viagem até aqui, empreenderam uma viagem interplanetária de exploração penetrando no vosso sistema solar. Tendo passado por Saturno, Júpiter, Marte e Mercúrio, eles aterraram no planeta Terra na China, onde a sua nave espacial causou um pânico considerável entre a população. As suas lendas referem “dragões de fogo” descendo do céu. O medo e desconfiança dos Chineses levou-os a, eventualmente, atacarem os estranhos, que

³⁰ num único bocado - N.T.

³¹ istmo - pequeno fio de terra, ligando duas grandes áreas de terra que de outra forma estariam separadas por mar. Ex^o de istmos: istmo do Suez que liga a África e Ásia e o istmo do Panamá, que liga o norte e sul da América - (N.T.)

se viram forçados a usar a violência para se defenderem. Eles detestavam isto, pois eles eram não apenas avançados tecnologicamente mas também um povo altamente espiritual que abominava matar.

“Eles prosseguiram, continuando a sua exploração do planeta. Acontece que o continente de Mu era o que lhes agradava mais, por duas razões principais. Primeiro, o continente parecia estar virtualmente desabitado e segundo, devido à sua latitude, era um verdadeiro paraíso.

“Eles tinham-se tornado particularmente cautelosos desde os confrontos com os Chineses e sentiam que seria sensato construir uma base para a qual pudessem retirar, no caso de encontrarem mais hostilidades de natureza grave por parte de povos da Terra. Ainda não expliquei que a sua razão para explorar a Terra, era a sua intenção de transferir vários milhões de pessoas de Aremo X3 - um planeta que se estava a tornar desconfortavelmente sobrelotado. Esta operação era demasiado séria para se enfrentarem riscos de qualquer espécie. Assim, foi decidido que a sua base de retiro iria ser montada, não na Terra, mas na Lua, que estava bastante perto e era considerada muito segura.

“Foram gastos cinquenta anos a edificar as bases lunares e a emigração para Mu começou apenas quando as bases estavam prontas. Tudo correu bem. A pequena colónia Chinesa que existiu a Noroeste de Mu tinha sido totalmente destruída algumas décadas após a sua primeira visita e, assim, em verdade tinham o continente inteiro para si.

“Os trabalhos começaram imediatamente para construção de cidades, canais e estradas, que eles pavimentaram com imensas calçadas. O seu meio habitual de transporte era um carro voador, não muito diferente dos nossos Lativoks.

“Do seu planeta, eles importaram animais tais como o cão e o tatu³² - com os quais eram muito dados em Aremo X3, e também o porco.”

Quando ela me disse sobre todos aqueles animais importados, lembro-me de como fiquei surpreendido ao ver porcos e cães naquele célebre planeta durante a nossa prévia visita. De repente, tudo fazia perfeito sentido para mim.

“Em média, os machos deste povo mediam 180 centímetros e as fêmeas 160 centímetros. O seu cabelo era escuro, os seus olhos de um negro lindo e a sua pele ligeiramente bronzeada. Tu viste alguns da sua espécie quando paramos em Aremo X3 e parece-me que já tinhas adivinhado serem os antecessores dos Polinésios.

“Desta forma eles edificaram povoações ao longo de todo o comprimento e largura do continente, incluindo 19 grandes cidades, sete das quais eram sagradas. Também eram numerosas as pequenas aldeias, pois este povo era composto por agricultores e criadores de gado altamente especializados.

“O seu sistema político foi modelado do de Aremo X3. Eles tinham descoberto há muito tempo que a única forma de governar um país adequadamente era colocar à cabeça do governo sete homens de integridade, não representando nenhum partido político, mas sinceramente comprometidos em fazer o que pudessem pela sua nação.

“O sétimo entre eles era o Juiz Supremo, cujo voto no concelho valia por dois. Se quatro estivessem contra ele e dois a seu favor em algum assunto particular, eles estavam num impasse, e seguiam-se horas ou dias de debate, até que pelo menos

³² do inglês *armadillo* - animal mamífero, nocturno, com o corpo revestido com placas tipo armadura - (N.T.)

um dos sete fosse persuadido a mudar o seu voto. Este debate era conduzido dentro de um contexto de inteligência, amor e preocupação pelas pessoas.

“Estas altas figuras não recebiam grandes benefícios materiais por conduzir a nação. Era a sua vocação para dirigir e eles faziam-no por amor de servir o seu País - isto evitava os problemas de esconder oportunistas entre os líderes.

“O mesmo não se pode dizer dos nossos líderes nacionais actualmente,” comentei eu com um travo de amargura. “Onde é que se encontram esses homens?”

“O procedimento era o seguinte: Numa aldeia ou distrito, era eleito um homem de integridade por referendo. Ninguém com registo de má conduta ou qualquer tendência para o fanatismo poderia ser escolhido - o escolhido teria demonstrado a sua integridade em todas as esferas. Ele seria enviado para a cidade mais próxima, conjuntamente com outros representantes das aldeias vizinhas, e aí, iriam haver mais eleições.

“Por exemplo, se houvessem 60 aldeias, haveriam 60 homens eleitos pelo povo pela sua *integridade* e *não* pelas promessas que fizessem e *que não pudessem cumprir*.”

“Os representantes de toda a nação encontrar-se-iam em conjunto na cidade capital. Seriam divididos em grupos de seis e a cada grupo era assignada uma sala de conferências em particular. Durante os próximos dez dias o grupo estaria junto - tendo discussões, partilhando refeições, apreciando espectáculos e, eventualmente, viriam a eleger um líder de grupo. Assim, se houvessem 60 representantes, divididos em dez grupos, iriam haver 10 líderes de grupo. Destes dez, sete seriam eleitos pelo mesmo processo, e destes sete, iria eventualmente emergir um Líder Supremo. A ele seria dado o título de Rei.”

“Então, ele seria um Rei republicano,” disse eu.

Thao sorriu ao meu comentário e Lationusi fez uma ligeira careta.

“O Rei era eleito desta forma, apenas se o seu predecessor tivesse morrido sem nomear um sucessor, ou se o sucessor não fosse unanimemente aceite pelo conselho dos sete. A ele tinha sido atribuído o título de Rei, primeiro porque era o representante na Terra do Grande Espírito, e segundo porque nove em cada dez vezes, ele seria o filho ou familiar próximo do Rei anterior.”

“Logo, algo semelhante ao método Romano.”

“Sim, de facto. No entanto, caso este Rei manifestasse a menor tendência para a ditadura, ele seria deposto pelos seus colegas de conselho. Mas voltemos novamente aos nossos emigrantes de Aremo X3..

“A sua cidade capital, chamada de Savanasa, estava situada sobre um planalto que dava para o Golfo de Suvatú. O planalto tinha 300 metros de altura e, com excepção de duas colinas - uma a sudoeste e outra a sudeste, este era o ponto mais elevado do continente de Mu.”

“Desculpa-me, Thao - posso-te interromper? Quando explicaste o cataclismo que mudou o eixo da Terra, disseste que o refúgio na lua não foi possível porque não existia - e no entanto, agora dizes que foram construídas bases de segurança na lua para estes emigrantes...”

“Não *havia* lua na altura em que os pretos habitaram a Austrália, e até muito tempo depois.

Tinham havido duas luas muito pequenas bastante antes - há cerca de seis milhões de anos atrás, que orbitavam a Terra, eventualmente colidindo com ela. A Terra não

era habitada na altura, portanto apesar de se terem seguido terríveis cataclismos, isso não teve de toda importância.

“Há cerca de 500 000 anos atrás, a Terra “capturou” uma lua muito maior - aquela que agora existe. Ela estava a passar demasiado perto do vosso planeta e foi atraída para uma órbita. Isto acontece às luas com frequência. Mais catástrofes foram provocadas por este evento...”

“O que é que queres dizer com “passar demasiado perto” da Terra? Porque é que não colidiu? E de qualquer forma, o que é uma lua?”

“Na verdade, poderia ter colidido, mas isso não é frequente acontecer. Uma lua originalmente é um pequeno planeta que gira à volta do seu sol numa espiral que se torna cada vez mais estreita. Os planetas pequenos rodam mais rapidamente do que os maiores, porque a sua força de inércia é menor.

“Sendo a sua espiral maior, os planetas mais pequenos conseguem frequentemente apanhar os planetas maiores e, se passarem demasiado perto, a atracção gravitacional do planeta será maior do que a do sol. O planeta menor começa assim a orbitar o maior, ainda em espiral, o que resultará mais cedo ou mais tarde numa colisão.”

“Tu estás a dizer que a nossa linda lua, celebrada em poemas e canções, irá um dia cair-nos em cima da cabeça?”

“Um dia, sim... mas não durante 195 000 anos.”

Devo ter parecido aliviado e o meu medo algo cómico, pois todos os meus anfitriões riram.

Thao continuou. “Quando isso acontece - quando a lua colidir com a Terra - isso será o fim do vosso planeta. Se na altura as pessoas da Terra não forem suficientemente evoluídas espiritual e tecnologicamente, isso significará um holocausto; mas se o forem, então terão evacuado para outro planeta. Tudo a seu tempo, Michel - por agora, tenho de acabar a minha história relativa ao continente de Mu.

“Na altura, Savanasa, estava situada num vasto planalto com vista para as planícies que se elevavam, em média, não mais do que 30 metros acima do nível do mar. Neste planalto e no seu centro, foi construída uma enorme pirâmide. Cada pedra usada na sua construção, algumas pesando mais de 50 toneladas, era cortada com uma precisão de um quinto de milímetro, usando aquilo que nós chamamos de “sistemas vibratórios de ultra-sons”. Isto era feito nas pedreiras de Holaton, agora localizadas na Ilha de Páscoa, as quais eram o único local em todo o continente onde esta pedra especial se podia encontrar. Havia, no entanto, outra pedreira em Notora, a sudoeste do continente.

“As enormes pedras eram transportadas usando técnicas anti-gravitacionais bem conhecidas deste povo. (Eram levadas em plataformas, 20 centímetros acima das estradas pavimentadas, que eram construídas usando os mesmos princípios do que as pirâmides.) Estradas como estas foram construídas por todo o país, convergindo, tal como uma teia de aranha gigantesca, para a capital, Savanasa.

“Estas pedras enormes eram levadas até Savanasa e colocadas em posição de acordo com as indicações do “mestre” ou arquitecto-chefe do projecto. Quando terminada, a pirâmide media exactamente 440,01 metros de altura e as suas quatro faces estavam orientadas precisamente na direcção dos quatro pontos cardeais da bússola.

“Isto destinava-se a ser o Palácio do Rei, ou o seu túmulo?” Todos exibiam o mesmo sorriso indulgente que frequentemente aparecia quando eu fazia uma pergunta.

“Nada do gênero, Michel. Esta pirâmide era muito mais importante - era um instrumento. Um enorme instrumento, admito, mas mesmo assim um instrumento. Desta forma, também o era a Pirâmide Quéopes, no Egípto, apesar de muito menor em tamanho.”

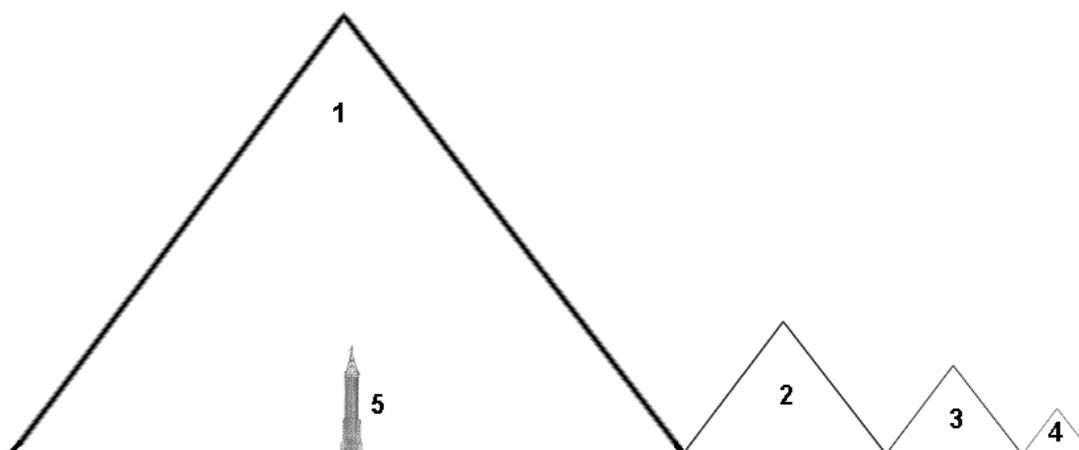


Figura 16 - Escala de pirâmides - instrumentos cósmicos

- 1 - Pirâmide em Marte
- 2 - Pirâmide de Mu (Terra, Pacífico, 14,500 anos atrás)
- 3 - Pirâmide da Atlântida (Terra, Oceano Atlântico, ainda submersa)
- 4 - Pirâmide de Quéopes - a maior pirâmide do Egípto
- 5 - Empire State Building - Nova Iorque, 381m

“Um instrumento? Por favor explica - Eu já não te consigo perceber.” Era verdade que estava a ter problemas em acompanhar Thao, mas podia pressentir que um dos grandes mistérios estava prestes a ser-me revelado - um dos que tinham provocado tanta interrogação e tinha sido assunto de tanta escrita na Terra.

“Tu já deves ter percebido,” retomou Thao, “que este era um povo altamente avançado. Eles possuíam uma profunda compreensão da Lei Universal e usavam a sua pirâmide como um “captador” de raios, forças e energias cósmicas, e assim como de energias terrestres.

“No interior, os quartos estavam posicionados de acordo com um plano preciso, serviam o Rei e outros grandes iniciados, como poderosos centros de comunicações, permitindo a comunicação³³ com outros planetas e outros mundos no Universo. Tal comunicação com extra-terrestres já não é possível para as pessoas na Terra; mas o povo de Mu, naqueles tempos, por meios naturais e explorando forças cósmicas, estava em constante comunicação com outros seres e eram mesmo capazes de explorar universos paralelos.”

“Era este o único propósito da pirâmide?”

“Não apenas. O seu segundo uso era para fazer chover. Através dum sistema de placas feitas duma liga especial de metais que incorporava prata como o seu elemento principal, estas pessoas eram capazes de, em poucos dias, causar a acumulação de nuvens sobre o país, e assim, ter chuva quando precisassem.

³³ telepática (nota do editor Inglês em concordância com o autor)

“Desta forma, eles foram capazes de criar, virtualmente, um paraíso sobre todo o continente. Os rios e as fontes nunca secavam, em vez disso, fluíam preguiçosamente sobre as numerosas planícies duma terra que era essencialmente plana.

“As árvores de fruto estavam carregadas de fruta, dobrando-se sobre o peso das laranjas, tangerinas ou maçãs, de acordo com a latitude. Frutos exóticos, de tipos que já não existem na Terra, eram colhidos em abundância. Um desses frutos, chamado de *Laikoti*, possuía uma propriedade que causava uma excitação na actividade cerebral, permitindo a quem o comesse, resolver problemas que normalmente estavam fora do seu alcance. Esta propriedade não era na verdade uma droga, mas, não obstante, o fruto foi condenado pelos sábios. O *Laikoti* apenas era autorizado a ser plantado nos jardins do Rei.³⁴

“Sendo o homem aquilo que é, o fruto foi, no entanto, secretamente plantado em vários locais por todo o continente. Aqueles que fossem apanhados com o fruto eram severamente punidos, pois tinham desobedecido directamente ao Rei de Mu. Em questões de religião e governo, ele tinha de ser rigorosamente obedecido, pois era ele o representante do Grande Espírito.

“Desta forma, o Rei não era alguém para ser venerado - ele simplesmente representava outro.

“Este povo acreditava em Tharoa - o Deus, O Espírito, o Único, o Criador de todas as coisas e, claro, eles acreditavam na reencarnação.

“Aquilo que aqui nos diz respeito, Michel, são os grandiosos eventos que aconteceram no teu planeta em tempos longínquos, para que sejas capaz de esclarecer os teus semelhantes. Portanto, não irei detalhar as minhas descrições do continente que foi o berço de uma das mais bem organizadas civilizações que existiram na Terra. Todavia, deves saber que, após um período de 50 000 anos, a população de Mu era de oitenta milhões.

“Eram levadas a cabo expedições regulares para explorar e pesquisar aspectos do planeta. Para estas expedições, eles usavam naves voadoras, semelhantes às que vocês chamam de “discos voadores”. Era sabido que a maior parte do planeta era povoado pelas raças preta, amarela e também branca, apesar desta última ter regressado a um estado primitivo devido a, desde o princípio, ter perdido o seu conhecimento tecnológico. Este povo branco tinha na realidade chegado à Terra em números muito pequenos numa altura compreendida entre a chegada dos Bakartianos e a colonização de Mu. Eles tinham-se estabelecido num continente por vós conhecido como Atlântida, mas, tanto por razões materiais como por espirituais, a sua civilização falhou completamente.”

“O que é que tu queres dizer por “razões materiais”?”

“Desastres naturais, que efectivamente destruíram a suas cidades e quase tudo o que lhes poderia ter permitido avançarem tecnologicamente.

“Eu tenho de enfatizar o seguinte ponto: antes de terem começado as suas expedições exploratórias do planeta, os habitantes de Mu tinham feito pesquisas através da Pirâmide de Savanasa. Como resultado desta pesquisa, foi decidido enviar naves voadoras e colonizar a Nova Guiné e a região da Ásia do Sul - ou seja, tudo a Oeste de Mu. Simultaneamente, estabeleceram colónias na América do Sul e na América Central.

³⁴ Ao escrever este livro, senti que era interessante enfatizar a evidente semelhança entre esta proibição de se comer *Laikoti* - por razões relacionadas com o conhecimento - e, na bíblia, Adão ter sido proibido de comer a maçã com fundamentos semelhantes - (comentário do autor)

“Mais importante ainda, estabeleceram uma base colonial que cresceu numa enorme cidade, numa área conhecida dos vossos arqueólogos como Thiacuano³⁵ localizado não muito longe do lago Titicaca. Os Andes não existiam na altura, as montanhas formaram-se mais tarde, como irás em breve ver.

“Em Thiacuano, foi construído um enorme porto de mar. Naqueles dias, o Norte e o Sul da América eram planos e, eventualmente, foi construído um canal para ligar um mar interior, que existia onde hoje se situa o Brasil, com o oceano pacífico. Este mar também tinha uma saída para o Oceano Atlântico, para que fosse possível passar de um oceano para o outro, e assim, colonizar o continente da Atlântida...”

“Mas, tu dizes que eles tinham naves voadoras - porque é que não as usavam? Se eles construíram um canal é porque deviam pretender usar barcos.”

“Eles usavam máquinas voadoras tal como vocês agora usam aviões Michel, mas para cargas muito pesadas, eles usavam máquinas de anti-gravidade, exactamente como os veículos pesados são agora usados na Terra.

“E assim, tal como disse, eles colonizaram o continente da Atlântida. Muitas pessoas brancas da Atlântida preferiram, na altura, emigrar para a região do norte da Europa, pois não aceitavam o novo governo e a nova religião provenientes de Mu. Este povo branco partiu nos seus navios propulsionados a vapor e vento. Efectivamente, a raça branca tinha descoberto o vapor, após ter passado por um período que vocês chamariam de “pré-histórico”. Tenho também de explicar que a Inglaterra não era, nessa altura, uma ilha mas estava ligada ao norte da Europa, e o estreito de Gibraltar também não existiam, pois a África chegava ao sul da Europa. Muitas pessoas brancas da Atlântida emigraram para o Norte de África, misturando-se com a raça cruzada de pretos-amarelos existente na área. Este cruzamento criou novas raças no Norte de África, que se perpetuaram a si mesmas durante milhares de anos e que vocês agora conhecem como Berberes, Tuaregues e outros.

“Naqueles tempos, nós visitávamos a Terra com frequência. Quando decidíamos ser a altura apropriada, nós íamos publicamente visitar o Rei de Mu e, a seu pedido ou com a informação que ele nos dava, visitávamos também as novas colónias. Na Índia, por exemplo, ou na Nova Guiné, o povo de Mu sentia grandes dificuldades em assimilar a sua civilização com a que já aí existia. Nós chegávamos, pública e abertamente, em naves muito parecidas com aquela que te trouxe a Thiaoouba, apesar de diferentes na forma.

“O nosso tamanho, que sempre foi grande, e a nossa radiante beleza, significavam que passávamos por deuses aos olhos de pessoas que não eram muito evoluídas e que, em alguns casos, eram mesmo canibais.

“Consoante a nossa missão, era importante que nós causássemos a impressão de sermos Deuses *amigáveis* aos olhos dos colonizadores, para que a guerra pudesse ser evitada, algo que eles abominavam por causa do seu avanço, das suas crenças e da sua religião.

“Era por causa das nossas frequentes visitas, durante este período, que existem tantas lendas na Terra descrevendo “gigantes” e “carros de fogo” vindos dos céus.

“Nós éramos grandes amigos dos habitantes de Mu e a minha entidade astral na altura, existia num corpo muito semelhante àquele que estou a “usar” agora.

“Os artistas e escultores tinham-nos em muita consideração. Eles consultaram-se com o rei de Mu e, com o seu consentimento, trabalharam para nos imortalizar. As

³⁵ forma alternativa de escrita: Tiahuanaco (Nota do Editor Inglês)

imensas estátuas de Holaton³⁶ (Ilha de Páscoa) são exemplos desse trabalho. Elas eram, para a civilização da altura, o último grito em arte - sendo em tamanho e forma, aquilo que descreverias como “estilizadas”.

“E foi assim como a estátua sobre mim veio a ser esculpida. Tinha sido acabada e estava pronta para ser transportada numa das enormes plataformas que cruzavam o país, terminando sempre em Savanasa. O Mestre na altura erguia estas estátuas ora nos jardins do Rei ou ao longo do caminho que ia até à pirâmide. Infelizmente, quando a estátua que me representava, conjuntamente com algumas outras, estava prestes a ser transportada, deu-se um cataclismo que destruiu o continente de Mu.

“No entanto, Holaton foi parcialmente poupada. Quando digo “parcialmente”, tens de compreender que as pedreiras foram dez vezes mais extensas do que os vestígios que hoje permanecem. A parte que não foi engolida no cataclismo, era a área onde estava a minha estátua.

“E assim se encontra preservada a minha imagem estilizada na Ilha de Páscoa. Quando me disseste que tinhas sonhado comigo na forma de estátua na Ilha de Páscoa e eu confirmei que era eu, tu julgaste que eu estava a usar uma metáfora, mas isso era apenas meia verdade. Estás a ver, Michel, certos sonhos, e o teu definitivamente, são influenciados por *lacotina*. Isto é algo para o qual não existe palavra correspondente em nenhuma linguagem na Terra. Não é necessário que compreendas o fenómeno, mas, sobre a sua influência, é um sonho *verdadeiro*.”

Thao terminou o seu relato naquele ponto, exibindo o seu sorriso familiar e acrescentando: “Se tiveres dificuldade em recordar tudo isto, eu ajudar-te-ei na altura certa.

E com aquilo levantou-se, e todos fizemos o mesmo.

³⁶ Holaton (Ilha de Páscoa) estava situada a sudeste do continente de Mu - (Nota do Autor)

8

Pesquisando a psicoesfera

Seguimos Lationusi que nos conduziu até outra parte do doko - a área de relaxamento onde se pode relaxar completamente e onde nenhum som exterior consegue penetrar. Aqui, Latoli e dois dos “anciãos” deixaram-nos. Lationusi, Thao, Biastra e eu ficamos.

Thao explicou-me que, devido aos meus poderes psíquicos não serem suficientemente desenvolvidos e apurados e, de forma a eu participar numa experiência importante e muito especial, eu iria ter de tomar um elixir especial. Era uma questão de “pesquisar” a psicoesfera do planeta Terra na altura do desaparecimento de Mu, ou seja, há 14 500 anos atrás, explicou ela.

A minha compreensão do termo “psicoesfera” é a seguinte:

Em torno de cada planeta, desde a sua criação, existe uma espécie de psicoesfera ou casulo vibratório, que gira a uma velocidade de sete vezes a velocidade da luz. Este casulo actua como uma esponja, como se estivesse a absorver (e a lembrar³⁷) absolutamente todo e qualquer evento que ocorra no planeta. O conteúdo deste casulo é inacessível para nós na Terra - nós não temos forma de “ler a história”.

É do conhecimento geral que, nos EUA, técnicos e investigadores foram encarregues de desenvolver uma “máquina do tempo” mas, até agora, os seus esforços têm sido infrutíferos. A dificuldade está, segundo Thao, em se adaptarem às vibrações do casulo, em vez de comprimentos de onda. O ser humano, compreendendo uma parte integral do Universo pode, por causa do seu corpo Astral e se for correctamente treinado, retirar qualquer conhecimento que procure de dentro da psicoesfera. Claro que para isto, é necessário muito treino³⁸. “Este elixir vai-te permitir aceder à psicoesfera, Michel.

Instalamo-nos, todos os quatro, confortavelmente numa cama especial. Eu fui colocado no centro de um triângulo, formado por Thao, Biastra e Lationusi. Foi-me entregue uma taça contendo um líquido, que bebi.

Biastra e Thao colocaram então suavemente os seus dedos sobre a minha mão e o meu plexo solar, enquanto que Lationusi colocou o seu dedo indicador sobre a minha glândula pineal. Disseram-me para relaxar completamente e para não ter medo, independentemente do que acontecesse. Nós iríamos viajar em corpo Astral e eu iria estar sobre a sua direcção e, por conseguinte, estaria bastante seguro.

³⁷ [adição do editor Inglês em acordo com o autor](#)

³⁸ [muito treino - muitas pessoas experimentaram contacto acidental com a psicoesfera durante sonhos. Visões de heliógrafos, arquitectura e da natureza são bastante frequentes. Muito conhecimento e prática são necessários para controlar o acesso à informação da psico-esfera \(Nota do editor Inglês, baseada nas explicações do Autor\)](#)

Aqueles momentos ficarão para sempre gravados na minha memória. Quanto mais tempo Thao passava falando-me lenta e suavemente, menos medo eu tinha.

No entanto tenho de confessar que, inicialmente, estava muito assustado. De repente, apesar dos meus olhos fechados, fiquei deslumbrado com as cores do espectro inteiro que dançavam e brilhavam. Eu podia ver os meus três companheiros à minha volta, radiantes de cor, mas ao mesmo tempo transparentes.

A aldeia foi ficando lentamente indistinta por baixo de nós.

Tive a impressão bizarra de que quatro cordões de prata nos ligavam aos nossos corpos físicos, que estavam a assumir as proporções de montanhas.

De repente, um clarão dum ofuscante branco dourado atravessou a minha “visão” e durante algum tempo depois não vi ou senti qualquer coisa.

Uma bola, brilhante como o sol mas de cor prata, apareceu no espaço e aproximou-se a uma velocidade incrível. Nós passamos através dela, mas talvez deva antes dizer, *eu* passei através dela, pois, naquele momento, eu já não estava consciente da presença dos meus companheiros. Quando penetrei nesta atmosfera prateada, eu não conseguia distinguir mais nada para lá do “nevoeiro” que me rodeava. É impossível dizer que período de tempo estive envolvido mas, subitamente, o nevoeiro dissipou-se, revelando um quarto rectangular, com um tecto baixo, no qual dois homens estavam sentados de pernas cruzadas sobre almofadas maravilhosamente coloridas.

As paredes do quarto eram blocos de pedra primorosamente esculpidas, com cenas da civilização contemporânea, com cachos de uvas que pareciam transparentes, frutas que não pude reconhecer e também animais - alguns dos quais tinham cabeças humanas. Havia também figuras humanas com cabeças de animais.

Reparei então, que os meus três companheiros e eu formávamos uma “unidade” que era uma massa gasosa, e mesmo assim nós éramos capazes de nos distinguir uns aos outros.

“Estamos na câmara principal da Pirâmide de Savanasa,” disse Lationusi. Era incrível - Lationusi não tinha aberto a sua boca e, no entanto, tinha-me falado em Francês! A explicação veio num ápice: “é verdadeira telepatia, Michel. Não faças perguntas, tudo se irá revelar naturalmente e irás aprender o que tens de saber.

(Uma vez que a minha tarefa, ao escrever este livro, é a de reportar as minhas experiências, eu tenho de tentar explicar o mais claramente possível que, no estado que na altura me encontrava - o meu corpo Astral tinha passado para dentro da psicoesfera - as palavras *vi*, *ouvi* e *senti* não eram apropriadas, mas meramente úteis, pois as sensações ocorrem “espontaneamente” de uma forma muito diferente daquilo que eu tinha normalmente experimentado - e mesmo daquilo que nós experimentamos quando estamos a viajar em corpo Astral.

Os eventos ocorrem de forma análoga a como se dão durante um sonho, e se por vezes acontecem muito lentamente, por outras ocorrem a uma velocidade desconcertante. Mais tarde, cada coisa parecia auto-evidente e aprendi depois que isto se devia ao estado em que eu me encontrava e por causa da apertada supervisão que os meus mentores exerciam sobre mim.)

Vi, muito rapidamente, uma abertura no tecto do quarto e, mesmo por cima dela, uma estrela. Eu estava consciente de que as duas figuras estavam a trocar pensamentos “visíveis” com a estrela. Das suas glândulas pineais, corriam fios daquilo que parecia ser um fumo de cigarro prateado que passava através da abertura no tecto e se ia juntar à estrela no espaço distante.

As duas figuras estavam perfeitamente imóveis e, ao seu redor, flutuava uma suave luz dourada. Sei, graças à constante tutela dos meus companheiros, que estas figuras não apenas não nos podiam ver, mas tão pouco podiam ser perturbadas por nós, uma vez que éramos espectadores numa outra dimensão. Examinei-os mais atentamente.

Um deles era um homem idoso com um longo cabelo branco caído para lá dos ombros. Por cima da sua cabeça, usava um solidéu (escrever definição) de um tecido cor de açafreão³⁹ semelhante aos que são usados pelos rabis.

Estava vestido com uma túnica larga, amarelo-dourada, com mangas compridas, que o envolvia completamente. Na posição em que estava sentado, os seus pés não eram visíveis mas eu “soube” que estavam descalços. As suas mãos estavam juntas, tocando apenas as pontas dos dedos e eu podia ver nitidamente pequenos clarões azuis à volta dos seus dedos, testemunhando a imensurável força da sua concentração.

A segunda figura parecia ser da mesma idade, apesar do seu cabelo preto brilhante. À parte das cores da sua túnica, que eram dum laranja brilhante, ele estava vestido da mesma forma que o seu companheiro. Estavam tão completamente imóveis que até parecia que não respiravam.

“Estão em comunicação com outros mundos, Michel”, foi-me explicado.

De repente a “cena” sumiu-se, sendo imediatamente substituída por outra. Um palácio, em forma de pagode, com telhados revestidos a ouro, estava à nossa frente com as suas torres, os seus portais, as suas imensas janelas panorâmicas abrindo-se para os esplêndidos jardins e os seus resplandecentes lagos nos quais brotava a água de fontes, formando arco-íris sobre os raios de um sol no seu zénite. Centenas de pássaros esvoaçavam nos ramos de árvores espalhadas pelos imensos parques, salpicando de cor um ambiente já por si mágico.

Pessoas vestindo túnicas de várias cores e estilos passeavam em grupos, por baixo das árvores ou perto dos lagos. Alguns sentavam-se em meditação sob as tapadas florais especialmente concebidas para o seu conforto e protecção. A cena inteira era dominada por uma estrutura que se avultava à distância para lá do palácio - a gigantesca pirâmide.

Eu “sabia” que tínhamos acabado de sair desta pirâmide e que eu estava agora a admirar o maravilhoso palácio de Savanasa, a capital de Mu.

Para além do palácio, estendia-se, em todas as direcções, o planalto de que Thao tinha falado. Uma estrada de pelo menos 40 metros de largura, parecia ser feita de um único bloco de pedra, ia em direcção ao planalto a partir do centro dos jardins. Era ladeado por duas filas de maciças árvores frondosas, intercaladas por enormes estátuas estilizadas. Nalgumas destas estátuas haviam chapéus, vermelhos ou verdes, de abas largas.

Deslizamos ao longo desta estrada entre pessoas a cavalo e outras montando estranhos animais de quatro patas com cabeças parecidas com golfinhos - animais aos quais nunca tinha ouvido ser feita qualquer menção: animais cuja existência me apanhou de surpresa.

“Estes são *Akitepayos*, Michel, os quais há muito que estão extintos”, foi-me explicado.

³⁹ amarelo alaranjado - (N.T.)



Figura 17 - Mu - a civilização mais avançada até hoje na Terra (de 250 000 até 14 500 anos atrás)

Este animal tinha o tamanho de um cavalo muito grande, com uma cauda multicolorida, que ele por vezes abria como uma ventoinha, semelhante à cauda de um pavão. Os seus quadris eram muito mais largos do que os dum cavalo; o seu corpo era dum tamanho comparável; os seus ombros emergiam do corpo como a carapaça de um rinoceronte; e as suas patas dianteiras eram maiores do que as suas patas traseiras. Todo o seu corpo, com excepção da cauda, era coberto de um longo pêlo cinzento. Quando galopava, Lembrei-me da forma que os nossos camelos correm.

Senti fortemente que estava a ser levado para outro lado pelos meus companheiros. Passamos rapidamente pelas pessoas nos seus passeios - *muito rapidamente*, e mesmo assim fui capaz de “captar” e notar uma característica da sua linguagem. Era muito agradável ao ouvido e parecia compreender mais vogais do que consoantes.

Fomos imediatamente apresentados com outra cena, tal como um filme, quando uma cena é cortada e outra é mostrada.

Máquinas, exactamente idênticas aos “discos voadores” tão caros aos escritores de ficção científica, estavam alinhadas num imenso campo à beira do planalto. Pessoas embarcavam e desembarcavam nas “máquinas voadoras” levando-as a um enorme edifício, que certamente servia de terminal aéreo.

No campo de aterragem, as máquinas voadoras emitiam um som assobiante que era bastante tolerável ao ouvido. Foi-me dito que a nossa percepção do som e sua intensidade era comparável com a das pessoas que faziam parte da cena diante de nós.

Ocorreu-me que eu estava a testemunhar a vida diária de pessoas que eram notavelmente avançadas, e que estavam *mortas* há milhares de anos! Lembro-me também de ter tomado nota da estrada por debaixo dos nossos “pés” e de ter compreendido que não era um enorme bloco de pedra, tal como tinha parecido ser, mas era, de facto, uma série de grandes pedras, cortadas com tal precisão que as uniões mal eram visíveis.

A partir do cimo do planalto, nós tínhamos uma visão panorâmica sobre a imensa cidade e porto de mar, e mais ao longe o oceano.

Então, instantaneamente, encontramos-nos numa ampla rua da cidade, ladeada por casas de vários tamanhos e estilos arquitecturais. A maioria das casas tinha terraços rodeados por flores, onde, por vezes, vislumbrávamos uma lindíssima espécie de pássaro. As casas mais modestas e sem terraços tinham, em vez disso, varandas maravilhosamente feitas - também elas repletas de flores. O efeito era deveras deleitoso - tal como andar sobre um jardim.

Na rua, as pessoas ora andavam ou voavam a cerca de 20 centímetros acima da estrada, em cima de pequenas plataformas voadoras⁴⁰ e que não emitiam absolutamente qualquer som. Esta parecia ser uma forma muito agradável de viajar. Outros ainda, viajavam montados a cavalo.

Quando, no fim da rua, nos encontramos numa vasta praça da cidade, fiquei surpreendido por não ver nenhuma loja⁴¹ ou algo parecido. Em vez disso, havia um mercado coberto onde as tendas tinham toda a espécie de produtos que o palato, ou coração, poderiam desejar. Havia peixes, entre os quais reconheci atuns, cavalas, bonitos⁴² e raias; havia carne de muitas variedades e também uma incrível variedade de vegetais. Mais predominantes eram, no entanto, as flores que pareciam encher a área. Estava claro que este povo se deleitava com flores, que ou eram usadas no cabelo, ou trazidas nas mãos de toda a gente. Os “compradores” tiravam o que queriam, sem nada darem em troca - nem dinheiro nem nada que o pudesse substituir.

A minha curiosidade atraiu o nosso grupo ao coração do mercado, justamente através dos corpos das pessoas - uma experiência que achei bastante interessante.

Todas as minhas perguntas eram respondidas à medida que me ocorriam: “eles não usam dinheiro, pois tudo pertence à comunidade. Ninguém engana ninguém - a vida comunal é perfeitamente harmoniosa. Com o passar do tempo, eles foram ensinados a obedecer a leis bem estabelecidas e bem estudadas que lhes serviam perfeitamente”.

A maioria destas pessoas tinham entre 160 e 170 centímetros de altura, de pele castanho clara e cabelos e olhos pretos - muito semelhantes à nossa actual raça Polinésia.

⁴⁰ circulares - (comentário do Editor Inglês, baseado na explicação do Autor)

⁴¹ *botique* no texto original - (N.T.)

⁴² bonito - peixe de cardume da família do atum, de tamanho médio, têm o dorso listado e barriga prateada, crescem até aos 75 cm de comprimento e encontram-se principalmente em águas do Oceano Atlântico - (N.T.)

Também haviam algumas pessoas brancas entre eles, de maior tamanho, cerca de dois metros de altura, com cabelo louro e olhos azuis e, em maior número, alguns pretos. Estes últimos eram altos, como os brancos, e pareciam ser de vários “tipos”, incluindo um como os Tamil⁴³ e outro, impressionantemente parecido com os nossos Aborígenes na Austrália.

Descemos na direcção do porto onde estavam ancorados navios de todos os tamanhos. O cais era construído de gigantescas pedras as quais, me foi “dito”, tinham vindo da pedreira de Notora a sudoeste do continente.

O porto inteiro tinha sido feito artificialmente. Nós éramos capazes de ver algumas peças de equipamento muito sofisticadas em operação - equipamento de construção de barcos, equipamento de carga, máquinas a fazer reparações...

Os navios no porto representavam, tal como disse, uma grande variedade de embarcações - desde veleiros do estilo do século dezoito e dezanove até modernos iates; desde barcos a vapor até navios de carga ultra-modernos movidos a hidrogénio. Os enormes navios ancorados na baía eram as embarcações anti-magnéticas, anti-gravíticas de que me tinham falado.

Fora de acção, eles flutuavam na água: no entanto, quando carregavam cargas de vários milhares de toneladas, viajavam a velocidades de 70 a 90 nós, justamente acima da água - e isto, sem fazerem qualquer ruído.

Foi-me explicado que os navios “clássicos” representados no porto, pertenciam a pessoas de terras distantes - Índia, Japão, China - as quais tinham sido colonizadas por Mu, mas que ainda não tinham capacidade de tirar partido dos seus avanços tecnológicos. Nesse aspecto, também aprendi de Lationusi que os líderes de Mu mantinham segredo muito do seu conhecimento científico, por exemplo, energia nuclear, anti-gravidade e ultra-sons. Esta regra assegurava que eles mantinham a sua supremacia na Terra e garantia a sua segurança.

A cena foi “cortada” e encontramos-nos de novo no campo de aterragem, olhando uma paisagem nocturna sobre a cidade. Estava bastante uniformemente iluminada por grandes globos, assim como O Caminho de Ra, a estrada que conduzia até ao palácio de Savanasa. Globos posicionados nas colunatas esculpidas ao longo da avenida, iluminavam-na como se fosse de dia.

Foi-me explicado que estes globos, de forma esférica, convertiam energia nuclear em luz e tinham a capacidade funcionar durante milhares de anos no futuro, sem se extinguirem.

Confesso que não percebi, mas acreditei que assim devia ser.

Outra mudança de cena - e era de dia. A grande avenida e os jardins do palácio tinham sido invadidos por multidões de pessoas brilhantemente vestidas e havia uma enorme bola branca ligada ao topo da pirâmide.

Aparentemente, o Rei, que eu tinha visto a meditar na pirâmide, tinha acabado de morrer, justamente antes do ajuntamento da multidão.

A bola explodiu com enorme barulho e um unânime grito de alegria ergueu-se das pessoas. Isto surpreendeu-me, pois a morte normalmente inspira lágrimas, mas os meus companheiros explicaram-no da seguinte forma:

⁴³ Tamil - indivíduo dos Tâmeis - povo originário do sul da Índia cujo idioma é o Tamil, uma das linguas principais da família Dravidiana. Religião da Índia e no Sri Lanka com o mesmo nome - (N.T.)

“Michel! Tu não te lembras das lições que te ensinamos. Quando o corpo físico morre, o ser Astral é libertado. Estas pessoas também o sabem e celebram o evento. No espaço de três dias, o corpo Astral do Rei irá deixar a Terra para se juntar ao Grande Espírito, pois este Rei comportou-se de maneira exemplar durante esta vida final na Terra, apesar das responsabilidades e tarefas muito difíceis que foram exigidas de si.

Eu fiquei sem ter o que dizer e senti-me envergonhado por ter sido apanhado em falta por Thao pelo meu descuido.

De repente o cenário mudou novamente. Encontramo-nos agora na escadaria frontal do palácio. Uma enorme multidão estendia-se à nossa frente tão longe quanto a “vista” podia alcançar e, ao nosso lado, estava uma assembleia de dignitários, incluindo uma personalidade vestida no mais fino traje imaginável. Este viria a ser o novo Rei de Mu.

Houve algo acerca dele que atraiu a minha atenção. Ele era familiar - era como se eu o conhecesse mas não o tivesse reconhecido completamente, composto da forma como estava. Num instante tive a resposta de Lationusi : “Sou eu Michel, durante outra vida. Tu não me reconheces mas estás consciente das minhas vibrações astrais naquele corpo.”

Com efeito, Lationusi estava a experimentar o extraordinário *dentro* do extraordinário! Lationusi estava-se a ver-se a si mesmo numa vida anterior enquanto ele ainda existia na vida presente!

Das mãos de um dos dignitários, o novo Rei recebeu uma magnífica coroa⁴⁴ que ele pôs em si mesmo.

Um grito de alegria elevou-se da multidão. O continente de Mu - a nação mais desenvolvida do planeta e regente de mais de metade dele, tinha um novo Rei.

A multidão parecia delirante de alegria. Milhares de pequenos balões, de cor granada⁴⁵ e laranja brilhante foram libertados para o céu, e uma orquestra começou a tocar. Os músicos da “orquestra”, que eram pelo menos duzentos em número, tocavam de plataformas voadoras estacionárias localizadas a toda a volta dos jardins, do palácio e da pirâmide. Em cada plataforma, um grupo de músicos tocava em conjunto instrumentos indescritivelmente estranhos e de uma forma tal que o som era distribuído como se fosse feito através de gigantescos altifalantes estereofónicos.

A “música”, não era de toda a música que nos é familiar. Com excepção de um tipo de flauta que produzia notas duma frequência muito especial, todos os outros instrumentos modulavam os sons da natureza; por exemplo, o uivar do vento, o zumbir das abelhas nas flores, o canto dos pássaros, o som da chuva a cair num lago ou as ondas a bater numa praia. Tudo era tão engenhosamente orquestrado - o som da onda podia originar-se nos jardins, rolar em direcção a ti, passar sobre a tua cabeça e acabar de encontro aos degraus da Grande Pirâmide.

Eu nunca teria imaginado que seres humanos, não importa quão avançados, pudessem alcançar tal feito como este arranjo orquestral.

A multidão, os nobres e o Rei pareciam “sentir” a música de dentro das suas almas, de tão extasiados que estavam. Eu também gostaria de ter ficado, de ouvir cada vez

⁴⁴ coroa - no original Inglês - *head-piece* - que traduzido literalmente é um “capacete”, mas cujo significado é mais parecido com uma coroa do que com capacete - (N.T. - baseado nos comentários do Autor), o editor Inglês explica: decoração para cabeça parecendo uma coroa e parcialmente a tiara de um bispo.

⁴⁵ granada - cor vermelho acastanhada - (N.T.)

mais, de me permitir ser impregnado por esta canção da natureza. Mesmo na minha situação astral-psicoesférica, a música “penetrava” e o seu efeito era enfeitiçante. Fui “lembrado” de que não estávamos ali para entretenimento... e a cena desapareceu.

Imediatamente, eu estava a testemunhar uma reunião extraordinária, presidida pelo Rei e restrita aos seus seis conselheiros. Foi-me dito que o assunto era grave quando o Rei se reunia apenas com estes seis.

O Rei tinha envelhecido significativamente, pois tínhamos dado um salto em frente no tempo de vinte anos. Todos os presentes tinham um ar grave, discutindo o valor técnico dos seus sismógrafos e fui capaz de compreender tudo isto num centésimo de segundo: Eu podia inclusive seguir o curso do seu debate como se fosse um deles!

Um dos conselheiros reivindicava que o equipamento já tinha provado não ser fiável em ocasiões anteriores, mas que não havia caso para grande preocupação. Outro argumentava que o sismógrafo era perfeitamente exacto, como esse mesmo modelo o tinha provado na altura da primeira catástrofe, que ocorrera a oeste do continente...

No momento preciso em que falavam, o palácio começou a tremer, como folhas numa árvore ao vento. O Rei levantou-se, surpreso de espanto e de medo: dois dos seus conselheiros caíram dos assentos. Lá fora, um ruído enorme parecia vir da cidade.

A cena mudou e subitamente estávamos no exterior. A lua cheia iluminava os jardins do palácio. Tudo estava novamente calmo - demasiado calmo. O único som que se ouvia era um rugido surdo que vinha do extremo da cidade...

De repente, os criados fugiram do palácio, correndo em todas as direcções. Várias das colunas que suportavam os globos e que iluminavam a avenida caíram no chão - despedaçadas. Surgindo rapidamente do palácio, o rei e o seu “séquito” subiram para uma plataforma voadora e dirigiram-se imediatamente para o aeroporto. Nós seguimo-los. À volta das naves voadoras que estavam no campo, e no terminal, reinava a confusão. Algumas pessoas corriam para as naves, gritando e empurrando. A plataforma voadora do Rei moveu-se rapidamente na direcção de uma das naves que estava afastada das outras: ele e os seus seguidores abordaram-na. Outras naves estavam já a descolar, quando um som ensurdecedor subiu das entranhas da Terra - um som estranho e contínuo como um trovão.

O aeroporto foi de repente feito em pedaços como uma folha de papel, e fomos envolvidos por uma enorme coluna de fogo. As naves que tinham acabado de descolar foram apanhadas no meio das chamas e explodiram. As pessoas que tinham estado a correr no aeroporto perderam-se na fenda que se abriu. A nave do rei, ainda no chão, apanhou fogo e explodiu.

Nesse momento, como se a morte do Rei tivesse sido o sinal, vimos a grande pirâmide tombar num único bloco dentro da fenda que se estendia ao longo do planalto, alargando a cada segundo. A pirâmide balançou na orla da fenda por um momento, e então, com um violento tremor, foi engolida pelas chamas.

A cena voltou a mudar. Tínhamos agora vista para uma cidade e porto de mar, que pareciam ondular como vagas no oceano. Os edifícios começaram-se a desmoronar, entre gritos de terror e cenas horríveis que apareciam e desapareciam entre chamas.

Ocorreram explosões ensurdecedoras originadas, vim a saber, bem fundo abaixo da superfície da Terra. “Subúrbios” inteiros precipitaram-se pela terra adentro; e então pedaços enormes do continente seguiram-lhes o exemplo. O oceano apressava-se a preencher os abismos imensos que eram criados e de repente, o planalto inteiro de Savanasa afundou-se nas águas, tal como um enorme pacote que se afunda, só que muito mais rápido. Formavam-se poderosos redemoinhos e, dentro deles, eu

podia ver pessoas agarrando-se desesperadamente a destroços, tentando em vão sobreviver.

Foi horripilante para mim testemunhar semelhante cataclismo, mesmo sabendo que tinha acontecido há 14 500 anos atrás.

Começamos uma “visita” muito rápida pelo continente, encontrando a mesma destruição por todo o lado. A água avançava em vagas gigantescas sobre as planícies restantes, submergindo-as. Aproximamo-nos de um vulcão que tinha acabado de irromper, e ali perto, vimos rochas começarem a mover-se num movimento regular, como se uma mão gigantesca as estivesse a elevar sobre o fluxo da lava e criando uma montanha adiante dos nossos olhos. Isto parecia ter levado tão pouco tempo a acontecer, como o planalto de Savanasa tinha levado a desaparecer.

A cena desapareceu novamente, para ser substituída por outra.

“Estamos a chegar à América do Sul, Michel, onde o cataclismo ainda não se fez sentir. Vamos dar uma vista de olhos a esta costa e ao porto de Thiacuano. No tempo, voltamos atrás até à altura anterior ao primeiro tremor, quando o Rei de Mu se estava a reunir com os seus conselheiros.

Estávamos no cais do grande porto marítimo de Thiacuano. Era noite e uma lua cheia iluminava a terra, apesar de se ir pôr muito em breve. A leste, uma fraca iluminação do céu anunciava a aproximação do amanhecer. Tudo estava tranquilo. Guardas patrulhavam o cais onde estavam ancorados numerosos barcos.

Alguns festejadores brigões estavam a entrar num edifício no qual brilhava uma pequena luz nocturna. Aqui, podíamos ver alguns dos globos esféricos de Mu - mas somente uns poucos.

Voamos sobre um canal, onde se podiam ver vários barcos dirigindo-se na direcção do mar interior (agora Brasil).

O nosso grupo “veio repousar” na ponte de comando dum lindo veleiro. Uma ligeira brisa vinda de oeste, empurrava o barco por detrás. Tinha pouca vela, pois navegava numa zona congestionada com numerosos barcos. Havia três mastros no convés, de estilo bastante moderno, e com cerca de 70 metros de comprimento. A julgar pela forma do seu casco, devia ser capaz de atingir uma velocidade significativa em águas livres.

Um momento mais tarde, encontramos-nos numa grande cabine de marinho, mobilada com uma boa dúzia de camas, todas ocupadas.

Estavam todos a dormir, com excepção de dois homens de cerca de trinta anos de idade, que, pela sua aparência física, provavelmente vinham de Mu. Estavam sentados a uma mesa, absortos num jogo, que bem podia ser mahjong⁴⁶. A minha atenção foi atraída para um dos dois - talvez mais velho que o companheiro - cujo longo cabelo escuro estava atado atrás com um lenço vermelho. Fui atraído para ele como um bocado de ferro o é para um íman e, num instante eu estava sobre ele, levando comigo os meus companheiros.

Ao passar através dele, senti uma estimulação quase eléctrica - e uma sensação que nunca antes tinha sentido, invadiu o meu ser. Senti uma indefinível unidade com ele e passei através dele vezes sem conta.

“Isto é facilmente explicável, Michel. Neste homem, tu estás reunificado com o teu corpo Astral. Este és *tu*, numa das tuas vidas anteriores. No entanto, tu estás aqui

⁴⁶ mahjong - jogo de origem chinesa, tipo paciência - (N.T.)

como um observador e não há nenhum propósito ao tentares reviver este tempo. Não te deixes envolver.”

Com pena, “segui” os meus companheiros de volta à ponte de comando.

De repente, à distância e vinda de oeste, ouviu-se uma sonora explosão, seguida de outra mais próxima. Ainda de oeste, o céu começou a brilhar intensamente. Mais perto ainda, entre explosões mais distintas, observamos a erupção de um vulcão que iluminou o céu ocidental num raio de 30 quilómetros.

No canal e no porto, demos conta duma agitação febril perante os gritos que se ouviam e as sirenes que soavam.

Ouvimos passos a correr e os marinheiros vindos de baixo surgiam na ponte de comando. Entre ele, podia ver o marinheiro que “usava” o meu corpo Astral, tão assustado como os seus companheiros e senti uma enorme onda de compaixão pelo “eu” tomado de pânico.

Nos subúrbios da cidade, no clarão do vulcão, vi uma esfera brilhante voar muito rapidamente em direcção ao céu e, eventualmente, desaparecer da vista.

“Sim, aquela era uma das nossas naves espaciais,” explicou Thao. “Irá observar o cataclismo de muito alto. Há dezassete pessoas a bordo, que irão fazer o que puderem para ajudar os sobreviventes, mas isto será muito pouco. Olha.”

O chão começou a tremer e a retumbar. Mais três vulcões surgiram por debaixo da superfície do oceano perto da costa, para serem imediatamente engolidos pelas águas, tão rapidamente quanto apareceram. Ao mesmo tempo, isto causou um maremoto de cerca de 40 metros de altura que emergiu em direcção à costa com um barulho infernal. No entanto, antes de conseguir atingir a cidade, o chão por baixo de nós começou a elevar-se. O porto, a cidade e o campo mais além - uma secção inteira do continente - elevou-se rapidamente, bloqueando o assalto das vagas. De forma conseguirmos ver melhor, subimos mais alto. Foi-me lembrado de um animal gigantesco arqueando o seu dorso à medida que se esticava, após ter saído do seu esconderijo.

Os gritos das pessoas chegavam até nós como um guincho Dantesco. Elas estavam tomadas de pânico, pois estavam-se a elevar com a cidade, como num elevador, e parecia que a sua ascensão não parava nunca.

Os barcos tinham sido feitos em pedaços pelas rochas atiradas do oceano, e eu vi o marinheiro que tínhamos deixado para trás ser literalmente pulverizado. Um dos meus “eus” tinha acabado de regressar à sua fonte.

Parecia que a Terra estava a remodelar completamente a sua forma. A cidade desapareceu entre espessas nuvens pretas que vieram rapidamente de oeste, enchendo a terra de lava e cinzas, expelidas pelos vulcões. Vieram-me à mente duas palavras para descrever aquele momento: “grandioso” e “apocalíptico”.

Tudo ficou turvo e senti os meus companheiros próximos à minha volta. Dei-me conta duma nuvem cinzento-prateada afastando-se de nós a uma velocidade vertiginosa e então apareceu Thiaoouba. Tive a impressão de que estávamos a puxar os cordões prateados, de forma a regressar rapidamente aos nossos corpos físicos que pareciam estar à nossa espera - enormes como montanhas e contraindo-se à medida que nos aproximávamos.

Os meus olhos astrais apreciaram a beleza das cores aqui neste planeta “dourado”, após aguentar os pesadelos que tínhamos acabado de deixar para trás.

Senti as mãos que estavam a tocar no meu corpo físico largarem o contacto. Abrindo os olhos, olhei à minha volta. Os meus companheiros levantaram-se, sorrindo, e Thao perguntou-me se eu estava bem.

“Muito bem, obrigado. Estou muito surpreendido por ainda haver luz lá fora.”

“Claro que ainda há luz, Michel. Quanto tempo pensas que estivemos fora?”

“Não faço a menor ideia. Cinco ou seis horas?”

“Não,” disse Thao, divertida. “Não mais do que quinze lorses - cerca de quinze minutos

Então, com cada um a segurar-me pelo ombro, Thao e Biastra guiaram-me para fora do “quarto de relaxamento”, morrendo a rir perante o meu ar perplexo. Lationusi seguiu-nos, menos exuberante no seu divertimento.

9

A nossa “suposta” civilização

Quando prestei os meus respeitos e disse adeus a Lationusi e aos seus companheiros, deixamos a aldeia e abordamos novamente a plataforma voadora, para me retirar para o meu doko.

Desta vez tomamos uma rota diferente, voando sobre grandes campos cultivados, e parando o tempo suficiente para que eu pudesse admirar as colheitas de trigo que aqui crescia em espigas muito grandes. A nossa rota também nos levou sobre uma cidade de aspecto interessante - não apenas eram todos os edifícios “dokos”, desde o maior até ao mais pequeno, mas na realidade não haviam estradas a ligá-los. Eu percebi a razão para isto: as pessoas aqui eram capazes de se mover de um local para outro “voando” - com ou sem um Lativok e assim eram desnecessárias estradas apropriadas. Passamos perto de pessoas que entravam e saíam de imensos dokos, semelhantes em tamanho àqueles no porto espacial.

“Estas são as “fábricas” onde a nossa comida é preparada,” explicou Thao. “O Maná e os vegetais que comeste ontem no teu doko, foram aqui preparados.”

Nós não paramos e continuamos a voar sobre a cidade e depois sobre o oceano. Pouco depois, tínhamos chegado à ilha onde estava situado o meu doko.

Tendo deixado o nosso veículo no local habitual, entramos.

“Dás-te conta,” disse Thao, “que não comes nada desde ontem de manhã?” A este ritmo, vais perder peso. “Não tens fome?”

“Surpreendentemente, não estou particularmente com fome, e no entanto, na Terra, como quatro refeições por dia!”

“Isso não é verdadeiramente surpreendente, meu amigo. A nossa comida aqui é preparada de uma forma tal, que as calorias contidas na comida são libertadas em intervalos regulares durante um período de dois dias. Nós continuamos a ser nutridos, sem sobrecarregar os nossos estômagos. Isto também permite que as nossas mentes permaneçam claras e alerta, no final de contas, as nossas mentes devem ser uma prioridade - não é assim?” Acenei afirmativamente.

Servimo-nos dos vários pratos coloridos e de um pouco de maná, e então, enquanto apreciávamos um copo de hidromel, Thao perguntou, “O que é que pensas da tua estadia em Thiaoouba, Michel?”

“O que é que eu penso disso? Depois da minha experiência desta manhã, talvez devas mas é perguntar o que é que eu penso do planeta Terra! Pareceu-me que durante aqueles... quinze minutos, se tinham passado anos. Alguns momentos foram obviamente terríveis, mas outros foram fascinantes. Posso-te perguntar, porque é que me levaste por aquela viagem no tempo?”

“Uma pergunta muito boa, Michel. Fico contente por a teres feito. Nós queríamos mostrar-te que, antes da vossa actual pretensa civilização, já tinham havido, na Terra, “verdadeiras” civilizações.

“Nós não te “raptamos”, como poderias dizer, e te trouxemos vários bilhões de quilômetros só para te mostrar a beleza do nosso planeta.

“Tu estás aqui porque pertences a uma civilização que tomou o rumo errado. Grande parte das nações na Terra acreditam serem altamente avançadas, o que não é verdade. Em vez disso, as suas culturas são decadentes, começando pelos líderes e as chamadas classes de elite. Todo o sistema está distorcido.

“Nós sabemos isto porque observamos de muito perto o planeta Terra, particularmente durante os anos recentes, como o grande Thaora te explicou. Nós somos capazes de estudar o que está a acontecer numa grande variedade de perspectivas. Nós podemos viver entre vós em corpos físicos ou em presença astral. Nós não estamos apenas presentes no vosso planeta - felizmente para vós nós somos capazes de influenciar o comportamento de alguns dos vossos líderes. Por exemplo, a nossa intervenção deteve a Alemanha de ser a primeira nação a ter o uso da bomba atômica, pois teria sido desastroso para o resto das pessoas na Terra se o nazismo tivesse triunfado no fim da Segunda Guerra Mundial. Como irás avaliar, qualquer regime totalitário significa um grande passo atrás na civilização.

“Quando milhões de pessoas são enviadas para as câmaras de gás simplesmente por serem judeus, os seus assassinos não se podem orgulhar de serem um povo civilizado.

“Ainda menos, poderiam os Alemães acreditar que seriam eles o povo escolhido. Para agir da forma como o fizeram, eles tiveram de descer mais baixo do que qualquer tribo de canibais.

“Os Russos que enviaram milhares para trabalhar em campos de concentração e que eliminaram outros milhares, sob o pretexto de representarem um perigo para “o regime”, também não são melhores.

“Na Terra, existe uma grande necessidade de disciplina, mas “disciplina” não significa ditadura. O Grande Espírito, o próprio Criador, não obriga nenhuma criatura, humana ou não, a fazer nada contra a sua vontade⁴⁷. Todos temos livre arbítrio e cabe-nos a nós disciplinar-nos de forma a melhorarmos espiritualmente.

Impor a vontade de um sobre outro, de forma a que se retire ao indivíduo o privilégio de exercer a sua vontade própria, é um dos maiores crimes que o homem pode cometer.

“O que agora está a acontecer na África do Sul, é um crime contra toda a humanidade. O racismo em si é um crime...”

“Thao,” interrompi eu, “há algo que não compreendo. Tu dizes que vocês evitaram que os Alemães fossem os primeiros a ter a bomba atômica, mas porque é que não evitaram que todos os países a tivessem? Tu tens de admitir que, até ao ponto a que chegamos com armas atômicas, nós estamos sentados sobre um vulcão. O que é que dizes de Hiroshima e Nagasaki - vocês não se sentem de alguma forma responsáveis

“Michel, claro que estás a analisar as coisas numa forma muito simplificada. Tudo para ti é preto ou branco, mas também há muitos graus de cinzento. Se a Segunda Guerra Mundial não tivesse parado, como o foi pelo bombardeamento e destruição

⁴⁷ a sua vontade - traduzido do Inglês “*their will*” - refere-se aqui à vontade humana. Frases como esta, foram repetidamente mal traduzidas nos textos religiosos, requerendo que as pessoas se submetessem à “vontade de Deus” formulada de forma a, evidentemente, assegurar o controle do povo pelos sacerdotes. O livre arbítrio é absolutamente essencial para qualquer evolução espiritual - (clarificação do Tradutor, baseada em notas do Editor Inglês, clarificadas pelo Autor)

dessas duas cidades, teriam havido muito mais mortes - três vezes mais do que as vítimas das bombas atômicas. Como vocês dizem na vossa linguagem, nós escolhemos o menor de dois males.

“Tal como antes te disse, nós podemos “dar uma mão” mas não nos ocupamos dos detalhes pormenorizados da situação. Há regras muito estritas a serem seguidas. A bomba tinha de existir - tal como em todos os planetas em que é eventualmente descoberta. Uma vez em existência, nós podemos ou ver o que se segue, como espectadores, ou podemos intervir. Se intervirmos, é para dar vantagem ao “lado” que é mais sincero e mais respeitoso da liberdade individual.

“Se certos dos vossos líderes ao lerem o teu livro *não acreditem em ti, ou duvidarem do que está escrito*, desafia-os a explicar o desaparecimento de biliões de “agulhas” colocadas em órbitas à volta da Terra⁴⁸ há alguns anos atrás. Pede-lhes também para explicarem o segundo desaparecimento de mais biliões dessas “agulhas” postas novamente em órbita. Não temas, eles irão saber ao que te estás a referir. Nós somos os responsáveis pelo desaparecimento dessas “agulhas”, julgando-as potencialmente desastrosas para o vosso planeta.

“Nós, por vezes, podemos evitar que os vossos especialistas “brinquem com fósforos”, mas é importante que não contem com a nossa ajuda quando se fizerem erros. Nós julgamos apropriado “dar uma mão”, e fazemo-lo, mas não podemos, e não queremos salvar-vos automaticamente do desastre - isso seria transgredir a Lei Universal.

“Estás a ver, Michel, armamento atômico parece semear o medo nos corações das pessoas na Terra, e admito que isso seja uma espada de Damócles suspensa sobre as vossas cabeças, mas esse não é o verdadeiro perigo.

“Os verdadeiros perigos na Terra, por ordem de “importância” são: primeiro o *dinheiro*, a seguir os *políticos*, em terceiro os *jornalistas e as drogas* e quarto as *religiões*. Estes perigos de forma nenhuma se relacionam com armas nucleares.

“Se as pessoas na Terra forem extintas por um cataclismo nuclear, os seus seres Astrais irão para onde devem depois da morte e a ordem natural de morte e renascimento serão mantidos.

“O perigo não está na morte do corpo físico, como milhões acreditam: o perigo reside na forma como cada pessoa vive.

“No teu planeta, o dinheiro é o pior de todos os males. Tenta, agora, imaginar a vida sem dinheiro...

“Estás a ver,” disse Thao que tinha “lido” os meus esforços, “tu nem consegues imaginar uma vida tal pois estás preso no sistema.

⁴⁸ “agulhas” - 11 anos após a aventura de Michel, a revista Scientific American, no número de Agosto de 1998 (vol. 279, Nr. 2, num artigo de N.L.Johnson, página 43 (63 na edição Americana?!) explica: “80 grupos de agulhas foram libertados em Maio de 1963, como parte duma experiência de telecomunicações do Departamento de Defesa Americano (US Department of Defense - no original). A pressão de radiação exercida pela luz solar (???) foi o que provocou a saída de órbita das agulhas - todas as 400 Milhões delas...” Já alguém ouviu falar de algo no universo que tivesse sido atirado para fora de órbita pela “pressão da luz solar”? Então porque é que se usam Foguetões? Para compreender a situação, convido o leitor a calcular a MASSA dos 400 milhões de agulhas - (comentário do Editor Inglês)

“No entanto, apenas há duas horas atrás, viste as pessoas de Mu, abastecerem as suas necessidades sem gastar qualquer dinheiro. Eu sei que reparaste que as pessoas eram muito felizes e altamente avançadas.

“A civilização de Mu girava à volta da comunidade - tanto espiritualmente como materialmente, e teve sucesso. Claro que não deves confundir “comunidade” com “comunismo”, como existe em certos países na Terra. Comunismo, como praticado na Terra, é uma parte essencial de regimes totalitários em vez de democráticos, e, por conseguinte, são degradantes para o Homem.

“Infelizmente, no que toca ao dinheiro, é difícil ajudar construtivamente na Terra pois todo o vosso sistema é baseado nele. Se a Alemanha necessita de 5000 toneladas de lã Australiana, não pode, em troca, enviar 300 Mercedes e 50 tractores. O vosso sistema económico não funciona desta forma; assim, é difícil melhorar o sistema.

“Por outro lado, muito poderia ser conseguido relativamente aos políticos e partidos políticos. Vocês estão todos no mesmo barco... e há uma comparação útil a ser feita entre um país ou planeta e um barco. Cada barco tem de ter o seu capitão, mas para navegar bem, isso requer habilidade e espírito de cooperação entre os marinheiros, assim como o seu respeito pelo capitão.

“Se, além de ser instruído, experiente e rápido de raciocínio, o capitão também for justo e honesto, as hipóteses são óptimas de que a sua *tripulação* irá fazer o melhor por ele. É, no final de contas, a dignidade intrínseca do capitão - independentemente das suas inclinações políticas ou religiosas - que irão determinar a eficácia da sua operação.

“Imagina, por exemplo, que um capitão tinha de ser eleito pela sua tripulação, mais por razões políticas do que pela sua habilidade de navegação e pelo seu sangue frio em alturas de perigo. Para melhor imaginares a situação, supõe que estamos a ver uma eleição real. Estamos numa doca importante, onde 150 membros da tripulação estão reunidos com os três candidatos ao comando de um navio. O primeiro é um democrata, o segundo um comunista e o terceiro um conservador. Entre os membros da tripulação, há 60 com inclinações comunistas, 50 democratas e 40 Agora, vou-te mostrar que este assunto não pode ser conduzido apropriadamente.

O candidato comunista é obrigado a fazer certas promessas aos democratas e conservadores se quiser ganhar; porque ele tem apenas “garantidos” 60 dos votos. Ele tem de convencer pelo menos 16 homens dos outros partidos que é do seu interesse elegê-lo. Mas irá ele ser capaz de manter as promessas que faz? E, claro, o mesmo se aplica aos dois outros candidatos.

“Quando um ou outro destes capitães estiver no mar, ele irá sempre encontrar que um número significativo da sua tripulação é fundamentalmente contra a sua posição de comando, e assim há sempre um risco significativo de motim.

“Claro que, felizmente, este *não* é o método pelo qual um capitão atinge o seu comando.

Eu simplesmente quis ilustrar os perigos inerentes à eleição de líderes com base na sua inclinação política em vez da sua habilidade de conduzir pessoas, honestamente e em direcções apropriadas.

“Já que estamos neste assunto, tenho de enfatizar um outro ponto. Quando o nosso “capitão-eleito” está no mar, ele é o único líder do barco, enquanto que, quando o líder de um partido é eleito como chefe de estado, ele é imediatamente confrontado com o “Líder da Oposição”. Desde o início da sua liderança, quer as suas decisões sejam boas ou más, ele irá ser sistematicamente criticado por um partido antagónico empenhado na sua demissão. Como pode um país ser governado apropriadamente debaixo dum sistema destes, Michel?”

“Tens alguma solução?”

“Claro, e a mesma já te foi descrita. A única solução é seguir o exemplo do governo de Mu.

“Isto é colocar como chefe de estado um líder cujo único objectivo seja o *bem-estar das pessoas* - um líder que não seja motivado por falsos orgulhos ou partidos ou ambição pecuniária pessoal; de abolir partidos políticos - e o ressentimento, os rancores, e ódios que andam com eles; e de dar a mão ao teu vizinho - de o aceitar e com ele trabalhar, independentemente das diferenças que vocês possam ter. Afinal de contas, ele está no mesmo barco que tu, Michel.

Ele é parte da mesma vila, da mesma cidade, da mesma nação, do mesmo planeta.

“De quê que é feita a casa que te abriga, Michel?”

“De tijolos... de madeira, telhas, gesso, pregos... ”

“Sem dúvida, e de quê que todos estes materiais são feitos?”

“Átomos, claro.”

“Perfeito. Agora, estes átomos, como sabes, têm de se interligar muito estreitamente para formar um tijolo ou qualquer outro material de construção. O que aconteceria se esses átomos se repelisses uns aos outros em vez de se combinarem, como acontece?”

“Desintegração.”

“E aí estamos nós. Quando afastas os teus vizinhos, o teu filho ou filha - se não estiveres sempre pronto a ajudar mesmo aqueles de quem não gostas, estás a contribuir para a desintegração da tua civilização. E é mais ou menos isto o que está a acontecer na Terra, através do ódio e da *violência*.

“Leva em consideração dois exemplos bem conhecidos de todos do teu planeta, que provam que a violência não é uma solução. O Primeiro é Napoleão Bonaparte: pelo uso de armas ele foi capaz de conquistar toda a Europa, e ele colocou, como líderes nacionais, os seus próprios irmãos para diminuir o risco de traição.

“É amplamente aceite que Napoleão era um génio e, de facto, um competente organizador e legislador, uma vez que, 200 anos mais tarde, muitas das suas leis ainda existem em França. Mas o que é que aconteceu com o seu império, Michel? Ele rapidamente se desintegrou porque foi construído através do uso de armas.

“Hitler, de forma análoga, quis conquistar a Europa pela força e tu sabes o que ali sucedeu.

A violência não compensa, nem nunca virá a fazê-lo. A solução reside, em vez disso, no *amor* e no desenvolvimento das mentes. Já alguma vez reparaste que, em todo o mundo, e particularmente na Europa, houveram muitos mais grandes escritores, músicos e filósofos surgindo no século dezanove e nos primeiros anos do século vinte?

“Sim, penso que é assim.”

“Sabes porquê?”

“Não.”

“Porque, junto com o advento da electricidade, o motor de combustão interna, o automóvel, o avião e coisas iguais, o povo da Terra negligenciou o cultivo da sua espiritualidade e focalizou-se no mundo material.

“Ora, como o grande Thaora explicou, o materialismo coloca uma das maiores ameaças à vossa vida presente e vidas futuras.

“A seguir aos políticos, vocês têm o problema dos jornalistas e repórteres. Há alguns dentre eles, apesar de infelizmente serem raros, que tentam fazer o seu trabalho de disseminar a informação honesta e sinceramente, preocupando-se cuidadosamente com as suas fontes; mas nós estamos grandemente alarmados de que a maioria deles apenas procura o sensacionalismo.

“As vossas estações de televisão também mostram cada vez mais cenas de *violência*. Se os responsáveis fossem obrigados a estudar psicologia antes de empreenderem tão pesada responsabilidade, teria sido dado um passo na direcção certa. Os vossos repórteres parecem procurar e mesmo pilhar cenas de violência, assassinio, tragédia e desastre; nós temos nojo desse comportamento.

“Os líderes dum país, os jornalistas, e de facto qualquer pessoas que, pela sua posição, seja capaz de exercer influência sobre as pessoas, têm uma enorme responsabilidade em relação a milhões de pessoas que não são nem mais nem menos do que os seus semelhantes⁴⁹. Demasiado frequentemente, mesmo aqueles que foram eleitos para as suas posições pelas pessoas, esquecem-se das obrigações que têm a esse respeito - até, isto é, alguns meses antes de uma nova eleição, quando lhes ocorre que o povo está insatisfeito e que pode votar contra eles.

“Este, apesar de tudo, não é o caso dos jornalistas, pois eles não têm necessidade de inspirar confiança nas pessoas para conseguirem as suas posições; e no entanto eles têm um poder semelhante de influenciar de formas que são boas ou más.

“Efectivamente, eles são capazes de fazer muito bem quando alertam a atenção do público para perigos e injustiças - e esta deve ser a sua função *principal*.

“Regressando à necessidade das pessoas de um tal elevado perfil de compreenderem e aplicarem psicologia, vou-te dar um bom exemplo para demonstrar o que quero dizer. Na TV nós vemos a seguinte reportagem: Um jovem acabou de pegar numa espingarda e matou sete pessoas incluindo duas mulheres e duas crianças pequenas. O repórter mostra as marcas de sangue e os corpos, acrescentando que o assassino imitou o estilo de um actor, bem conhecido pelos seus papéis violentos em filmes. E qual é o resultado? O assassino vai ficar orgulhoso de si mesmo - não apenas conseguiu “notoriedade nacional”, mas também foi comparado com um dos mais populares heróis dos filmes violentos modernos. Mas, para além disso, outro maníaco que veja a reportagem e ouça os comentários dos repórteres que dão injustificável atenção a este horrível crime, irá sentir-se inspirado a procurar o seu próprio momento de “glória” nacional.

“Tal pessoa é normalmente um falhado - alguém reprimido, frustrado, inibido; alguém ignorado, que anseia por reconhecimento. Ele acabou de ver a reportagem e sabe que toda a violência é divulgada, e por vezes exagerada, pelos repórteres de TV e jornalistas. Talvez a sua imagem vá aparecer na primeira página de todos os jornais - e porque não? Então ele irá perante os tribunais e talvez venha a ser referido por um nome como o “Jack o estripador” ou “o estrangulador da luva de veludo”. Já não irá continuar a ser classificado entre o comum dos mortais. O dano que tal reportagem irresponsável pode fazer é inimaginável. Negligência e irresponsabilidade não são qualidades visíveis em nações civilizadas. É por isso que digo que, na Terra, vocês nem sequer atingiram a primeira letra da palavra *civilização*.”

“E então, qual é a solução?”

⁴⁹ clarificação: semelhantes - traduzido do Inglês “*fellow creatures*” outra tradução possível era a de criaturas-irmãs ou resto dos seres humanos. Optou-se aqui por manter um significado mais próximo do propósito original (N.T.)

“Porque é que fazes semelhante pergunta, Michel? Tu foste escolhido porque nós sabemos como tu pensas, e eu sei que sabes a resposta à tua pergunta. Se, ainda assim insistes, vais ouvi-lo da minha boca. Os jornalistas, repórteres e qualquer outra profissão cuja função seja disseminar informação, não deve dar mais do que duas ou três linhas de atenção a tais casos de assassinio. Eles poderiam simplesmente dizer:

“acabamos de saber o assassinio de setes pessoas por um louco irresponsável. Este assassinio ocorreu em tal local e é um triste acontecimento numa nação que se considera ser civilizada.” Ponto final”.

“Aqueles que procuram os seus dias ou semanas de glória iriam certamente evitar o assassinio como forma de o atingirem, se os seus esforços recebessem de volta tão pouca publicação. “Não estás de acordo?”

“O que é, que então, as suas reportagens deveriam conter?”

Há tantas coisas que valem a pena mostrar - eventos dignos que melhoram a psique das pessoas na Terra em vez de lhes fazerem uma lavagem cerebral de forma negativa. Notícias tais como o arriscar da vida para salvar uma criança que se estava a afogar, por exemplo, ou da ajuda dada aos pobres para melhorar a sua sorte.

“Claro, concordo completamente contigo, mas tenho a certeza de que a circulação dos jornais depende das notícias sensacionais que contêm.”

“E aí estamos nós, de volta à *raiz de todo o mal* que mencionei anteriormente - *dinheiro*. Esta é a maldição que mina toda a vossa civilização; e no entanto, neste caso particular, a situação poderia ser revertida se os responsáveis estivessem motivados para mudar. Não importa em que planeta, os maiores perigos para a humanidade são, em última análise, de natureza psicológica, em vez de material.

“As drogas, de forma similar, afectam a psique do indivíduo - elas também **revertem**⁵⁰ o processo individual de evolução universal. Ao mesmo tempo que induzem estados de euforia e paraísos artificiais, elas também estão directamente a atacar o corpo Astral. Vou explicar melhor, pois isto é de grande importância.

“O corpo Astral apenas pode ser danificado por duas coisas: drogas e vibrações ocasionadas por certos tipos de ruído. Considerando apenas as drogas, deve ser compreendido que elas têm uma influência que é totalmente contra a Natureza. Elas “removem” o corpo astral para outra esfera onde não deveria estar. O corpo Astral deve estar apenas no corpo físico ou com o seu Eu Superior, do qual é uma parte. Quando drogado, o corpo Astral de um indivíduo está como se estivesse a dormir, experimentando sensações artificiais que distorcem completamente o seu discernimento. Está na mesma situação em que o corpo físico se encontra durante uma importante intervenção cirúrgica. Se quiseres, é como uma ferramenta que se dobra ou parte por a termos usado incorrectamente em tarefas para a qual não foi concebida.

“Dependendo do tempo em que a pessoa esteve sob a influência de drogas, o seu corpo Astral irá degenerar ou, mais exactamente, irá ficar saturado de dados falsos. A “recuperação” do corpo Astral pode levar várias vidas: por esta razão, Michel, as drogas devem ser evitadas a todo o custo.

“Há algo que então não compreendo,” interrompi eu. “Por duas vezes, tu deste-me drogas de forma a libertar o meu corpo Astral do corpo físico. Por conseguinte, não me causaste danos?”

⁵⁰ ênfase pelo editor Inglês

“Não, de forma nenhuma. Nós usamos uma droga que não é um alucinógeno, de forma a te ajudar num processo que poderia ocorrer muito naturalmente com o treino adequado. Não é uma droga que “cegue” e por isso não apresenta nenhum perigo para o teu corpo Astral e os seus efeitos são de muito curto prazo.

“Voltando aos problemas do teu planeta, Michel, a solução depende do amor - não do dinheiro. Requer que as pessoas se elevem acima do ódio, ressentimento, ciúme e inveja e de que cada pessoa, seja ela um varredor de rua ou líder comunitário, ponha o seu próximo antes de si, dando a mão a quem quer que dela necessite.

“Todos têm necessidade, ambos física e mentalmente, da amizade do seu próximo - não apenas no teu planeta, mas em todos os planetas. Como Jesus disse, quando o enviamos até vós há quase 2000 anos: “Amem-se uns aos outros” - mas claro...”

“Thao!” Interrompi novamente, desta vez quase rudemente. “O que é que tu disseste em relação a Jesus?”

“Michel, Jesus foi enviado à Terra desde Thiaoouba há quase 2000 anos atrás - tal como Lationusi foi enviado à Terra e regressou.”

De tudo o que me tinha sido explicado, foi esta inesperada revelação que mais me chocou. Ao mesmo tempo, a Aura de Thao mudou rapidamente de cor. A suave névoa dourada à volta da sua cabeça tornou-se quase amarela, e um subtil chuveiro de cores desde o cimo da sua cabeça resplandeceu com nova energia.

“Um grande Thaora está-nos a chamar, Michel. Temos de ir imediatamente.” Thao levantou-se.

Ajuste a minha máscara e segui-a até ao exterior, bastante intrigado com esta súbita interrupção e pressa pouco comuns. Abordamos a plataforma voadora e levantamos voo, verticalmente, acima dos ramos das árvores. Em breve estávamos a voar sobre a praia, e depois sobre o oceano, viajando a uma velocidade muito maior do que anteriormente. O sol estava bastante baixo no céu e deslizamos sobre as águas que eram verde-esmeralda ou de um perfeito azul celeste - se eu posso descrever as cores em termos Terrestres.

Pássaros enormes, com uma envergadura de asas de cerca de quatro metros, cruzaram o nosso trajecto mesmo à nossa frente e os raios solares iluminaram as penas cor-de-rosa das suas asas e as penas verde brilhante das suas caudas.

Daí a pouco chegamos à ilha e Thao levou novamente a plataforma para baixo para o parque, naquele que pareceu ser exactamente o mesmo local de antes. Ela fez-me sinal de que a deveria seguir e partimos - ela andando e eu correndo atrás dela.

Desta vez não nos dirigimos para o doko central, mas tomamos um caminho diferente, que nos levou eventualmente a um outro doko, do mesmo tamanho enorme que o doko central.

Duas pessoas, ambas mais altas que Thao, estavam à nossa espera por baixo da luz de entrada. Thao falou-lhes em voz baixa; então aproximou-se delas e iniciou uma breve conversa, da qual eu fiquei de fora. Elas ficaram paradas, lançando olhares curiosos na minha direcção, mas não esboçando qualquer sorriso. Eu podia ver as suas Auras, que eram menos brilhantes do que a de Thao - uma indicação certa de que não eram tão evoluídas espiritualmente.

Durante um tempo considerável, aguardamos sem nos mexermos. Os pássaros do parque aproximaram-se, observando-nos. Ninguém, para além de mim, lhes prestou qualquer atenção; os meus companheiros estavam aparentemente profundamente absortos em pensamento.

Lembro-me claramente de um pássaro, semelhante a uma ave-do-paráíso, que veio colocar-se entre mim e Thao, como se quisesse que todo o mundo a admirasse.

O sol ia-se pôr em breve e lembro-me de observar os seus últimos raios no alto das árvores, incendiando chispas de violeta e ouro no meio dos ramos. Um bando de pássaros agitava-se ruidosamente nas copas, quebrando o silêncio que se tinha estabelecido. Como se isto tivesse sido um sinal, Thao pediu-me para tirar a máscara, fechar os olhos e dar-lhe a mão para que ela pudesse guiar os meus passos. Muito intrigado, fiz como ela me pediu.

Andando em frente, senti uma ligeira resistência, agora familiar para mim, ao entrarmos no doko.

Foi-me dito telepaticamente para manter os olhos semi-cerrados e baixos e seguir os passos de Thao. Avançamos cerca de 30 passos antes de Thao parar e me colocar a seu lado. Ainda por telepatia, ela indicou que eu podia agora abrir os olhos e olhar em volta; o que fiz lentamente. Perante nós estavam três figuras, notavelmente parecidas com as que tinha encontrado anteriormente. Como as outras, estavam sentadas de pernas-cruzadas, costas direitas, em blocos cobertos de tecido, sendo cada assento duma cor que complementava o ocupante.

Thao e eu estávamos de pé, ao lado de dois assentos semelhantes até que, telepaticamente e sem um único gesto, fomos convidados a nos sentarmos. Olhei em volta discretamente, mas não vi sinal dos dois personagens que tínhamos encontrado na entrada: talvez estivessem atrás de mim..?

Tal como antes, os olhos dos Thaori deram-me a impressão de serem iluminados de dentro mas, por contraste, desta vez eu fui imediatamente capaz de ver as suas Auras, resplandecentes de cores brilhantes todas elas tão agradáveis à vista.

A figura central elevou-se por levitação, sem alterar a sua posição, e lentamente flutuou até mim. Parou ligeiramente acima de mim e à minha frente, colocando uma das suas mãos na base do meu cerebelo e a outra no lado esquerdo da minha cabeça. Senti novamente o meu corpo invadido pela sensação fluida de bem-estar, mas desta vez quase desmaiei.

Retirando as suas mãos, ele regressou ao seu assento. Talvez eu deva explicar que os detalhes relativamente à posição das suas mãos na minha cabeça me foram fornecidos mais tarde, por Thao, pois, mais uma vez, na altura, estava para além de mim registar tais detalhes. E no entanto, lembro-me dum pensamento que me ocorreu - um pensamento algo deslocado em semelhante altura - quando ele regressou ao seu assento: "Provavelmente nunca irei ver uma destas personagens usar as suas duas pernas como o faz toda a gente."

10

Um extra-terrestre diferente e as minhas vidas anteriores

Passou um certo período de tempo, que não faço ideia de quanto, quando, instintivamente voltei a cabeça para a esquerda.

Tenho a certeza de que fiquei boquiaberto e assim permaneci. Uma das duas pessoas que antes tinha encontrado dirigia-se na nossa direcção, vinda da esquerda, conduzindo pelo ombro, uma pessoa de aparência muito bizarra. Por um momento pensei que esta pessoa fosse um chefe Índio tal como vemos nos filmes. Vou tentar descrevê-lo o melhor que possa.

Ele era muito pequeno de estatura, talvez 150 centímetros, mas o que mais se destacava nele era que tinha tanto de largura como de altura - tal como um quadrado. A sua cabeça era completamente redonda e assentava directamente nos ombros. O que à primeira vista me tinha trazido à mente um chefe Índio, foi o seu cabelo, que, em vez de cabelo, era mais como penas, coloridas de amarelo, vermelho e azul. Os seus olhos eram muito vermelhos e o seu rosto era "achatado" quase como o rosto de um mongolóide. Ele não tinha sobrancelhas mas em vez disso tinha pestanas que eram quase quatro vezes o tamanho das minhas. Tinha-lhe sido dado um manto como o meu, apesar de bastante diferente na cor. Os membros que se estendiam para além do manto eram da mesma cor azul claro que o seu rosto. A sua Aura, prateada em alguns locais, brilhava claramente e à volta da sua cabeça estava uma forte auréola de ouro.

A chuva de cores no topo da sua cabeça, era muito menor do que a de Thao, elevando-se apenas alguns centímetros no ar. Ele foi telepaticamente convidado a tomar um assento, a cerca de dez passos à nossa esquerda.

De novo, a figura central levitou em direcção ao recém-chegado e colocou as suas mãos na sua cabeça, repetindo o procedimento que eu tinha experimentado.

Quando estávamos todos sentados, a grande figura começou a dirigir-se-nos. Ele falou na linguagem de Thiaoouba e eu fiquei completamente aturdido ao descobrir que compreendia tudo o que ele dizia, tal como se tivesse falado na minha língua mãe!

Vendo a minha agitação, Thao telepatizou-me, "Sim, Michel, tu tens um novo dom. Ser-te-á mais tarde explicado."

"Arki," estava a dizer o Thaora, "Este é Michel, do planeta Terra. Tu és bem-vindo a Thiaoouba, Arki. Que O Espírito te ilumine."

Dirigindo-se a mim, ele continuou. "Arki veio-nos visitar desde o planeta X". (Não estou autorizado a revelar o nome deste planeta, nem tão pouco a razão pela qual fui proibido de o fazer.) "E nós agradecemos-lhe em nome d'O Espírito e de todo o Universo, tal como te agradecemos a ti, Michel, pela tua disposição em colaborares connosco na nossa missão."

“Arki veio na sua Agoura⁵¹ a nosso pedido, especialmente para se encontrar contigo, Michel.

“Nós quisemos que tu visses com os teus olhos e tocasses com as tuas mãos, um extra-planetário bastante diferente da tua própria raça. Arki habita um planeta da mesma categoria que a Terra, apesar de muito diferente em certos aspectos. Essas “diferenças” são essencialmente físicas e contribuíram, no decorrer do tempo, para a aparência física das pessoas.

“Nós também quisemos mostrar-te várias coisa, Michel. Arki e os seus semelhantes são altamente evoluídos tanto tecnologicamente como espiritualmente, o que te pode surpreender levando em consideração que irás achar a sua aparência “anormal”, e até monstruosa. No entanto, podes ver pela sua Aura que ele é altamente espiritual e bom. Nós também te quisemos mostrar, por esta experiência, que te podemos dar durante um certo tempo, o dom não apenas de veres Auras, mas de compreender todas as línguas - e isto sem recurso à telepatia.”

Então era isso, pensei para mim mesmo.

“Sim, era isso,” replicou Thaora. “Agora, cheguem-se um ao outro. Falem entre vós, toquem-se se quiserem - numa palavra, travem conhecimento um com o outro.

Eu levantei-me e Arki fez o mesmo. Quando estava de pé, as suas mãos quase tocavam o chão. Cada uma tinha cinco dedos, como os nossos, mas tinha dois polegares - um na mesma posição que o nosso e outro onde está o nosso dedo mindinho.

Aproximamo-nos um do outro e ele estendeu-me o seu braço, o punho estava para a frente e fechado.

Ele estava a sorrir para mim, revelando uma fila de dentes alinhados, tal como os nossos, mas verdes. Eu em troca estendi a minha mão, não sabendo que mais fazer, e ele dirigiu-se-me na sua própria linguagem - agora perfeitamente compreensível para mim.

“Michel, estou muito feliz por te conhecer e gostaria de te receber como convidado no meu planeta.” Eu agradei-lhe calorosamente, e cheio duma tal emoção, comecei a frase em Francês e terminei-a em Inglês, ao que, ele igualmente não teve dificuldade de compreender.

Ele continuou. “A pedido do grande Thaora, eu vim até Thiaoouba do planeta X, um planeta que se parece com o teu de muitas maneiras. É duas vezes maior que a Terra, com 15 milhões de habitantes mas, tal como a Terra e outros planetas da primeira categoria, é um “Planeta dos Sofrimentos”. Os nossos problemas são muito idênticos aos vossos: já tivemos dois holocaustos nucleares durante a nossa existência no nosso planeta e experimentamos ditaduras, crime, epidemias, cataclismos, um sistema monetário e tudo relacionado com isso, religiões, cultos e outras coisas.

“No entanto, há oitenta anos atrás (os nossos anos duram quatrocentos e dois dias de 21 horas) nós iniciamos uma reforma. Na realidade, a reforma foi posta em movimento por um grupo de quatro pessoas oriundas duma pequena aldeia nas margens de um dos nossos maiores oceanos. Este grupo, formado por três homens e uma mulher, pregavam a paz, o amor e a liberdade de expressão. Eles viajaram até à cidade capital do seu país e pediram uma audiência com os líderes. “O seu pedido foi negado, pois o regime era de ditadura militar. Durante seis dias e cinco noites, os quatro dormiram em frente aos portões do palácio, nada comendo e bebendo pouca água.

⁵¹ Agoura - nave espacial do planeta X que viaja a uma velocidade ligeiramente inferior à velocidade da Luz - (Nota do Autor)

“A sua perseverança atraiu a atenção do público e ao sexto dia uma multidão de 2000 tinha-se reunido em frente ao palácio. Com vozes débeis, os quatro pregaram para a multidão para se unirem em amor e mudar o regime - até que os guardas puseram um fim ao seu sermão, alvejando os quatro e ameaçando atirar sobre a multidão se eles não dispersassem. Isto eles fizeram rapidamente, com genuíno medo dos guardas. Não obstante, uma semente tinha sido semeada nas mentes das pessoas. Reflectindo sobre isto, milhares deles aperceberam-se que, sem uma compreensão pacífica, eles eram impotentes, absolutamente impotentes.

“Foi passada palavra entre as pessoas - ricos e pobres, empregador e empregado, trabalhador e capataz, e certo dia, seis meses mais tarde, a nação inteira chegou a uma paralisação.

“O que é que queres dizer com “chegou a uma paralisação?” Perguntei.

“As estações nucleares fecharam, os sistemas de transporte pararam, as auto-estradas foram bloqueadas. Tudo parou. Os agricultores não entregaram a sua produção, as redes de rádio e televisão pararam de transmitir, os sistemas de comunicação foram fechados. A polícia foi impotente em face de tamanha união, pois, numa questão de horas, milhões de pessoas juntaram-se ao “cessar de trabalho”. Parecia, naquela altura, que as pessoas tinham esquecido os seus ódios, ciúmes, diferenças de opinião ao se unirem contra a injustiça e tirania. Uma força policial e um exército são compostos por seres humanos e estes seres humanos tinham parentes e amigos entre a multidão.

“Já não era uma questão de matar quatro indivíduos subversivos. Centenas de milhares teriam de ser mortos para “libertar” apenas uma central de energia.

“Em face da determinação popular, a polícia, o exército e o ditador foram forçados a capitular. As únicas mortes que ocorreram durante este incidente, foram 23 fanáticos que faziam parte da guarda pessoal do tirano - os soldados foram obrigados a disparar contra eles por forma a chegar até ele.”

“E ele foi enforcado?” Perguntei.

Arki sorriu. “Claro que não, Michel. As pessoas estavam fartas da violência. Em vez disso, ele foi deportado para um local onde não podia fazer mal nenhum, e, de facto o seu exemplo inspirou esta reforma. Ele encontrou de novo, o caminho para o amor e respeito pela liberdade individual. Ele morreu, eventualmente, arrependido por tudo o que tinha feito. Agora, aquela nação é a mais bem sucedida no nosso planeta, mas, como no vosso, há outras nações sobre o domínio de violentos regimes totalitários e nós estamos a fazer tudo o que nos é possível para os ajudar.

“Nós sabemos que tudo o que fizemos nesta vida é um aprendizado, oferecendo-nos a possibilidade de evoluir para uma existência superior e até mesmo de nos libertarmos para sempre dos nossos corpos físicos. Tu também deves saber, que os planetas estão categorizados e que é possível a populações inteiras emigrarem para outro planeta, quando o seu está em perigo, mas ninguém o pode fazer se o novo planeta não for da mesma categoria.

“Estando nós mesmos sobrepovoados e, tendo tecnologia altamente avançada, nós visitamos o vosso planeta com o objectivo de aí estabelecer uma colónia - uma ideia a que nos opusemos uma vez que o vosso grau de evolução nos iria ser mais prejudicial do que benéfico.”

Eu não fiquei muito elogiado com esta reflexão e a minha Aura deve-o ter indicado a Arki. E sorriu e continuou. “Desculpa, Michel, mas estou a falar sem hipocrisia. Nós ainda visitamos a Terra, mas apenas como observadores interessados em estudar e aprender convosco os vossos erros.

Nós nunca intervimos porque não é esse o nosso papel, e nós nunca invadiríamos o vosso planeta, pois isso seria um passo atrás para nós. Vocês não são de invejar - seja materialmente, tecnologicamente ou espiritualmente.

“Voltando atrás até ao nosso corpo Astral, este não pode de forma nenhuma mudar-se para um planeta superior até ser suficientemente evoluído. Estamos, claro, a falar de evolução espiritual e não tecnológica. Esta evolução dá-se graças ao corpo físico. Tu já aprendeste as nove categorias dos planetas - os nossos estão no fundo da escala e os planetas melhoram quanto mais acima na escala estiverem - até chegarem a este planeta. Nós, nos nossos corpos físicos actuais, apenas nos é permitido ficar aqui por nove dias. De acordo com a Lei Universal, ao décimo dia, os nossos corpos físicos morreriam e nem Thao ou até mesmo o grande Thaora, em cujo poder está ressuscitar os mortos, seriam capazes de evitar ou inverter o processo. A natureza tem regras muitíssimo inflexíveis e salvaguardas bem estabelecidas.”

“Mas se eu morresse aqui, talvez o meu corpo Astral pudesse aqui ficar e eu poderia reencarnar como um bebe em Thiaoouba...?” Eu estava cheio de esperança, esquecendo, por um instante, a família que eu amava na Terra.

“Tu não compreendes, Michel. A Lei Universal requer que tu reencarnes na Terra, se ainda não terminaste aí o teu tempo. Mas é possível que quando um dia morreres na Terra - quando o teu momento tiver chegado - que o teu corpo Astral reencarne num corpo doutro planeta mais avançado... de segunda ou terceira categoria, ou até mesmo este, dependendo do teu grau de desenvolvimento presente.”

“Então é possível, saltar todas as categorias e encontrarmo-nos reencarnados num planeta da nona categoria?” Perguntei, ainda cheio de esperança, pois eu considerava decididamente, Thiaoouba como um verdadeiro paraíso.

“Michel, poderás tu pegar numa porção de ferro e algum carvão, aquecê-los à temperatura certa, e produzir aço puro? Não. Primeiro tens de retirar as impurezas do ferro; depois vai novamente para o pote para ser processado outra vez e outra vez... tanto quanto tempo demore a produzir aço de primeira qualidade. O mesmo se aplica a nós; nós temos de ser “reprocessados” uma e outra vez até que surjamos perfeitos, pois iremos eventualmente juntar-nos ao Grande Espírito que, sendo ele mesmo perfeito, não pode aceitar a mais leve imperfeição.”

“Isso parece tão complicado!”

“O Grande Espírito, que tudo criou, quis que assim fosse e tenho a certeza de que, para ele, isto é bastante simples; mas para uma pobre mente humana, admito, que é por vezes difícil de compreender. E ainda se torna mais complicado, quanto mais próximo estivermos da Fonte⁵². Por esta razão, nós tentamos, e em certos locais com sucesso, abolir seitas e religiões. Eles aparentemente querem juntar pessoas e ajudá-las a adorar Deus ou deuses e compreende-lo⁵³ melhor, e no entanto eles tornam-no muito mais complicado e bastante incompreensível ao introduzirem rituais e leis inventadas pelos padres que olham pelos seus interesses em vez de seguirem a natureza e a Lei Universal. Vejo pela tua Aura que já compreendes algumas destas coisas.”

Eu sorri, pois era verdade, “No teu planeta, conseguem ver Auras e lê-las?”

“Alguns de nós aprenderam a fazê-lo, incluindo eu próprio, mas neste domínio estamos um pouco mais avançados do que vós. No entanto, nós estudamos muitis-

⁵² Fonte - tradução do Inglês “source” - que também significa origem (N.T.)

⁵³ a Deus - (Comentário do Editor Inglês)

simo este assunto pois nós sabemos que isto é o que é necessário para a nossa evolução.”

Ele parou aqui, subitamente, e compreendi que foi uma ordem telepática vinda da grande personagem que o fez fazer assim.

“Agora tenho de ir, Michel e serei completamente feliz por o fazer se ao ter falado contigo, eu tiver sido capaz de te ajudar a ti e ao resto dos seres humanos - na Terra e pelo Universo fora.”

Ele estendeu a sua mão para mim e eu fiz o mesmo. Apesar da sua fealdade, eu teria gostado de o beijar e o segurar nos meus braços. Gostaria que tivesse...

Vim a saber mais tarde que ele tinha morrido, com mais cinco outros, quando a sua nave espacial explodiu apenas uma hora após ter deixado Thiaoouba. Desejei que a vida continuasse para ele num planeta mais hospitaleiro... mas talvez ele voltasse ao seu por forma a ajudar a sua gente - quem sabe? Eu tinha encontrado, no outro lado do Universo, um irmão que, como eu, existiu num Planeta dos Desgostos - estudando, na mesma escola, como um dia obter a felicidade eterna.

Quando Arki deixou o quarto com o seu mentor, eu voltei a sentar-me ao lado de Thao. O Thaora que me tinha dado o dom de compreender todas as linguagens, dirigiu-se-me novamente.

“Michel, como Thao já te disse, tu foste por nós escolhido para vires nesta visita a Thiaoouba, mas o motivo essencial da nossa selecção ainda não te foi revelado. Não é apenas por já teres uma mente desperta e aberta, mas também - e *principalmente* - porque tu és um dos raros *soukous* a habitar a Terra no tempo presente. Um “soukou” é um corpo Astral que já viveu oitenta e uma vidas em corpos físicos humanos, e que viveu essas vidas em planetas diferentes ou de diferentes categorias. Por várias razões, os “soukous” regressam para viver em planetas inferiores, como a Terra, quando podiam muito bem continuar a “subir a escada” sem nunca olharem para trás. Tu sabes que número nove é o número do Universo. Tu estás aqui na Cidade dos Nove Dokos, fundada na Lei Universal. O teu corpo Astral tem nove vezes nove vidas, o que te leva ao fim de um dos grandes ciclos.”

Mais uma vez fiquei perfeitamente estupefacto. Eu suspeitava que não estava a viver a minha primeira vida, especialmente depois da minha viagem a Mu - mas oitenta e uma vidas! Eu não sabia que se podiam viver tantas...

“É possível viver muitas mais, Michel,” disse Thaora, interrompendo os meus pensamentos. “Thao está na sua 216ª, mas outras entidades vivem muito menos. Tal como disse, tu foste escolhido entre muito poucos “soukous” a viverem na Terra, mas, de forma a adquirires um conhecimento completo durante a tua viagem ao nosso planeta, nós planeamos para ti uma outra viagem no tempo. Pare que tu possas melhor compreender o que é a reencarnação, e qual o seu propósito, nós vamos-te permitir revisitares as tuas existências anteriores. Esta viagem no tempo ir-te-á ser útil quando escreveres o teu livro pois irás compreender completamente o seu propósito.”

Ele mal tinha acabado de falar, quando Thao me tomou pelo ombro e me fez girar à volta. Ela levou-me em direcção à câmara de relaxamento - aparentemente uma característica de todos os dokos. Os três Thaori seguiram-nos, ainda por levitação.

Thao indicou-me que eu me deveria deitar numa grande área de tecido que era tal e qual como um colchão de ar. O Thaora “chefe” posicionou-se por detrás da minha cabeça, os outros dois cada um deles segurando uma das minhas mãos. Thao colocou as suas mãos em forma de copo sobre o meu plexo solar.

Então, o líder colocou o dedo indicador de ambas as mãos sobre a minha glândula pineal, ordenando-me telepaticamente para olhar fixamente para os seus dedos.

Segundos mais tarde, tive impressão de deslizar para trás a uma velocidade incrível, através dum escuro e infinito túnel. Então, abruptamente, emergi do túnel naquilo que parecia ser uma galeria de uma mina de carvão. Vários homens, usando pequenas lâmpadas nas testas empurravam vagões; outros, um pouco mais distantes, atacavam o carvão com picaretas e removiam-no com uma pá para dentro dos vagões. Dirigi-me na direcção do fim da galeria onde fui capaz de examinar mais de perto um dos mineiros. Eu parecia conhecê-lo. Uma voz que veio de dentro de mim disse, “é um dos *teus* corpos físicos, Michel.” O homem era bastante alto e bem constituído. Ele estava coberto de suor e pó de carvão e trabalhava, enchendo o vagão de carvão com a pá.

A cena mudou abruptamente, tal como tinha acontecido quando estive na psicoesfera em Mu. Fiquei a saber que ele se chamava Siegfried, quando um dos mineiros à entrada do poço da mina chamou o seu nome em Alemão, o que eu compreendi perfeitamente - e eu não falo ou compreendo Alemão. O outro mineiro pediu a Siegfried para o seguir. Dirigi-se em direcção a um barracão velho, um pouco mais largo do que todos os outros nesta aparente rua principal da povoação. Segui-os a ambos para dentro, onde ardiam lâmpadas a óleo e onde haviam homens sentados à mesa.

Siegfried juntou-se a um grupo deles. Eles gritaram algo a um bruto que vestia um avental sujo e, pouco depois, ele trouxe-lhes uma garrafa e alguns copos de estanho⁵⁴.

Outra cena sobrepôs-se a esta. Aparentemente algumas horas mais tarde. O barracão era o mesmo, mas desta vez, Siegfried estava desconcertantemente vacilante, visivelmente bêbado. Ele dirigiu-se para uma fila de barracas mais pequenas, todas elas tinham chaminés das quais ondulava um fumo escuro. Bruscamente, ele abriu a porta de uma delas e entrou, comigo a segui-lo de perto.

Oito crianças, progredindo em idades começando em um ano e por aí acima, cada uma delas separada por doze meses, estavam sentadas à mesa mergulhando as suas colheres nas tigelas cheias duma papa pouco apetecível. Todas levantaram a cabeça perante a súbita aparição do seu pai, olhando para ele com os olhos cheios de medo. Uma mulher, de tamanho médio mas de aparência forte, com o cabelo dum louro sujo, dirigiu-se-lhe agressivamente: “Onde tens tu estado e onde está o dinheiro? Tu sabes muito bem que as crianças já não têm feijões há duas semanas, e no entanto, estás outra vez bêbado!”

Ela levantou-se e aproximou-se de Siegfried. Ao erguer a sua mão para lhe dar uma bofetada na cara, ele agarrou-lhe a mão e, com o seu punho esquerdo deu-lhe um murro com tanta força que ela voou para trás.

Ela caiu no chão, batendo com a nuca na chaminé da lareira e ao fazê-lo morreu instantaneamente.

As crianças choravam e gritavam. Siegfried inclinou-se sobre a sua esposa cujos olhos esbugalhados olhavam sem vida para os seus.

“Freda, Freda, vá lá, levanta-te,” gritou ele, com a voz cheia de angústia. Ele tomou-a nos seus braços para a ajudar, mas ela não se podia levantar. De repente, como ela continuava a olhar fixamente, ele percebeu que estava morta. Mais sossegado agora, ele correu porta fora e fugiu pela noite adentro, correndo sem parar, como se tivesse perdido o juízo.

⁵⁴ no original em Inglês está *pewter* - peltre em Português - nome de várias ligas de estanho com antimónio, cobre, bismuto, chumbo, etc., mas que é mais popularmente conhecido como estanho (copos de estanho) - (N.T.)

A cena mudou outra vez e Siegfried apareceu, firmemente agarrado por dois guardas, um dos quais pôs um capuz sobre a cabeça de Siegfried. O carrasco também usava um com buracos cortados para os seus olhos. Ele era um homem enorme e segurava nas suas enormes mãos o cabo dum machado de lâmina larga. O guarda fez Siegfried ajoelhar, inclinando-o para a frente de forma a que a cabeça repousasse no bloco de execução. Agora o carrasco aproximou-se e assumiu a sua posição. Um padre recitou orações apressadamente à medida que o carrasco elevava lentamente o machado sobre a sua cabeça. De repente, ele deixou-o cair no pescoço de Siegfried. A cabeça da vítima rolou para o chão, causando o recuo de alguns passos da multidão.

Eu tinha acabado de testemunhar a morte violenta de um dos *meus* muitos corpos físicos.

A sensação era tão estranha. Até ao momento da morte, eu tinha estado cheio de afecto por este homem, e apesar de ele ter procedido mal, eu senti uma grande pena dele. No entanto, no momento da sua morte, ao rolar da sua cabeça pelo chão e entre os murmúrios da multidão, eu senti uma esmagadora sensação de alívio - por sua e também por minha causa.

Fui imediatamente presenteado com outra cena. Perante mim estava um lago, com as suas brilhantes águas azuis reflectindo os raios de dois sóis que pendiam bastante baixo no horizonte.

Um pequeno barco, rica e delicadamente decorado com esculturas e pinturas, prosseguia através do lago. Era guiado por homens de estatura média e complexão avermelhada, usando longas varas que mergulhavam na água. Por baixo dum tipo de liteira e sentada sob um trono floridamente decorado, estava uma encantadora jovem de pele dourada. O seu rosto oval era iluminado por uns lindos olhos de amêndoa e um longo cabelo louro que caía até à cintura.

Ele estava descontraída e sorria à medida que a jovem companhia, que pairava à sua volta, a entretia despreocupadamente. *Soube* instantaneamente que esta linda criatura era eu numa outra vida.

O barco prosseguia firmemente em direcção a um cais de desembarque, a partir do qual partia um caminho largo ladeado de pequenos arbustos floridos. Este caminho desaparecia entre as árvores que rodeavam o que parecia ser um palácio, com telhados de vários níveis e de várias cores.

Com uma mudança de cena, fui transportado para dentro do palácio e encontrei-me num quarto abundantemente decorado.

Uma parede abria-se para o jardim - um jardim miniatura muito bem arrumado de estonteante variedade e cor.

Servos de pele avermelhada, vestidos com tangas de verde brilhante, ocupavam-se a servir, mais ou menos, cem convidados. Estes “convidados” eram de ambos os sexos e todos estavam ricamente vestidos. Eles tinham o mesmo tipo de pele dourado-claro que a mulher no barco. Contrastando com as complexões dos servos, estas pessoas tinham a pele da cor que as mulheres louras na Terra podem obter após inúmeras sessões de bronzeio ao sol.

A linda jovem do barco sentava-se, naquele que parecia ser o seu lugar de honra, um assento de alto recosto. Podia-se ouvir uma música, suave e encantadora, que parecia emanar do extremo da sala e também do jardim.

Um dos servos abriu uma grande porta para permitir a entrada dum jovem e alto homem - talvez de 190 centímetros de altura e de semelhante complexão dourada. O seu porte era orgulhoso e a sua constituição atlética.

O cabelo louro-acobreado emoldurava um rosto de traços regulares. Ele avançava com um andar decidido em direção à jovem e fez uma vénia à sua frente. Segredando-lhe algo, ela fez um gesto aos servos que trouxeram uma cadeira semelhante à dela e a colocaram a seu lado. O jovem sentou-se e a mulher deu-lhe a sua mão, que ele segurou na sua.

De repente e a um sinal dela, soou um gongo várias vezes, e fez-se silêncio. Os convidados voltaram-se para o casal. Em voz alta e clara, dirigida aos servos e também aos convidados, a jovem mulher falou:

“a todos vós aqui reunidos, quero que saibam que escolhi um companheiro. Ele é este, Xinolini, e ele terá, a partir deste momento e de acordo com o meu consentimento, todos os direitos e privilégios reais, a seguir a mim. Na realidade, ele será o segundo em poder no reino a seguir a mim, a Rainha e governante. Qualquer matéria de desobediência a ele ou qualquer tipo de injustiça sua responderá a mim. A primeira criança que tiver de Xinolini, seja macho ou fêmea, será a minha sucessora. Eu, Labinola, Rainha da nação, assim o decidi.”

Ela fez novamente um sinal e o gongo soou indicando o fim do seu discurso. Um por um, os convidados curvaram-se perante Labinola, primeiro beijando os seus pés e depois os de Xinolini em gestos de subserviência.

Esta cena desapareceu numa mancha para ser substituída por outra, no mesmo palácio mas noutra sala, com a família real sentada em tronos. Aqui, Labinola administrava justiça. Desfilavam todos os tipos de pessoas perante a Rainha e ela escutava-os a todos atentamente.

Uma coisa extraordinária aconteceu então. Descobri que conseguia entrar no seu corpo. É muito difícil de explicar, mas durante um tempo considerável, enquanto via e escutava, eu *era* Labinola.

Eu podia compreender absolutamente tudo o que ela dizia, e quando Labinola pronunciava o seu julgamento, eu estava totalmente de acordo com as suas decisões.

Eu podia ouvir os murmúrios da multidão, reflexos da admiração pela sua sabedoria, sem se voltar uma única vez para Xinolini e sem nunca lhe pedir a sua opinião. Senti um grande orgulho invadir-me, sabendo que eu tinha sido esta mulher noutra vida e senti, durante esse tempo, uma ligeira sensação de formigueiro que eu estava a começar a reconhecer.

Tudo desapareceu novamente e então eu estava no mais luxuoso dos quartos de dormir. Verificou-se ser Labinola, deitada na cama, completamente nua. Três mulheres e dois homens pairavam por perto. Ao me aproximar, eu pude ver o seu rosto, escorrendo suor e desfigurado pela dor do trabalho de parto.

As mulheres, parteiras, e os homens, os mais eminentes médicos do reino, pareciam preocupados. A criança estava a chegar numa posição de pés⁵⁵ e Labinola tinha perdido muito sangue. Este era o seu primeiro filho e ela estava exausta. O medo era evidente nos olhos das parteiras e dos médicos e eu *sabia* que Labinola já tinha percebido que iria morrer.

A cena avançou duas horas no tempo e Labinola tinha acabado de dar o seu último suspiro. Ela tinha perdido demasiado sangue. A criança também tinha morrido, sufocando antes de poder emergir no mundo. Labinola, esta linda criatura de vinte e oito anos, tão bela e bondosa tinha acabado de libertar o seu corpo Astral - o meu corpo Astral, para viver outra vida.

⁵⁵ tradução do Inglês - *breech position* - trata-se duma posição de parto em os pés ou as nádegas do nascituro aparecem primeiro - (N.T.)

Cenas subsequentes estavam já a aparecer, revelando outras vidas noutras planetas - como homens, mulheres e crianças. Por duas vezes fui mendigo e três vezes marinho. Fui um carregador de água na Índia, um ourives no Japão onde vivi até aos noventa e cinco anos de idade; um soldado Romano; uma criança preta no Chade devorada por um leão aos oito anos de idade; um Índio no Amazonas que morreu aos quarenta e dois anos deixando doze filhos; um chefe Apache que morreu aos oitenta e seis anos; várias vezes um camponês agricultor, na Terra e também noutras planetas; e duas vezes um asceta nas montanhas do Tibete e noutra planeta.

Exceptuando quando fui Labinola, a Rainha regente de um terço dum planeta, a maioria das minhas vidas foram muito modestas. Vi cenas de todas as minhas oitenta vidas passadas - algumas delas impressionaram-me muitíssimo. Eu não tenho tempo de as detalhar a todas neste livro, pois por si só encheriam um volume. Talvez um dia eu o venha a escrever.

No fim da “exibição”, eu tive a impressão de me mover para trás no “túnel” e, quando abri os olhos, Thao e os três Thaori estavam gentilmente a sorrir para mim. Quando foi estabelecido que eu estava mesmo na minha pele presente, o líder dirigiu-se-me nas seguintes palavras:

“Nós quisemos mostrar-te as tuas vidas passadas, para que possas reparar que elas variam, como se estivessem ligadas a uma roda. Porque uma roda é feita para girar, qualquer ponto no seu topo irá em breve estar no seu fundo - é inevitável, estás a ver?”

“Um dia és um mendigo e então podes vir a ser uma Rainha, como Labinola que, claro, não apenas estava no topo da roda mas também aprendeu muito e ajudou muitíssimo os outros. E ainda assim, em muitos casos, um mendigo irá aprender tanto como um rei e em alguns casos ele irá aprender muito mais.

“Quando foste um asceta nas montanhas, tu ajudaste muitos mais indivíduos do que na maioria das tuas outras vidas. O que conta *não* são as aparências, mas o que está *por detrás* delas.

“Quando o teu corpo Astral ocupa outro corpo físico é, muito simplesmente, para aprender mais, e ainda mais...”

“Como te explicamos, é para o bem do teu Eu Superior. É um processo de refinamento contínuo, o qual pode ocorrer tão efectivamente no corpo dum mendigo como no dum rei ou mineiro. O corpo físico não é senão uma ferramenta. O martelo e cinzel dum escultor são ferramentas, por eles mesmos nunca chegarão à beleza, mas contribuirão para ela nas mãos de um artista. Uma estátua maravilhosa não poderia ter sido criada somente com as mãos nuas do artista.

“Tu deverias ter sempre em mente este ponto principal: Um corpo Astral, em todos os casos, tem de obedecer à Lei Universal, e, seguindo a natureza tão de perto quanto possível, ele pode chegar ao objectivo final pelo caminho mais rápido.”

E com aquilo, os Thaori regressaram aos seus lugares e nós regressamos aos nossos.

Durante a minha estadia no doko, o sol tinha-se posto; no entanto, eles não acharam necessário explicar o ambiente luminoso que nos permitia ver, pelo menos, quinze metros de distância para dentro do doko.

A minha atenção estava ainda focada nos Thaori. Eles olhavam-me com bondade, envoltos numa névoa dourada que se tornou progressivamente mais densa, e na qual eles desapareceram - da mesma forma como tinha acontecido na minha primeira visita.

Desta vez, Thao colocou suavemente a sua mão sobre o meu ombro e pediu-me que a seguisse. Ela levou-me na direcção da entrada do doko, e num instante estávamos no exterior. Estava completamente escuro e não havia luz nenhuma para além da que estava sobre a entrada. Eu não podia ver mais do que três metros à minha frente e questionava-me sobre como iríamos encontrar a plataforma voadora. Lembrei-me então que Thao podia ver tão bem de noite como de dia. Eu estava curioso para ver a prova disto - tal como um típico habitante da Terra, eu procurava uma prova! Foi-me dada imediatamente. Thao levantou-me no ar, sem esforço e sentou-me nos seus ombros, tal como na Terra nós carregamos os nossos pequeninos.

“Tu poderias tropeçar,” explicou ela, à medida que progredíamos pelo caminho - e realmente, ela parecia saber exactamente por onde estava a ir, tal como se houvesse luz do dia.

Pouco depois ela pousou-me sobre o assento do Lativok e sentou-se a meu lado.

Eu coloquei a máscara que tinha estado a segurar na mão sobre os joelhos, e descolamos quase imediatamente.

Tenho de dizer que, apesar da minha confiança em Thao, eu sentia-me muito pouco à vontade ao voar “cego”. Voamos sobre as árvores imensas do parque e eu nem sequer conseguia ver as estrelas que normalmente brilhavam tão claramente. A seguir ao pôr-do-sol tinham-se formado grandes nuvens e à nossa volta tudo era completamente indistinto na escuridão. No entanto, a meu lado, eu podia ver a Aura de Thao e o “leque” de cores no cimo da sua cabeça, que era particularmente brilhante.

Nós apanhamos velocidade e tenho a certeza de que viajamos tão depressa na escuridão como o tínhamos feito de dia. Senti alguns pingos de chuva bater-me na cara. Thao moveu a sua mão em direcção a um ponto da máquina e já não senti mais chuva. No mesmo instante, tive a impressão de que estávamos a parar e perguntei-me o que estaria a acontecer, pois sabia que estávamos sobre o oceano. De vez em quando, na nossa esquerda e à distância, eu conseguia distinguir luzes coloridas que se moviam.

“O que é aquilo?” Perguntei a Thao.

“As luzes nas entradas dos dokos na costa.”

Eu estava a tentar perceber porque é que os dokos se estavam a mover, quando de repente, através da escuridão que parecia ainda mais compacta, uma luz veio directamente na nossa direcção e parou a nosso lado.

“Estamos em tua casa,” disse Thao. “Vem.”

Ela levantou-me novamente. Senti uma ligeira pressão como quando entramos no doko e então senti a chuva forte no meu rosto. O aguaceiro era muito forte mas, em poucas passadas, Thao estava sobre a luz e entramos no doko.

“Chegamos mesmo a tempo,” comentei.

“Porquê? Pela chuva? Não, já está realmente a chover há um bocado. Eu activei um campo de força - não notaste? Tu paraste de sentir o vento, não foi?”

“Sim, mas pensei que tivesses parado. Eu não compreendo de todo.”

Thao desatou a rir às gargalhadas, o que me pôs novamente à vontade e sugeriu que a explicação do mistério estava prestes a ser revelada.

“O campo de força não só bloqueia a chuva mas também o vento, assim tu não tinhas nenhum ponto de referência pelo qual pudesses julgar se nos estávamos ou não a mover. Estás a ver, uma pessoa não pode confiar nas aparências.”

“Mas é que como foste capaz de dar com este sítio em tamanha escuridão?”

“Como te disse, nós podemos ver tão bem de noite como de dia. É por isso que não usamos iluminação - eu percebo que isso não é conveniente para ti, tu agora não podes ver, mas, de qualquer forma, nós tivemos um dia muito preenchido e penso que agora seria melhor ires descansar. Deixa-me ajudar-te.”

Ela levou-me para a área de relaxamento, desejando-me boa noite. Perguntei-lhe se iria ficar comigo, mas ela explicou-me que vivia muito perto, sem sequer precisar de um veículo para a transportar até lá. E com isto, ela saiu e eu estiquei-me e em breve adormeci.

Na manhã seguinte, acordei ao som da voz de Thao que se inclinava sobre mim, segredando-me ao ouvido.

Observei, tal como da primeira vez, que esta área de relaxamento era bem merecedora do seu nome, pois eu não teria ouvido Thao se ela não se tivesse inclinado sobre mim para falar, o som aqui era extremamente abafado. Mais ainda, eu tinha dormido profundamente, sem acordar uma única vez. Eu estava perfeitamente repousado.

Levantei-me e segui Thao em direcção à piscina. Foi nesta altura que ela me contou o acidente que tinha sucedido a Arki. Fiquei muitíssimo entristecido pelas novidades e saltaram-me as lágrimas dos olhos. Thao recordou-me que Arki estava a caminho de outra existência e que devia ser lembrado como um amigo que nos tinha deixado para ir para outro sítio.

“Sem dúvida é triste, mas não devemos ser egoístas, Michel. Outras aventuras e alegrias estão provavelmente à espera de Arki.”

Lavei-me e juntei-me a Thao, tivemos uma refeição muito ligeira e bebemos algum hidromel. Eu não me sentia com fome. Olhando para cima, eu podia ver o céu cinzento e a chuva a cair no doko. Era interessante de ver como as gotas de chuva não escorriam pelo doko abaixo como fariam sobre uma abóbada de vidro. Em vez disso, elas simplesmente desapareciam ao chegar ao campo de força do doko. Olhei para Thao e ela sorriu-me, tendo reparado na minha surpresa.

“As gotas são deslocadas pelo campo de força, Michel. É física elementar - pelo menos para nós. Mas há coisas mais interessantes para estudar e, infelizmente, tu tens tão pouco tempo.

Ainda há mais coisas que tenho de te ensinar, para que os teus semelhantes possam ser esclarecidos quando escreveres o teu livro - tal como o mistério de Cristo que ontem te mencionei quando fomos interrompidos pela chegada de Arki.

“Primeiro, tenho de te falar do Egipto e Israel, e também da Atlântida, o famoso continente tão falado na Terra e fonte de tanta controvérsia.

“A Atlântida, como o continente de Mu, existiu e estava situada no hemisfério norte, no meio do oceano Atlântico. Estava unido à Europa e ligado à América por um istmo e a África por outro istmo aproximadamente à latitude das Ilhas Canárias. A sua área era ligeiramente maior à da Austrália.

“Era habitada pelo povo de Mu, há aproximadamente 30 000 anos atrás - de facto, era uma colónia de Mu. Também aqui havia uma raça branca - pessoas altas, louras de olhos azuis. Eram os Maias, os muito sábios colonizadores de Mu, que governavam o País, e tinham aqui construído uma réplica da pirâmide de Savanasa.

“Há dezassete mil anos atrás, eles exploraram meticulosamente o Mediterrâneo, indo pelo Norte de África onde conheceram os Árabes (descendentes do cruzamento de raças Bakaratinianas amarela e preta) com muito conhecimento novo - material e também espiritual. O escrito numérico, por exemplo, ainda usado pelos Árabes, veio da Atlântida, e de Mu, claro.

“Eles foram à Grécia onde fundaram uma pequena colónia e o alfabeto Grego corresponde quase exactamente ao de Mu.

“Finalmente eles chegaram a uma terra a que os nativos chamavam Aranka e que vocês conhecem por Egipto. Aí, estabeleceram uma forte colónia com um grande homem, pelo nome de Toth⁵⁶, à sua cabeça. Foram criadas leis que incorporavam as crenças de Mu e os princípios organizacionais da Atlântida. Plantas melhoradas, novas técnicas de criar gado, novos métodos de cultivo, cerâmica e tecelagem foram todos introduzidos.

“Toth era um grande homem da Atlântida, extremamente instruído tanto material como espiritualmente. Ele fundou aldeias, construiu templos e, mesmo antes de morrer, construiu o que vocês agora chamam a Grande Pirâmide. Cada vez que estes notáveis colonizadores julgavam que uma nova colónia tinha potencial para se tornar grande, material e espiritualmente, eles construíam uma pirâmide especial - um instrumento - como tu foste capaz de ver por ti mesmo em Mu. No Egipto, eles construíram a grande pirâmide no mesmo modelo que a pirâmide de Savanasa, mas numa escala três vezes inferior. Estas pirâmides eram únicas e, de forma a cumprir o seu papel como “instrumento”, as suas dimensões, especificações e também orientação tinham, de ser executadas com precisão.”

“Sabes quanto tempo demorou?”

“Foi bastante rápido - apenas nove anos, pois Toth e os seus arquitectos-chefe sabiam os segredos da anti-gravidade de Mu, e os segredos de cortar a pedra usando - vamos-lhe chamar “electro-ultra-sons”.”

“Mas na Terra, os especialistas acreditam que tenha sido construída pelo Faraó Quéopes. “

“Não é verdade, Michel. Claro que este não é o único erro que os especialistas na Terra têm feito. Por outro lado, posso confirmar que o Faraó Quéopes usava esta pirâmide para o propósito com que foi construída.

“Os Maia-Atlantes não eram os únicos a explorar e colonizar. Desaparecidos há milhares de anos, os Nagas colonizaram a Birmânia, a Índia e finalmente chegaram às margens do Egipto, aproximadamente à latitude do trópico de Câncer. Eles fundaram igualmente uma bem sucedida colónia e ocuparam o Egipto superior. Ambos os grupos de colonizadores introduziram tipos de melhoramentos semelhantes. Os Nagas fundaram uma grande cidade chamada Mayou, nas margens do Mar Vermelho. Os nativos da região iam às suas escolas, assemelhando-se gradualmente com os colonizadores e produzindo a raça Egípcia.

“No entanto, há 5000 anos atrás, os Nagas no norte do Egipto e os Maia-Atlantes começaram a lutar por uma razão que é bastante ridícula. Os Atlantes, cuja religião diferia significativamente da religião de Mu, acreditavam na reencarnação da alma (corpo Astral) no país dos seus ancestrais. E Assim, reivindicavam que a alma viajava para oeste para de onde eles tinham vindo. Os Nagas tinham uma crença pareci-

⁵⁶ grafia alternativa - Thoth - (Nota do Editor), Thoth que em Português se designa por Thot - na religião Egípcia - é o Deus da Lua, do cálculo, da aprendizagem e da escrita. Ele é tido como o inventor da escrita, o criador das linguagens, patrono dos escribas, intérprete e conselheiro dos Deuses e representante do deus sol, Re - (N.T.)

da excepto que reivindicavam que a alma ia de volta para este, uma vez que eles tinham vindo de este.

“Durante dois anos eles entraram mesmo em guerra por causa desta diferença, mas não foi uma guerra terrivelmente cruel, pois ambos os grupos eram compostos fundamentalmente por indivíduos amantes da paz, vindo eventualmente a tornar-se aliados e formaram um Egipto unificado.

“O primeiro Rei do Egipto Unificado, ambos superior e inferior, chamava-se Mena. Foi ele quem edificou a cidade de Mênfis. Ele foi eleito pelo mesmo método usado em Mu - um método que não sobreviveu muito tempo no Egipto, devido à ascensão de um poderoso clero que pouco a pouco colocou os Faraós sobre o seu domínio. Esta situação continuou durante anos com notáveis excepções entre os Faraós que se submetiam ao clero. Uma dessas excepções foi o Faraó Athnaton⁵⁷ que foi envenenado pelos sacerdotes. Antes de morrer, ele proferiu a seguinte frase: “O tempo que estive nesta Terra foi uma era em que a *simplicidade* da Verdade não foi compreendida e foi rejeitada por muitos. “ Como acontece frequentemente em seitas religiosas, os sacerdotes Egípcios distorceram a Verdade, simples como era, de forma a obter um melhor controlo sobre as pessoas. Eles puseram-nos a acreditar no diabo e em vários seres divinos e outro tipo de disparates.

“Também deve ser dito que antes da guerra e ao subsequente pacto de paz que fez com que Mena se instalasse como Rei do Egipto, a população, constituída por Maia-Atlantes e Nagas, tinha criado uma civilização sofisticada tanto no Egipto superior como inferior.

“O país era próspero. A agricultura e o pastoreio floresceriam na altura do primeiro Rei do Egipto, Mena, foi, quase o culminar deste civilização em ascensão.

“Agora, neste ponto, temos de voltar atrás no tempo. Arki disse que a Terra ainda está a ser visitada por extra-terrestres e, como sabes, tem sido visitada com regularidade no passado. Mas, deixa-me acrescentar alguns detalhes a isto.

“A Terra é visitada, como o são muitos outros planetas habitáveis espalhados pelo Universo. Por vezes os habitantes de certos planetas são obrigados a evacuar pois o seu planeta está a morrer. Ora, como Arki também explicou, tu não podes mudar de planetas como mudas de casa. Tu tens de obedecer a um ciclo que está bem consagrado; caso contrário, as catástrofes podem ser a consequência. Isto é o que aconteceu há 12 000 anos atrás. Seres humanos deixaram o planeta Hebra para explorarem a galáxia em busca de um novo planeta da mesma categoria que o seu, pois eles sabiam que, no milénio seguinte, o seu planeta iria tornar-se completamente inabitável.

“Uma nave espacial, capaz de velocidades extremamente elevadas, teve sérios problemas durante os seus voos de reconhecimento e foi obrigada a aterrar no vosso planeta. Aterrou na região de Krasnodar, uma cidade na Rússia Ocidental. Desnecessário será dizer, que na altura não havia nem cidade, nem pessoas, nem Rússia.

“A bordo da nave espacial estavam oito astronautas: três mulheres e cinco homens. Estas pessoas tinham aproximadamente 170 centímetros de altura, olhos negros, de pele clara e longo cabelo castanho. Eles fizeram uma aterragem com sucesso e começaram as reparações na sua nave.

“Eles encontraram uma força gravitacional superior à do seu planeta e, inicialmente, tiveram algumas dificuldades de locomoção. Estabeleceram um acampamento

⁵⁷ grafia alternativa: Akhenaton - Nota do Editor Inglês - Rei do Egipto da 18ª dinastia (1353-1436 A.C.) que estabeleceu um novo culto monoteísta a Aton - daí assumiu o seu nome Akhenaton que significa “aquele que é útil a Aton” - (N.T.)

perto da sua nave espacial, esperando que as reparações levassem algum tempo. Um dia, durante o trabalho, deu-se um acidente que causou uma tremenda explosão que destruiu metade da nave e matou cinco dos cosmonautas. Os outros três, estando a alguma distância, não sofreram nada. Eles eram Robanan, o homem, e Levia e Dina, as duas mulheres.

“Eles sabiam bem o que os esperava. Vindos de um planeta de categoria superior, eles não pertenciam à Terra, onde eram de facto prisioneiros, e assim anteciparam as desventuras que lhes iriam suceder. O acidente não foi grande surpresa.

“Durante vários meses, os três permaneceram no mesmo local pois a estação era quente. Eles tinham algumas armas e foram capazes de obter caça - a suas provisões de maná e roustian⁵⁸ tinham-se perdido na explosão. Eventualmente chegou o frio e eles decidiram mudar-se mais para sul.

“A força gravitacional fez com que andar grandes distâncias fosse extremamente penoso para eles, e assim a sua jornada a sul para climas mais quentes tornou-se num verdadeiro “caminho para o calvário”. Eles passaram pelo Mar Negro dirigindo-se para onde Israel fica hoje. A viagem demorou dois meses mas eles eram jovens e, espantosamente, conseguiram chegar. O clima tornou-se mais clemente, e até mesmo quente, ao chegarem a latitudes mais baixas. Pararam num rio, aí estabelecendo um acampamento permanente - tanto mais permanente uma vez que Dina estava grávida de vários meses. Na altura própria, ele deu à luz um filho a quem chamaram Ranan. Nessa altura, também Levia estava grávida e algum tempo depois, também ela deu à luz um filho, Rabion.

“Estas pessoas de Hebra aclimatizaram-se neste local, que era rico em caça, mel e plantas comestíveis - e aí fundaram a sua linhagem. Foi bastante tempo depois que eles travaram conhecimento com alguns nómadas que passavam. Este foi o seu primeiro contacto com Terrestres. Os nómadas que eram dez e, tendo gostado das mulheres de Robanan, quiseram matá-lo e tomar posse de tudo o que ele tinha, incluindo as mulheres.

“Robanan ainda tinha a sua arma e, apesar de ser pacifista, foi obrigado a servir-se dela e matou quatro dos seus atacantes que fugiram em face de tal poder.

Estas pessoas ficaram muitíssimo tristes por terem sido obrigadas a recorrer a tal medida, e viram nisso ainda outro sinal de que estavam num planeta que lhes era proibido pela Lei Universal...”

“Eu não compreendo,” interrompi. “Pensei que não era possível saltar categorias numa direcção ascendente, mas que era possível voltar a planetas inferiores.”

“Não, Michel, nem para cima nem para baixo. Se fores para cima, desrespeitando a Lei Universal, irás morrer; se fores para baixo, expões-te a ti mesmo às piores condições porque a tua espiritualidade avançada não pode existir num ambiente materialista.

“Se quiseres, posso-te fazer a analogia numa forma de comparação infantil. Imagina um homem imaculadamente calçado em sapatos polidos, meias brancas e fato justo. Tu obrigas este homem a atravessar o campo numa quinta, 30 centímetros dentro da lama. Ainda por cima, tu insistes em que ele ponha essa lama num carrinho de mão com as suas mãos. Nem é necessário perguntar em que estado ele estará quando tiver acabado.

⁵⁸ roustian - sem ter encontrado uma definição precisa tanto em Inglês como em Francês, tira-se pelo contexto que esta palavra significa um tipo de alimento que era transportado a bordo da nave espacial - (N.T.)

“Apesar de tudo, o nosso grupo de extra-terrestres fundou a sua linhagem que se tornou nos antepassados dos actuais Judeus.

“A Bíblia foi escrita mais tarde por escribas que retraçaram a história destas pessoas, distorcendo-a, à medida que a lenda se misturou com a realidade.

“Posso-te afirmar que o Adão da Bíblia não apenas não foi o primeiro homem na Terra, longe disso, mas que ele se chamava Robanan e ele não tinha uma mulher chamada Eva mas sim duas mulheres de nome Levia e Dina . A raça dos Judeus desenvolveu-se a partir destes três, sem se misturar com outras raças porque, por atavismo⁵⁹, eles sentiam-se superiores - e, de facto, eram-no.

“No entanto, tenho de te assegurar que a Bíblia (original⁶⁰) não é o produto da imaginação dos escribas - nem se encontra embelezada. *Havia* muita verdade nela. Eu digo “*havia*” porque nos vários concílios da Igreja Católica Romana, a Bíblia foi fortemente revista, por várias razões que são claras: para servir as necessidades do Cristianismo. Isto é porque eu disse ontem, que as religiões são uma das pragas na Terra. Eu também tenho de te esclarecer a respeito de vários outros assuntos bíblicos.

“Pouco depois da chegada dos Hebreus à Terra, nós ajudámo-los em várias ocasiões. E também os punimos.

Por exemplo, a destruição de Sodoma e Gomorra foi causada por um dos nossos veículos espaciais. As pessoas destas duas cidades estavam a dar um mau exemplo e a agir perigosamente para as pessoas que estavam em contacto com elas. Nós tentamos por várias formas num esforço de os por novamente no bom caminho, mas em vão. Nós tivemos de ser cruéis.

“Cada vez que leres na Bíblia: “E O Senhor⁶¹ disse isto ou aquilo” - tu deverias ler “e os habitantes de Thiaoouba disseram...” ”

“Porque não salvá-los desde o princípio e trazê-los de volta para o seu planeta ou para outro da mesma categoria?”

“Isso claro que é uma pergunta razoável, Michel, mas há um senão oculto. Nós não podemos prever o futuro com mais de 100 anos de avanço. Na altura, pensamos que, sendo um grupo tão pequeno, que poderiam não sobreviver e, se o fizessem, ir-se-iam misturar com outras raças e desta forma serem absorvidos por outros povos e tornados “impuros”. Nós supomos que isto aconteceria dentro de um século - mas esse não foi o caso. Mesmo agora, como sabes, a raça é quase tão pura quanto há 12 000 anos atrás.

“Como já te disse, por meio de concílios religiosos, os padres apagaram ou alteraram muitas coisas na Bíblia, mas outras sobreviveram e podem facilmente ser explicadas.

“No capítulo 18, versículo (1) o escriba refere-se à nossa aparição na altura, dizendo: “O Senhor apareceu a Abraão nos carvalhos de Mambré, quando ele estava sentado à entrada de sua tenda no maior calor do dia.” O escriba, neste capítulo, está a falar de Abraão.

⁵⁹ atavismo - aqui - pretendendo reconstruir as características originais. As primeiras gerações de pessoas descritas na Bíblia viviam até aos 900 anos - (Nota do Editor Inglês)

⁶⁰ Nota do Editor Inglês em concordância com o Autor

⁶¹ ou “Deus“ - (N.T.)

“(2) Abraão levantou os olhos e viu três homens de pé diante dele.

Levantou-se no mesmo instante da entrada da sua tenda, veio ao seu encontro e prostrou-se por terra.

(3) Meus Senhores, disse ele, se encontrei graça diante dos vossos olhos, não passeis adiante sem vos detereis em casa do vosso servo. “ Abraão convida os três homens a ficarem. O escriba refere-se a eles como homens num momento e, no entanto, um deles é também chamado de “Senhor”. Ele fala com eles e de cada vez, é aquele referido como “Senhor” que responde. Ora, os padres da Igreja Católica Romana encontram isto em contradição formal com as suas opiniões, como o fazem muitas outras religiões, pois irão dizer-te que ninguém pode imaginar o rosto de Deus - que alguém até pode ficar cego por isso. De certa forma eles estão certos, uma vez que o Criador, sendo um espírito puro, não tem rosto!

“De acordo com o escriba, Abraão conversa com o Senhor como faria com um nobre de elevada posição na Terra. E o Senhor responde-lhe e está acompanhado por outros dois “homens” - o escriba não fala de “anjos”. Não é estranho que Deus desça à Terra na forma de homem, acompanhado, não por anjos, mas por homens? Na realidade, e em muitos outros locais da Bíblia, é fácil para alguém de boa fé de ver que Deus nunca falou a nenhum ser humano⁶².

“Ele não o *poderia* ter feito, visto que são os corpos astrais que aspiram na Sua direcção e não Deus que se inclina para eles. Isso seria como um rio fluindo para trás - tu nunca viste um rio a correr do mar para o topo da montanha, pois não? Uma passagem da Bíblia, duas páginas à frente da que acabei de mencionar, também é bastante divertida: Capítulo 19 versículo (1): “Pela tarde, chegaram os dois anjos a Sodoma. Lot, que estava sentado à porta da cidade, ao vê-los, levantou-se e foi-lhes ao encontro e prostrou-se com o rosto por terra” - então ele consegue que eles vão a sua casa e, de repente, no verso cinco, Eles chamaram Lot e disseram-lhe: “Onde estão os *homens* que entraram esta noite em tua casa?”. Agora o escriba refere-se a eles como “homens”. A seguir, no verso (10), “Mas os dois (viajantes) estenderam a mão e, puxando Lot para dentro de casa, fecharam de novo a porta.” (11) “E feriram de cegueira os homens que estavam de fora, velhos e jovens, que se esforçavam em vão por reencontrar a porta.”

“É fácil de ver a falta de precisão nesta passagem, onde o escriba começa a falar de dois anjos, depois fala de dois homens, e então descreve dois homens (viajantes) ferindo pessoas de cegueira. Conforme a Bíblia, um “milagre” desses requer pelo menos um anjo! Aqui, meu caro, está um bom exemplo de confusão nos escritos Terrestres. Os “homens” eram pura e simplesmente os nossos homens de Thiaoouba.

“E assim guiamos e ajudamos os Judeus, pois teria sido uma vergonha deixar uma raça espiritualmente tão evoluída afundar-se em ignorância e selvajaria apenas porque tinha acidentalmente cometido o erro de vir para um planeta que não era próprio para si. Nós ajudamo-los nos séculos que se seguiram e é isto que certos escribas tentaram explicar ao escrever os relatos que vieram a formar a Bíblia. Muitas vezes tinham boa fé; por vezes, distorceram os factos, apesar de não ser propositadamente.

⁶² “Deus nunca falou” - na versão Hebraica mais antiga da Bíblia, Yehova é um dos muitos sinónimos de “Deus”. Todas as outras traduções as misturam completamente - substituindo os nomes exactos por “Pai” ou “Deus”. Da versão Hebraica está claro que era Yehova que falava às pessoas, aparecendo em forma humana, fazia “milagres” e não Deus. Da informação contida neste livro é evidente que Deus é Deus (O Grande Espírito) e Yehova = Thiaoouba. No contexto deste simples detalhe - toda a Bíblia faz muito mais sentido e torna-se numa leitura fascinante - (Nota do Editor Inglês)

As únicas vezes em que esta distorção foi feita propositadamente, e por razões muito específicas, como já disse, foi pela Igreja Romana, durante os concílios de Niceia em 325 D.C., Constantinopla em 381 D.C., Efezo em 431 D.C. e Chalcedoine em 451 D.C. Também houveram outros, mas de menor importância. A Bíblia não é o *Livro de Deus*, como muitas pessoas da Terra acreditam ser; é simplesmente um documento de história antiga muito modificado e cheio de embelezamentos, adicionados por escritores diferentes dos escribas originais. Por exemplo, vamos regressar ao Egito e ao tempo do Êxodo, que interessa às pessoas na Terra. Vou restaurar a verdade relativamente a isto, para ti e para outros, antes de prosseguirmos.

“Vamos então regressar ao Egito, onde vamos encontrar os descendentes dos colonos que se tornaram no povo Hebreu (o nome deriva daquele do seu planeta, Hebra). Desde que chegaram acidentalmente ao vosso planeta, esta raça passou por grandes dificuldades - vividas por eles na altura e vividas por eles ainda hoje.

“Como sabes, os Judeus são muito inteligentes comparados com outras raças; eles têm uma religião que é muito diferente; e eles não se misturam com outras raças. Os casamentos são quase sempre entre os da sua espécie. Por causa da inexorável Lei Universal, eles sempre foram alvo de perseguição, muita da qual ocorreu em tempos recentes. Como resultado, os seus corpos Astrais foram libertados e assim foram capazes de prosseguir directamente para planetas mais evoluídos, onde eles realmente pertencem.

“Como também sabes, um grupo de Hebreus viajou com José, filho de Jacó, para o Egito, onde iniciaram uma outra linhagem, acabando por ser odiada pelos Egípcios e sempre pelas mesmas razões não declaradas - a sua inteligência e, em particular, a sua solidariedade em face da adversidade.

Era necessário agir.”

11

Quem foi Cristo?

Isto ocorreu no tempo do Faraó Seti I. Era uma altura em que as pessoas da Terra se tinham tornado materialistas. No Egipto, era comum tomar drogas na alta sociedade; assim como na Grécia. A fornicação com animais não era de todo rara - algo que é absolutamente contrário à Natureza e Lei Universal.

“Sendo a nossa missão ajudar quando fosse necessário, decidimos alterar o curso que a história estava a levar, intervindo nesse momento. Tínhamos de tirar os Hebreus do Egipto, pois eles já não podiam evoluir como um povo livre enquanto estivessem sobre o domínio perverso dos Egípcios. Foi decidido enviar um homem, justo e capaz, para guiar os Hebreus desde o Egipto de volta à terra que tinham previamente ocupado, ou seja, pouco depois da sua chegada à Terra.

“No planeta Naxiti, um planeta da oitava categoria, um homem de nome Xioxtin tinha acabado de morrer. O seu corpo Astral estava à espera para reencarnar em Thiaoouba, quando lhe foi proposto que, em vez disso, ele fosse o libertador dos Hebreus. Ele concordou com isto e veio à Terra como Moisés.

“Moisés, então, nasceu no Egipto, filho de pais Egípcios. O seu pai era o equivalente a um subtenente no exército.

“Moisés não nasceu Hebreu - este é mais um erro na Bíblia. A história do pequeno Hebreu que foi deitado à deriva nas águas e salvo por uma princesa é muito romântica, mas incorrecta.”

“Que pena! Eu sempre adorei essa história. É maravilhosa - como um conto de fadas!”

“Os contos de fadas são realmente muito bonitos, Michel, mas tu deves-te preocupar com a Verdade - e não com a fantasia. Promete-me que irás apenas reportar o que é a Verdade?”

“Claro, não tenhas receio, Thao - as tuas instruções serão seguidas à risca, por assim dizer.”

“Eu estava então a explicar, que Moisés nasceu numa família militar Egípcia. O seu pai chamava-se Lathotes. Até à idade de dez anos, Moisés brincava com frequência com crianças Hebraicas. Uma criança linda e amável, ele era popular entre as mães Hebraicas que o mimavam com oferendas de doces. Elas na volta, conquistaram o seu coração e ele veio a amar os seus amigos Hebreus como irmãos. Isto, claro, é a razão por que ele encarnou, mas deves perceber que, após ter visto a sua vida como Moisés num instante à sua frente, e depois de aceitar viver essa vida, todos esses detalhes foram apagados da sua memória. Ele passou pelo que certos Nagas teriam chamado “O Rio do Esquecimento” - isto acontece quer se aceite ou rejeite a possibilidade de reencarnação. Claro que há uma razão para isso.

“Se, por exemplo, tu te lembrasses que, aos quarenta anos de idade, tu irias perder a mulher e dois amados filhos e que tu mesmo, irias ficar confinado a uma cadeira de rodas, o conhecimento poderia tentar-te a tirares a tua vida em vez de enfrentares

os teus problemas, ou poderia levar-te a te comportares mal noutras esferas. Assim, o “filme” é apagado, de forma semelhante a como “apagas” a gravação duma cassete.

“Ocasionalmente, por acidente, a máquina não apaga tudo e tu podes ouvir breves porções daquilo que deveria ter sido apagado. Claro que as minhas analogias são extravagantes quando falo de “filmes” e “gravação duma cassete”, mas espero que elas te dêem uma ideia do que te estou a tentar explicar. Na realidade, o processo envolve electro-fotões, o que por enquanto não quer dizer nada às pessoas da Terra. Isto, de facto, ocorre com frequência em “filmes” que o Eu Superior mostra ao corpo Astral, que é a razão pela qual as pessoas dizem, no decurso de suas vidas “Eu já vi aquilo antes” ou “Eu já ouvi aquilo antes” e em que elas *sabem* qual é a acção ou palavra que virá imediatamente a seguir.

Em Inglês, as pessoas chamam a esta sensação “*deja vu*”.

“Sim, compreendo bem o que estás a dizer. A experiência mais estranha desse tipo que já tive foi quando estive na África Equatorial Francesa. Eu estava no exército e estávamos em manobras a cerca de 600 quilómetros da base. Estávamos a aproximar-nos da fronteira com o Chade e eu estava de pé com outros soldados na retaguarda dum camião de transporte de tropas e de frente para a estrada.

“De repente, “reconheci” a estrada como se lá estivesse estado quinze dias antes. Fiquei como que hipnotizado por este troço da estrada que terminava numa curva à direita em ângulo recto. Eu “reconheci” a estrada, no entanto, eu também tinha a certeza que, a seguir à curva, iria encontrar uma pequena cabana de palha, sozinha, abrigada por uma mangueira. Eu estava cada vez mais convencido de que esse iria ser o caso quando, o camião virou na curva e, ali estava ela - uma cabana de palha isolada debaixo duma mangueira. E depois acabou-se - não “reconheci” mais nada. Voltei a cabeça para Thao.

“O meu companheiro mais próximo perguntou se me estava a sentir bem, e eu expliquei o que tinha acontecido. A sua resposta foi: “Tu deves ter cá vindo quando eras miúdo.” Eu sabia que os meus pais nunca tinha posto o pé em África mas ainda assim escrevi-lhes, de tão afectado que fiquei por esta experiência. A sua resposta foi: “Não, e tu nunca nos deixaste para fazer qualquer uma dessas viagens acompanhado quando eras pequeno.”

“Assim, o meu amigo sugeriu que eu devo lá ter estado durante uma experiência anterior, pois ele acreditava na reencarnação. O quê que pensas disto?”

“É o que eu te expliquei, Michel. Um segmento bastante longo do teu “filme” não te foi apagado e ainda bem, pois isso ilustra perfeitamente o que eu te estava a explicar relativamente a Moisés.

“Ele queria ajudar os Hebreus mas, como escolheu entrar naquele mundo pela forma habitual - como um bebé recém-nascido, ele foi obrigado a “esquecer” o que iria ser o curso da sua vida.

“No entanto, em casos raros como este, o corpo Astral está tão “carregado” com conhecimento e experiência de vidas anteriores, que não tem problema nenhum em se adaptar ao que tem de aprender no seu novo corpo físico. Moisés também teve a vantagem de ter sido enviado para uma boa escola que dispunha de múltiplos meios. Ele foi muitíssimo bem sucedido nos seus estudos e conseguiu entrada numa escola de ciência muito avançada, encabeçada por padres e especialistas Egípcios. Nesta altura, os Egípcios ainda tinham escolas avançadas que eram frequentadas por uma elite muito restrita, ensinando o conhecimento que Toth trouxera da Atlântida há muito tempo atrás. Ele estava quase a acabar os seus estudos, quando testemunhou um incidente que teve grande impacto na sua vida.

“Ainda sentindo grande amizade em relação aos Hebreus, ele caminhava entre eles com frequência, apesar das recomendações urgentes de seu pai para que não o

fizesse. Os Hebreus estavam-se a tornar progressivamente mais desprezados pelos Egípcios, e o seu pai avisou Moisés para não se misturar com esta raça.

“Mesmo assim, naquele dia, ele caminhava na vizinhança de um local de construção onde os Hebreus trabalhavam sobre as ordens de soldados Egípcios. De longe ele viu um soldado bater num Hebreu, que caiu no chão. Antes que ele pudesse intervir, um grupo de Hebreus atirou-se ao soldado e matou-o, enterrando-o rapidamente logo a seguir nas fundações feitas para suportar uma enorme coluna.

“Moisés não sabia o que fazer, mas tinha sido visto por alguns dos Hebreus e afastou-se dali. Crendo que ele os iria denunciar, os Hebreus entraram em pânico e apressaram-se a espalhar o boato de que tinha sido Moisés a matar o soldado. Quando chegou a casa, o seu pai estava à sua espera e aconselhou-o a ir imediatamente para o deserto. A história Bíblica de que ele foi para o País de Madian é verdade, assim como o relato do seu casamento com a filha do sacerdote de Madian. Não irei desenvolver mais os detalhes. Nós queríamos salvar este povo da escravidão em que tinha caído e, numa situação pior, das garras dos sacerdotes perversos que eram um perigo para a sua psique.

“Mais de um Milhão de anos antes, nós já tínhamos salvado um outro grupo de pessoas de sacerdotes perigosos, se te lembrares, e, curiosamente, foi praticamente no mesmo local. Estás a ver como a história é apenas um perpétuo recomeçar?

“Moisés guiou os Hebreus para fora do Egípto de forma muito equivalente ao que está descrito na Bíblia - mas, antes de prosseguir, tenho de corrigir certos erros, uma vez que sabemos que muita gente na Terra está muitíssimo interessada neste famoso êxodo.

“Primeiro de tudo, o Faraó naquela altura era Ramsés II, que foi o sucessor de Seti I. Seguidamente, os Hebreus eram em número 375 000, quando chegaram ao Mar das Canas e não ao Mar Vermelho, as nossas naves, sendo três em número, abriram as águas, que eram bastante rasas, por meio do nosso campo de forças. Nós permitimos que as águas se fechassem novamente, mas nem um único soldado Egípcio se afogou - simplesmente porque eles não seguiram os Hebreus para a água. O Faraó, apesar de enormemente pressionado pelos sacerdotes, não voltou atrás com a sua promessa de deixar sair os Hebreus.

“O maná, que era distribuído a cada dia, vinha da nossa nave espacial. Tenho de te explicar que o maná não apenas é muito nutritivo, como sabes, mas também é muito compactável, que é a razão pela qual muitas naves espaciais o levam a bordo. No entanto, se deixares o maná demasiado tempo ao ar, ele torna-se mole e apodrece dentro de dezoito horas.

“É por isso que recomendamos aos Hebreus que levassem apenas o que precisassem para cada dia; e aqueles que levaram mais, em breve viram que tinham feito um erro e de que deviam ter seguido o conselho do “Senhor”, que em verdade éramos nós.

“Os Hebreus não levaram quarenta anos a chegar a Canaã, mas apenas três anos e meio. Finalmente, a história do Monte Sinai é quase verdade.

“Nós aterrámos na montanha para que não fôssemos vistos pelas pessoas. Na altura era preferível, para estas pessoas simples acreditarem num Deus, em vez de extra-terrestres que os observavam e ajudavam.

“E assim esta é a explicação do povo Hebreu, Michel, mas ainda não está acabada. Aos nossos olhos, este era o único povo que seguia a direcção certa, ou seja, a direcção da espiritualidade. Entre eles, e, mais tarde, entre os seus altos sacerdotes, haviam aqueles que faziam correr o rumor de que havia de vir um Messias que os iria salvar. Eles não deviam ter dito às pessoas aquilo, pois estavam a relatar parte

da conversa que tivemos com Moisés no Monte Sinai. Desde então, os Hebreus têm estado à espera do Messias - e no entanto, ele já veio.

“Vamos agora saltar no tempo. Os Hebreus, de volta à terra onde originalmente se tinham fixado, estavam agora mais bem organizados. Eles fundaram uma civilização notável pelos seus grandes legisladores reais tais como Salomão e David, para mencionar apenas dois.

“Nós observamos que este povo, a seguir à morte de Salomão, se estava a dirigir para a anarquia e a deixar-se influenciar por sacerdotes perversos. Alexandre o Grande invadiu o Egipto mas, no fim, não trouxe nada de construtivo ao mundo. Os Romanos sucederam-lhe, construindo um império imenso que estava mais orientado para o materialismo do que para a espiritualidade.

“Os grandes povos, como os Romanos, eram tecnologicamente avançados para a altura - relativamente falando, claro. Mas trouxeram com eles uma miríade de deuses e crenças - o bastante para causar confusão espiritual e, certamente, não o suficiente para levar as pessoas para a Verdade Universal.

“Desta vez, decidimos dar uma “grande ajuda”. Em vez de a darmos numa terra espiritualmente estéril como era Roma, nós demos-la em Israel, pensando que os Hebreus eram muitíssimo inteligentes, tendo antepassados que eram espiritualmente altamente avançados. Nós considerámo-los adequados a propagar a verdade universal.

“Os Hebreus foram unanimemente eleitos pelos grandes Thaori. Na Terra, eles eram referidos como o “Povo Eleito” e o nome não podia ser mais apropriado - pois eles foram verdadeiramente “eleitos”.

“O nosso plano era captar a imaginação pública, enviando um mensageiro de paz. A história do nascimento de Jesus, como a conheces, com a Virgem Maria como mãe, é perfeitamente verdadeira. A aparição do anjo na Anunciação está correcta em cada detalhe. Nós enviamos uma nave espacial e um de nós apareceu à virgem, que era verdadeiramente virgem, dizendo-lhe que ela iria ficar grávida. O embrião foi implantado nela enquanto ela estava sobre hipnose.

“Estou a ver, Michel, que estás a ter uma dificuldade enorme em acreditar o que te tenho estado a dizer. Nunca te esqueças que nós temos O *conhecimento* - tu ainda não viste um décimo daquilo que somos capazes de fazer. Observa atentamente e eu vou-te dar alguns exemplos para te ajudar a compreender o que te vou dizer.”

Thao parou de falar e pareceu estar a concentrar-se. À medida que a observava, o seu rosto tornou-se desfocado e, instintivamente, esfreguei os olhos. Claro que isto não ajudou e, de facto, ela tornou-se progressivamente mais transparente até que eu podia ver através dela. Finalmente, ela já não estava ali - tinha desaparecido completamente.

“Thao,” chamei, ligeiramente preocupado, “onde estás tu?”

“Aqui, Michel.

Dei um salto, pois a voz veio como um sussurro, bastante próximo do meu ouvido. “Mas tu estás completamente invisível!”

“Agora, sim - mas vais voltar-me a ver. Olha!”

“Meu Deus, o que é que te aconteceu?”

Alguns metros à minha frente, vi a silhueta de Thao, completamente dourada e no entanto radiante, como se no seu interior ardesse um fogo, com chamas breves mas

intensas. Quanto ao seu rosto, era reconhecível mas os seus olhos pareciam emitir pequenos raios de cada vez que ela falava.

Ela começou a elevar-se alguns metros acima do chão, sem ter mexido um músculo do seu “corpo”; e então, começou a rodar à volta do quarto, tão rápido que eu tive dificuldade em continuar a acompanhá-la com os olhos.

Eventualmente, ela parou acima do seu assento e sentou a sua figura fantasmagórica. Era como se fosse feita de uma névoa brilhante - ela ainda era reconhecível como Thao e no entanto, completamente transparente. No instante seguinte ela tinha desaparecido. Olhei em volta, mas ela tinha de facto desaparecido completamente.

“Não procures mais, Michel, estou de volta.” E realmente estava, novamente em carne e osso, sentada no seu lugar.

“Como é que fizeste aquilo?”.

“Como te estava a explicar, nós temos O *conhecimento*. Nós podemos ressuscitar os mortos; curar os surdos e os cegos; fazer as pessoas andar que estão paralisadas; nós podemos curar qualquer enfermidade que estejas disposto a mencionar.

Nós somos mestres, não *da* Natureza, mas *na* Natureza, e podemos fazer a coisa mais difícil de todas - podemos gerar vida espontaneamente.

“Saído da libertação de um raio cósmico, nós podemos criar qualquer tipo de criatura viva, incluindo o homem.”

“Tu queres dizer que vocês conseguiram dominar o “bebe proveta”?”

“De maneira nenhuma, Michel”. Estás a raciocinar como um Terrestre. Nós podemos criar um corpo humano, mas isto apenas é feito pelos grandes Thaori, tomando infinito cuidado, pois o corpo humano tem de ser habitado por vários corpos, como sabes - o fisiológico, o astral, etc. Se não, seria meramente um robô. Consequentemente é necessário um conhecimento perfeito para tal realização.”

“Então, quanto tempo precisam vocês para criar um bebe?”

“Tu não compreendeste de todo o que estou a dizer, Michel. Estou a falar, não de um bebe mas, neste caso, de um ser humano adulto. Um homem de vinte ou trinta anos de idade pode ser criado pelos Thaori em aproximadamente vinte e quatro das vossas horas Terrestres.”

Como se pode esperar, fiquei completamente aturdido com esta revelação. Eu tinha viajado numa nave espacial a uma velocidade de várias vezes a da luz e tinha-me encontrado a vários biliões de quilómetros da minha casa. Tinha encontrado extraterrestres, viajado em corpo Astral, viajado no tempo para testemunhar cenas que ocorreram há milhares de anos atrás. Eu podia agora ver Auras e compreender linguagens que nunca antes tinha ouvido. Eu até tinha visitado brevemente o universo paralelo da Terra. Pensei que já soubesse tudo o que havia para saber, para um Terrestre, desta gente e das suas capacidades, graças às explicações que me foram dadas. Neste momento - parecia que me tinham dito que o que me tinha sido apresentado era como um aperitivo. Os meus anfitriões podiam *criar* um ser humano vivo em *vinte e quatro horas!*

Thao observava-me, lendo-me como um livro aberto.

“Agora que estás a seguir o que quero dizer, Michel, vou acabar a história que irá interessar a tantos dos teus semelhantes, até onde a bíblia a distorceu um pouco.

“Assim, o nosso “anjo” implantou o embrião, para que Maria, a virgem, ficasse grávida. Ao fazer isto, esperávamos atrair a atenção das pessoas e dar ênfase que a vin-

da de Jesus era verdadeiramente um acontecimento extraordinário. Ao nascer a criança, nós aparecemos aos pastores da mesma forma que demonstrei há momentos. Nós não enviámos os três famosos “reis magos” - eles fazem parte da lenda que foi enxertada com acontecimentos reais. No entanto, nós guiamos os pastores e um grupo de pessoas até ao local onde Jesus nasceu.

Isto foi conseguido enviando uma das nossas esferas e tornando-a luminosa. O efeito óptico daí resultante, fê-lo, de verdade, parecer uma estrela sobre Belém. Hoje em dia, se fossemos a fazer uma coisa semelhante, as pessoas iriam gritar, “OVNI”!

Eventualmente os sacerdotes, e aqueles a quem os padres chamaram de “profetas”, souberam do nascimento. À vista do fenómeno da estrela e dos “anjos”, os profetas anunciaram às pessoas, o nascimento do Messias, referindo-se a ele como o Rei dos Judeus.

“O Rei Herodes tinha, no entanto, espiões em todos os lados, como a maioria dos líderes têm. Quando lhe reportaram estes extraordinários eventos, ele achou tudo muito difícil de perceber e ficou com medo. Naqueles tempos, a vida das pessoas tinha pouco valor para os seus líderes, e Herodes não teve escrúpulos em ordenar a matança de 2606 bebés na região.

“Enquanto estas mortes estavam a ser feitas, nós evacuamos, sob hipnose, Maria, José e o bebé Jesus, assim como dois jumentos, na nossa nave, colocando-os num local bastante próximo ao Egipto. Estás a ver como os factos foram distorcidos?

“Há, pois, outros detalhes que foram conscientemente reportados, mas que foram pouco precisos devido à falta de informação. Deixa-me explicar. O bebé Jesus, nascido em Belém, provou, pelos milagres relativos ao seu nascimento, que ele era muito especial e que era, de facto, o Messias. Assim, ele captou a imaginação das pessoas mas, quando nasce um bebé, o seu corpo Astral não pode “saber tudo” relativamente ao seu conhecimento anterior. Este também foi o caso de Moisés, e mesmo assim ele foi uma grande pessoa.

“Nós requeríamos um mensageiro que fosse capaz de persuadir a humanidade que havia outra vida para além desta, através da reencarnação do corpo Astral, etc. Isto já não era vulgarmente aceite, uma vez que a civilização na Terra se tinha tornado mais ou menos degradada a seguir ao desaparecimento da Atlântida.

“Tu sabes que, quando queres explicar algo que não seja um facto material, mesmo aos teus amigos mais próximos, tu és confrontado com cepticismo. As pessoas procuram provas materiais e, se não virem com os seus próprios olhos, elas não acreditam.

“De forma a transmitir a nossa mensagem, nós precisávamos de alguém que se comportasse como um ser extraordinário - como alguém descido “dos céus”, que fizesse aquilo que parecessem ser “milagres”. Tal pessoa iria ser acreditada e os seus ensinamentos ouvidos.

“Como sabes, um corpo Astral reencarnado num bebé, passa através do “Rio do Esquecimento” e o seu conhecimento material anterior é apagado. Assim, a criança nascida em Belém não teria sido capaz de fazer “milagres” mesmo que tivesse vivido até aos 100 anos. No entanto, como Moisés, ela era um ser superior. Isto é provado pela maneira como surpreendeu os doutores do templo na idade de doze anos. Tal como agora as crianças muito pequenas na Terra, a quem chamam de génios porque parece que têm uma calculadora nas cabeças, Jesus era um ser humano habitado por um corpo Astral altamente evoluído. E ainda assim, mesmo que ele tivesse estudado nas mais avançadas escolas na Terra, entre os Nagas, por exemplo, ele nunca teria adquirido o conhecimento para ressuscitar os mortos ou curar os enfermos.

“Eu sei que há pessoas na Terra que acreditam que, desde a idade dos doze anos e até ao seu regresso à Judeia, Jesus estudou em mosteiros da Índia e do Tibete. Isto

é como eles tentam explicar o intervalo que existe na Bíblia, quando Jesus simplesmente desapareceu de Belém.

“Ele deixou a casa de seus pais” aos catorze anos de idade, acompanhado pelo seu irmão de doze anos Ouriki. Viajou até à Birmânia, Índia, China e Japão. O seu irmão acompanhava Jesus para todo o lado, até que Ouriki foi acidentalmente morto na China. Jesus levou uma madeixa de cabelo consigo, pois amava-o muito.

“Jesus tinha cinquenta anos quando chegou ao Japão, onde casou e teve três filhas. Finalmente, morreu na aldeia Japonesa de Shingo, onde tinha vivido durante quarenta e cinco anos. Ele foi enterrado em Shingo, que fica na ilha principal do Japão - Honshu, e ao lado do seu túmulo encontra-se outro, contendo a pequena caixa com a madeixa de cabelo de Ouriki.

“Aqueles que dos teus semelhantes gostarem de provas podem ir a Shingo, antigamente conhecida por Herai, no distrito de Aomori⁶³.

“Mas, regressemos à nossa missão precisa neste aspecto... O único mensageiro que poderíamos enviar à Terra tinha de ser um de nós. O “Cristo” que morreu na cruz em Jerusalém chamava-se Arioc. Ele foi trazido, por nós, até ao deserto da Judeia, tendo-se voluntariamente oferecido para mudar de corpo físico. Desta forma, ele abandonou o seu corpo hermafrodita, o qual tinha vivido um tempo considerável em Thiaoouba, e tomou o corpo de Cristo, criado para ele pelos nossos Thaori. Ao fazê-lo, ele manteve integralmente o conhecimento que possuía em Thiaoouba.”

“Porque é que ele não podia permanecer no seu corpo e simplesmente ter reduzido o seu tamanho, como Latoli e Biastra fizeram à minha frente? Não poderia ele ficar demasiado tempo num “corpo encolhido?”

“Havia um outro problema, Michel, ele tinha de parecer um ser humano da Terra em todos os aspectos, e, uma vez que somos hermafroditas, não poderíamos arriscar que os Hebreus reparassem que este mensageiro de Deus era meio fêmea.

“Nós podemos regenerar um corpo à vontade, que é a razão pela qual viste tão poucas crianças em Thiaoouba. Mas também podemos criar um corpo, como acabei de te explicar, e também reduzi-lo em tamanho. Não olhes para mim dessa maneira, Michel. Eu compreendo que seja difícil para ti assimilares isto tudo e acreditar naquilo que te digo, mas nós já te revelamos o suficiente para que possas saber que somos capazes de dominar a maioria dos fenómenos naturais.

“Jesus, que veio de Thiaoouba, foi levado por nós para o deserto, e tu sabes o que aconteceu a seguir. Ele sabia que iria encontrar numerosas dificuldades e que viria a ser crucificado. Ele sabia tudo, pois ele tinha “pré-visionado” connosco a sua vida, mas ele fê-lo como um corpo Astral dentro de um corpo físico.

“Ele lembrava-se, tal como tu te lembras e irás sempre lembrar da tua viagem a Mu e dos vislumbres das tuas vidas passadas.

As visões, repito, vistas por corpos Astrais em corpos físicos não são apagadas da mesma forma que o são quando tidas pelos corpos Astrais com os Eu-Superiores. Assim, ele sabia tudo e sabia exactamente o que fazer. Claro que, ele tinha o poder para ressuscitar os mortos, curar os cegos e os surdos e, quando foi crucificado e morto, nós estávamos lá para o levar dali e o ressuscitar-mos. Nós desviamos a pedra do túmulo, rapidamente o levamos para a nossa nave espacial que estava

⁶³ A explicação do fascinante testemunho de Aomori, pode ser consultada no anexo 1 deste livro e encontra-se também publicada na Internet, no endereço: <http://www.thiaoouba.com/tumulo.htm> - (N.T. baseada nos comentários do Editor Inglês)

posicionada ali perto e, aí, regeneramo-lo. No momento certo, ele apareceu novamente, provando assim a sua imortalidade, mostrando que havia, verdadeiramente, vida para além da morte, e restaurando a esperança às pessoas persuadindo-as que elas pertenciam mesmo ao Criador e que *cada um de nós* possui uma centelha da *Sua divindade*.”

“Então, todos os seus milagres foram feitos de forma a provar que aquilo que ele pregava era verdade?”

“Sim, porque os Hebreus e os Romanos nunca o teriam acreditado se ele não se tivesse provado a si mesmo. Houve um excelente exemplo da força do cepticismo entre as pessoas da Terra relativamente à Mortalha de Torino. Apesar de milhões acreditarem na próxima vinda de Jesus e praticarem, mais ou menos, religiões cristãs, eles estavam ansiosos por saber os resultados da pesquisa dos especialistas, sobre se a Mortalha tinha ou não coberto Cristo após a sua “morte”.

Tu agora sabes a resposta a isto. No entanto, as pessoas procuram provas e mais provas, e ainda mais provas, pois a dúvida ainda persiste nas suas mentes. Buda, um Terrestre, que adquiriu o seu conhecimento através do seu próprio estudo, não disse, como os teus semelhantes fazem: “Eu acredito”, mas em vez disso, “*Eu sei*”. A fé nunca é perfeita mas o conhecimento sim.

“Quando regressares à Terra e contares a tua história, a primeira coisa que te será pedida é uma prova. Se nós te fossemos dar, por exemplo, um bocado de metal que não exista na Terra, haveria sempre um, entre os especialistas que o analisariam, que insistiria que tu provasses que o metal não foi criado por um ardiloso alquimista do teu conhecimento - ou coisa parecida.”

“Vocês vão-me dar algo como prova?”

Michel, não me desapontes. Tu não terás prova material, precisamente pelas razões que acabei de descrever - *não valeria a pena*.

“A fé não é nada em comparação com o conhecimento. Buda “sabia” e quando tu regressares à Terra, também irás ser capaz de dizer “*Eu sei*”.

“Há uma história bem conhecida da dúvida de Tomé que queria tocar as feridas de Cristo, pois, vendo-as com os seus próprios olhos não ficou suficientemente convencido; e mesmo assim, quando as tocou, ainda ficou na dúvida. Ele suspeitou que era algum tipo de truque mágico. Vocês não sabem nada da natureza no vosso planeta, Michel, e, tão depressa quanto ocorra algo que esteja um pouco para lá da vossa compreensão, todos afirmam que é magia. Levitação = magia; invisibilidade = magia e no entanto nós estamos apenas a aplicar leis naturais. Em vez disso deveriam dizer, levitação = conhecimento e invisibilidade = conhecimento.

“Assim, Cristo foi enviado à Terra para pregar o amor e a espiritualidade. Ele teve de se debater com pessoas que não eram grandemente evoluídas, falando-lhes por parábolas. Quando ele virou as mesas dos comerciantes no templo, zangado pela primeira e única vez, ele estava a fazer uma afirmação contra o dinheiro.

“A sua missão era a de transmitir uma mensagem de amor e bondade - “*amem-se uns aos outros*” e também para esclarecer as pessoas relativamente à reencarnação dos corpos astrais e imortalidade. Isto foi tudo destorcido pelos padres nos tempos que se seguiram e numerosas discordâncias levaram ao surgimento de muitas seitas que reivindicavam seguir os ensinamentos de Cristo.

“Ao longo dos séculos, os Cristãos mataram em nome de Deus. A inquisição foi um bom exemplo, e os Católicos Espanhóis no México comportaram-se pior do que as tribos mais selvagens, tudo em nome de Deus e Cristo.

“As religiões são uma verdadeira praga no vosso planeta - tal como disse e provei. Relativamente às novas seitas que estão a propagar e a florescer por todo o mundo, são baseadas no controle por lavagem cerebral. É aterrador ver jovens sãos de corpo e espírito, atirarem-se aos pés de charlatães que se auto-intitulam Gurus e grandes mestres, quando estes últimos de mestres, apenas o são em duas coisas - falar e juntar somas fabulosas de dinheiro. Isto, claro, dá-lhes poder e um enorme orgulho de se verem a si mesmos a dominar multidões inteiras de pessoas que se submetem a eles, de corpo e alma. Não há muito tempo, ouve até um líder que pediu aos seus seguidores que cometessem suicídio, e eles obedeceram. Uma vez que na Terra eles adoram “provas”, aí está uma excelente para lhes dar: A Lei Universal proíbe o suicídio - Se este “mestre” fosse genuíno, ele tê-lo-ia *sabido*. Ao pedir o sacrifício deles, ele deu a *maior prova* da sua ignorância.

“As seitas e religiões são uma praga na Terra e quando vês o Papa pôr de lado milhões de francos ou dólares para as suas viagens, quando poderia contentar-se com muito menos, e usar o dinheiro disponível para ajudar países que sofrem com a fome, não me consegues persuadir de que é a palavra de Cristo que dirige tais acções.

“Há uma passagem na Bíblia que diz: “É mais fácil para um camelo passar através de uma agulha do que um homem rico entrar no paraíso.”

O Vaticano é certamente a igreja mais rica no vosso planeta, e no entanto os padres fizeram votos de pobreza. Eles não têm medo de serem amaldiçoados, (e no entanto eles acreditam na maldição), porque dizem que é a igreja que é rica, não eles. Isto é na verdade apenas um jogo de palavras visto que eles são a Igreja. É como o filho de um multi-milionário reclamando que não é rico - apenas o seu pai o é.

“A Igreja não distorceu a passagem na Bíblia relativa à riqueza. Mas eles usaram isso em seu proveito, pois não será preferível que o rico se torne pobre para lucro da Igreja?

“As gerações jovens na Terra estão no processo de exame de consciência. Eles chegaram a um ponto de viragem - levados até aí por acontecimentos e eu sei que se sentem sós, mais do que qualquer outra geração jovem antes deles. Não é juntando-se a seitas ou grupos religiosos que eles se vão libertar da sua solidão.

Se quiseres “elevar-te” a ti mesmo, primeiro tens de meditar e depois de concentrar, o que é diferente, apesar dos dois serem frequentemente confundidos. Tu não precisas de ir a nenhum lugar especial, pois o maior e mais belo templo do homem é *dentro* de si mesmo. Aí ele pode entrar em comunicação com o seu Eu Superior, por concentração; pedindo ao seu Eu Superior para o ajudar a ultrapassar as suas dificuldades Terrenas, materiais. Mas certas pessoas precisam de comunicar com outros seres humanos, como eles mesmo, e eles podem-se encontrar para este propósito. Aqueles que forem mais experientes, irão ser capazes de dar conselho, mas ninguém deveria alguma vez adoptar a posição de *mestre*.

“O Mestre veio há 2000 anos atrás - ou, em vez disso, talvez deva dizer “um dos mestres”, mas os homens crucificaram-no. No entanto, durante aproximadamente 300 dos vossos anos, a mensagem que ele trouxe consigo foi seguida. A partir daí, ela foi distorcida e agora, na Terra, vocês regressaram a um ponto que é pior do que aquele de há 2 000 anos atrás.

“A geração jovem de quem te falei há pouco, está a crescer no teu planeta e a perceber, a pouco e pouco, a verdade de muitas das coisas que aqui tenho estado a falar. Mas eles têm de aprender a olhar para *dentro* de si mesmos para obter as suas respostas. Eles não devem esperar que a ajuda venha até si de outro lado, ou eles irão ficar *desapontados*.”

Viagem extraordinária conhecendo “gente” extraordinária

Quando Thao parou de falar, pude ver claramente que a sua Aura tinha ficado mais baça. Lá fora, a chuva tinha parado, e o sol brilhava novamente entre enormes nuvens brancas, tingindo-as de azul e rosa.

As árvores, cujos ramos oscilavam com a brisa ligeira, pareciam refrescadas e milhares de arco-íris dançavam nas gotinhas de água, que se uniam às suas folhas. As doces canções dos pássaros, dando as boas vindas ao regresso do sol, misturavam-se com o suave som musical dos insectos e da luz.

Aquele momento foi o mais mágico que encontrara até então. Nenhum de nós quis falar e permitimos às nossas almas beber do conteúdo da beleza à nossa volta.

Foi o som do riso e vozes alegres que nos despertou do nosso pacífico estado. Voltando-me para trás, vi Biastra, Latoli e Lationusi a aproximarem-se, cada qual voando com a sua Tara.

Eles aterraram mesmo à frente dos dokos e entraram sem fazer barulho, com largos sorrisos a iluminar-lhes as faces. Nós levantamo-nos para os receber e trocaram-se saudações na linguagem de Thiaoouba. Eu ainda era capaz de compreender tudo o que era dito, apesar de não ser capaz de falar a língua. Isto não parecia importar, uma vez que eu tinha pouco a dizer, e, de qualquer forma, se eu falasse em Francês, aqueles que não pudessem compreender as minhas palavras, perceberiam a minha mensagem telepaticamente.

Uma vez refrescados com bebidas de hidromel, estávamos todos novamente prontos para sair. Coloquei a minha máscara e segui-os a todos para fora, onde Latoli se aproximou de mim e me colocou uma Tara à volta da minha cintura. A seguir, colocou um Litiolac na minha mão direita.

Eu estava bastante excitado com a perspectiva de vir a ser capaz de voar como um pássaro.

Desde o primeiro dia que aterrei neste planeta e vi pessoas a voar por este meio, que tinha sonhado em fazer o mesmo, mas, estava a acontecer tanta coisa tão rápido que, confesso, não esperava que surgisse a oportunidade.

“Latoli,” perguntei, “porque é que vocês usam a Tara e o Litiolac para voar, se quase todos vós são capazes de levitar?”

“A levitação requer grande concentração e bastante dispêndio de energia, Michel, mesmo para nós, e apenas nos permite viajar a sete quilómetros por hora. A levitação é usada durante certos exercícios psíquicos, mas é um fraco meio de transporte. Estes aparelhos baseiam-se no mesmo princípio de que a levitação, uma vez que neutralizam o que poderíamos chamar da “força magnética fria” do planeta. É a mesma força a que vocês chamam de gravidade e que mantém todos os corpos no chão.

“O homem, tal como um pedaço de rocha, é feito de matéria, mas, neutralizando a força magnética fria através do aumento de certas vibrações de alta-frequência, nós tornamo-nos “sem peso”.

Então, de forma a nos movermos e direccionarmos o nosso movimento, nós introduzimos vibrações de uma frequência diferente. Como podes ver, o aparelho que consegue fazer isto é, para nós, muito simples. Este mesmo princípio era usado pelos construtores das pirâmides de Mu, Atlântida e Egipto. Thao já te falou sobre isto, mas agora vais experimentar tu mesmo o efeito da anti-gravidade.”

“Que velocidade pode ser alcançada com estes aparelhos?”

“Com este em particular, podes viajar a cerca de 300 quilómetros por hora e a qualquer altitude que escolhas, mas está na hora de irmos andando - os outros estão à espera.”

“Achas que eu vou ser capaz de usar isto adequadamente?”

“Claro. Eu vou-te ensinar como, e tens de prestar especial atenção quando começares. Tu poderias ter um acidente grave se não seguires as minhas indicações à risca.”

Todos estavam a olhar para mim, no entanto, era Lationusi que parecia mais divertido com a minha ansiedade. Segurei firmemente o meu Litiolac na mão, com a tira de segurança presa no meu antebraço. Isto queria dizer que se eu largasse o Litiolac, ele permaneceria comigo.

A minha garganta estava seca. Devo dizer que não me estava a sentir muito confiante, mas Latoli veio até mim e pôs um braço à volta da minha cintura, assegurando-me não me soltaria até que eu estivesse familiarizado com o aparelho.

Ela também me explicou que não precisava de me preocupar com a Tara presa na minha cintura, mas que o Litiolac devia ser agarrado com firmeza. Primeiro, deve-se puxar firmemente um grande botão que tornava o aparelho funcional - um pouco como ligar a ignição num carro. Uma pequena luz apareceu indicando prontidão. A forma do Litiolac era parecida com uma pêra. Pegava-se nele com a base para baixo, e o seu topo terminava num “chapéu” em a forma de cogumelo, sem dúvida destinado a impedir que os dedos escorregassem. A “pêra” era agarrada à volta do seu “colar”.

Latoli explicou-me que este Litiolac tinha sido feito especialmente para mim, uma vez que as minhas mãos tinham cerca de metade do tamanho das delas e eu não teria sido capaz de usar um modelo standard. Além disso, é importante que o tamanho da “pêra” se adapte exactamente à mão que a segura. Era ligeiramente macia, como se fosse feita de borracha, e cheia de água.

Recebidas as instruções, agarrei o Litiolac com tanta força que Latoli apenas teve tempo de me agarrar antes de subirmos no ar.

Dé-mos um salto de uns bons três metros. Os outros estavam à nossa volta, parados no ar a uma altura de dois metros do chão e desataram a rir à gargalhada perante a surpresa de Latoli.

“Cuidado”, disse-lhe Thao, “Michel é um homem de acção. Se lhe puseres um aparelho nas mãos, ele irá usá-lo imediatamente!”

“Se pressionares o Litiolac como acabaste de fazer, com um pressão uniforme geral, irás subir verticalmente. Se a pressão for ligeiramente superior com os teus dedos, irás para a esquerda; com o teu polegar, irás para a direita. Se quiseres ir para baixo, ou alivias a pressão ou, para desceres mais rapidamente, podes pressionar a base com a tua mão esquerda.”

À medida que falava, Latoli fez com que eu praticasse os movimentos e eu ascendi a uma altitude de cinquenta metros quando ouvimos a voz de Thao. “Muito bem, Michel. Agora debes deixar que ele faça sozinho, Latoli. Ele já percebeu a ideia.”

Eu teria gostado que ela guardasse os seus pensamentos para si. Eu não partilhava de maneira nenhuma da mesma opinião e sentia-me muito mais confiante sob a “asa” protectora de Latoli - e este não é um jogo de palavras! Ela largou-me, todavia manteve-se por perto e à mesma altitude.

Afrouxei com suavidade a força com segurava o Litiolac e cessei a subida. Afrouxando ainda mais a pressão, comecei a descer; mais confiante, pressionei uniformemente à volta do “colar” e saí disparado para cima como uma seta - tão longe que os meus dedos gelaram e continuei a subir.

“Solta a tua mão, Michel. Solta a tua mão,” gritou Latoli que se juntou a mim num abrir e fechar de olhos.

Oh! Eu parei - ou quase, a uma altitude aproximada de 200 metros sobre o oceano, pois inadvertidamente tinha pressionado mais fortemente com o meu polegar “congelado”. Os outros juntaram-se-nos num encontro a 200 metros de altura.

Eu devia ter uma expressão facial estranha, pois até mesmo Lationusi desatou a rir às gargalhadas, e essa foi a primeira vez que o vi fazer isso.

“Suavemente, Michel. Este aparelho é muito sensível ao toque. Penso que agora podemos ir andando. Nós mostramos-te o caminho.”

Eles partiram vagarosamente, com Latoli ainda a meu lado. Mantivemos a mesma altitude. Pressionando com a palma da mão, eu avançava suavemente e em breve reparei que era capaz de acelerar à vontade, simplesmente regulando esta pressão no Litiolac. A pressão dos dedos regulava a altura e a direcção.

Ainda fiz alguns desvios inesperados, especialmente quando a minha atenção se distraiu por três imponentes personagens que cruzaram o nosso caminho. Ao passar, lançaram-me um olhar, obviamente muitíssimo espantados com a visão da minha pessoa.

Ao fim de algum tempo, que julguei ser de meia hora, eu comecei a dominar a máquina - pelo menos o suficiente para voar com sucesso sobre o oceano. Sem obstáculos para transpor, eu gradualmente ganhei velocidade e fui até capaz de voar em formação ao lado dos meus companheiros sem me desviar muito.

Era tão estimulante - eu jamais poderia imaginar semelhante sensação. Porque o equipamento criava uma espécie de campo de forças à minha volta, tornando-me sem peso, não havia sensação de estar suspenso, como há num balão; nem a sensação de ser carregado por asas. Além disso, estando completamente rodeado por este campo de forças, eu nem sequer sentia o vento a bater-me na cara. Eu tinha a sensação de ser fazer parte integral do ambiente, e quanto mais controle exercia sobre o aparelho, mais prazer ganhava com este novo meio de locomoção. Eu quis testar o meu controle e assim, desci ligeiramente, e subi novamente. Fiz isto algumas vezes, escolhendo ganhar ou perder altitude aos outros. Finalmente, movi-me para mais perto de Thao e telepaticamente comuniquéi-lhe a minha euforia, dando-lhe a conhecer a minha intenção de deslizar sobre o oceano, por baixo de nós, tão longe quanto o olhar alcançar.

Ela concordou e o grupo inteiro seguiu-me ao nível da água.

Era absolutamente fantástico ser capaz de voar sobre a crista das ondas a uma velocidade de aproximadamente 100 quilómetros por hora, como se fossemos deuses todo-poderosos, conquistadores da gravidade. De vez em quando, alguns reflexos prateados indicavam que estávamos a sobrevoar cardumes de peixes.

Eu, na minha excitação, não estava consciente do tempo, mas pareceu que a viagem tinha durado três karses.

Não importa em que direcção eu voltasse a cabeça, eu apenas conseguia ver a linha do horizonte. Então, de repente, Thao telepatizou: “Olha para ali, Michel.” Ao longe, na superfície da água, eu fui capaz de distinguir um ponto que cresceu rapidamente e se revelou ser uma ilha montanhosa de tamanho razoável.

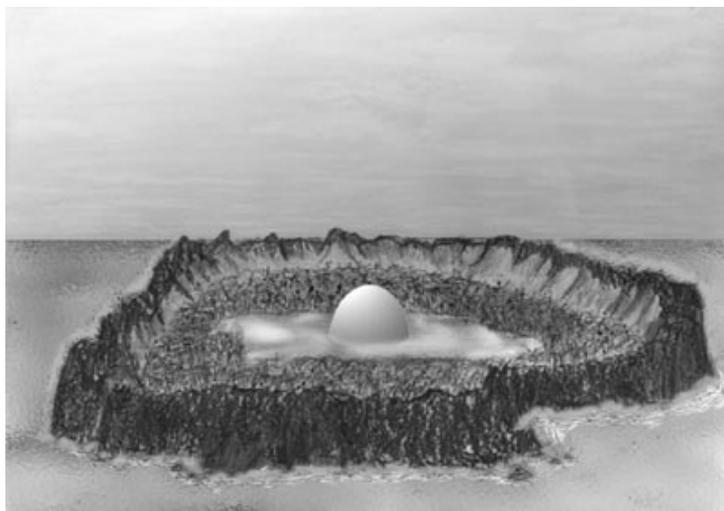


Figura 18 - O Doko dourado

Em breve conseguimos distinguir rochas enormes, de cor preto-azulado, que mergulhavam abruptamente nas águas azul-esverdeadas do oceano. Aumentando a altitude, obtivemos uma vista aérea de toda a ilha. Não haviam praias visíveis, as enormes rochas pretas proibiam o acesso a partir do oceano. As vagas quebrando na base daqueles volumes majestosos, eram iridescentes sob os raios solares, reflectindo cores cintilantes que contrastavam com o negro uniforme do basalto.

A meia distância dos cumes e viradas para o interior, cresciam florestas de árvores gigantescas, a sua folhagem estranhamente azul-escuro e ouro, e os seus troncos vermelho-sangue. Estas árvores cobriam íngremes declives mesmo até à margem de um lago verde-esmeralda. Em alguns locais, a superfície do lago era obscurecida por fios de névoa dourada.

No meio do lago, como se flutuasse na água, podíamos distinguir um enorme doko, com a ponta para cima. Mais tarde vim a saber que o seu diâmetro era de 560 metros.

O seu tamanho excepcional não era, no entanto, a sua única peculiaridade, a outra era a sua cor. Todos os dokos que eu vira até então em Thiaoouba, eram duma cor esbranquiçada - mesmo aqueles na cidade dos Nove dokos. Este, no entanto, parecia ser feita de ouro puro. Ali estava ele, brilhando ao sol e, apesar da sua forma bastante vulgar de ovo, a sua cor e tamanho tornavam-no majestoso. Algo mais me surpreendeu muitíssimo: *não haviam reflexos do doko nas águas do lago.*

Os meus companheiros levaram-me em direcção à cúpula do doko de ouro. Voamos devagar, ao nível da água e, desta perspectiva, aquilo ainda era mais impressionante. Ao contrário dos outros dokos, este não tinha nenhum ponto de referência para indicar a entrada. Segui Thao e Latoli que em breve desapareceram no interior.

Os outros dois estavam a meu lado, cada um deles agarrou-me por debaixo de um braço para que eu não caísse na água, pois, na minha surpresa, eu tinha largado o meu Litiolac. Eu fiquei perfeitamente impressionado com aquilo que vi.

Aqui está o que descobri no interior do doko:

eu podia ver cerca de duzentas pessoas flutuando no ar sem a ajuda de nenhum aparelho. Os corpos pareciam estar adormecidos ou em profunda meditação. O que estava mais próximo de nós flutuava a cerca de seis metros acima da água, pois dentro do doko, não havia chão. A secção inferior do “ovo” estava de facto dentro de

água. Como já expliquei anteriormente, uma vez dentro do doko consegue-se ver para o exterior, como se não houvesse nada entre nós e o mundo exterior. Assim, neste caso, eu tinha uma vista panorâmica do lago, das colinas e da floresta ao fundo e, próximo de mim e no meio desta “paisagem” flutuavam perto de duzentos corpos. Era absolutamente assombroso, como seria de esperar.

Os meus companheiros observavam-me em silêncio e, ao contrário de outras vezes em que o meu espanto os fazia rir, eles mantinham-se sérios.

Olhando os corpos mais de perto, comecei a notar que eram geralmente mais pequenos que os dos meus anfitriões e alguns tinham formas absolutamente extraordinárias - e por vezes mesmo monstruosas.

“Que estão eles a fazer?” Estão a meditar?” Sussurrei a Thao que estava a meu lado.

“Pega no teu Litiolac, Michel. Está suspenso no teu braço.”

Obedeci, e então ela respondeu às minhas questões. “Eles estão mortos. Estes são cadáveres.”

“Mortos? Desde quando? Morreram todos juntos? Houve algum desastre?”

“Alguns deles estão aqui há milhares de anos e o mais recente, creio, está aqui há sessenta horas. Penso que no teu presente estado de surpresa, não irás ser capaz de manobrar efectivamente o teu Litiolac. Latoli e eu vamos-te guiar.”

Cada uma delas segurou-me por baixo de um braço e começamos a vaguear por entre os corpos. Sem excepção, todos estavam completamente nus.

Entre eles, vi um homem sentado em posição de lótus. O seu cabelo era longo e de cor louro-avermelhado. Ele devia ter dois metros de altura se estivesse de pé. Tinha pele dourada e os seus traços eram notavelmente finos para um homem - e ele era, deveras, um homem em vez de hermafrodita.

Um pouco mais adiante jazia uma mulher, cuja pele era escamada como a de uma cobra, ou a casca duma árvore. Ela aparentava ser jovem, apesar do seu aspecto estranho tornar difícil avaliar a sua idade. A sua pele era de cor alaranjada e o seu cabelo curto e encaracolado era de cor verde.

No entanto, mais surpreendentes eram os seus seios. Que eram bastante grandes, mas cada um continha dois mamilos, separados dez centímetros um do outro. Ela devia ter perto de 180 centímetros de altura. As suas coxas eram finas e musculadas, e as suas panturrilhas⁶⁴ eram bastante curtas. Em cada pé tinha três enormes dedos, mas as suas mãos eram exactamente como as nossas.

Passamos de um para o outro, por vezes parando, noutras seguindo em frente - como faríamos num museu de figuras de cera.

Os olhos e bocas destas pessoas estavam fechados, e todos ocupavam uma de duas posições - sentados em posição de lótus, ou deitados sobre as costas com os braços ao longo do corpo.

“De onde vêm eles?”, murmurei.

“De vários planetas.”

⁶⁴ panturrilha - nome dado à barriga da perna - (N.T.)

Passamos algum tempo diante do corpo de um homem, aparentemente no auge da sua "vida". Ele tinha cabelo castanho claro que era longo e encaracolado. As suas mãos e pés eram como os meus. A sua pele era de uma tez familiar - como de alguém da Terra. Em altura, ele devia ter perto de 180 centímetros. O seu rosto era suave, de traços nobres e havia uma ligeira barbicha no seu queixo.

Virei-me para Thao cujos olhos estavam fixos nos meus. "Poder-se-ia dizer que ele veio da Terra", disse eu.

"Em certo sentido ele veio, mas noutro, não. Tu conhece-lo bem, tendo ouvido falar dele."

Intrigado examinei mais atentamente o seu rosto, até que, telepaticamente, Thao disse, "Olha para as suas mãos e pés, e também para o seu lado."

Thao e Latoli levaram-me mais perto do corpo e eu pude ver claramente as cicatrizes nos seus pés e pulsos⁶⁵.

"O quê é que lhe aconteceu?"

"Ele foi crucificado, Michel. Este é o *corpo* de Cristo, de quem te falei esta manhã."

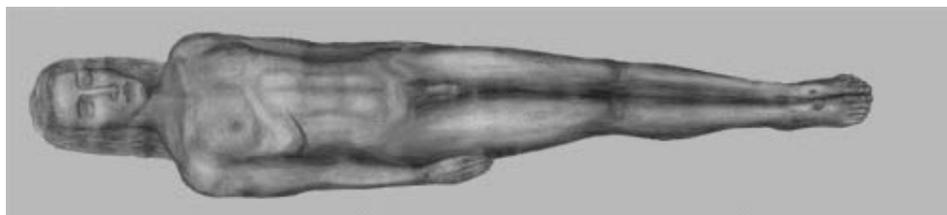


Figura 19 - dentro do doko dourado : O corpo de Cristo em Thiaoouba

Felizmente que as minhas anfitriãs tinham antecipado as minhas reacções e seguraram-me por baixo dos braços, pois estou convencido que eu teria sido incapaz de manobrar o meu Litiolac.

Ali estava eu - olhando o corpo de Cristo, adorado e falado por tantos na Terra - o homem que tinha sido matéria de tanta controvérsia e tanta pesquisa durante os últimos 2000 anos.

Aproximei-me para tocar o corpo, mas fui impedido de o fazer pelas minhas companheiras, que me afastaram dali.

"Tu não te chamas Tomé. Porque é que tens de o tocar? Há alguma dúvida na tua mente?" disse Thao. "Estás a ver, tu confirmas o que eu estava a dizer esta manhã - tu procuras provas."

Senti-me terrivelmente envergonhado por ter iniciado o meu gesto, e Thao percebeu o meu arrependimento.

"Eu sei, Michel, foi um acto instintivo e eu compreendo-o. De qualquer forma, tu não podes tocar estes corpos - ninguém pode, para além de um dos sete Thaori. De

⁶⁵ os quadros e esculturas religiosas retratam a crucificação de forma a que as palmas das mãos são pregadas à cruz. No entanto, e de acordo com a anatomia humana, os tecidos moles entre as mãos não são suficientemente fortes para suportar o peso de um corpo na cruz. Os pregos simplesmente escorregariam entre os dedos. Por contraste, pregos através dos pulsos humanos são fixos entre os ossos e dão um suporte bastante mais forte - (Nota do Editor Inglês)

facto, são os Thaori que colocam os corpos num estado de levitação e preservação, como os vês, e apenas eles são capazes e o fazer.”

“Estes são os corpos verdadeiros que eles usaram durante as suas vidas?”

“Claro.”

“Mas como é que eles são preservados? Quantos é que existem e porquê?”

“Recordas-te de eu te ter dito, quando te trouxemos do teu planeta, que iriam haver questões que irias fazer e para as quais nós não daríamos respostas? Eu então expliquei, que tu tens de aprender tudo o que precisas de saber, mas há certas coisas que permanecerão um “mistério” porque tu não podes documentar certos aspectos. A questão que acabaste de colocar não pode ser respondida por esta mesma razão. No entanto, posso-te dizer que há 147 corpos neste doko.”

Eu sabia que iria ser em vão perguntar mais, mas à medida que vagueava-mos pelos corpos, fiz outra pergunta.

“Vocês também têm o corpo de Moisés? E porque é que estão todos em levitação neste doko sem um chão sólido?”

“Do vosso planeta apenas temos o corpo de Cristo. Eles são postos em levitação de forma a serem perfeitamente preservados, e as propriedades peculiares das águas deste lago ajudam a esta preservação.”

“Quem são todos os outros?”

“Eles vêm de vários planetas e todos eles tiveram um papel muito importante a desempenhar.”

Recordo-me bem de um dos corpos. Tinha cerca de cinquenta centímetros de altura e tinha a forma exacta de um ser da Terra excepto que era amarelo escuro e não tinha olhos. Em vez disso tinha uma espécie de chifre no meio da testa. Perguntei como é que ele podia ver e foi-me dito que haviam dois olhos no fim da protuberância, multi-facetados com os olhos de uma mosca. Eu pude ver uma pálpebra fechada com várias fendas.

“A natureza é muito estranha,” Murmurei eu.

“Como te disse, cada corpo que aqui vês, provém de um planeta diferente, e são as condições em que eles têm de viver que determinam os detalhes dos corpos físicos dos seus habitantes.”

“Eu não vejo ninguém parecido com Arki.”

“Nem irás ver.”

Não sei porquê, mas “senti” que não deveria insistir mais neste tópico.

Através desta macabra visita, vi corpos que pareciam Índios Americanos de pele vermelha - mas não o eram. Vi outros como os pretos Africanos, mas não o eram; nem era o corpo de um Japonês que vi a flutuar no ar. Como Thao disse, Cristo era aqui o único corpo que veio, por assim dizer, da Terra.

Ao fim de um período de tempo indeterminado neste extraordinário e fascinante lugar, os meus guias levaram-me para fora. Uma brisa suavemente perfumada carregando o odor da floresta acariciou-nos e fez-me muito bem, após semelhante visita e apesar de ter sido extremamente interessante, eu sentia-me agora bastante cansado. Thao, claro, apercebeu-se disso e disse, numa voz vigorosa, “Estás pronto, Michel?” Vamos para casa.”

Estas palavras, faladas intencionalmente em Francês e com uma entoação distintamente “Terrestre”, refrescaram-me pelo menos tanto como a brisa do entardecer. Segurando o meu Litiolac, elevei-me no ar com os outros.

Voamos sobre a floresta gigante que subia a encosta rochosa da montanha. No seu cume, pude novamente admirar o oceano que se estendia tão longe quanto a vista alcançava. A seguir a uma tarde macabra, e em contraste com isto, achei o planeta ainda mais belo. Lembro-me de me ter ocorrido novamente, por um instante, que talvez isto fosse tudo um sonho ou uma ilusão, talvez a minha mente me estivesse a pregar partidas?

No entanto, como sempre, Thao estava alerta e interveio com uma ordem pontual que ressoou telepaticamente na minha cabeça como o estalido de um chicote, dissipando as minhas vagas dúvidas: “Se não pressionares o teu Litiolac, Michel, vais acabar tomando um banho e, se não nos apressarmos, a noite vai-nos alcançar. Isto pode ser um pouco inconveniente para ti, não achas?”

De facto, perdido nos meus pensamentos, eu tinha descido e quase tocado nas ondas. Pressionei firmemente o meu Litiolac e saí disparado para cima como uma seta, juntando-me a Thao e aos outros que iam alto no céu.

O sol estava já bastante baixo e o céu totalmente limpo. O oceano tinha-se tornado cor de laranja, o que era surpreendente. Eu nunca teria imaginado que na água pudesse aparecer tal tonalidade. Questionando sobre aquilo, foi-me telepaticamente explicado que, por vezes, a esta hora do dia, imensas porções de plâncton cor laranja emergiam até à superfície. Estas águas pareciam conter enormes quantidades de plâncton. Mas que visão era: o céu era verde-azul, o mar era laranja, e tudo envolvido numa luz dourada que, neste planeta, parecia vir de todo o lado.

Repentinamente, os meus companheiros ganharam altitude e eu segui-os. Estávamos a cerca de mil metros acima do mar e aceleramos na direcção que tínhamos vindo - a cerca de 300 quilómetros por hora.

Olhando na direcção do sol poente pude distinguir uma longa banda preta à superfície da água. Eu não tive de perguntar sobre aquilo - a resposta veio rapidamente.

“É *Nuroaka* um dos continentes. É tão grande como a Ásia inteira.”

“Vamos visitá-lo? Perguntei.

Thao não respondeu, o que me surpreendeu bastante. Era a primeira vez que ela tinha ignorado uma pergunta minha. Pensei que talvez os meus poderes telepáticos não tivessem sido suficientes e, assim, coloquei a questão de novo, em Francês, elevando a minha voz ao fazê-lo.

“Olha para ali,” disse ela.

Virando a cabeça, vi uma verdadeira nuvem de pássaros de todas as cores, quase a atravessar-se no nosso caminho. Receando a colisão com eles, desci algumas centenas de metros. Eles passaram por mim a uma velocidade incrível - mas eram eles que viajavam tão rápido, ou nós? Pensei que talvez fossem as nossas velocidades combinadas que os fez desaparecer tão rapidamente, mas então, algo me surpreendeu verdadeiramente.

Olhando para cima, vi que Thao e os outros não tinham mudado de altitude. Como é que eles não tinham colidido com o esquadrão alado? Olhando de relance para Thao, percebi que ela seguia os meus pensamentos - e ocorreu-me que os pássaros tinham aparecido numa ocasião bastante oportuna - justamente quando coloquei a minha questão.

Acostumado a Thao, eu sabia que ela devia ter razões para me “ignorar” e deixei o assunto ficar por ali. Em vez disso, decidi aproveitar esta oportunidade de voar sem asas e deixei-me intoxicar pelas cores à minha volta, que mudaram gradualmente à medida que o sol mergulhava em direcção ao horizonte.

Os tons de pastel que enchiam o céu tinham uma majestade verdadeiramente indescritível pela minha caneta. Pensei que já tinha testemunhado todas as sinfonias de cores possíveis neste planeta e no entanto, estava enganado. A partir da nossa altitude, o efeito das cores no céu, contrastavam por vezes com aquelas do oceano, e por outras complementando-as perfeitamente, era espectacular. Que incrível que foi que a natureza pudesse coordenar semelhante variação de cores, sempre a mudar, sempre bonitas... Senti outra vez o começo da “embriaguez” que previamente me tinha levado a desmaiar, e recebi a ordem, clara e breve:

“Fecha imediatamente os olhos, Michel.”

Obedeci, e a sensação de embriaguez dissipou-se. No entanto, não é muito fácil pilotar um Litiolac e manter formação com os olhos fechados - especialmente quando se é novato nestas andanças. Inevitavelmente, desviei-me para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo.

Outra ordem foi-me dada, desta vez menos urgente: “Olha para as costas de Lationusi, Michel. Não tires os olhos dele e observa as suas asas.”

Abri os meus olhos e vi Lationusi à minha frente. Estranhamente, não me surpreendeu de todo que nele tenham surgido asas pretas e fixei nelas toda a minha concentração. Passado algum tempo, Thao aproximou-se de mim, dizendo em Francês. “Estamos quase lá, Michel, Segue-nos.”

Também achei igualmente natural que Lationusi tivesse agora perdido as suas asas. Segui o grupo para baixo em direcção ao oceano, onde pudemos distinguir, como uma jóia numa colorida toalha de mesa, a ilha onde ficava situado o meu doko. Aproximamo-nos rapidamente no meio duma fantástica labareda de cor à medida que o sol mergulhava nas ondas. Eu tive de me apressar até ao meu doko. A “embriaguez”, causada pela beleza das cores, ameaçou apoderar-se de mim outra vez, e fui obrigado a fechar parcialmente os olhos. Voávamos agora ao nível do mar e, pouco depois, cruzamos a praia e mergulhamos na folhagem que rodeava o meu doko. No entanto, a minha aterragem foi mal sucedida, e encontrei-me dentro do doko, com uma perna de cada lado num assento.

Latoli apareceu imediatamente a meu lado. Ela premiu o botão do meu Litiolac, perguntando-me se estava bem.

“Sim, mas aquelas cores!” Gaguejei.

Ninguém riu do meu pequeno incidente e todos pareciam um pouco tristes. Era tão pouco habitual neles que eu fiquei bastante desconcertado por isso. Sentamo-nos todos e tomamos hidromel e pratos de comida vermelha e verde.

Eu não estava com muita fome. Tinha tirado a minha máscara e estava-me a sentir novamente como eu mesmo. A noite caiu rapidamente, como acontece em Thiaoouba e sentamo-nos na escuridão. Lembro-me de pensar sobre o facto de, enquanto que eu mal podia distinguir cada um deles, eles podiam ver-me tão facilmente como se fosse dia.

Ninguém falou, estávamos sentados em silêncio. Olhando para cima, pude ver as estrelas aparecerem uma a uma, brilhando coloridamente como se um espectáculo de fogo de artifício tivesse “congelado” no céu. Em Thiaoouba, porque as camadas de gases na atmosfera diferem das nossas, as estrelas parecem se coloridas e também muito maiores do que a nós na Terra.

De repente, quebrei o silêncio perguntando, muito naturalmente, “onde está a Terra?”

Como se o grupo tivesse estado simplesmente à espera desta questão, todos se levantaram ao mesmo tempo. Latoli tomou-me nos braços como a uma criança e fomos para fora. Os outros precederam-nos e seguimos o caminho largo que dava para a praia. Ali, na areia húmida da praia, Latoli sentou-me.

A cada minuto que passava, o firmamento era iluminado por mais estrelas como se uma mão gigante estivesse a acender um candelabro.

Thao aproximou-se de mim e quase sussurrou numa voz que era triste e que eu quase não podia reconhecer como sendo dela: “estás a ver aquelas quatro estrelas, Michel, mesmo por cima do horizonte? Elas formam quase um quadrado. A que está em cima à direita é verde e mais brilhante do que as outras.”

“Sim, penso que é aquela - sim, formam um quadrado - a verde, sim.”

“Agora vai para a direita do quadrado e ligeiramente mais acima. Irás ver duas estrelas vermelhas bastante próximas.”

“Sim.”

“Mantém os olhos na da direita e vai só um pouquinho mais acima. Consegues ver uma estrela branca pequenina? Ela mal é visível.”

“Eu penso que... sim.”

“E à sua esquerda um pouco mais acima está uma pequenina amarela.”

“Sim, é verdade.”

“Esta pequenina branca é o sol que ilumina o planeta Terra.”

“Então, onde está a Terra?”

“Invisível daqui, Michel.

Estamos demasiado longe.”

Eu ali permaneci, olhando aquela minúscula estrela que parecia tão insignificante num céu cheio de jóias grandes e coloridas. No entanto, aquela minúscula estrela, estava possivelmente naquele mesmo momento a aquecer a minha família e a minha casa, fazendo as plantas germinar e crescer...

“A minha família” - as palavras pareceram-me tão estranhas. “Austrália” - desta perspectiva tive dificuldade em imaginar que era a maior ilha no meu planeta, especialmente quando mesmo a terra era invisível a olho nu. Sim, tinham-me dito que pertenciamos à mesma galáxia, e o Universo englobava milhares de galáxias.

Que éramos nós, pobres corpos humanos? Dificilmente pouco mais do que um átomo.

Regressando a “casa”

As folhas de ferro galvanizado no telhado rangiam sob os ardentes raios do sol, e mesmo na varanda, o calor é quase insuportável. Eu observava o delicioso jogo de luz e sombra e ouvia a melodia dos pássaros à medida que se perseguiam uns aos outros atravessando um céu azul claro - e, estou triste.

Acabei de colocar o ponto final no décimo segundo capítulo deste livro que me foi pedido escrever. A tarefa não foi fácil. Muitas vezes os detalhes escapavam-me e eu passava horas a tentar lembrar certas coisas que Thao me tinha dito, particularmente as coisas que ela queria que eu escrevesse. Então, no momento em que eu já estava totalmente exasperado, tudo me voltava à memória - cada detalhe, como se uma voz me estivesse a ditar as palavras ao ouvido, e eu escreveria tanto até ter câibras na mão. Durante períodos de cerca de três horas, por vezes mais, outras vezes menos, as imagens acumulavam-se na minha cabeça.

Enquanto escrevia o livro, com as palavras tropeçando umas sobre as outras na minha mente, desejava com frequência ter prendido estenografia - e agora, essa estranha sensação está novamente de volta.

“Estás aí, Thao?” Perguntava eu, sem nunca obter uma resposta. “É um de vós? Thao? Biastra? Latoli? Lationusi? Peço-vos que me dêem um sinal, um som. Por favor respondam!”

“Chamaste-me?”

Eu tinha falado alto e a minha mulher veio a correr. Ela parou à minha frente, olhando-me com atenção.

“Não.”

“Tu estás a fazer isto periodicamente, não estás - a falar sózinho? Eu ficarei grata quando esse livro estiver acabado e quando tu “regressares à Terra,” literalmente!”

Ela saiu. Pobre Lina. Certamente que não tinha sido fácil para ela, nestes últimos meses. Com é que teria sido para ela? Ela acordou uma manhã e encontrou-me estirado no sofá, mortalmente pálido, com dificuldade em respirar e querendo desesperadamente dormir. Perguntei-lhe se ela tinha visto a minha nota.

“Sim,” disse ela, “mas onde é que estiveste?”

“Eu sei que irás achar isto difícil de acreditar, mas fui levado por extra-terrestres que me trouxeram até ao seu planeta.

Eu irei contar-te tudo, mas por agora, por favor, deixa-me apenas dormir o maior tempo possível. Eu vou agora para a cama - apenas me deitei aqui para não te acordar.”

“O teu cansaço não é, suponho, devido a outras razões?” O seu tom de voz trazia um travo agriado e eu podia sentir a sua preocupação. No entanto, ela deixou-me

dormir e passaram-se umas boas trinta e seis horas até eu abrir os olhos. Acordei, encontrando Lina inclinada sobre mim, com aquele ar ansioso de quem olha alguém gravemente doente.

“Como é que estás?” perguntou ela. “Estava quase a chamar o médico. Eu não te conhecia a dormir durante tanto tempo sem te mexeres uma única vez - e no entanto tu estiveste a sonhar e a falar alto durante o sono. Quem é o “Arki” ou “Aki” que mencionaste? E “Thao”? Podes-me dizer?”

Sorri para ela e beijei-a. “Vou-te contar tudo.” Ocorreu-me então, que milhares de maridos e esposas devem dizer esta mesma frase, sem ter qualquer intenção de explicar “tudo”. Desejei ter dito algo um pouco menos vulgar e comum.

“Sim, estou a ouvir.”

“Bom, e tu deves ouvir com cuidado, pois o que tenho a dizer é sério - *muito* sério. Mas não quero contar a mesma história duas vezes. Chama o nosso filho, assim poderei contar a ambos.”

Três horas mais tarde, tinha acabado de relatar a extraordinária aventura que tivera. Lina, que é o membro da família menos crédulo nestes assuntos, tinha detectado, por certas expressões e entoações da minha voz, que algo de verdadeiramente sério me tinha sucedido. Quando se vivem vinte e sete anos com a mesma pessoa, certas coisas não podem ser mal entendidas.

Eu fui assediado de perguntas, especialmente pelo meu filho, pois ele sempre tinha acreditado na existência de outros planetas habitados por seres inteligentes.

“Tens provas?” perguntou Lina. Lembrei-me das palavras de Thao - “Eles procuram provas, Michel, e sempre mais provas.” Fiquei um pouco desapontado que a questão viesse da minha própria mulher.

“Não, nenhuma, mas quando leres o livro que vou escrever, irás saber que digo a verdade. Tu não terás de “acreditar” - tu irás *saber*.”

“Consegues-me imaginar a dizer às minhas amigas: “O meu marido acabou de regressar do planeta Thiaoouba?””

Pedi-lhe para não mencionar o assunto a ninguém, uma vez que as minhas ordens não eram para falar, mas para primeiro escrever. Pensei que seria melhor assim, de qualquer forma, porque as palavras podem perder-se na brisa, enquanto que o que está escrito, permanece.

Passaram-se dias e meses e agora o livro estava terminado. Tudo o que falta fazer é publicá-lo. Sobre este assunto, Thao assegurou-me que iriam haver alguns problemas. Esta foi a resposta a uma pergunta que tinha colocado na nave espacial, durante o nosso regresso à Terra.

A “nave espacial” - quantas coisas aquela palavra me trazia à mente. Naquela última noite, na praia, Thao tinha-me apontado a minúscula estrela que é o sol que agora me faz transpirar. Nós tínhamos então ido na plataforma voadora e dirigimo-nos para a base espacial - rapidamente e sem que uma palavra fosse proferida. Aguardava-nos uma nave espacial, preparada para partida imediata. Durante a nossa breve viagem para a base, tinha observado na escuridão, que as Auras dos meus companheiros não brilhavam tão intensamente como era hábito. As cores eram mais reduzidas e estavam mais junto dos seus corpos. Isto surpreendeu-me, mas não disse nada.

Quando abordamos a nave, assumi que íamos numa viagem, talvez numa missão específica, a um planeta vizinho. Thao não me tinha dito nada.

A nossa partida decorreu de acordo com os procedimentos normais e passou-se sem ocorrências de maior. Observava enquanto o planeta dourado se tornava rapidamente mais pequeno, presumindo que iria regressar dentro de algumas horas - ou talvez no próximo dia. Passaram-se algumas horas, até que Thao finalmente se me dirigiu novamente.

“Michel, eu sei que reparaste na nossa tristeza.

Ela é muito real, pois certas despedidas são mais tristes do que outras. Os meus companheiros e eu tornamo-nos muito ligados a ti e, se estamos tristes, é porque no final desta viagem, nos vamos ter de separar. Nós estamos a levar-te de volta ao teu planeta.”

Senti novamente um nó no estômago.

“Espero que não fiques ressentido por termos partido tão rapidamente. Fizemos assim, para te poupar os remorsos que sempre se têm quando se deixa um local de que se gosta - e eu sei que tu gostas muitíssimo do nosso planeta e da nossa companhia. Seria difícil não pensar, “esta é a minha última noite” ou “esta é a última vez que vou ver isto ou aquilo”.”

Olhei para baixo, absolutamente sem nada para dizer. Sentamo-nos juntos em silêncio durante algum tempo. Sentia-me pesado, como se os meus membros e órgãos estivessem sobrecarregados. Virei lentamente a cabeça na direcção de Thao, olhando para ela sub-repticiamente. Ela pareceu ainda mais triste e algo de diferente faltava. De repente, soube-o - era a sua Aura.

“Thao, o que é que me está a acontecer? Já não consigo ver a tua Aura.”

“É normal, Michel. Os grandes Thaori deram-te dois dons - a possibilidade de veres Auras e perceberes linguagens, para que te servissem de instrumentos na tua aprendizagem, mas apenas durante um tempo limitado.

“Este tempo acabou de passar, mas não fiques triste por isso; apesar de tudo, estes eram dons que tu não tinhas quando te juntaste a nós pela primeira vez. O que tu levas contigo é conhecimento, do qual tu e milhões de semelhantes teus, podem tirar benefício.

“Não é isso mais importante do que compreender linguagens ou ser capaz de ver Auras quando não fores capaz de as ler? Afinal de contas, é a leitura das Auras que conta - e não a sua percepção.”

Aceitei o seu raciocínio, mas, não obstante, estava desapontado pois tinha-me rapidamente habituado ao esplendor à volta destas pessoas.

“Não tenhas pena, Michel,” disse Thao lendo-me os pensamentos. “No teu planeta, a maioria das pessoas não tem auras radiantes - longe disso. Os pensamentos e preocupações de milhões de Terrestres são tão proximamente relacionados com assuntos materiais, que as suas Auras são bastante apagadas e tu irias ficar desapontado.”

Olhei-a com atenção, bem consciente de que em breve já não a voltaria a ver. Apesar do seu enorme tamanho, ela era tão bem proporcionada; o seu rosto agradavelmente belo não tinha uma ruga; a sua boca, o nariz, as sobrancelhas - tudo era perfeito. De repente, a pergunta que tinha estado há tanto tempo a fermentar no meu sub-consciente saltou-me à mente quase involuntariamente.

“Thao, há alguma razão para todos vós serem hermafroditas?”

“Sim, e é importante, Michel. Fiquei surpresa por não teres feito essa pergunta mais cedo.

“Repara, nós existimos num planeta superior, tudo o que temos que é material, também é superior, como viste por ti mesmo. Os nossos vários corpos, incluindo o corpo físico, também têm de ser superiores, e a este respeito, nós progredimos tão longe quanto é possível progredir. Nós podemos regenerar os nossos corpos, e evitar que morram, ressuscitá-los e até mesmo, por vezes, criá-los. Mas num corpo físico, há outros corpos, como o astral - aliás efectivamente, há nove no total. Aqueles que nos interessam no momento são o corpo fluídico e o corpo fisiológico. O corpo fluídico influencia o corpo fisiológico que, por sua vez, influencia o corpo físico.

“No corpo fluídico possuis seis pontos principais a que nós chamamos Karolas e que os ióguis⁶⁶ no vosso planeta chamam Chakras. O primeiro Chakra é o que está situado entre os teus dois olhos, apenas a centímetro e meio acima do teu nariz. É o “cérebro” do teu corpo fluídico, se quiseres; corresponde à glândula pineal, que está localizada muito mais atrás no teu cérebro físico mas exactamente ao mesmo nível.

Foi colocando um dedo neste Chakra que um dos Thaori foi capaz de libertar em ti o dom da compreensão das línguas.

“Ora, no fim do teu corpo fluídico e justamente acima dos órgãos sexuais, encontra-se um Chakra muito importante, aquele que nós chamamos de Mouladhara⁶⁷, e que os vossos ióguis chamam de Sacro⁶⁸. Acima deste Chakra, e junto da coluna vertebral, está o Palantius⁶⁹.

“Tem a forma duma mola enrolada e apenas chega à base da coluna vertebral quando está relaxado.

“Para ele ficar relaxado, requer a realização do acto sexual entre um casal que não apenas se ame, como também tenha afinidade espiritual entre si. Apenas nesse momento e nessas circunstâncias o Palantius se estende até à coluna vertebral, transferindo uma energia e dons especiais para o corpo fisiológico que por sua vez afecta o corpo físico. A pessoa em questão irá sentir uma felicidade na satisfação sexual que é muito superior ao normal.

“Quando, no teu planeta, ouvires expressões semelhantes entre pessoas que se amam muito como: “estivemos no sétimo céu”, “sentimos luz”, ou “estivemos a fluir no ar”, podes ter a certeza que os casais estiveram em união física e espiritual e “foram feitos um para o outro” - pelo menos durante algum tempo.

“Certos Tântricos⁷⁰ na Terra chegaram a este ponto, mas não é muito vulgar entre eles, pois as suas religiões, com os seus rituais e proibições ridículos, criam um obstáculo real para chegarem a este objectivo. Quando eles olham para a floresta, não vêem as árvores.

“Mas voltemos ao nosso casal amoroso: O homem sentiu um grande prazer transformado em vibrações benéficas para o Palantius, graças ao amor que é genuíno, e absoluta compatibilidade. Todas estas sensações de felicidade são libertadas pela

⁶⁶ praticantes de Yoga - (N.T.)

⁶⁷ forma alternativa de grafia de Muladhara - (Nota do Editor Inglês)

⁶⁸ Sacro - osso triangular localizado na parte anterior do pélvis entre a vértebra lombar e o cóccix - (N.T.)

⁶⁹ grafia incerta (Nota do Editor Inglês)

⁷⁰ Tântricos - praticantes de Tantra - filosofia espiritual de origem Indiana - (N.T.)

consumação do acto sexual. As sensações de felicidade não são as mesmas com a mulher, mas o processo é o mesmo para ela.

“Agora, respondendo à tua pergunta. No nosso planeta, com corpos que são ambos macho e fêmea, nós podemos conseguir, à vontade, as sensações de ambos macho e fêmea. Claro que isto nos permite um alcance muito maior de satisfação sexual do que se fossemos mono-sexuais. Além disso, o nosso corpo fluídico está no seu auge. Desnecessário será dizer, que a nossa aparência é mais feminina do que masculina - pelo menos no que diz respeito ao nosso rosto e seios. Não concordas, Michel, que em regra geral, uma mulher tem um rosto mais bonito do que um homem? Bom, nós preferimos ter rostos que são bonitos, em vez de pouco atraentes.”

“O que é que pensas da homossexualidade?”

“O homossexual, homem ou mulher, é um neurótico (quando não é um caso de hormonas) e os neuróticos não podem ser condenados mas, como todos os neuróticos, eles deviam procurar tratamento.

Em todas as coisas, Michel, considera o que a natureza decretou e irás ter as respostas às tuas perguntas.

“A natureza deu a cada ser vivo a possibilidade de reprodução, para que as várias espécies possam continuar. De acordo com a vontade do Criador, machos e fêmeas foram criados em todas as espécies. Com os seres humanos, no entanto, e por razões especiais que já te explicamos, ele adicionou características que não foram dadas a outras espécies. Por exemplo, uma mulher pode florescer na realização sexual, conseguindo um alcance de sensações sexuais que podem libertar o Palantius e provocar vastas melhoras no seu corpo físico por via do corpo fluídico.

Isto pode acontecer durante muitos dias do mês sem que ela fique grávida. Por outro lado, uma vaca irá aceitar o boi apenas durante um reduzido número de horas por mês e, nessa altura, é apenas motivada pelo impulso de procriar. Enquanto estiver prenha, não será receptiva aos “avanços” do touro. Aí tens a comparação entre duas das criações da natureza. A primeira é um ser muito especial, possuindo nove corpos, enquanto que a segunda apenas possui três corpos. Evidentemente que o Criador teve especial cuidado para colocar, dentro de nós, muito mais do que um corpo físico. Por vezes, no teu planeta, estas coisas especiais são referidas como “centelhas divinas” - e isto é uma comparação apropriada.”

“O que é que pensas do aborto deliberado?”

“É um acto natural?”

“Não, claro que não.”

“Então porque é que perguntas - tu já sabes a resposta.”

Lembro-me de que Thao ficou como se perdida em pensamentos durante bastante tempo - olhando para mim sem falar; e então retomou:

“Há aproximadamente cento e quarenta anos no vosso planeta, que o homem tem vindo a acelerar a destruição da natureza e a poluição do meio ambiente. Isto aconteceu desde a descoberta da energia a vapor e do motor de combustão. Vocês têm muito poucos anos à frente para deter a poluição antes que a situação se torne irreversível. Um dos principais poluentes na Terra é o motor a gasolina e este poderia ser imediatamente substituído por um motor a hidrogénio que, por assim dizer, não causaria poluição. Em certos planetas, este é chamado de “motor limpo”. Foram construídos protótipos de motores destes por vários engenheiros no vosso planeta, mas eles têm de ser fabricados industrialmente de forma a substituírem os motores a gasolina. Isto permitiria não apenas uma redução de setenta por cento dos actuais

níveis de poluição em desperdício de combustão, mas seria igualmente mais econômico para os consumidores.

As grandes corporações petrolíferas têm estado aterradas perante a ideia deste motor ser popularizado, pois isso iria significar a perda de vendas do seu petróleo e a sua subsequente ruína financeira.

“Os governos, também, que impõem enormes taxas nestes óleos, iriam igualmente sofrer. Estás a ver, Michel, tudo regressa ao dinheiro. Por causa disso, tu tens todo um contexto económico e financeiro que se opõe ao progresso na direcção de uma mudança radical pelo bem de toda a vida humana na Terra.

“As pessoas na Terra deixam-se ser empurradas, ameaçadas, exploradas e levadas aos matadouros por cartéis políticos e financeiros que por vezes até estão associados a seitas e religiões bem conhecidas.

“Quando estes cartéis falham em conquistar as pessoas com engenhosas campanhas publicitárias planeadas para lhes fazerem lavagens ao cérebro, eles tentam ter êxito através dos canais políticos, e a seguir através da religião ou ainda através duma hábil mistura de tudo isto.

“Grandes homens que quiseram fazer algo pela humanidade foram simplesmente despachados. Martin Luther King é um destes exemplos e Ghandi outro.

“Mas as pessoas da Terra já não se podem permitir serem tratadas como tolas e conduzidas a matadouros como rebanhos de ovelhas pelos líderes que, elas mesmas, elegeram democraticamente. As pessoas formam a vasta maioria. Numa nação de cem milhões de habitantes, é absurdo que um grupo de financiadores abrangendo talvez um milhar de indivíduos possam decidir o destino dos outros - como o açougueiro faz no matadouro.

“Tal grupo asfixiou eficaz e completamente o negócio do motor de hidrogénio para que este já não seja mencionado.

“Estas pessoas não dão a menor importância ao que possa acontecer ao planeta em anos vindouros. Egoisticamente, procuram os seus ganhos, esperando estar mortos antes que “qualquer coisa que possa suceder” aconteça. Se a Terra desaparecer como resultado de terríveis cataclismos, eles assumem que já estarão mortos.

“Aqui, eles estão a cometer um grave erro, pois a fonte dos desastres futuros é a poluição que cresce diariamente no vosso planeta, e as suas consequências far-se-ão sentir muito *em breve* - muito antes do que vocês possam imaginar. As pessoas da Terra, não devem fazer como as crianças a quem foi proibido brincar com o fogo, a criança não tem experiência e, apesar da proibição, desobedece e queima-se. Uma vez queimada, ela “sabe” que os adultos tinham razão. Ela não voltará a brincar com o fogo mas irá pagar a sua desobediência, sofrendo por alguns dias mais.

“Infelizmente, no caso que nos diz respeito, as consequências são muito mais sérias do que a queimadura dum criança. “É a destruição⁷¹ de todo o vosso planeta que está em jogo - sem haver uma *segunda oportunidade* se vocês decidirem não confiar em quem vos quer ajudar.

⁷¹ O Perigo não vem das pequenas mudanças climáticas mas do SOBREAQUECIMENTO do NÚCLEO planetário. O núcleo da Terra pode explodir e então, verdadeiramente, não haverá uma segunda oportunidade. Para informações adicionais, verificar o Link (em Inglês): <http://sci-e-research.com/geophysics.html> - (Adição do Editor Inglês)

“Interessa-nos verificar que movimentos ecológicos recentemente criados estejam a ganhar oportunidade e poder; e que a população jovem da Terra esteja a “arrastar” outras pessoas sensíveis com elas na sua luta contra a poluição.

“Há apenas uma solução, como Arki te disse - no agrupamento de indivíduos. Um grupo é apenas tão poderoso quanto vasto. Aqueles a que chamam de conservadores estão-se a tornar cada vez mais fortes e irão continuar a fazê-lo. Mas, é vital que as pessoas esqueçam os seus ódios, os seus ressentimentos, e especialmente as suas diferenças políticas e raciais. Este grupo tem de se unir internacionalmente - e não me digas que é demasiado difícil - pois já existe na Terra uma organização internacional não violenta e muito grande - A Cruz Vermelha Internacional, que tem estado a funcionar efectivamente há já bastante tempo.

“É essencial que este grupo conservador inclua nos seus programas não apenas a protecção do ambiente de danos directos mas também de danos indirectos, tal como os resultados do fumo: fumos de escape dos veículos, fumos das fábricas, etc.

“As águas residuais de grandes cidades e fábricas, que são tratadas quimicamente, são igualmente prejudiciais e são lançadas em *sistemas fluviais e oceanos*. O fumo dos E.U.A. já causou que mais de quarenta lagos no Canadá se tornassem estéreis devido às chuvas ácidas que provocou. A mesma coisa está a acontecer na Europa do Norte devido à poluição das fábricas francesas e do Rhur⁷² Alemão.

“Agora vamos a outro tipo de poluição que não é de menor importância, apesar das pessoas rapidamente a descartarem. Como o Grande Thaora te disse, o *barulho* é um dos mais nocivos poluentes pois interfere com a organização dos teus electrões e desequilibra a tua compartimentação física. Eu ainda não te tinha mencionado estes electrões e vejo que não me estás a seguir muito bem.

“Um corpo Astral humano normal contém aproximadamente quatro biliões de triliões de electrões⁷³. Estes electrões têm um tempo de vida de aproximadamente dez biliões de triliões dos vossos anos⁷⁴. Eles foram criados no momento da criação. O teu corpo Astral contém-nos e, quando tu morreres, dezanove por cento junta-se aos electrões do Universo até que sejam necessários pela natureza para formar um novo corpo ou uma nova árvore ou animal, e os oitenta e um por cento juntam-se novamente ao teu Eu Superior.”

“Não estou a conseguir acompanhar-te,” interrompi.

“Eu sei, mas tenciono ajudar-te a perceber. Um corpo Astral não é exactamente aquilo a que chamarias de espírito puro. Na Terra, há uma crença de que o espírito é feito de nada. Isso é falso. O corpo Astral é composto por biliões de electrões, correspondendo exactamente à tua forma física. Cada um destes electrões tem uma “memória” e cada um deles é capaz de reter tanta informação como aquela que está contida em todos os livros que preenchem as estantes da biblioteca duma cidade de tamanho normal.

“Vejo que estás a olhar para mim com os olhos muito abertos, mas é como digo. Esta informação está codificada, como um microfilme contendo todos os planos duma instalação industrial que um espião seria capaz de fazer passar numa costura de casaco, apesar de muito mais miniaturizado do que isso. Certos físicos da Terra

⁷² Rhur - rio e região da Alemanha, altamente industrializada - (N.T.)

⁷³ $4.0 \times 10^{21} = 4\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000$ electrões - (Nota do Editor Inglês).

⁷⁴ $10^{22} = 10\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000$ anos - (Nota do Editor Inglês).

estão agora cientes deste facto⁷⁵, mas o grande público não foi informado disso. O teu corpo Astral recebe e transmite mensagens, por meio destes electrões, através do canal no teu cérebro, de, e para o teu Eu Superior. A informação está a ser transmitida sem que te apercebas disso, graças a uma fraca corrente eléctrica do teu cérebro em harmonia com os teus electrões.

“Uma vez que é o Eu Superior que enviou este corpo Astral para o teu corpo físico, é da ordem natural das coisas que o teu Eu Superior deva receber informação do teu corpo Astral.

“Como todas as coisas electrónicas, o corpo Astral - instrumento do Eu Superior - é um instrumento bastante delicado. Durante as horas em que estás alerta é capaz de enviar mensagens de extrema urgência ao Eu Superior mas o Eu Superior procura muito mais do que isso.

Assim, durante o sono, o teu corpo Astral deixa o corpo físico para se juntar ao Eu Superior, seja para lhe passar informação necessária ou receber informação ou ordens. Vocês em França têm um velho ditado: “A noite traz conselho”. Este ditado apareceu da experiência comum. Com o passar dos anos as pessoas notaram que, ao acordar de manhã, tinham frequentemente as soluções para os seus problemas.

“Isto acontece por vezes e por outras não. Se a “solução” for proveitosa para o Eu Superior podes ter a certeza que irá ser apresentada - se não, irás esperar em vão.

“Ora, aquelas pessoas que, através de exercícios muito especiais e avançados, são capazes de separarem os seus corpos astrais dos seus corpos físicos, serão capazes de ver uma luz, um fio azul-prateado, tal como tu próprio viste, ligando os seus corpos físicos e astrais. Os seus corpos Astrais são igualmente visíveis durante o tempo que dura a separação. São estes mesmos electrões que formam o teu corpo Astral, os quais criam o efeito visível do fio.

“Estou a ver que estás a seguir o que te estou a dizer e que compreendeste a minha explicação. Deixa-me terminar explicando-te os perigos do ruído. O ruído ataca directamente os electrões do teu corpo Astral criando parasitas, para usar um termo da rádio e televisão. Se estiveres a ver um ecrã de televisão e reparares em alguns pontos brancos; esta é uma indicação que um pequeno “parasita” está a trabalhar. De forma semelhante, se alguém está a operar uma ferramenta eléctrica ao lado da tua casa, alguns parasitas bastante grandes serão produzidos e a imagem aparecerá completamente distorcida.

“O mesmo ocorre com o corpo Astral, mas este infelizmente não estará consciente disto da mesma forma que num ecrã de televisão; e é muito pior, uma vez que o ruído danifica os teus electrões. Ainda assim as pessoas dizem: “Oh, nós habitamo-nos a isso.” O teu cérebro fica sob tensão, por assim dizer, e a tua psique inicia mecanismos de auto-defesa, mas isto não acontece com o corpo Astral; um parasita invade os seus electrões - os quais, evidentemente, têm repercussões desastrosas para o teu Eu Superior.

“Os sons que chegam aos teus ouvidos são claramente muito importantes. Uma peça de música em particular pode-te elevar a um estado de euforia, enquanto que outra peça, apesar de muito bonita, não terá efeito em ti ou, talvez, te possa irritar. Experimenta o seguinte: escolhe uma peça de música suave de violino, piano ou flauta que gostes e toca-a tão alto quanto possas. O sofrimento dos teus tímpanos não será tão grande como o desconforto interior que sentirás. A maior parte dos teus seres humanos semelhantes na Terra consideram que a poluição sonora é de inte-

⁷⁵ Por favor consulte a página “<http://www.thiaoouba.com/electron1.html>” para ver informação adicional sobre as mais recentes descobertas (2001) sobre a Física da Consciência - o texto da página está em Inglês - (Nota do Editor Inglês).

resse negligenciável, mas o barulho do tubo de escape duma motorizada é três ou quatro vezes pior do que os fumos nocivos que liberta. Enquanto que os fumos afectam a tua garganta e pulmões, o barulho afecta o teu corpo Astral.

“No entanto, ninguém foi ainda capaz de tirar uma fotografia ao teu corpo Astral e, assim, as pessoas não se preocupam com ele!

“Uma vez que os teus semelhantes terrestres gostam de provas, deixa-os levar em conta o seguinte: há pessoas na Terra que são sinceras e que afirmam terem visto fantasmas - não me estou a referir aos charlatães.

“O que eles viram são na realidade os dezanove por cento de electrões que não fazem parte do corpo Astral. Estes electrões separam-se do corpo físico três dias após a sua morte. De facto, como resultado de certos efeitos de electricidade estática, estes electrões podem ser vistos como tendo a mesma forma do corpo físico. Por vezes, antes de serem reutilizados pela natureza, eles estão “vagos”, mas eles também têm recordações e regressam para “assombrar” locais que conheciam - locais que gostavam ou detestavam.”

“Ou detestavam?”

“Sim, mas tu precisarias de escrever não um, mas sim dois livros, se nos fossemos a debruçar sobre este assunto.”

“Consegues ver o meu futuro? Certamente que sim, uma vez que és capaz de fazer coisas que são muito mais difíceis.”

“Tens razão. Nós “pré-visionamos” a tua vida inteira - justamente até à morte do teu corpo físico actual.”

“Quando é que irei morrer?”

“Tu sabes muito bem que não te vou dizer, portanto porque é que perguntas? É muito mau saber o futuro e aqueles cujas sinas lhes foram lidas cometeram um duplo erro. Primeiro, a pessoa que lhe está a ler o futuro pode ser um charlatão, e segundo, é contrário à Natureza saber o que o futuro reserva, pois de outra forma, o conhecimento não seria apagado no “rio do esquecimento”.”

“Muita gente acredita na influência das estrelas, e seguem os signos do Zodíaco. O que é que pensas disso?”

A isto, Thao não respondeu mas sorriu...

O resto da viagem decorreu como a primeira. Não fizemos paragens, mas fui novamente capaz de admirar os sóis, os cometas, os planetas e as cores.

Quando perguntei a Thao se me iriam novamente trazer de volta através do Universo paralelo, ela respondeu afirmativamente. Questionava-me porquê e ela explicou que esta era a melhor forma uma vez que não se tinham de confrontar com as reacções de testemunhas.

Fui deixado no meu jardim, precisamente *nove dias* após o ter deixado e, mais uma vez, a meio da noite.

Nota final⁷⁶

Estou a adicionar esta nota final ao meu manuscrito, tendo completado a minha escrita há três anos.

Durante estes três anos, tentei, sem sucesso, publicá-lo, até que encontrei a Arafura Publishing, que teve a coragem de publicar esta única e extraordinária história.

Foi um tempo difícil para mim, pois ao contrário das minhas expectativas, Thao não me deixou nenhuns sinais. Eu não tive qualquer contacto, telepático ou físico, para além duma estranha aparição um dia em Cairns⁷⁷, a qual sem dúvida pretendia provar que eu ainda estava a ser observado, mas não houve qualquer mensagem. Compreendo agora que a demora com a publicação foi premeditada. Desta forma, através duma cadeia natural de acontecimentos, Thao demorou então apenas dois meses a levar o meu livro à atenção do editor mais adequado.

Eles - Thao e a sua gente - tencionavam que assim sucedesse, porque há três anos atrás o mundo ainda não estava pronto para receber a mensagem, enquanto que agora, já o está. Isto pode parecer estranho ao princípio, mas não para mim. Conhecendo-os como conheço, sei que são capazes de temporizar os acontecimentos até ao *segundo exacto*, se pensarem que terá maior impacto alguns segundos mais tarde.

Durante estes três anos, permiti a alguns amigos a conhecidos lerem o manuscrito e *foi então* que compreendi completamente porque é que eles quiseram que eu escrevesse este livro e porque é que eles me transportaram “fisicamente” até ao seu planeta. Insisto na palavra “fisicamente” porque a resposta mais frequente é, “devias estar a sonhar, tu deves é ter tido uma série de sonhos”.

Qualquer que fosse a sua reacção, todos aqueles que leram o manuscrito, ficaram fascinados pelo seu conteúdo. Há três tipos de leitores:

- ? O primeiro, que forma a maioria, dizendo que ainda não acredita que fui a outro planeta, mas admite ter ficado emocionado com o livro. De qualquer forma, eles disseram, que não importa muito se isso aconteceu ou não, o que importa é a *poderosa mensagem subjacente*.
- ? O segundo, é o céptico anterior que, tendo lido o livro três vezes de seguida, está convencido que a minha história é factual, e este leitor está certo.
- ? O terceiro, desde o princípio que está mais evoluído, e *sabe* desde o princípio que esta é uma história verdadeira.

Sou, no entanto, levado a dar uma palavra de conselho ao leitor. Este livro tem de ser lido e relido pelo menos três vezes. Das quinze pessoas, aproximadamente, que o leram, cada uma delas teve algo de pertinente a dizer e questionou-me longamente sobre isso. Uma amiga minha é professora de psicologia numa universidade France-

⁷⁶ Neste livro, o autor não foi autorizado a expressar a sua opinião. Ele escreveu esta nota final especificamente para o fazer (Explicação do Editor Inglês em contacto com o Autor)

⁷⁷ Cairns - cidade onde habitava Michel na altura em que esta extraordinária aventura sucedeu - nome da cidade e porto no nordeste de Queensland, Austrália fundada em 1870 - (N.T.)

sa. Aparentemente, ela já o tinha lido três vezes, e mantém-no à sua mesinha de cabeceira. Isto consigo perceber!

Não obstante, tive uma reacção (felizmente apenas uma) de um amigo que me perturbou. Ele perguntou-me, por exemplo, se as naves espaciais eram construídas com parafusos e rebites e se haviam postes telegráficos em Thiaoouba. Eu recomendei vivamente que ele lesse o manuscrito. Outra das suas “observações” foi de que o livro deveria conter mais batalhas entre naves espaciais ou planetas, com mísseis e armas mortíferas. “Isso é o que as pessoas gostam de verdade”, disse ele. Eu tive de o lembrar que isto *não era* uma novela de ficção científica. Neste caso não acredito que o meu amigo estivesse realmente *capaz* de compreender este livro, e assim ele faria melhor em ler outra coisa: ele ainda não está pronto para ele, mas infelizmente ele não está sózinho. Se o leitor, estava à espera de ser estimulado por batalhas espaciais, sangue, sexo ou violência, planetas a explodir e lançando monstros, tenho pena, mas terá perdido o seu tempo e dinheiro: em vez deste livro deveria ter comprado uma novela de ficção científica. Você foi prevenido no prefácio. Peço-lhe, agora que sabe que isto não é uma obra de ficção científica, que o releia com uma disposição de espírito diferente, ou seja, objectivamente e positivamente, e neste caso não terá perdido o seu tempo. Pelo contrário, pelo dinheiro que gastou terá recebido a maior recompensa da sua vida - uma recompensa espiritual ao invés de material - e não é esta do tipo mais importante?

Das pessoas que já leram o meu manuscrito, recebi uma variedade de opiniões com respeito à religião, e em particular ao Cristianismo. Sinto-me obrigado a responder a este assunto. Se você for religioso, e em particular Cristão, e ficou chocado pelas “rectificações Bíblicas”, especialmente na passagem da verdadeira identidade de Cristo que morreu na cruz, eu sinto muito; no entanto tenho de enfatizar que este livro não foi escrito com a intenção de criticar absolutamente nenhuma religião, e estas não são as minhas observações pessoais, mas antes, as palavras do Mestre dos Thaori, com detalhes que me foram “ditados” por Thao.

Eles recomendaram que eu registasse *precisamente* as coisas que me foram explicadas, e que *nada* alterasse. Eu segui as suas instruções.

Eu tive muitas outras conversas com Thao que não aparecem nesse livro. Acredite-me, estes Seres são superiores a nós na sua evolução, em *cada* detalhe. Eu aprendi coisas que são ainda mais incríveis do que as reveladas neste livro, mas não estou autorizado a falar delas, pois ainda estamos longe de as compreender. Irei, no entanto, usar a oportunidade nesta nota final, para dar voz à minha opinião pessoal.

Devo alertar o leitor para alguns aspectos bastante importantes.

Eu já ouvi alguns comentários relativos a este livro que não me impressionaram minimamente:

“Ele pensa que é o novo Cristo”. “Ele é um grande Guru. Nós devíamos seguir a sua doutrina” ou “Tu deverias construir um Ashram⁷⁸, isso seria bom”, ou ainda, “Tu deverias fundar uma nova religião“, e por aí adiante.

Eu tenho a dizer em sua defesa que muitas destas pessoas apenas *ouviram* falar da minha aventura.

Eles na realidade não leram o livro. Eu não consigo enfatizar o suficiente que tem de ser lido *várias* vezes. Porque é que as pessoas estão tão ansiosas de *ouvir* falar sobre algo tão importante como Deus e a criação do Universo, quando poderiam

⁷⁸ Ashram - do Hinduísmo - local de congregação de seguidores de um determinado guru - (N.T.)

estar tranquilamente a ler sobre isso, longe de ruidosas congregações? Lembre-se, “a palavra falada desaparece, mas a palavra escrita permanece”.

Porque querem eles formar uma nova seita ou religião com o conteúdo do livro? As centenas de religiões que já temos no planeta não nos fizeram muito bem, pois não?

Os Muçulmanos lutaram contra os Católicos Romanos durante as Cruzadas, em nome de Deus e da religião.

Os católicos Espanhóis saquearam, violaram e pilharam os Aztecas (cuja civilização era muito avançada para a altura) porque os Aztecas não praticavam o Catolicismo. De facto, os Aztecas tinham a sua própria religião, que não era melhor uma vez que sacrificavam humanos aos milhares aos seus deuses, como fizeram, se se recordar, os Bakaratinianos durante a secessão no Norte de África, há mais de um milhão de anos atrás.

Estas religiões foram cuidadosamente estudadas pelos padres que queriam manter o povo sob o seu domínio, de forma a poderem manter o poder e a riqueza.

Qualquer religião é como a política - com a arrogância dos seus líderes e a sede de poder. Cristo montou um burro, morreu na cruz, nasceu uma religião, o burro transformou-se em Rolls-Royce... o Vaticano é uma das potências mais ricas deste planeta.

Na política, o político desonesto, e há muitos deles, é inchado pelo orgulho. Ele quer ser admirado, com a sua fortuna e poder e apenas nessa altura se sente satisfeito.

E o que sucede aos milhares ou milhões de pessoas por ele enganadas, estarão elas satisfeitas... ?

Thao disse-me que este livro não era apenas destinado a esclarecer os habitantes deste planeta, mas também para abrir os seus olhos - de os despertar para o que está a acontecer à sua volta. Thao e seu povo estão muito preocupados com as formas pelas quais nos deixamos ser conduzidos por um punhado de políticos corruptos, que habilmente nos fazem acreditar que somos livres e democráticos, quando, em relação à Lei Universal, nós não somos mais livres do que um rebanho de ovelhas. Podemos ocasionalmente sair do caminho e *pensar* que somos livres, mas isso é uma ilusão, porque acabamos nos matadouros sem sequer nos apercebermos disso.

Os políticos usam a palavra democracia como uma cortina de fumo. A maioria dos políticos tem três deuses - poder, glória e *dinheiro*. Eles têm, não obstante, medo das massas de pessoas porque como Arki (ver o capítulo 10) demonstrou, grupos de pessoas que se empenhem no bem *podem* conseguir exactamente aquilo que pretendem. Mesmo o partido comunista na Rússia se colapsou agora⁷⁹, e o mundo sabe, o KGB era uma organização cruel e poderosa, mas tenho de o admitir, os meus - ou melhor, os *nossos* amigos - evitaram um grande derramamento de sangue deixando-os “irem adiante”. Eu sabia disto há algum tempo, e eles atrasaram deliberadamente a publicação deste livro para que pudesse incluir isto nesta nota final.

Lembre-se que a humanidade foi criada com Livre Arbítrio. Todos os regimes totalitários negam isto, e um dia virão a cair. Aconselho a virar a atenção para a China...

⁷⁹ agora - diz respeito à altura em que o livro foi originalmente escrito (1989), altura esta que corresponde exactamente à queda da União Soviética, simbolicamente representada pela queda do Muro de Berlim - (N.T.)

Os líderes de muitos países, que foram eleitos duma forma supostamente democrática, fazem o que querem, uma vez no poder. Um exemplo típico é o governo Francês, que ainda está a fazer testes nucleares no Pacífico e a poluir com radiação o último grande recurso que temos, ou seja o *oceano*. Eu já sei de fonte fidedigna que os cientistas Franceses em Mururoa⁸⁰ estão preocupados com o “gigantismo” que afecta algumas espécies de peixe, particularmente o peixe-papagaio, que esteve sujeito a radiação atómica na área circundante de Mururoa.

Estes peixes cresceram até *três vezes* o seu tamanho natural. Esperemos que o mesmo não aconteça com o grande tubarão branco, que se encontra nas nossas águas!

Além do mais, se atentar cuidadosamente nas datas das explosões submarinas em Mururoa, irá notar que algumas horas mais tarde (mas mais frequentemente dois a quatro dias mais tarde) há *sempre* um tremor de terra de grandes proporções algures no planeta, a seguir à explosão, claro...

Os políticos Franceses estão assim a cometer um crime à escala planetária há várias décadas.

Eu tenho pena e vergonha de ter nascido Francês.

Sadam Hussein também cometeu um crime contra o planeta ao ter dado ordem de incendiar centenas de poços de petróleo. Ele *também* devia ser julgado pelas atrocidades que cometeu no Kuwait. O que é que as Nações Unidas estão a fazer neste sentido?

No Brasil, os governos que estão sistematicamente a destruir a floresta Amazónica e a sua própria geração futura, estão também a cometer um crime à escala planetária.

As pessoas que dizem que o sistema tem de mudar não estão a fazer nada por isso. Toda a gente se lamenta pelo mau sistema penal que temos. Claro que é mau, as leis parecem ter sido feitas para favorecer os desonestos. Portanto, *faça* algo por isso!

Lembra-se do sistema penal dos Bakaratinianos? Não era muito diferente do sistema Azteca, que era excelente por causa da sua eficiência.

Não é suficiente dizer que o sistema é mau, que eles deveriam mudá-lo”. *Eles* - quem é que queremos dizer com *Eles*? Os deputados, os chefes de estado, todos aqueles eleitos pelo povo, por *si*. De forma a mudar o sistema, as leis têm de mudar, junto com os seus líderes. *Tem* forçar os políticos que *o* representam a mudar as leis ineficazes, o *sistema* ineficaz, de uma vez por todas. Os políticos são geralmente demasiado lentos para empreender a tarefa por si mesmos. Cada lei requer uma grande quantidade de trabalho e responsabilidade, e com frequência isto é demasiado para se pedir, porque, como disse, a maioria deles trabalha para o prestígio e um grande salário. Se por acaso, quiserem atrair bons políticos, comecem por cortar o seu ordenado para o mesmo nível de um gestor bancário suburbano e irá descobrir que há muito pouco interessados, mas aqueles que ficarem serão seres humanos sinceros e que *genuinamente* querem fazer algo pelas pessoas.

Vocês são as pessoas que votaram nestes políticos e a maioria de vós já se está saturada - eles *não fizeram* o que se esperava que fizessem pelo nosso país. Certo dia, virá a altura em que os cidadãos os forcem a fazer o seu trabalho: cumprir as promessas que fizeram à maioria que os elegeu, antes das eleições.

⁸⁰ Mururoa - Atol na ponta sudeste do arquipélago Tuamotu, na Polinésia Francesa, no Pacífico Sul central, 1127 quilómetros a sudeste do Taiti, anteriormente habitada, cedida ao Governo Francês em 1964, sendo palco regular de testes de armas nucleares Francesas desde 1966 - (N.T.)

Quando não houver outra solução, os cidadãos comuns podem forçar os políticos a fazer as suas obrigações - eles *têm de o fazer*.

Cuidado - nós *não* estamos aqui a falar de anarquia, apenas disciplina. Num país é necessária disciplina, não de um regime totalitário, mas duma democracia em que *as promessas são cumpridas*. Se as promessas forem quebradas, depende de você actuar porque é abominável que os políticos decepcionem milhões de pessoas quando estão no poder e enganem as pessoas até às próximas eleições.

Estes políticos eminentes estariam melhor a fazer os seus trabalhos em vez de gastarem 80 por cento do seu tempo a discutir entre si as políticas internas partidárias.

As pessoas dizem-lhe, “Mas o que podemos nós fazer? Não há nada que possamos fazer”, e é *exactamente* aqui que estão enganadas!

As pessoas comuns podem e devem forçar o governo eleito pelo povo e por referendo, a prosseguir as tarefas para as quais foi indigitado.

As pessoas comuns possuem um enorme poder. Como Arki disse (ver Capítulo 10) uma das maiores armas que a humanidade possui - graças à sua inteligência - é o poder da inércia. É uma força não-violenta e isso é o melhor, pois a violência gera mais violência. Cristo disse, “Aquele que com a espada mata, pela espada morrerá”.

Em Beijing⁸¹, na China, um homem sozinho e desarmado foi capaz de parar um tanque apenas com a sua presença. Como é que ele o conseguiu? Porque os soldados do tanque não se ATREVERAM a passar por cima dele, eles foram cativados pelo acto de auto-sacrifício de um homem desarmado.

Milhões de pessoas testemunharam-no pela televisão.

Ghandi conseguiu, por si só, impedir um terrível derramamento de sangue. Lord Moutbatten percebeu que se tivesse enviado 50 000 tropas para Calcutá, teria havido um massacre e, no entanto, Ghandi, *um homem*, evitou um massacre através de meios não violentos.

Certa vez, no planeta de Arki, eles bloquearam estradas com veículos “avariados”: haviam mais de 10 000 deles. O contingente policial sabia que tinha sido feito de propósito, mas não puderam fazer nada contra isso. Quando as brigadas de bombeiros ou uma ambulância tinham de passar, as pessoas arrumavam-se para lhes dar passagem, empurrando os veículos para fora do caminho. Então, empurravam-nos de volta para onde estavam antes. *Este é o poder da inércia*.

Eles não se mexeram; não comeram; não gritaram. Eles estavam em silêncio - confrontando as forças da lei e da ordem. Obviamente, dizem eles, que estariam mais felizes se desimpedissem a estrada - mas como o poderiam fazer, sem mecânicos... ? O país ficou paralisado. Eles não tinham cartazes, nem slogans, não houveram gritos ou berros; somente uma desafiante quietude.

Eles esperaram ouvir o seu adversário, que se afundava mais e mais nas suas mentiras e falsidade. Uma carta tinha já sido enviada ao governo, que estava bem ciente das suas exigências e *sabia* porque estavam ali. O nome do remetente que enviou a carta era o Sr. Cidadão...

Como Arki disse, quando 100 000 pessoas calmamente sentadas nas pistas de descolagem, ou linha-férrea ou nas ruas disseram à polícia, “Eu quero ir para casa, por favor leve-me a casa, estou doente, peço-lhe para me levar a casa”, a policia não

⁸¹ Pequim - (N.T.)

podia simplesmente lançar gás lacrimogêneo a uma multidão de pessoas doentes, sem qualquer motivo, pois não?

Com o poder da inércia, as pessoas provocaram a paralisação em toda uma nação, *sem violência*.

O resultado seguiu-se bastante rapidamente. Os “abastados financistas”, que detinham muito do controle financeiro no mundo dos negócios (a queda do mercado de ações, a subida e queda dos preços do ouro) e que estavam em parceria com políticos corruptos, começaram a entrar em pânico pois iriam perder milhões de dólares no mercado.

Por cada moeda que as pessoas na rua perdiam por não trabalharem, eles estavam a perder centenas de milhar. Assim, e em nome do seu sagrado dinheiro, eles tinham de fazer algo - e o *povo* ganhou.

Pouco a pouco, nós estamos a ser condicionados. É com isso que os nossos amigos extra-terrestres estão preocupados. Você é um ser humano, não um robô. ACORDE AGORA.

Já alguma vez se perguntou, apenas para dar um exemplo, o que aconteceria se falhasse a electricidade num supermercado com as novas caixas registadoras e o nosso sistema de código de barras de registar os preços? Os empregados das caixas nem sequer seriam capazes de somar o preço dos produtos - os códigos da maior parte dos artigos tornam-no numa tarefa impossível. Já alguma vez lhe passou pela mente que os códigos lhe vedam a si, *o consumidor* de saber o preço duma lata de feijões cozidos, a não ser que você pesquise a lista que lhe for dada? Mas isso é uma tarefa árdua. Assim, estamos cada vez menos conscientes de quanto se está a gastar e, *imperceptivelmente*, os financistas tomam controle do *seu* dinheiro.

Eu conheço um adorável pequeno comerciante que teve um problema com a sua máquina registadora. Eu cheguei enquanto estava a ser reparada. Ele vendeu-me dois artigos a um dólar e trinta e oito cêntimos cada. Demorou três minutos a calcular o total numa folha de papel, e acabou entregando-me dois dólares e trinta e quatro como troco dos cinco dólares que lhe tinha dado, simplesmente porque tinha perdido o hábito de fazer uma adição tão simples, mesmo em papel. Ele confia na máquina, como o fazem milhares de outros semelhantes a ele. As pessoas põem a sua confiança em cartões de crédito e computadores, eles fazem mal pois, imperceptivelmente já não estão a pensar por si próprias, elas deixam os financeiros fazerem as somas por si. Sem se aperceberam, já não detêm “o controle”.

Vamos fazer uma pequena experiência, e irá ver o que quero dizer.

Está preparado(a)? Certo, algumas linhas acima, eu fiz uma adição por si e expliquei que comprei bens no valor de dois dólares e setenta e seis, e que o comerciante me deu dois dólares e trinta e quatro como troco de cinco dólares. Felizmente, você não é o comerciante, pois eu tê-lo-ia feito perder dez cêntimos. Eu fiz isso deliberadamente para o(a) apanhar. Se, no entanto, você se encontrar entre as pessoas que pararam ao ler o parágrafo para verificar a soma, então isto indica que você não é facilmente enganado(a). Se cair na segunda categoria, daqueles que não verificaram, então é melhor mudar a sua atitude *agora*. Você é um ser humano contendo um fragmento divino, tenha orgulho disso, e pare de se comportar como uma ovelha.

Você já leu este livro até ao fim, e isso é maravilhoso em si mesmo. Maravilhoso? Sim, porque mostra que se interessa por mais do que um bom bife e batatas fritas, um cachorro quente ou uma garrafa de cerveja. Então aí está!

O que tenho a dizer a seguir é dirigido aos milhões de jovens à volta do mundo. Tudo o que Thao me pediu para escrever, e, claro, tudo o que acabei de adicionar, se aplica igualmente à gente jovem, mas eu quero adicionar uma mensagem *especialmente* para eles.

Meus amigos, o grande número de vós que perdeu esperança, estão desempregados, aborrecidos ou empacotados nas cidades, porque não mudam radicalmente o vosso estilo de vida? Em vez de estagnarem em ambientes pouco saudáveis, vocês podem-se organizar entre vós por um caminho completamente diferente.

Aqui, estou a falar em particular da Austrália, pois não sei que tipo de recursos têm os outros países; no entanto, os fundamentos podem-se aplicar sem dúvida a todos os países.

Juntem-se, organizem-se entre vós e peçam ao governo o aluguer de terreno cultivável por um contrato de 99 anos (existe este tipo de terra disponível), acredite-me). Para que vocês possam criar quintas comunais onde sejam auto-suficientes. Vocês terão a satisfação e o orgulho de provar a todos à vossa volta que não são parasitas, que vocês se estão a sair ainda melhor do que uma nação. Vocês poderiam ainda construir uma região com as vossas próprias regras e disciplinas internas, *ainda assim respeitando* as regras do país onde vivem.

Estou convencido de que um bom governo vos daria um “empurrão na direcção certa”. (Ele de qualquer forma já gasta tanto dinheiro, que por uma vez, estaria a dar dinheiro por uma excelente causa).

Claro que terão de agir responsabilmente porque todos os cépticos estarão prontos a atacar-vos, visto que estão convencidos de que são um “caso perdido”. Pessoalmente, tenho confiança absoluta em vós, confiança - de que vocês, a geração jovem, irá construir um *mundo melhor*, mais limpo e mais espiritual. Não será a mensagem dos Thaori dirigida a vós?

Portanto, vocês têm de provar que são responsáveis e criar as vossas próprias regras. Sem drogas para começar, porque, como sabem, as drogas perturbam o corpo astral que são na realidade vocês, e vocês não precisam absolutamente nada delas. Aqueles de vós cujos amigos caíram nessa ratoeira, poderão encontrar a saída com a vossa ajuda - se eles quiserem. Vocês têm um trabalho enorme pela frente, não apenas ajudando os vossos amigos, mas também reorganizando as vossas vidas ao longo do novo caminho. Através disso, vocês irão descobrir indescritíveis alegrias. Duma perspectiva material, vocês irão “regressar à natureza” e serão os primeiros a fazê-lo com seriedade. De que é que precisam para sobreviver? Ar, água, pão, vegetais e carne.

Vocês podem conseguir tudo isso por vós próprios, e sem voltarem a usar produtos químicos. Os “Kibutz⁸²” Israelitas funcionam na perfeição. Vocês podem funcionar ainda melhor porque, na Austrália⁸³, vocês são multi-culturais. Ainda assim, não é uma questão de ultrapassar outros; é uma questão de viver bem e com dignidade. Então, no lado espiritual e de entretenimento, vocês terão as vossas próprias discotecas. Vocês sabem que uma discoteca é tão divertida ao ar livre no campo como numa cidade! As vossas próprias bibliotecas, os vossos próprios teatros onde poderão criar e representar as vossas próprias peças.

Haverá Xadrez, ténis de mesa, ténis, voleibol, bilhar, futebol, tiro ao arco, esgrima, vela, equitação, surf, pesca, e a lista continua... Alguns podem preferir dança clássica, outros, artes marciais. Vocês evitarão jogos violentos que produzam demasiada animosidade.

⁸² Kibutz - quinta ou fábrica colectiva em Israel, pertencente aos seus membros, as crianças são também criadas colectivamente. Toda a riqueza pertence a todos. Os lucros são reinvestidos depois de todos os membros se estarem abastecidos de comida, roupas e abrigo e com serviços médicos e sociais - (N.T.)

⁸³ e em Portugal - (N.T.)

Podem ver que há incontáveis coisas que podem fazer na natureza, *muito mais do que em qualquer rua e em qualquer cidade.*

O vosso bem-estar físico e espiritual beneficiará muitíssimo do Yoga. Gostaria de insistir nesta disciplina, e especialmente na respiração através dos chacras. Trinta minutos de ioga em cada manhã e à noite seriam perfeitos.

Vocês são a nova geração e muitos de vós compreenderam que têm de ir COM a natureza e o ambiente, e não CONTRA ela.

A maior parte dos idiotas que vão contra a natureza ir-vos-ão criticar quando vocês se demonstrarem, por uma causa justa, a favor da preservação das árvores. Eles pejorativamente chamar-vos-ão de “verdinhas” ou “híppies “. Provem a todo o mundo e principalmente a vós próprios, que podem praticar o que pregam, porque quando começarem a trabalhar numa quinta comunal, vocês serão capazes de fazer mais do que preservar o ambiente; vocês até serão capazes de criar florestas. Escolham de entre o vosso grupo algumas pessoas responsáveis, não *patrões* ou *mestres*, mas pessoas responsáveis, *conselheiros* que serão eleitos democraticamente. Estou convencido de que serão capazes de mostrar ao mundo inteiro de que podem fazer um trabalho melhor do que nações dirigidas por políticos sombrios, e em nome do UNIVERSO, eu vos agradeço.

Thao disse-vos (ver Capítulo 9) que a religião e a política são dois dos piores venenos da sociedade.

Consequentemente, se tencionam inundar a minha editora de cartas, a pedirem que eu responda ou com sugestões de que eu me torne no vosso guru ou crie uma religião, pensem de novo. Vocês estarão a ir contra a minha vontade bem como a vontade dos Thaori e de Thao, e assim não irão a lado nenhum.

Thao disse-vos, “O maior templo do homem está *dentro* de si; é aí que ele pode comunicar em qualquer altura com o criador, o seu criador, usando a meditação e concentração por intermédio do seu Eu Superior.”

Não me falem de construir templos, igrejas, catedrais, ashrams ou qualquer outra coisa.

Olhem para *dentro* de vós e irão reparar que possuem tudo aquilo que necessitam para comunicar com Ele, simplesmente porque foi Ele que o colocou aí.

Finalmente, gostaria de acabar dizendo isto: como servo humilde de Thao e dos Thaori, que me pediram que escrevesse esta obra, quero lembrá-lo(a), pela última vez, que qualquer religião que exista e quer você acredite numa ou noutra coisa, isso não mudará *de forma nenhuma* o que foi estabelecido pelo grande ESPÍRITO, DEUS O CRIADOR - pode-LHE chamar o que quiser.

Nenhuma religião, nenhuma crença e nenhum livro, nem mesmo este, irá afectar a verdade e a ordem por ELE criada no Universo.

Os rios continuarão a fluir da nascente para o oceano, mesmo que uma religião, seja ou biliões de pessoas queiram *acreditar* no contrário.

A única coisa VERDADEIRA e IMUTÁVEL é a lei do CRIADOR, aquela que Ele QUIZ no princípio, a Lei UNIVERSAL, A SUA LEI, e absolutamente NINGUÉM irá ALGUMA VEZ ser capaz de mudar isso.

M. J. P. Desmarquet.

Cairns, Austrália, Abril de 1993

Índice

A

Aborígenes, 49, 102
Aglulhas, 110
Alucinações, 36, 45
Ambiente, 30, 49, 62, 65, 77, 78, 99, 125, 130, 145, 157, 159, 169
Anti-gravitacional, 42
Antimagnética, 42
Arema X3, 17, 35, 89, 90, 91
Armas laser, 44
Asteróide, 47, 48, 49, 50
Astronautas, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 27, 28, 31, 37, 51, 56, 58, 129
Atlântida, 94, 95, 127, 128, 135, 139, 144
Átomos, 54, 55, 112
Aura, 11, 64, 65, 69, 70, 73, 74, 78, 79, 115, 117, 118, 119, 120, 126, 143, 155

B

Base intergaláctica, 56
Bíblia, 5, 131, 132, 133, 134, 136, 140, 142
Big Bang, 54, 75
Buda, 72, 141

C

Campo de forças, 15, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 58, 136, 145
Campo magnético, 32, 64
Canibais, 95, 109
Canibalismo, 34, 35, 50
Centauro, 33
Chacras, 169
Chinesa, 33, 90
Cometa, 32, 51, 52, 69
Conservadores, 111, 159
Corpo astropsíquico, 52
Corpo Físico, 8, 17, 21, 54, 56, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 103, 107, 110, 114, 120, 125, 135, 140, 156, 157, 160, 161
Corpo fisiológico, 56, 58, 79, 156
Corpo fluidico, 156, 157
Corpo psíquico, 79
Cosmotron, 32
Criador, 55, 78, 94, 109, 132, 141, 157
Criminalidade, 43
Cristalino, 55
Cristo, 54, 70, 127, 134, 140, 141, 142, 148, 149, 163, 164, 166
Cruz Vermelha Internacional, 159
Cura Espiritual, 75

D

Deflexão natural, 9
Desintegração, 35, 112

Deus, 7, 24, 36, 46, 54, 55, 57, 58, 69, 94, 109, 120, 128, 131, 132, 133, 136, 137, 140, 141, 163, 164

Deuses, 24, 25, 36, 44, 45, 46, 95, 128
Dilúvio, 49
Discos voadores, 13, 27, 94, 100
Dom telepático, 43
Drogas, 74, 110, 114, 134, 168

E

Ecologia, 78
Egipto, 93, 127, 128, 129, 133, 134, 136, 137, 139, 144
Electrões, 159, 160, 161
Energias, 32, 93
Erupções vulcânicas, 49
Esferas instrumento, 45
Espírito Astral, 54
Espiritualidade, 45, 75, 112, 130, 136, 137, 141
Estrelas, 7, 13, 31, 126, 151, 152, 161
Evolução universal, 114
Explosão atômica, 49, 54
Extra-terrestres, 27, 93, 129, 131, 136, 138, 153, 167

F

Fátima, 52
Fenómenos psíquicos, 51
Fisiológico, 52, 79, 138
Força atômica, 55
Força etérea, 64
Força gravitacional, 48, 63, 129, 130
Força magnética fria, 63, 143, 144
Força Ovoastrômica, 55
Força Ovocósmica, 55

G

Galáxia, 37, 78, 129, 152
Genes, 49
Gibraltar, 95
Gigantes, 23, 35, 48, 57, 61, 69, 95
Grande Espírito, 77, 91, 94, 103, 109, 120, 132
Grande Pirâmide, 103, 128

H

Holocausto nuclear, 35, 36
Humanóide, 38

I

Idolatria, 44
Ilha de Páscoa, 69, 81, 92, 96
Ilusão colectiva, 45, 51
Índia, 54, 102, 125, 128, 139, 140
Índia, 95

Inferno, 10
Inglaterra, 95
Inteligência Superior, 54
Israel, 127, 130, 137, 168

J

Jesus, 115, 137, 139, 140, 141
Júpiter, 89

L

Lago Titicaca, 95
Lamaístas, 40
Lei Universal, 10, 36, 45, 75, 93, 110, 120, 121, 125, 130, 133, 134, 142, 164
Leitor-de-mentes, 43
Levitação, 46, 58, 63, 67, 72, 116, 121, 141, 143, 149
Louva-a-Deus, 35
Lua, 7, 47, 91, 92, 104, 105

M

Maná, 29, 66, 67, 69, 108, 130, 136
Máquina do tempo, 97
Mar Vermelho, 40, 44, 48, 50
Mercúrio, 89
Mestre, 55, 96, 142, 163
Mu, 54, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 103, 105, 111, 112, 121, 122, 127, 128, 129, 140, 144
Mundo materialista, 73

N

Naacal, 54
Natureza psicológica, 36, 114
Nave Espacial, 9, 14, 16, 18, 20, 30, 35, 36, 49, 51, 52, 56, 57, 58, 59, 67, 89, 118, 121, 129, 130, 136, 137, 138, 140, 154
Nova Guiné, 37, 46, 47, 48, 49, 50, 94, 95
Núcleo, 65, 75, 158

O

O Espírito, 54, 55, 72, 77, 94, 117
OVNIS, 12
Ovos cósmicos, 55

P

Pirâmide, 92, 93, 96, 99, 102, 103, 104, 127, 128
Planetas, 17, 27, 31, 32, 33, 36, 37, 39, 55, 57, 74, 75, 77, 78, 92, 93, 110, 115, 118, 119, 120, 121, 125, 129, 130, 133, 147, 149, 154, 157, 161, 163

Poluição, 78, 157, 158, 159, 160
Psicoesfera, 97, 98, 122
Psicologia, 113, 162
Psicotípico, 52
purgatório, 10

Q

Quatro forças, 54

R

Raça Aborígene, 49
Radiação, 16, 17, 24, 33, 34, 35, 49, 110, 165
Radiação atômica, 17, 33, 34, 35, 165
Radioatividade, 34
Raios cósmicos, 32, 55
Reencarnação, 40, 44, 94, 121, 128, 134, 135, 139, 141
Religião, 44, 45, 55, 94, 95, 128, 133, 158, 163, 164, 169
Rio do Esquecimento, 134, 139
Ruído, 102, 104, 114, 160

S

Satélites, 15, 55
Saturno, 15, 17, 89
Ser Astral, 16, 75, 77, 103
Sistemas ecológicos, 78
Sobrenatural, 23

T

Telepatia, 25, 26, 27, 28, 36, 45, 46, 98, 116, 118
Telepaticamente, 10, 28, 45, 67, 68, 84, 116, 117, 121, 143, 145, 148, 150
Thiacuano, 95, 105
Tremor de terra, 50, 53, 165
Triângulo das Bermudas, 9

U

Ultra-sons, 63, 92, 102, 128
Universo, 8, 9, 10, 11, 13, 18, 110, 138
Universo Paralelo, 9, 10, 13, 18, 138
Urânio, 49

V

Velocidade da Luz, 13, 14, 17, 38, 97
Verdade Universal, 137
Virgem de Fátima. *Ver* Fátima
Vulcões, 48, 49, 83, 106